RELATORIO

DA

GUERRA DA ZAMBEZIA

EM 1888

PELO

EX-GOVERNADOR GERAL DA PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

AUGUSTO DE CASTILHO

Capitão de fragata

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1891

RELATORIO

DA

GUERRA DA ZAMBEZIA

EM 1888

RELATORIO

DA

GUERRA DA ZAMBEZIA

EM 1888

PELO

EX-GOVERNADOR GERAL DA PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

AUGUSTO DE CASTILHO

Capitão de fragata

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1891

RELATORIO

DA

GUERRA DA ZAMBEZIA

EM 1888

RELATORIO

DA

GUERRA DA ZAMBEZIA

EM 1888

PELO

EX-GOVERNADOR GERAL DA PROVINCIA

AUGUSTO DE CASTILHO

Capitão de fragata

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1891

Si vis potes

* * *

I

INTRODUCÇÃO

O estado de guerra que na Zambezia se tem quasi tornado chronico, tem sido o principal motivo do atrazo em que jaz ainda aquella região, e das difficuldades que o governo da metropole e o governo local têem encontrado em fazer progredir e desenvolver aquelle vasto territorio.

As antigas guerras contra o Inhaude e depois contra o Bonga, e mais tarde a que foi levada contra o Chatara, constituiram, de tempos a tempos, e para assim dizer como factos isolados e sem nexo, as explosões com que o governo pretendeu, ao cabo de muitas provocações, castigar e reduzir á obediencia aquelles rebeldes.

Essas explosões, ou demonstrações de força, da parte do governo, deixaram muitas vezes de surtir o desejado resultado na occasião; e nunca asseguraram de fórma permanente e vigorosa a paz e a ordem n'aquelle rico paiz; em primeiro logar, porque eram ellas o resultado de enormes esforços e sacrificios, que não podiamos manter por muito tempo no mesmo pé; e em segundo logar, porque não eram seguidas de actos de vigilancia, e de politica local, intelligente, energica e cautelosa, que garantissem para o futuro os fructos que se queriam conseguir.

As expedições de Portugal e da India, que por bastante tempo foram julgadas indispensaveis para combater os rebeldes de Massangano, e que custaram á fazenda tão avultadas sommas, ao paiz o sacrificio inutil de tão preciosas vidas, e ao brio nacional tão espantosas vergonhas, foram muito mais prejudiciaes do que uteis: 1.º, porque habituaram aquelles in-

digenas, que sempre zombaram d'esses nossos esforços, a menosprezarem impunemente a auctoridade do governo, e a consolidarem gradualmente o seu dominio, dilatando a area da sua jurisdicção effectiva, a cada nova derrota nossa; 2.º, porque depois de cada uma d'essas nossas derrotas foram ficando em poder dos inimigos muitos armamentos, munições de guerra e outros despojos, que, ao passo que nos ficavam fazendo muita falta, eram, nas suas mãos, tropheus de gloria e novos elementos de resistencia; 3.º, porque existindo aquelle obstaculo constante no Zambeze, contra o qual encalhava o commercio licito, principalmente o ascendente, era absolutamente impossivel que este se fizesse com segurança, tornando-se impossivel tambem (ou muito difficil) o transporte dos artigos de primeira necessidade para o viver dos europeus, e o das mercadorias para a permutação por generos de exportação do paiz.

O resultado de tudo isto tem sido o inevitavel atrophiamento e miseravel atrazo em que ha seculos jaz ainda uma das mais ricas regiões da nossa Africa intertropical, e certamente a parte mais opulenta, e a todos os respeitos a mais interessante, da provincia de Moçambique, já pelos seus extensos cursos de agua navegaveis, já pela fertilidade dos territorios que elles banham, e já pela incalculavel riqueza mineira que encerra.

A principal causa do mallogro das passadas expedições contra os rebeldes de Massangano, foi em parte a pouca experiencia de quem, aliás movido de acrisolado patriotismo, dirigia superiormente essas expedições, e o querer-se dar ás guerras no Zambeze a feição de guerras européas, subordinando-as a principios humanitarios e de estrategia, que os pretos não comprehendem nem apreciam, e que compromettem seriamente quem d'elles lança mão.

Pela experiencia adquirida á nossa custa nas passadas guerras, ficou averiguado que, pelo menos as do Zambeze, áquella distancia do litoral, não podem ser feitas com soldados europeus. Estes devem apenas entrar como um pequeno elemento componente das expedições, para servirem com artilheria, foguetes de guerra, metralhadoras, armas de precisão, e nada mais. O grosso das forças deve ser composto de gente do paiz, mais ou menos habituada a estas luctas, deixando-se que essas tropas usem os seus processos de guerra tradicionaes, que construam os abrigos e obras de defeza que conhecem e em que confiam, que sejam directamente commandadas pelos sachecundas, capitães e chefes de guerra que maior prestigio entre elles têem adquirido, etc.

*

Foi em 1874 que pela vez primeira subi o rio Zambeze até ao Goengue, no commando da pequena canhoneira *Tete,* embarcação de rodas, de

fundo chato e de ferro, demandando 4 pés, e armada com uma peça raiada de bronze de $0^m,08$ e com uma calha de foguetes; foi n'essa occasião que, pela propria natureza da commissão que eu estava desempenhando, se me manifestaram, em toda a sua evidencia, muitas das verdades que ao depois haviam de guiar-me, que conheci grande parte dos factos que constituem a historia contemporanea da Zambezia, e que adquiri a experiencia do rio, das suas margens, e dos povos que as habitam, o que tudo muito util me foi na presente occasião.

Apenas assumi o cargo de governador geral da provincia de Moçambique, comecei a estudar a questão de Massangano, e a procurar a melhor maneira de a resolvermos, sem o emprego dos despendiosos meios que nos annos anteriores haviam em pura perda arruinado os cofres publicos, augmentando o ousio dos nossos adversarios; desejava empregar apenas os naturaes recursos materiaes e de pessoal da provincia, aproveitados com a necessaria discrição e opportunidade.

A primeira idéa concreta que no meu espirito se formou, da completa possibilidade para nós de destruirmos o legendario poder transmittido pelo Bonga aos seus successores, teve origem logo depois da guerra que mandei aos mambos do Rupire e Massaua em 1886, na qual adquiri a plena convicção, de que haveria já então sido possivel bater o Chatara e seus adeptos, mesmo com as forças que n'essa occasião tivemos de mobilisar para outro fim. E essa idéa, que se me foi robustecendo e desenvolvendo cada vez mais, á medida que ía adquirindo, pelas informações que recebia, mais perfeito conhecimento das cousas d'aquelle paiz, apresentei-a pela primeira vez nas instrucções confidenciaes que formulei, e que deviam servir de norma de proceder ao governador do districto de Manica, major Carlos Maria de Sousa Ferreira Simões.

Foi n'essas instrucções, portanto, completadas mais tarde com a nomeação que fiz d'aquelle brioso, valente e mallogrado official para o cargo de commandante em chefe das operações contra o Chatara, que se baseou a feliz companha de 1887, cujos resultados não foram, todavia, tão vantajosos como poderiam ter sido, em consequencia dos sentimentos humanitarios e generosos que inspiraram os ultimos actos d'ella, depois da morte do referido official.

*

Quando em maio de 1888 rebentaram as primeiras novas hostilidades precursoras da guerra d'aquelle anno, ou antes quando ellas chegaram ao meu conhecimento a Moçambique em fins de junho, achava-me eu mal convalescente de uma grande doença, e fazendo preparativos para seguir para Portugal a mudar de ares. Entretanto, como poderia haver quem ma-

levolamente me quizesse attribuir a responsabilidade dos recentes desgraçados acontecimentos, e quem d'elles se servisse para me aggredir, visto que tem sido frequente lançar-se para isso mão de pretextos bem mais frivolos, e como poderiam esses meus detractores dizer que eu me esquivava a responsabilidades e perigos, entendi dever partir para a Zambezia, para ver por meus olhos o que se passava, e poder mais directamente, e com menos probabilidades de ser enganado, apreciar a verdade toda, adquirir de *visu* mais perfeito conhecimento das cousas da Zambezia, e habilitar-me a representar ao governo de Sua Magestade, na mais conveniente fórma, as complexas necessidades d'aquelle paiz, as providencias indispensaveis para n'elle mantermos a ordem e a tranquillidade, e os meios de fomentarmos largamente a sua agricultura, o seu commercio e a exploração liberrima e segura das suas grandes riquezas mineiras.

*

Na presente guerra encontraram-se em jogo tres districtos da provincia; a saber: o de Manica, districto a que pertencia Massangano e a parte principal da zona infestada pelos rebeldes; o de Tete, em parte do qual, mórmente nos prazos Cassenha, Inhancoma, Sungo, Matadza e Mahembe houve hostilidades; e finalmente o de Quelimane, a cuja jurisdicção pertence o commando militar do Goengue, onde se organisaram tres expedições para atacar o Sungo, e onde se passaram outros acontecimentos importantes.

Como é sabido, a primeira parte da campanha, isto é, a que abrangeu as operações de guerra contra o rebelde Pindirire em Mazumba, e que terminou na nossa derrota em frente de Massangano em 21 de junho, foi commandada pelo governador do districto de Tete, tenente coronel do exercito de Africa occidental Augusto Cesar de Oliveira Gomes. Depois, porém, de chegarem esses acontecimentos ao meu conhecimento, e sendo o theatro da guerra localisado principalmente em territorio do districto de Manica, não se explicaria com facilidade que a outrem, que não ao respectivo governador, fosse confiado o mando das forças do seu districto em operações; alem de que esse governador, capitão da guarnição da provincia, Jayme José Ferreira, se havia portado brilhantemente na guerra de 1887, cabendolhe a direcção de todas as operações ao longo do Muira contra algumas das principaes aringas dos revoltosos. O commando militar do Goengue, posto estivesse confiado ao alferes da guarnição Caetano Joaquim Diocleciano de Mello e Castro, dependia de um districto que era governado por um official superior da armada o capitão tenente João Manuel Guerreiro de Amorim.

Por estes diversos motivos e considerações, não era possivel dar a

qualquer dos officiaes, que tiveram de entrar em operações, o mando supremo sobre todos os outros, não só para não auctorisar em cada um dos districtos ingerencia de individuos estranhos a elle, mas tambem para que em certos casos não fosse violado o principio da hierarchia militar.

Resolvi, portanto, approximar-me quanto possivel do theatro das hostilidades, e assumir eu proprio o commando geral das operações nos diversos districtos.

Não podia, nem queria eu ter a pretensão de conhecer melhor que os governadores de Tete ou de Manica os processos de guerra cafreaes, a topographia do paiz, e o diverso modo de ser dos heterogeneos elementos que tiveram de ser empregados. Mas como a minha auctoridade era superior á d'elles, e como cada um d'elles estava em constante communicação commigo, homologava eu as decisões e planos que cada um parcialmente me apresentava, e que merecessem a minha approvação, presidia a conselhos em que entravam os dois ditos governadores, os capitães móres de Manica, Tete e Chicoa e alguns outros moradores da villa de Tete, commandantes de pretos auxiliares, e bem assim os principaes capitães indigenas chefes de forças, etc.

Alem d'isso, fazia eu as requisições de mantimentos, munições de guerra e armamentos, dirigia a sua distribuição pelos diversos acampamentos, velava pela manutenção de uma activissima correspondencia com o Goengue, Sena, Mopéa, Quelimane, Massangano e Tete, e era, para assim dizer, o centro official d'onde irradiava a influencia forte do governo, e em torno do qual gravitavam nas suas diversas orbitas os muitos elementos de acção que tivemos de congregar, e que, sem esse foco de attracção, não teriam talvez conservado as suas posições relativas, ou se teriam chocado entre si, dando, porventura, logar a lamentaveis contratempos.

Não devo tambem omittir aqui, que a minha presença, a minha palavra e o meu exemplo, fizeram alguma cousa para dar paciencia e resignação a outros, e contribuiram mais de uma vez para fazer abortar pequeninas rivalidades que se originavam nos longos e forçados ocios do viver de campanha, pela diversidade de genios e de temperamentos, e que sem isso haveriam tomado corpo, e quiçá prejudicado a harmonia geral, que tão indispensavel era para o bom exito final de tudo.

Se eu não tivesse ido para a Zambezia n'aquella occasião, e não me achasse presente para resolver superiormente um certo numero de questões occorrentes, que não cabiam na alçada e attribuições de qualquer dos governadores subalternos, que nunca ousariam assumir responsabilidades extraordinarias, a guerra de Massangano não haveria terminado como terminou. Entretanto os rebeldes teriam ido consolidando o seu dominio e reunindo adeptos; iriam alargando gradualmente a sua esphera de influencia; haviam de acabar por conseguir bandear com elles todas as populações das margens do Muira conquistadas em 1887, e que durante algum

tempo se acharam quasi vacillantes e indecisas para que lado haviam de ír; a rebellião ter-se-ía alastrado até ás suas antigas proporções, e a Zambezia toda, para montante da villa de Sena, teria ficado agitada, desobediente, e talvez completamente perdida para o nosso dominio.

*

O presente relatorio, a que eu entendi dever dar bastante desenvolvimento e toda a possivel individuação, vae dividido em diversos capitulos, em cada um dos quaes julguei dever tratar cada assumpto separadamente antes de fazer a narração geral dos acontecimentos, a fim de que essa narração ficasse mais intelligivel áquelles que, desconhecendo a Zambezia, ignorassem o seu peculiar modo de ser.

No fim do meu trabalho vão appensos todos os relatorios parciaes de cada um dos diversos commandantes de forças, e ainda outros documentos que me pareceram interessantes para o estudo completo d'esta questão. Atrevo-me a dizer n'este logar que talvez não fosse inutil a publicação d'estes relatorios todos, não só para que o nosso povo tenha conhecimento de questões que são para elle de palpitante interesse, hoje que tanto se falla de colonias, mas tambem para que o governo em todo o conjuncto do seu funccionalismo da metropole e da provincia de Moçambique, saiba o que é a Zambezia, e o que são as suas necessidades, e se compenetre rigorosamente da urgencia de habilitarmos aquella feracissima região com os indispensaveis meios de força e de acção para darmos ao seu commercio, á sua agricultura e ás suas industrias mineiras toda a mais efficaz protecção e desenvolvimento.

II

O RIO ZAMBEZE E O PAIZ ADJACENTE

É entre o Ziué-ziué e a entrada da Lupata, que o Zambeze apresenta maior largura, espalhando as suas aguas na occasião das cheias por uma vasta superficie, por serem as suas margens extremamente baixas junto a elle, com especialidade a direita. N'este grande percurso, que não contará menos de 80 a 100 milhas ao longo do eixo mathematico do rio, nunca este terá menos de 3 milhas de largura, mesmo no tempo secco, apresentando em alguns pontos muito mais do dobro durante as cheias. Na estiagem é o leito do Zambeze obstruido por innumeraveis ilhas, das quaes algumas são permanentes. A maioria é, porém, de alluvião, sendo ellas derruidas quando o rio sobe, completamente cobertas e desfeitas, para irem surgir em outros pontos no anno immediato. A navegação é sempre n'este troço do rio extremamente difficil, por seguir o canal mais profundo direcções caprichosas, que variam de uma para outra estação, inutilisando a experiencia, que n'uma dada occasião possa ter sido adquirida.

Para montante da entrada da Lupata, e ao longo d'este aperto, formado pelas altas serranias que o bordam por ambos os lados, é o Zambeze muito mais estreito, não tendo em alguns logares mais de 250 metros, ou mesmo 200 metros de largura. Com excepção da entrada superior d'esta garganta—onde existem as ilhas de rocha viva denominadas Carmanamano (ligada na estação secca por areaes á margem direita) e de Moçambique, sempre circumdada de agua, e um pouco a montante da precedente—a Lupata apresenta-se perfeitamente limpa e com um canal definido e profundo. Na

entrada superior é este canal sub-dividido em dois caneletes estreitissimos pela referida ilha de Moçambique, tornando-se difficilima e cheia de perigos a navegação, mórmente quando o rio vem caudaloso e rapido.

Da Lupata até Massangano o Zambeze alarga um pouco, nunca attingindo comtudo a metade sequer da largura que tinha a jusante do aperto. N'esse troço e até quasi ao rio Luenha, a margem direita é quasi sempre baixa, e mais ou menos sujeita ás inundações periodicas do tempo das chuvas. As ilhas são aqui em pequeno numero, e os canaes navegaveis em geral bem definidos e profundos. Do Luenha para cima ambas as margens são elevadas, existindo apenas duas ilhas permanentes: uma em frente do riacho Muarasi, e a outra denominada Canhimbe, ou das Gallinhas, mesmo em frente da villa de Tete.

Os principaes affluentes do Zambeze, ou antes aquelles que mais especialmente interessam a narração que vou fazer, são, na margem esquerda e de baixo para cima: o Mujova a jusante da Lupata, que forma o limite entre os prazos Goengue e Mahembe; o Mucomase, que desagôa na Lupata, e separa os prazos Mahembe e Sungo; o Rurera ou Lurera, esbocando ainda na Lupata e no prazo Sungo, pouco a jusante da ilha de Moçambique; o Nhassunguru, que separa os prazos Domué e Cassanha; o Muarasi entre os prazos Cassanha e Inhalupanda; e finalmente o Revugo, limite dos prazos Benga e Matundo, e desaguando pouco abaixo da villa de Tete. Na margem direita, e na mesma ordem, temos: o Pompoé, pouco acima da villa de Senna; o Muira pouco abaixo da Lupata, atravessando parte do prazo Chiramba, e ao longo do qual se acham varias das aringas tomadas em 1887 aos rebeldes; o Fize, que nasce proximo á aringa de Tera, e desce entre asperas serranias até desaguar na Lupata, formando a separação, entre os prazos Chiramba ou Tambara e Tipué; o Inhaduze, que separa os territorios de Inhamigare e Inhaquiro no interior, e vem saír pouco a montante da Lupata, perto de Marura, não longe e pelo poente das montanhas Nhamarongo; e o Luenha, que até agora formava a linha de separação dos districtos de Manica e Tete, e que separa entre si os prazos Massangano e Marango.

O paiz banhado pelo Zambeze e pelos seus affluentes acima mencionados é muito irregular. Na margem esquerda, e a partir do ponto fronteiro a Tete, apresenta-se elle sempre accidentado e pittoresco, sem comtudo offerecer junto á margem difficuldades ao transito. No prazo Domué, e quasi em frente da foz do Luenha, ergue-se a chamada serra Macherica, que não passa de uma aspera collina de seus 40 metros de altura talvez, mas que, saíndo da agua abruptamente, obriga o caminhante a circumdal-a pelo interior. Mais abaixo, quasi no principio ainda dos territorios do Sungo, nota-se junto á agua, e mesmo defronte de Inhaquasi, uma notavel penedia a prumo sobre a agua, denominada Inhacangatua. Continuando a descer, e antes de entrar na Lupata, está o pequeno logarejo,

hoje abandonado, de Nhamapacaça, onde os rebeldes do Sungo tiveram uma pequena aringa e força para incommodar a navegação. Logo em seguida, erguem-se quasi a prumo as serras do Sungo, que apresentam variadas configurações, e que em muitos pontos são inaccessiveis; estas serras prolongam-se para o N. na direcção dos prazos Nhiandjiri, Nhandoa, Matadza, etc.; e para E S E. até terminarem no valle do rio Mujova no prazo Mahembe. Para jusante do Mujova e ao longo do Zambeze os terrenos do Goengue, posto que irregulares, não têem grandes relevos, senão para baixo de Anquase, onde se erguem as soberbas serras da Maganja, que apresentam alguns picos notaveis, e formam uma cordilheira quasi compacta, que vae terminar pelo N. no paiz dos makololos e no Chire, e ao nascente no Ziué-ziué.

A margem direita do Zambeze não tem muito sensiveis differenças da sua vizinha; mas, como foi theatro dos acontecimentos mais interessantes d'esta campanha, carece de ser descripta com mais alguma individuação.

Entre Tete e o Luenha, até á sua confluencia com o Mazôe, o paiz é muito aspero e accidentado, cheio de notaveis serras, como a Caroeira, a Pinga e outras, e cortado de ravinas pedregosas. Os caminhos para qualquer ponto do Luenha são sempre difficeis, e o marginal do Zambeze é-o ainda muito mais; é por isso que os correios terrestres entre Tete e Massangano se fazem de preferencia ao longo da margem esquerda atravessando o rio nos pontos extremos.

Entre o Luenha e o valle do Inhaduze o paiz, sem ser completamente plano, é todavia de facil transito, posto que pedregoso como do outro lado do Luenha. O caminho marginal é aqui sempre facil, não obstante ter-se de atravessar os leitos, ás vezes profundos, e quasi sempre seccos, dos riachos Inhacanongoé, Inhanzeze e Tipoé. As principaes povoações que existiam junto ao rio entre Massangano e a Lupata são as de Tinta, cerca de uma hora a jusante da aringa dos rebeldes; Inhaquasi, mesmo em frente de Inhacangaïua; e para o interior, a cerca de meia hora da margem, as povoações de Chicorongo sobre o valle do Tipoé. Mais para dentro ha as de Mijui no Inhaquiro, de Secan-Muensi no Inhamigari, etc. As margens do Luenha, principalmente a direita, e ambas as do Inhaduze são fertilissimas, e foram sempre juntamente com as do Muira os principaes celleiros dos rebeldes de Massangano. Em Inhaquasi teve o velho Bonga um «luane», onde ía occasionalmente tomar ares, ou surprehender mais cedo os negociantes ascendentes, quando o paiz por elle invadido se dilatava desde muito acima do Luenha até muito abaixo do Muira, e pelo interior desde muito a montante da antiga aringa do Pindirire até para o interior de Chivuri, Sangura e Baroé, abrangendo todo o curso do Muira, etc.

Na margem direita do Inhaduze, e não longe da aringa de Secan-Muensi, ergue-se a montanha Tenje, começando d'ahi para o nascente a

ser o paiz muito mais accidentado. Entre o leito do Inhaduze e o do Muira, ou mais propriamente entre o valle do Inhaduze, o Zambeze, o Muira e uma linha quebrada irregular entre o Inhaduze e Muira, grosseiramente parallela ao Zambeze, na distancia entre 12 e 15 milhas, o paiz é formado de uma agglomeração de montanhas asperrimas, quasi sempre sem caminhos praticaveis, sem terrenos cultivaveis, e geralmente desertas.

Logo a jusante de Murura e da foz do Inhaduze, apresenta-se, como parede quasi inaccessivel, a montanha Nhamarongo, que dá o seu nome a quasi toda a cordilheira, e que no cume que ahi forma, dominando as ilhas de Moçambique e Carmanamano, terá talvez 150 a 200 metros de altitude sobre o nivel do Zambeze. Este ponto de vista é admiravel, e o panorama que d'elle se desenrola aos olhos do viajante é magestoso e grande: para o norte as viridentes e bem vestidas serras do Sungo; para o sul os diversos pincaros da Nhamarongo e as suas encostas despenhando-se rapidas sobre o valle do Inhaduze; para sudoeste o valle d'este rio e o paiz de Inhaquiro, cheio (como quasi toda esta região) de emmaranhadas matas de macieiras espinhosas, entre as quaes avulta um ou outro soberbo baobab ou molambeira (adansonia digitata), alguns magnificos mitondos, tamarindeiros, etc.; para oeste e oes-noroeste o curso quasi recto e prateado do Zambeze, com os seus brilhantes areaes até Massangano; e no fundo as serras Pinga, do Marango, Caroeira, etc.

Depois de descansarmos um pouco n'este pincaro da Nhamarongo, e continuando o caminho quanto possivel marginal para jusante, descemos uma encosta suave mas de pessimo piso, formada de pedra miuda angulosa e solta. Pouco abaixo da ilha Carmanamano, e junto ao rio, topa-se com uma pequena planicie denominada Timba, que é propriamente um oasis habitavel no meio das caprichosas penedias do paiz adjacente. D'este valle, cujo esgoto se faz para o Zambeze por dois pequenos sulcos insignificantes, levanta-se o terreno suavemente até á margem do rio na Lupata, formando ahi um pequeno plan'alto de pouca largura, e cortado quasi a prumo, n'uma altitude de uns 25 metros sobre a agua. Foi n'esse ponto, bem assombreado de alguns corpulentos e elegantes mitondos, e de um não menos formoso tamarindeiro, que o dr. juiz de direito da comarca de Tete, commandante da expedição ao Nhamarongo, estabeleceu o seu acampamento, que defendeu com um sonzoro ou aringa, que póde ser considerada inexpugnavel. Foi essa aringa, que recebeu o nome de «Maria Luiza».

Pouco abaixo d'este ponto, encontra-se a foz do rio Fize, o qual, nascendo proximo a Tera nas montanhas, vem n'um curso muito irregular, e tendo agua na estação secca apenas em algumas lagoas, offerecer o seu magro tributo ao grande rio. Do Fize até Massara-Ombe á saída da Lupata no Bandar, mesmo defronte do luane onde morou o rebelde Nicolau Vi-

cente da Cruz, vulgo Chiuta, o caminho marginal é horrivel e quasi absolutamente impraticavel para gente carregada. Para jusante de Massara-Ombe o paiz torna-se mais suave até chegarmos a Inhampuanpoé e Mitondo e ao valle do Muira junto á sua foz. Terminam aqui as rochas e as asperezas de terreno, sendo este ao longo da margem do Zambeze, da foz do Muira para baixo, perfeitamente plano e arenoso.

O rio Muira, que nasce no Baroé, e recebe em Panda a confluencia do Inhamacombe, deixa á direita a serra Chimolamba, e vem pouco depois esbarrar com o grupo montanhoso de que acima fallámos, cortando-o em uma lupata ou garganta de rochas rasgadas a prumo, e distantes entre si não mais do que 120 metros, e proseguindo depois em terreno plano até ao Tembué, onde tem a sua foz. Cerca de 3 milhas a montante d'esta recebe na margem direita a confluencia do riacho Chivia, que nasce em Sangura, tendo já recebido antes, no ponto em que incide nas montanhas, e na sua margem esquerda, a confluencia do Inhambamba, que vem do poente costeando as serras.

As margens do Muira são fertilissimas, como acima ficou dito, tendo sido junto a ellas que vieram residir e estabelecer aringas varios dos rebeldes irmãos do Bonga. Com effeito, pouco abaixo da confluencia do Inhamacombe tinha uma aringa o celebre Fukisa, aprisionado depois da guerra de 1887. Continuando a descer, e ainda na margem esquerda, encontra-se uma aringa que foi do Chimolamba, e mais abaixo, do lado direito, outra do mesmo rebelde no sitio de Inhacafura, tambem tomada na guerra passada. Ainda mais a jusante e passando a Lupata, ou garganta de rochas, encontra-se do mesmo lado a aringa de Mafunda, que foi do rebelde Muchenga, morto no principio d'esta guerra; e finalmente na foz do Muira, sempre do lado direito, no territorio denominado Tembué, está a aringa que foi do rebelde Gande, e onde maiores depredações se fizeram ao commercio, roubando elle as embarcações que subiam o rio. É esta a aringa que tem o meu nome.

Terminada assim a largos traços a descripção do Zambeze na parte que agora nos interessa, bem como a dos seus affluentes, e do paiz que banham, voltarei atrás para fazer uma descripção mais minuciosa do logar occupado pela celebrada e já historica aringa dos rebeldes em Massangano, a jusante da confluencia do Luénha, e suas circumvizinhanças, por ter sido ali que se concentraram os principaes actos de hostilidades, e que terminou a resistencia armada d'aquella execranda familia e seus sequazes.

A aringa do Motontora, successor do Chatara, como este o fôra do Bonga, está situada pouco abaixo da foz do Luenha, junto á margem do Zambeze, no mesmo logar onde existíra a de seus predecessores, destruida em 1887. A aringa tem cerca de 1:300 metros de comprimento ao longo do rio, n'uma direcção proximamente noroeste, e 150 a 180 metros de largura pouco mais ou menos. O seu perimetro é formado de paus a prumo

unidos, dos quaes alguns pegados e frondosos, unidos por outros transversaes, ligados com cordas grosseiras de cascas fibrosas de certas arvores. Do lado do rio e em certos sitios onde menos os inimigos receiavam ser atacados, a paliçada é menos unida. Na face sueste, e no extremo da que olha para a serra, é, ella mais reforçada com outras linhas de defeza interiores, e com uma ou outra torre ou miradouro de paus, que servia de vigia e de baluarte. Proximamente ao centro do comprimento da aringa, em uma elevaçãosinha de uns 3 metros acima do resto do terreno, erguia-se a casa do Bonga, que era uma boa construcção de pedra e barro coberta de palha, e logo a jusante d'ella outro edificio do mesmo genero, que serviu aos enterramentos dos membros da familia Cruz. Estas casas foram incendiadas por ordem do tenente coronel Paiva de Andrada a 19 de setembro de 1887, sendo tambem destruida uma parede de pedra setteirada que as envolvia a ambas, e a todo o cabeço ou elevação, e que formava uma cidadella ou ultimo ponto de refugio em caso de ataque externo. Por fóra d'esta cidadella, e em toda a area da aringa, encontra-se uma grande quantidade de palhotas pequenas redondas, dispostas quasi sem ordem, mas deixando apenas uma rua longitudinal ao centro, mais ou menos tortuosa. Ao sul e logo ao pé da necropole existiam algumas palhotas maiores, e mais esmeradas, envolvidas em um recinto de canniço, que foram a habitação dos grandes Motontora, Chincupete, etc., depois da nova rebellião. N'outra parte d'este relatorio narrarei minuciosamente o estado em que se encontrou por dentro a aringa na madrugada de 29 de novembro, em que a occupámos.

Por detrás da aringa, a uma distancia media de uns 200 metros, ergue-se a famosa serra Bacampembzué, ou «Enganadora», que nos seus mais altos pincaros de pedra terá uns 25 metros de altitude, e que é quasi a prumo, sobre a aringa e no seu extremo noroeste. Ao sueste, e para o interior, é ella de accesso relativamente suave. No alto da serra existem alguns corpulentos baobabs, e em todo o resto apenas as triviaes macieiras bravas espinhosas e outras arvores insignificantes.

Formando a entrada do Luenha n'esta sua margem direita, o terreno é perfeitamente plano, e a linha junto á agua boja em uma larga curva regular. O paiz tem todo o mesmo monotono aspecto que lhe dão as macieiras, mas é sempre verde e formoso visto de longe.

A uns 2:600 metros da aringa inimiga, e junto á margem do Luenha, está a aringa ou chitata do Catondo, construida pelas forças de Tete em 19 de setembro, quando atravessaram do Marango na margem opposta, para virem operar com as de Manica; e a menos de meia distancia entre o Catondo e a aringa dos rebeldes, a uns 1:200 metros d'esta, no logar denominado Tope, estava outra chitata avançada da gente de Tete, construida no proprio dia do ataque de 27 de novembro debaixo do vivo fogo dos inimigos.

Na baixa que jaz entre a aringa dos rebeldes e a serra, forma-se no tempo das chuvas um pantano, cujo excedente de aguas acha o seu esgoto para jusante, e vae lançar-se no Zambeze uns 1:600 metros abaixo da face sueste da aringa, formando um profundo sulco. Logo encostada a este sulco, e pela parte inferior d'elle, foi construida a chitata principal da gente de Manica, onde tinham seu quartel o respectivo governador e capitão mór. Esta chitata foi levantada rapidamente, e como que de improviso, em 7 de setembro, dia em que as nossas forças chegaram de Tinta a Massangano, e foram logo vigorosamente atacadas pelos rebeldes.

A 1:200 metros d'esta nossa chitata foi pela gente de Manica construida outra avançada, apresentando a sua linha de frente virada para os rebeldes, e a menos de 400 metros d'elles. Esta chitata, que era defendida por seis torres ou baluartes de madeira («sanzas» em lingua do paiz), era defendida por uma forte guarnição, e por uma peça Hotchkiss. A outra peça esteve sempre na chitata do governador de Manica.

Finalmente na encosta interna da serra Bacampembzué e não longe do alto, foi construida, em 27 de novembro, uma pequena chitata pela gente que acompanhou os capitães móres de Manica e Chicôa na tomada da serra.

Em frente de Massangano o Zambeze pouco mais tem de 2:000 metros de largura, mas no tempo em que terminou a guerra, em que elle attingiu a sua mais baixa estiagem, a largura da agua não chegava, em certos pontos, a metade d'isso. Mesmo em frente da aringa dos rebeldes dilata-se um vasto areal, e duas ilhetas que muito lhes difficultavam a approximação da agua, obrigando-os, com especialidade nos ultimos tempos, a contentarem-se com a agua estagnada, esverdeada e nauseabunda de um pequeno charco, existente mesmo ao pé dos paus da paliçada, em uma mais funda depressão do areial. Quanto á nossa aringa, ou chitata principal das forças de Manica, tinha facil accesso á agua junto a umas pedras onde passa o canal mais fundo, pouco a jusante d'ella.

As forças do districto de Tete occuparam primeiramente, em 21 de agosto, um ponto no prazo Domué junto á margem esquerda do Zambeze, e em frente da foz do Luenha, e ali construiram uma aringa, que só foi abandonada e destruida depois de construirem outra no prazo Nhancoma a 27 do mesmo mez, a qual ficava mesmo em frente da dos rebeldes em Massangano. N'esta ultima foi a 14 de setembro collocada uma peça de bronze de carregar pela bôca, raiada, de $0^m,08$, que batendo perfeitamente a aringa de Massangano com granadas e ballas cheias lhe causou um destroço horroroso.

Na margem direita do Zambeze, e ponta do Luenha, denominada Canhameçosa, estava tambem uma aringa pequena, construida em 13 de setembro, depois de abandonada outra que a gente de Tete tinha mais a montante no Luenha desde 7 de setembro. A aringa da ponta do Luenha,

tambem denominada do Marango, por ser este o nome do prazo em que ella se acha, servia apenas para guarda das embarcações que ali estavam mais seguras, mas nenhuma importancia estrategica tinha ou teve na campanha.

Para melhor intelligencia d'este relatorio, coordenei e apresento appenso a elle um mappa geral do Zambeze, e de parte do paiz adjacente, comprehendido entre Anquase no prazo Goengue, e o começo do prazo Panzo a montante da missão jesuita de S. José de Boroma. Este mappa, que abrange a parte principal do curso dos rios Luenha e Muira e o paiz intermedio, está construido na escala de proximamente 1:45000. Não tem pretensões a grande rigor, mas tem o merito de apresentar a topographia da parte principal do paiz que nos interessa agora, de modo a facilitar as explicações do texto.

Alem d'este mappa vae tambem appenso um plano em escala 1:20000 abrangendo Massangano com a margem fronteira do rio, a confluencia do Luenha e o paiz adjacente, tudo em dimensões que deixam comprehender bem as posições e distancias relativas das nossas diversas forças, os seus movimentos, e emfim as principaes minuciosidades dos combates. Este plano foi levantado com o necessario rigor, medindo uma base de 3:000 metros na praia, fazendo estações nos dois extremos e de 500 em 500 metros, nas quaes com uma agulha se tomaram os azimuths dos pontos mais notaveis, e fazendo igualmente outras estações para marcações reciprocas em Nhancoma, Catondo e na ponta do Luenha.

III

CAMINHOS E COMMUNICAÇÕES

Depois de ter resolvido fixar a minha residencia na Zambezia emquanto durassem as operações da guerra, entendi dever ficar, pelo menos nos primeiros tempos, n'um logar que fosse o mais central possivel em relação a Sena, Tete e Goengue. Esse logar não podia ser outro senão o Tembué junto á foz e na margem direita dos rios Muira e Zambeze, onde o rebelde Gande tivera a sua aringa até 1887, e onde agora nós tinhamos a primeira do nosso largo cerco a Massangano. N'esse ponto, a que pelo governador de Manica foi dado o meu nome, tinhamos com effeito uma excellente posição, testa de faceis linhas de communicações para o interior, sempre accessivel pelo Zambeze, lavada de bons ares e saudavel.

O serviço de correios com a villa de Sena era feito por terra, por expressos a pé, que chegaram a gastar só dois dias e meio, mas que geralmente, e quando não estimulados pela promessa de um premio, gastavam quatro, cinco e ás vezes mais. Este caminho foi tambem quasi sempre seguido pelos comboios de armamentos, polvora e chumbo que eram requisitados a Sena, os quaes só excepcionalmente vieram por agua, quando, principalmente no fim da campanha, por causa da grande fome, era n'aquella villa difficil obter carregadores. A via fluvial era em todo o caso preferida para os grandes comboios de mantimentos, e para certas viagens de Castilho para Sena, sobretudo quando eram enviados presos de importancia.

Com o commando militar do Goengue, que a principio esteve provisoriamente em Anquase, e que depois de 16 de outubro ficou definitiva-

mente estabelecido na aringa «D. Maria Pia» (no logar conhecido por Goengue Velho, onde esteve a antiga aringa do Belchior do Nascimento, primeiro marido de D. Luiza Michaela da Cruz), as communicações eram fluviaes ou mixtas. Esta designação de mixtas, que parecerá absurda por se tratar de atravessar um rio, explica-se facilmente: estando o Zambeze cheio de ilhas, e sendo, portanto, os seus canaes muito tortuosos, tornava-se mais rapido atravessar os canaes em almadias, atravessar as ilhas a pé, e os seguintes canaes successivamente em outras embarcações. Este meio era mais rapido quando se encontravam promptas as embarcações, mas era muito mais moroso quando tal não acontecia. Entretanto, quasi nunca tinhamos a faculdade de opção, por não possuirmos em Castilho embarcações sufficientes para todos os serviços, e tinhamos que acceitar os meios que havia. As communicações com Anquase faziam-se ao longo da margem direita até á povoação de Inhaunga, d'onde então se atravessava o rio pela fórma acima descripta.

De Castilho á aringa «D. Maria Pia» gastei eu quatro horas sempre embarcado, mas encalhando varias vezes; e de Castilho a Anquase gastei de outra vez pouco menos de oito, tambem sempre por agua em um bom escaler. Os correios pretos que eu expedia para a aringa «D. Maria Pia» nunca se demoravam menos de dois dias completos e ás vezes mais no caminho.

As communicações de Castilho com o nosso acampamento de Massangano eram feitas desde o principio por terra, seguindo ao longo do Muira pelas aringas de Mafunda e Inhacafura, e d'ali por Dorué e Uriri torneando as montanhas, Tera nos primeiros contrafortes d'ellas, junto ás origens do Fize, e d'ali por Inhamapovoé, Chicorongo e Tinta já na planicie. Em geral os pretos, quando partiam de Castilho de manhã, pernoitavam sempre em Inhacafura e depois em Tera, e quando partiam de tarde, por maiores recommendações de urgencia que se lhes fizessem, pernoitavam em Mafunda, Dorué e Chicorongo, chegando a Massangano no terceiro dia com sol alto na primeira hypothese e no quarto de manhã na segunda. Este caminho, por ser relativamente o mais suave, era tambem seguido pelos comboios de mantimentos e munições. De uma vez saí eu de Castilho em machila ao amanhecer, almocei em Catumbura, e cheguei a Tera, onde pernoitei, antes das cinco horas da tarde. No dia immediato chegava ao acampamento de Massangano ás quatro horas da tarde, tendo almoçado em Chicorongo. Na volta saí de Massangano ás sete horas da noite, cheguei a Chirongo á uma hora e meia da madrugada do seguinte dia; dormi ali tres horas, e puz-me novamente a caminho de manhã, vindo chegar a Castilho a marchas forçadas ás dez horas da noite. Em nenhuma d'estas viagens fui a Inhacafura, seguindo directamente entre Mafunda e Catumbura ao longo dos leitos do Muira e do Inhambamba.

As communicações entre Castilho e Tete fizeram-se desde o principio por via de Massangano, d'onde novos portadores atravessavam o Zambeze para Nhancoma e seguiam por terra até em frente de Tete no prazo Matundo, quando o Revugo estava muito baixo, ou atravessando o Zambeze, da margem esquerda do Revugo no prazo Benga para o logar de Chingar no prazo Fumbe, pouco a jusante da villa, depois do Revugo deixar de dar vau. Durante a guerra os correios vindos de Quelimane e Sena seguiram sempre este itinerario, fazendo-se o serviço com a maior regularidade e toda a possivel rapidez. A viagem entre Massangano e Tete fil-a eu a primeira vez embarcado em um mau escaler, gastando dezeseis horas, e outra vez de machila por via de Nhancoma e Benga na margem esquerda, e d'ali por Chingar em nove horas. Na volta vim sempre embarcado, gastando ambas as vezes seis horas até Nhancoma. Depois que o juiz de Tete se estabeleceu com a sua expedição na aringa «Maria Luiza» em Timba na Lupata, pouco acima do Fize, os correios de Castilho para cima passaram a seguir o caminho marginal, pernoitando no primeiro dia em «Maria Luiza» e chegando no immediato pelo meio do dia a Massangano e vice-versa. Desde então, isto é, desde o principio de novembro, os comboios pesados de mantimentos e munições, seguiram fluvialmente de Castilho para Maria Luiza, e d'ali por terra para Massangano, gastando n'esta ultima parte da viagem sete horas.

Na viagem para baixo, depois de terminada a guerra e de franqueado o Zambeze á navegação, saí de Tete com um bom escaler ás cinco e meia horas da manhã, e ás quatro e meia horas da tarde atracava em Maria Luiza na Lupata. D'ali para Castilho gastei no dia immediato cinco horas. A esse tempo já o rio tinha começado a encher.

As communicações directas entre o prazo Goengue e a villa de Tete sempre foram feitas difficilmente, pelos maiores accidentes do terreno impedirem seguir-se junto á margem, e serem longos os caminhos do interior. Inda assim era este o unico caminho praticavel para correios nos tempos em que os rebeldes de Massangano nas guerras passadas interceptavam a via fluvial. N'esta occasião acrescia mais a suspeita attitude da gente do Goengue, onde deviam ser recrutados os carregadores e correios, e o acharem-se os prazos Sungo, Matadze, e mesmo Mahembe, onde se originou a conspiração para esta guerra, infestados de gente rebelde.

Inda assim foi por estes caminhos, cujos itinerarios não posso descrever, que seguiu da aringa «D. Maria Pia» para Tete em 26 de agosto de 1888 uma importante factura de fazendas comprada em Anquase ao negociante José Pereira de Carvalho, por ordem do tenente coronel Joaquim Carlos Paiva de Andrada, para a expedição aos sertões de Moçambique. Esta factura era conduzida por 159 carregadores, 224 sipaes armados e 2 soldados. Em fim de julho havia seguido de Anquase para Tete, acompanhado tambem por muitos carregadores e gente armada, o major com-

mandante de caçadores n.º 5 Antonio da Costa Madeira Pimentel. A sua escolta, que voltou de Tete ao Goengue acompanhando o dr. juiz de Quelimane Gaspar de Athaide, chegou a Anquase a 15 de agosto, tendo encontrado os caminhos interiores francos, pelo menos para quem fosse fortemente defendido. Foi tambem por estes caminhos terrestres que em setembro de 1872 seguiu da aringa D. Maria Pia para Tete o governador geral da provincia José Rodrigues Coelho do Amaral.

Em principio de setembro, depois de estarem as forças de Manica já com segurança installadas pouco a jusante e á vista da aringa dos rebeldes de Massangano, constou com certa insistencia ao governador de Manica que a pequena aringa que os rebeldes haviam construido em Nhamapacassa no prazo Sungo, na entrada superior da Lupata, para estorvar a navegação, havia sido abandonada e destruida pelos inimigos. Em vista d'isso, e querendo elle apressar as communicações commigo em Castilho, expediu em 10 o seu primeiro correio fluvial em uma almadia para baixo. Ao passar esta, porém, em frente da rocha de Inhacangaïua, foi aggredida com tiros d'esse ponto; saltando os portadores da correspondencia em terra na margem direita, e seguindo o antigo caminho de Tera e do Muira.

Em 11, achando-se no nosso acampamento de Massangano o tenente coronel Paiva de Andrada, que ali fôra conferenciar com os capitães móres de Manica e Chicôa ácerca de negocios concernentes á sua expedição aos sertões, e desejando vir para baixo pelo rio, em vista de constar estar este desembaraçado, metteu-se n'uma almadia e partiu muito esperançado de que passava. Chegado em frente da aringa de Nhamapacassa, e não vendo gente junto a ella, acabava de escrever no seu diario que a aringa estava abandonada mas não destruida, quando inesperadamente recebe alguns tiros, sem perceber de onde vinham.

A confusão na almadia foi grande; os tripulantes lançaram-se todos á agua por estibordo para o lado da margem direita, a embarcação encheu-se de agua e submergiu-se, e o tenente coronel Paiva de Andrada conseguiu a custo desembarcar, apenas com uma arma Winchester na mão. N'este naufragio, em que aquelle distincto official correu o risco de morrer afogado, devorado por crocodilos ou atravessado por uma bala, perdeu elle o seu diario, um magnifico theodolito, duas armas de preço, trem de campanha, etc. Com excepção, porém, do theodolito e das armas, que provavelmente se submergiram, tudo foi mais tarde retomado por patrulhas nossas, quando era enviado do Sungo, onde foi apanhado pelo rebelde Gunde, para o Motontora em Massangano. Os rebeldes, que assim atacaram o tenente coronel Paiva de Andrada, ficaram persuadidos, como mais tarde viemos a saber, de que elle havia perecido n'aquella occasião.

Em 12 de manhã, ignorando eu ainda em Castilho o ataque feito ao tenente coronel Paiva de Andrada, porque só no fim d'essa tarde elle chegou a Castilho, e não dando muito credito ao que haviam contado os por-

tadores que primeiro tentaram descer o rio embarcados, por attribuil-o á pusillanimidade d'elles, resolvi mandar de Castilho um escaler á Lupata para verificar o que ali se passava. No escaler embarquei um soldado de confiança e tripulantes armados, offerecendo-se para ír tambem o subdito hollandez Martin Hubert Maas, que viera á minha aringa em serviço do governo. Em 13 á noite, regressava o escaler, tendo com effeito encontrado resistencia, e confirmando-me na convicção em que eu já então estava, pela narração de Paiva de Andrada, de que a navegação pela Lupata era ainda então, pelo menos para os meios de que dispunhamos, completamente impraticavel.

Em fins de outubro cheguei a receiar que os caminhos terrestres da margem direita viessem tambem a ficar fechados em consequencia do panico que se espalhou na nossa gente, de que os rebeldes assaltavam os carregadores que íam de Castilho para Massangano com mantimentos e munições. Este panico foi originado no seguinte facto: O negociante José Pereira de Carvalho, que tinha desde o principio das hostilidades uma valiosa factura em Anquase, demorada pelo ataque que soffrêra junto á ilha de Moçambique, onde perdeu duas embarcações, sabendo que o mercado de Tete se achava completamente exhausto de tudo, e querendo mandar para ali algumas mercadorias, expediu estas embarcadas até Castilho e d'ali por carregadores via Massangano pelo caminho do Muira e Chicorongo. Por outro lado os rebeldes, que em Massangano já passavam grande fome, recebiam apenas alguns supprimentos de mantimentos do Sungo, por via de Marura e Chicorongo ou Inhaquasi, sendo tambem pelos mesmos caminhos, mas em sentido inverso, que fugiam diariamente grupos de mulheres e homens cansados já dos horrores da guerra, e que não queriam esperar o desenlace, que já anteviam fatal para a causa do Motontora. D'esta fórma houve varios encontros fortuitos entre rebeldes e carregadores nossos; e vendo os rebeldes que os carregadores de Pereira de Carvalho não íam armados, e levavam algumas cargas que os tentavam, taes como garrafões de vinho, latas de chouriço, farinha, algodões, etc., não admira que os atacassem. Todavia, depois d'este acontecimento, que foi unico, mas que produziu muita impressão, não obstante terem sido roubadas apenas umas dez cargas ao todo, foram organisadas patrulhas numerosas de sipaes do nosso acampamento, do do governador de Manica em Massangano, e mais tarde do do juiz de Tete na Lupata, as quaes percorrendo o paiz intermedio, e investigando constantemente os caminhos e matos entre Tinta, Chicorongo, Inhaquasi, Marura e Nhamarongo, conseguiram matar grande numero de rebeldes, aprisionar muitos centos de mulheres e creanças famintas, e restabelecer a confiança nas communicações. As patrulhas dos nossos dois acampamentos chegavam a encontrar-se nas suas excursões, e quasi sempre operavam de mutuo accordo, o que contribuia para dar mais proficuos resultados.

IV

APONTAMENTOS HISTORICOS SOBRE A FAMILIA CRUZ

Não obstante ser quasi contemporanea a historia da familia Cruz, é já hoje difficilimo dar d'ella uma noticia minuciosa e exacta. A deficiencia e desorganisação dos archivos dos diversos governos subalternos da Zambezia, o mau costume que durante muito tempo existiu de se não dar publicidade a factos de manifesta importancia, e tambem as acanhadas proporções do *Boletim official da provincia,* cuja publicação só começou em fins de 1854, impedem hoje de se poderem obter certos subsidios, que seriam de alto valor.

O archivo do governo do districto de Tete, que ainda até 1863 era um commando militar, subordinado ao governador dos Rios de Sena, não vae alem de 29 de julho de 1832, data em que começa um registo mixto que termina em 30 de março de 1836. N'esse livro encontram-se registadas as ordens recebidas e expedidas até 16 de março de 1833. Desde essa data até 29 de maio do mesmo anno, apenas se encontram as ordens e officios recebidos pelo commandante militar, e de 19 de outubro de 1834 até ao fim do livro, encontra-se igualmente a correspondencia expedida.

Vê-se d'este curioso copiador, que o commandante militar de Tete coronel de milicias João Pedro Xavier da Silva Botelho, tendo partido para as suas terras do Bar do Mano em outubro de 1832, só entregou ao capitão Antonio José Lamego Cabral, que o ficou substituindo, o registo de officios de que estamos tratando, e ao qual faltam algumas folhas no principio.

Mais tarde, tendo o major Monteiro, o mesmo que fez a viagem ao Muata Cazembe, assumido o commando de Tete, perguntou a Cabral pelo respectivo archivo, respondendo-lhe este que o coronel Botelho o deixára fechado em casa quando fôra para o Bar do Mano, como se deprehende da nota exarada a fl. 40 do mencionado registo.

Em 7 de abril de 1836 começa um segundo livro de registo de onde consta que o coronel Botelho falleceu nas suas terras do Bar do Mano em 4 de junho de 1833, nada se dizendo comtudo do archivo antigo do governo, que assim ficou perdido, provavelmente para sempre. A trasladação dos restos mortaes d'este coronel de milicias, João Pedro Xavier da Silva Botelho, foi feita para a villa de Tete em 4 de novembro de 1836, jazendo elle hoje no cemiterio publico.

O segundo volume de registo alcança até 28 de maio de 1837. Por essa occasião encontra-se um officio do commandante militar ao governador dos Rios de Sena, pedindo-lhe outro registo e papel para escrever, visto estar a acabar o antigo e não haver outro no mercado, e visto ter ha muito acabado o papel que havia um anno lhe mandára o dito governador.

N'esta altura encontra-se uma grande e importante lacuna de tres annos, cujas causas me não foi possivel descobrir ao certo, mas que foram talvez a falta de livro e de papel ou mesmo a de tinta e pennas! O terceiro livro de registo, que é mais volumoso que os precedentes, começa em 6 de abril de 1840, mas como não tive tempo de o examinar ou mandar examinar, tive que soccorrer-me a apontamentos incompletos, e talvez nem sempre muito rigorosamente exactos, fornecidos pelas pessoas ainda vivas que mais podiam saber do assumpto.

E antes de entrar na narração do pouco que, no curto espaço de tempo que estive em Tete, pude assimilar, seja-me permittido dizer duas palavras ácerca dos archivos dos governos, e dos secretarios que em geral os têem a seu cargo.

Os secretarios dos governos subalternos da provincia de Moçambique, sempre officiaes subalternos do exercito de Portugal ou da provincia, estão geralmente (vá dito sem offensa) em um nivel intellectual e de instrucção inferior á importancia do logar que exercem. D'aqui resulta que os archivos estão quasi sempre em desordem, sem catalogos possiveis, não sendo raro extraviarem-se papeis importantissimos, e sendo quasi impossivel obterem-se os esclarecimentos que se procuram. Alem das causas apontadas, e que são mais vezes filhas da falta de conhecimentos especiaes dos secretarios, e até de alguns governadores, do que da má vontade e desleixo de ambos, devemos ajuntar o mau acondicionamento dos archivos, que muitas vezes estão inevitavelmente sujeitos a humidade, baratas, muchem, traça e ratos, a frequentes mudanças de secretarios e de governadores, etc.

Se o governo podesse dar mais alguma attenção á sua administração colonial, deveria quanto a mim: 1.°, ter em Lisboa, como existe na Hollanda, uma escola para aprendizagem do seu funccionalismo administrativo do ultramar; 2.°, sujeitar a regras fixas e praticas e a modelos determinados a escripturação dos districtos, formulando as instrucções geraes que fossem possiveis e as especiaes que se julgassem necessarias para cada districto; 3.°, ordenar a abertura de uma secção especial no *Boletim official* que serviria para a publicação de todos os documentos interessantes antigos de algum valor, escolhidos por cada governador, ou por pessoa que especialmente do ministerio da marinha viesse para isso commissionada; 4.°, exigir dos secretarios, sob as penas severissimas da lei, a boa guarda e acondicionamento dos archivos mediante os respectivos inventarios minuciosissimos.

Se estas indicações, e ainda algumas outras que d'ellas facilmente se deduzem, fossem rigorosamente observadas, não poderia succeder, como ha sete annos me succedeu, ver eu em Lisboa em mãos estranhas, cartas originaes do proprio punho do dr. David Livingstone dirigidas ao commandante militar de Tete em 1861, e outros documentos, hoje insubstituiveis, de um alto valor historico!

Antes de terminar esta digressão, devo dizer em abono da verdade, que o actual secretario do governo do districto de Tete, tenente graduado do exercito de Portugal Augusto da Fonseca Mesquita e Sola, é uma das excepções da regra. Este official, que é intelligente, desembaraçado e zeloso, tem actualmente o archivo do governo do districto em muito boa ordem, e muito me auxiliou nas buscas e investigações de que necessitei, mas que não ficaram concluidas. Se eu me podesse ter demorado em Moçambique mais um mez, teria recebido d'aquelle official algumas das informações que me faltam, e teria podido escrever um relatorio mais completo. Quando taes informações me cheguem á mão, e caso valha a pena, poderei refundir este capitulo ou juntar-lhe um additamento.

*

Oriunda da India, segundo uns, e de Macau segundo outros, ha certamente mais de um seculo que a familia Cruz veiu fixar-se na Zambezia. O mais antigo Cruz de quem a tradição conserva memoria é Joaquim Vicente da Cruz, conhecido tambem por capitão Cruz e cognominado Bereco. Este homem, que devia viver nos primeiros annos do actual seculo, era de caracter turbulento, traiçoeiro e bellicoso, manifestando já pouca sujeição ao governo portuguez. Quando o governador Villas Boas Truão, um dos mais notaveis que houve em Rios de Sena (como se póde ver de um seu curioso relatorio datado de 1806) foi fazer guerra no imperio

do Monomotapa, ía acompanhado pelo Bereco, que ía encarregado da conducção e guarda das munições de guerra. Conseguiram as nossas forças, depois de quasi totalmente esgotadas as suas munições, bater e tomar grande parte dos territorios desde Tete até Chicôa, e estando as cousas n'este pé, mandou o Bereco dizer ao regulo Chiofombo, que a polvora do governo havia acabado e que só elle possuia alguma. Sabendo isto o Chiofombo, reuniu novamente a sua gente destroçada, atacou as forças do governo, e conseguiu bater e derrotar o governador Truão, que ficou agarrado e morto, bem como alguns outros officiaes. A traição de Bereco foi por Chiofombo recompensada com uma sua filha. Mais tarde, tendo o Bereco recolhido a Tete, na persuasão de que ninguem poderia vir a saber o que elle havia feito, foi interrogado pelas auctoridades ácerca das causas e circumstancias da morte do governador Truão e seus companheiros, e não sendo satisfactorias as respostas e explicações por elle dadas, foi mandado encarcerar e seguir para Moçambique, onde, depois de julgado, foi enforcado.

De Bereco ficou apenas um filho chamado Joaquim José da Cruz ou Inhaude, que foi creado em Tete e que veiu a fallecer por 1860, creio eu. Este Inhaude parece ter herdado todos os defeitos do pae, e ter sido como elle, logo de seu principio, desordeiro. Com data de 3 de dezembro de 1840 existe no archivo um officio do commandante militar ao ex-capitão mór das terras, no qual é remettida uma participação de João de Sousa Nunes de Andrade, ácerca das correrias e guerras feitas por Inhaude a diversos colonos do prazo Bamba, na confluencia do Revugo com o Zambeze.

Inhaude esteve tambem algum tempo, sem que possâmos ao menos precisar o anno, empregado como mercador ou negociante volante, por conta de um homem da India chamado Francisco João Xavier. Por certas relações de quasi parentesco eram os dois muito intimos. N'uma occasião, tendo Xavier mandado a Pedro Caetano Pereira, que governava na Makanga, um pequeno presente de seis frascos de genebra, succedeu morrer este, e attribuirem os de Makanga (talvez não sem rasão) a este presente a morte do Pereira. Irritados, vieram roubar e incendiar as povoações dos prazos do governo, alcunhando Xavier de feiticeiro; e como Inhaude era aparentado com Xavier, e era como elle igualmente incriminado pelos makangueiros pela morte do Pedro Caetano Pereira, resolveu o commandante militar de Tete, provavelmente o major Tito de Araujo Sicard, para evitar alguma questão grave entre a gente de Makanga e o Inhaude, questão que certamente redundaria em prejuizo do governo, mandar Inhaude habitar o prazo Massangano, que ficava já fóra das possiveis correrias e represalias dos makangueiros. Esta installação do Inhaude em Massangano data de 1844.

Pedro Caetano Pereira, successor do fallecido do mesmo nome no

governo da Makanga, chegou a ter a audacia de mandar dizer á auctoridade superior de Tete, que, se queria que houvesse socego, lhe mandasse entregar presos o Francisco João Xavier e Joaquim José da Cruz. O commandante militar, porém, não cedeu a taes intimações, e o Inhaude continuou a ficar socegado em Massangano, onde estabeleceu a sua aringa e se fortaleceu a pouco e pouco. O novo commandante militar de Tete, capitão (hoje tenente coronel reformado) Delfim José de Oliveira, na sua viagem para Tete, em companhia do dr. Ambrozio Cypriano de Miranda, foi recebido em Massangano e optimamente tratado pelo Inhaude.

Existia em Tete um negociante da India muito amigo de Inhaude, chamado Antonio Vicente Collaço; este sujeito, que era já viuvo, era procurador de uma senhora, tambem viuva, D. Balbina Joaquina Nunes de Andrade; e mais tarde, vindo a estreitar-se mais estas relações, como se deprehende de um documento com data de 15 de maio de 1841, que diz *achar-se D. Balbina de portas a dentro com o seu representante Collaço,* vieram a casar com todas as solemnidades religiosas. Um dia foi Collaço visitar o Inhaude a Massangano, onde se demorou dois ou tres dias, e de onde recolheu a Tete em um escaler do seu amigo Inhaude. D. Balbina que, ao que parece, era ciumenta e vingativa, teve motivos para desconfiar da bizarra hospitalidade com que o Inhaude lhe regalára o marido. Enraivecida até ao delirio, e não ouvindo mais que a voz da sua paixão, foi com algumas pretas de sua casa á praia de Tete, onde ainda estava encalhado o escaler que conduzíra o marido, e destruiu-o. Os tripulantes, que eram de Massangano, voltaram para lá a dar parte do occorrido, e o Inhaude, exasperado com a affronta, mandou insolentemente prevenir o commandante militar de Tete, que o custo do escaler havia de ser pago por qualquer negociante que passasse no Zambeze. Foi este o primeiro *casus belli,* e teve logar em 1850.

O commandante militar, offendido com a ameaça do Inhaude, mandou-o intimar a que se apresentasse na villa, o que elle não cumpriu. Em seguida mandou a Massangano um alferes, genro da propria D. Balbina, acompanhado por 12 soldados para prenderem o Inhaude. Este porém, que se achava já então forte em sua aringa, mandou agarrar o alferes e os soldados, despojou-os do fato, metteu-os na gargalheira durante dois dias e obrigou-os a pilar doze panjas de milho! No terceiro dia soltou-os e mandou-os para Tete, fazendo saber terminantemente ao commandante militar que não queria ír á villa!

Segundo o testemunho auctorisado do tenente coronel reformado Delfim José de Oliveira, que governou com distincção os districtos de Tete e Quelimane, e que escreveu e publicou em 1879 um interessante folheto, intitulado: *A provincia de Moçambique e o Bonga,* «a guarnição de Tete compunha-se n'esse tempo apenas de 3 officiaes brancos, 80 soldados pretos, sem pão nem rancho, sem pagamento de pret, sem armamento, de-

sertando e apresentando-se todos os mezes. A divida era de 24 a 30 mezes, tanto de soldo como de pret».

Não obstante isto, em consequencia da attitude do Inhaude, organisou-se uma grande expedição contra Massangano, da qual fizeram parte forças da Makanga e do Macombe do Barué, ficando as forças regulares para defeza da villa na eventualidade de um possivel ataque.

Foi em junho de 1853 que o exercito sitiador combinado, perto de 4:000 homens, atacavam a aringa de Inhaude; este, porém, que tinha talvez uns 400 pretos com espingardas, não fugiu, e resistiu arrogantemente ao cerco durante 3 mezes.

O commercio da Zambezia parou; Tete estava em sobresalto. Cada um dos dois contendores reclamou o auxilio da villa allegando o seu direito e a sua justiça, e servindo-se de ameaças, e ambos queriam fazer valer o seu parentesco com El-Rei de Portugal. Tete tinha duas peças de bronze de calibre 3 e algumas de ferro inuteis, pouca polvora e poucas balas; é grande a inquietação, chegando-se por vezes a ouvir o estampido das espingardas de elephante que são a artilheria de Massangano.

Em uma noite de setembro o Inhaude sáe com a sua gente a atacar os sitiadores; pronuncia em voz alta nomes de officiaes de Tete indicando-lhes os pontos por onde devem avançar, e d'este estratagema e do valor da sua gente vae tirando vantagem. Estabelece-se a confusão no campo contrario, o inimigo é cortado á faca e a machado ou lançado ao rio, e ao amanhecer está Inhaude completamente desembaraçado, tendo a sua aringa cercada de muitos cadaveres.

No dia immediato a gente de Inhaude atacou a villa de Tete, mas fo repellida.

Quando a Quelimane chegou a noticia d'estes acontecimentos, trazida por Antonio José da Cruz Coimbra, que regressava da Makanga, foram, pelo então governador de Quelimane, tenente da armada Jeronymo Romero, chamados todos os principaes moradores á sua residencia para dar a sua opinião ácerca de uma expedição que elle projectava organisar contra o Inhaude, a quem queria officialmente declarar guerra. O dr. Ambrozio Cypriano de Miranda, que viera da India em 1850, e fôra pelo governador geral Domingos Fortunato do Valle encarregado de estabelecer nos diversos districtos as enfermarias regimentaes e civis, e que depois veiu a deixar o serviço official, residia já então, como ainda hoje, na villa de Quelimane, e já tinha grangeado os bem merecidos creditos de homem serio, que hoje d'elle fazem um respeitabilissimo e prestante cidadão. O dr. Miranda, bem conhecedor como já então era da Zambezia, declarou ao governador que a questão com Massangano tinha uma origem puramente particular, com que o governo nada tinha que ver, e visto não ter elle governador auctorisação superior para declarar guerra, a qual acarretaria graves prejuizos ao commercio, entendia nada dever

fazer-se. Esta opinião foi apoiada pelo coronel de milicias Galdino José Nunes e pelo cidadão Francisco Maria de Azevedo, proseguindo todavia o governador no seu intento. O dr. Miranda foi no mesmo dia encarcerado, apodado de traidor e enviado para Moçambique no brigue *Xahalama!* Felizmente para elle e para a moralidade, o governador Vasco Guedes de Carvalho e Menezes nenhum caso fez da accusação, e poz o preso em liberdade.

O governador Jeronymo Romero organisou a sua expedição, composta de forças reunidas por Antonio José da Cruz Coimbra, João Bonifacio Alves da Silva e João de Jesus Maria, e mandou-a marchar contra Massangano, sendo ella destroçada pelo Inhaude no Bandar, abaixo de Lupata, e ficando por algum tempo interceptadas as communicações!!

Em janeiro de 1854 appareceu o coronel de milicias Galdino José Nunes, encarregado de ajustar paz com Inhaude, por não ser possivel castigal-o, e assim se obteve uma tregua de algum tempo.

Em 1853 era o Inhaude, no dizer do já citado tenente coronel Delfim José de Oliveira, que o encontrou no Sungo em março, um homem de seus cincoenta annos, baixo, magro e escuro; o seu vestuario de gala era calça e jaqueta de riscado de algodão azul e branco, camisa de algodão cru, chapéu de mulala e chinelos.

Inhaude veiu a fallecer pouco depois das pazes que com elle fizemos, em 1856 talvez, e deixou grande numero de filhos e filhas de que mais ao diante faremos a relação. O seu successor foi, porém, o mais velho, Antonio Vicente da Cruz, o Bonga, de ominosa memoria, e que seguiu sempre, como seu pae e seu avô, a senda dos crimes e do sangue.

Apenas o Bonga se achou de posse da butaca, e foi pelos seus reconhecido como potentado titular de Massangano, mandou immediatamente participar o occorrido ao commandante militar de Tete, fazendo mil protestos de submissão, e pedindo para viver em paz com o governo, por não ter culpa, dizia elle, do que seu pae havia feito. O commandante militar, que era então o capitão José Emiliano Gomes Barbosa, acceitou a submissão do Bonga, o qual mais tarde veiu apresentar-se, e baptisar mesmo alguns filhos, de que os proprios governadores foram padrinhos na igreja parochial de S. Thiago Maior.

O governador de Quelimane major José de Azevedo Alpoim foi a primeira auctoridade que, em viagem para Tete, foi recebida pelo Bonga em Massangano, vindo este esperal-o ao caminho em companhia de um seu cunhado Gomes e outros muzungos da familia, jantando todos na aringa na mais cordial harmonia. Em 1860 parecia o Bonga ter trinta e cinco annos na opinião do tenente coronel Oliveira, que visitou a aringa em 31 de outubro: vestia fato domingueiro, calça, jaqueta e bonet, e não estava embriagado; fallava pouco e era tristonho, devido talvez ao uso excessivo de bebidas espirituosas. Em fins de 1864 ainda o Bonga foi a

Tete, talvez pela ultima vez. Nenhum morador se lhe approxima; todos o odeiam, vivendo elle então quasi miseravelmente.

Passado algum tempo, o Bonga teve uma questão com um cunhado Agostinho Manuel Gomes ou Manuel Caetano Gomes, casado com sua irmã D. Maria, que parece residia em Massangano, mas que se mudou para a villa de Tete. Esta D. Maria residiu tambem, e até ha bem pouco tempo, no prazo Marango, na margem esquerda e confluencia do Luenha com o Zambeze, de onde veiu a ficar conhecida por D. Maria do Marango.

Um dia, em 1865, indo Gomes para Quelimane em companhia de um negociante da India chamado Clementino de Sousa, tiveram de atracar na aringa de Massangano; Bonga, que já então era sargento mór de Massangano com farda e honras de major, quiz saber se o seu cunhado Gomes vinha em companhia de Clementino; mas este, receioso de qualquer acto aggressivo, disse-lhe que não; Bonga não acreditou, e foi em pessoa ao escaler verificar; e encontrando ali escondido o Agostinho (ou Manuel) Gomes, chamou mentiroso ao Clementino, e espancou-o.

Regressando de Quelimane o Clementino de Sousa, e querendo vingar-se do Bonga, e contrarial-o no que podesse, arrematou perante a delegação de fazenda de Tete a cobrança do imposto do mussoco no prazo Massangano. Bonga negou-se a pagar o mussoco a Clementino, e este queixou-se ao governador de Tete, que interpellou o Bonga sobre o assumpto. Este respondeu com toda a insolencia, que o prazo Massangano nada tinha com o Clementino de Sousa nem com o governo, e deixou de ír á villa.

O governador Miguel Augusto de Gouveia reuniu os moradores em adjunto para os consultar se se deveria ou não declarar guerra ao Bonga. O dr. Miranda, que então estava em Tete, negociando por sua conta em expedições de fazendas para o Zumbo em troca de marfim, opinou, como em occasião identica o fizera em Quelimane, que, sendo a pendencia puramente uma questão particular entre Clementino e o Bonga, não podia o governo tomar d'ella conhecimento, cumprindo apenas ao offendido demandar judicialmente o aggressor. Esta opinião foi partilhada pelo padre Pedro de Sousa e pelo negociante Francisco Antonio Generoso.

Pela mesma occasião, em 1866, negára-se o Bonga a mandar pagar na delegação de Tete os direitos pela compra de uma casa que na villa adquirira; e isto não obstante ser então governador do districto o tenente da provincia Miguel Augusto de Gouveia, seu compadre, e com quem sempre tivera bom trato.

No principio de 1867 via-se o Bonga em apuros, e attribue este seu estado a feitiços da propria familia. Mandou tirar a cabeça a algumas das suas mulheres, e parece que á propria mãe (Filippa) que desappareceu. Duas das mulheres do bandido podem escapar-se e refugiar-se na

Chingosa, perto de Tete. O Bonga manda ali a sua gente, que se apodéra das fugitivas, mata algumas pessoas, rouba e incendeia a povoação. A justiça de Tete toma conhecimento do facto, e o Bonga é processado como auctor do attentado.

Ainda pouco mais ou menos pelo mesmo tempo um preto escravo do Bonga fugiu de Massangano para o prazo Inhapanda, raptando uma concubina do seu senhor. Este mandou no seu encalço um dos seus grandes para perguntar ao inhacuaua do prazo se víra os fugitivos, e dizendo-lhe elle que não, o grande do Bonga levou prisioneira toda a familia do dito inhacuaua. O inhacuaua foi queixar-se ao governador de Tete, o qual mandou um soldado a Massangano perguntar os motivos de mais este novo attentado, e tendo-se o Bonga desculpado que não haviam sido ordens suas, intimou-o o governador a que entregasse preso o grande que commettêra o roubo, ao que elle não quiz annuir, nem mesmo depois de ameaçado com guerra.

Entretanto o governador já pedíra para Moçambique ao governador geral Antonio do Canto e Castro, permissão para bater o Bonga com os recursos do districto. As communicações eram então ainda mais demoradas do que são hoje; mas ha quem diga que o governador geral auctorisou o governador do districto a ir bater o Bonga.

O que é certo é que, de seu motu proprio ou superiormente auctorisado, o governador Miguel Augusto de Gouveia marchou para Massangano com alguns moradores, officiaes do districto e as forças que pôde organisar. O Bonga sabe por espias o que se passa em Tete, e sabendo que o governador se approxima, abandona a aringa. Os de Tete chegam, tomam posse d'ella no meio de geral e grande contentamento, e comem e bebem talvez com excessiva despreoccupação. Ao mesmo tempo annuncia-se a chegada do auxilio de 200 pretos que o Belchior do Nascimento havia promettido do Goengue para aquella expedição. Os pretos entram na aringa, mas só então se reconheceu que em vez de serem do Belchior, são a temivel guerrilha do Bonga que se havia emboscado e que não foi reconhecida. Os de Tete são surprehendidos e cortados á faca e a machadinha. Não escapou um official, morador ou soldado europeu. Escaparam-se muitos pretos. É conservada a vida ao desgraçado governador, não por magnanimidade do compadre Bonga, mas por requinte de perversidade e para prolongar a agonia da sua victima. O pobre governador de Tete, tenente Miguel Augusto de Gouveia foi morto pelo seu proprio compadre Bonga depois de embriagado, o qual o foi lentamente mutilando e dançando ruidosamente na sua frente, entre a algazarra e palmas de negros sanguinarios e ferozes, á luz vacillante e funebre das fogueiras e ao som lugubre do biribiri ou grande batuque de guerra! As cabeças d'estes infelizes foram as primeiras que enfeitaram como sinistros trophéus os paus da aringa de Massangano.

A esta nossa primeira derrota infligida pelo Bonga, derrota que teve logar em principios de 1867, seguiu-se a da expedição commandada pelo major Guilherme Frederico de Portugal e Vasconcellos, a 5 de agosto de 1868, a retirada da columna commandada pelo major J. J. de Oliveira Queiroz em 1869, que não perdeu cousa alguma, é certo, mas que não chegou a passar para cima do Bandar, a desastrosa derrota da magnifica columna de operações organisada em Portugal e na India, sob o commando do major hoje general reformado, Antonio Tavares de Almeida, em fins de 1869, etc. N'essas derrotas, pelo Bonga infligidas ás nossas forças, as quaes não serão aqui descriptas minuciosamente por melindres e escrupulos para com pessoas ainda vivas, e por estarem muito recentes na memoria de todos os portuguezes, fez elle farta colheita de cabeças com que continuou a enfeitar os paus da sua aringa, e que foram durante longos annos a prova bem visivel da insolencia e crueldade com que esse rebelde nos enxovalhava. Os craneos de Guilherme de Portugal, do capitão Antonio Travassos Valdez, do capitão Cardoso, dos alferes Queiroga, Montenegro, Alves e de tantos outros, ali estiveram muito tempo espetados n'aquelles paus sinistros pedindo inutilmente vingança, e incutindo um terror panico a todos que passavam no Zambeze. O poderio do Bonga foi crescendo successivamente á medida que o nosso diminuia, e nós fomo-nos habituando a viver com aquella vergonha, e quasi que a pactuar com o rebelde. Assim como ha quem viva, com balas dentro do corpo, sem um braço ou sem uma perna, assim tambem a nação portugueza se viu constrangida a viver com aquella grande brecha na sua honra e com tão grande mutilação na sua dignidade. Durante algum tempo as auctoridades que subiam o Zambeze, quer fossem acompanhadas de força, quer não, eram obrigadas a passar em Massangano, onde parece que eram bem agazalhadas pelo rebelde, que ainda se ufanava do titulo honorifico de sargento mór de Massangano, que tinha exercido (e de que nunca foi demittido) usando impudentemente a farda que pertencêra ao major Portugal!

Estiveram em Massangano n'essas circumstancias, o capitão governador de Tete Manuel Nicolau Pontes de Athaide e Azevedo em 1870, o major governador de Tete Carlos Pedro Barahona e Costa, em 1875, o prelado de Moçambique D. José Caetano Gonçalves, em 1876, o major Conceição, etc.!!

Em 1876, creio eu, tendo-se o governo de si para comsigo convencido de que nunca por mal poderia dominar o Bonga, não quiz pensar mais n'isso, e fez com elle umas indignas pazes, servindo de intermediario entre o governador de Tete e o rebelde, um primo d'este chamado Christovão Xavier. Uma das condições a que o Bonga se obrigou, foi a entrega do material de guerra que possuia, e a das cabeças que ornavam os paus da aringa. As peças, porém, nunca as entregou, visto que foram em 1887 encontradas nove em algumas das aringas suas, as quaes pertenceram ás nos-

sas passadas expedições! Os craneos dos nossos heroes sacrificados em Massangano, ou alguns outros em logar d'elles, foram com effeito entregues, e trasladados depois com a possivel pompa para a capital da provincia, onde jazem no cemiterio de S. Francisco Xavier, em um mausoleu especial. O governador de Tete, auctor d'estas negociações, foi condecorado com a Torre Espada, e foi pelas camaras declarado benemerito da patria!!

No anno da graça de 1877 fallecia muito descansado na sua casa e na sua cama, dentro da aringa de Massangano, o celebrado Antonio Vicente da Cruz, ou Bonga, succedendo-lhe no poder ou subindo á butaca seu irmão Luiz Ramos da Cruz ou Mochenga. Este sujeito, que veiu ultimamente a morrer no começo d'esta guerra, em maio de 1888, como se verá em outra parte d'este relatorio, não gostou de estar no poder, e abdicou em seu irmão Victorino Antonio Vicente da Cruz ou Inhamesinga, que pelo Bonga havia em tempo sido desterrado para o Baroé, por ter assassinado a propria mãe e uma madrasta! Inhamesinga morreu em 1886, e foi substituido pelo Chatara (hoje preso no archipelago de Cabo Verde) e que tem o nome christão de Antonio Vicente da Cruz, como o Bonga.

Durante o fim do reinado do Bonga e durante os do Mochenga, do Inhamesinga e do Chatara, até que rebentou a guerra de 1887, nunca houve da parte do governo, nem da dos de Massangano, actos de aberta hostilidade. A navegação do Zambeze conservava-se desembaraçada, e o commercio fazia-se para cima e para baixo, mediante os competentes *saguates* que todos na sua passagem pagavam em Massangano, e que o proprio governo de Tete lhes mandava! Entretanto os rebeldes vendo a nossa fraqueza ou indolencia, íam a pouco e pouco dilatando e consolidando a sua influencia e dominio, e invadindo todos os dias prazos do districto de Tete, onde íam construindo aringas, bem como as possuiam tambem ao longo de todo o Muira e pelo Zambeze abaixo. O Chatara julgando-se já, e com rasão, potentado independente e soberano, chegou a escrever ao governador de Tete, significando a sympathia que tinha pela nação portugueza, com a qual desejava viver em paz, e pedindo-lhe que, a fim de se estreitarem mais as relações, nomeassemos nós um consul para Massangano!!!

A insolencia d'aquella maldita raça e dos seus sequazes havia subido tão alto, e a nossa pussillanimidade havia descido tão baixo, que, ou haviamos de continuar a transigir com tudo, e em breve perderiamos a Zambezia de Sena para cima, ou tinhamos de fazer um esforço digno, intelligente e sacudido, para retomarmos o nosso logar de nação dominadora e exterminarmos aquella raça de bandidos.

A guerra de 1887 foi a explosão bem combinada d'esse nosso esforço, mas não teve os resultados que eram para desejar, porque, se é certo que tomámos e destruimos a aringa de Massangano, não é menos certo que

ella se achava completamente deserta e abandonada pelo Chatara e seus grandes, que, á approximação das nossas forças, passaram para a margem esquerda, e se internaram com todas as suas munições e armamentos, que teriam sido insufficientes para nos opporem séria resistencia. A descripção d'esta bem organisada e brilhante expedição dirigida superiormente pelo intelligente, illustrado e patriotico tenente coronel de artilheria Joaquim Carlos Paiva de Andrada, está minuciosamente descripta por elle em um relatorio publicado *Boletim official da provincia,* e em uma interessante conferencia feita na sociedade de geographia.

A fuga do Chatara foi, todavia, a causa determinante da quéda do seu prestigio politico. Motontora e seus outros irmãos viram que elle não poderia mais reinar depois de um tal desastre, e por isso o prenderam e levaram á presença do governador de Tete em outubro de 1887, o qual o mandou para Moçambique de onde partiu para o desterro. Motontora fez-se depois chefe de conspiração contra o governo, e preparou tudo com a necessaria antecedencia e cautela para reoccupar Massangano, depois de grandes conciliabulos de toda a familia, celebrados no prazo Matadza, e em grande parte sob a inspiração do grande pondoro Inhaude, tudo acompanhado de varias ceremonias supersticiosas e sacrificios, para instigar os rebeldes a voltarem á aringa de Massangano, onde estavam os restos de seus maiores e irmãos, attrahindo-os fatal e irresistivelmente.

*

Terminando aqui o pouco que, em tão resumido tempo, podémos saber dos principaes membros da familia Cruz, que figuraram como chefes, diremos alguma cousa dos seus parentes collateraes, e enumeraremos aquelles que existiram e ainda existem, e que é indispensavel o governo extermine ou desterre para outras colonias.

Bereco, o mais antigo Cruz que conhecemos na historia, tinha já tres irmãs na Zambezia, de onde nos parece poder concluir que todos elles nasceram já no paiz. A mais velha d'estas senhoras parece ter tido tres filhos, que foram uns verdadeiros salteadores, que o governo mandou expatriados para a costa occidental.

Inhaude parece que tinha um numeroso serralho, porque deixou, alem de muitas filhas, quinze filhos varões de que damos a relação com os nomes cafreaes e christãos, por sua ordem chronologica, e nota da sua situação actual:

Numero de ordem	Nomes		Observações
	Cafreaes	Christãos	
1	Bonga...........	Antonio Vicente da Cruz....	Morreu de doença.
2	Inhamisinga......	Victorino da Cruz...........	Idem.
3	Mochenga........	Luiz Ramos da Cruz..... ..	Morto em combate.
4	Chatara.	Antonio Vicente da Cruz....	Desterrado em Cabo Verde.
5	Chimolamba ou Chiucupete.	João Pereira da Cruz.......	Fugido de Massangano em 28 de novembro de 1888, e ferido por duas balas.
6	Motontora........	João Sant'Anna da Cruz....	Fugido de Massangano em 28 de novembro de 1888, e ferido gravemente em um pé desde 21 de junho de 1888.
7	Fukiza...........	José Vicente da Cruz...... ..	Aprisionado em 1887. Está em Moçambique.
8	Gande...........	Ignacio Sant'Anna da Cruz...	Leproso, impotente; fugido de Massangano em meiado de novembro de 1888.
9	Messona.........	Nicolau Vicente da Cruz.....	Morto ha annos.
10	Pombera.........	Antonio da Cruz............	Sem importancia politica.
11	Cafulancia..	José da Cruz...............	Morreu ha annos.
12	Canganibeu......	Agostinho da Cruz..........	Idem.
13	–	Manuel da Cruz............	Idem.
14	–	Francisco da Cruz..........	Idem.
15	Chiuta........ ..	Nicolau Vicente Sant'Anna da Cruz.	Aprisionado em 15 de agosto de 1888, em Castilho. Está em Moçambique.

Das senhoras d'esta geração só mencionaremos: 1.ª, D. Maria (dita do Marango) viuva de Agostinho Manuel (ou Manuel Caetano) Gomes, que tem dois filhos: Tito, educado na India, que foi sargento e hoje vive negociando em Tete, perfeitamente identificado com os interesses do governo, e Caetano, sobre quem recaíram algumas desconfianças, e que mandei prender e transportar para Moçambique com a mãe; 2.ª, D. Luiza Michaela da Cruz, viuva dos dois europeus Belchior do Nascimento e Antonio Machado, e casada com um terceiro Antonio Lopes. Esta senhora merece duas palavras de biographia.

Estabelecida ha muitos annos no prazo Goengue, onde dispunha de grande numero de escravos armados, e dotada de um genio varonil, resoluto e energico, conseguiu captar as boas graças do governo, pela antipathia que dizia professar por seu irmão Bonga. Como todos os potentados da Zambezia, que querem manter-se com segurança no seu logar,

governava esta senhora com o mais sanguinario despotismo nos povos que lhe estavam sujeitos; e já em 1874, quando na canhoneira *Tete* fui ao Goengue syndicar das suas atrocidades, e prendel-a, tive conhecimento de oitenta assassinios mandados praticar por ella em pessoas inermes, dos quaes dei minuciosa conta em um longo relatorio que entreguei ao ex.^{mo} conselheiro João de Andrade Corvo, então ministro da marinha. A sua justiça era summaria: havia por detraz da sua aringa do Goengue uma pequena lagôa infestada de enormes crocodilos, e onde ella mandava lançar, amarradas de pés e mãos, as suas victimas accusadas de roubo, adulterio, feiticeria, etc.! O seu executor de alta justiça, um negro corpulento, malvado chamado Rapozo, levei-o eu proprio a ferros no vapor *Tete*, e entreguei-o ao governador geral. D. Luiza foi logo posta em liberdade, e o seu carrasco, confidente e cumplice não sei que destino teve!!

Dos dois maridos fallecidos de D. Luiza, o primeiro, Belchior do Nascimento, fôra soldado de cavallaria em Portugal. Ainda o conheci, mas já completamente cego em 1872. O segundo, Antonio Machado, que dizem ter morrido envenenado por D. Luiza e jaz em Anquase, foi tambem soldado. O terceiro, ainda vivo, ex-soldado da expedição de 1869, é hoje proprietario e negociante em Quelimane, arrematante da cobrança do mussoco no prazo Goengue, e capitão mór de Quelimane; é homem de pouca illustração, mas de bom porte e considerado.

Dando de barato que D. Luiza professasse antipathia por seu irmão Bonga, é certo que mantinha a mais intima intelligencia com o Chiuta, talvez por serem filhos da mesma mãe, e como este tinha relações secretas com o Motontora, serviu ella muito conscientemente a causa dos rebeldes, abastecendo-os, por intermedio do Chiuta no prazo Mahembe, de polvora, chumbo, armas e mesmo mantimentos, como tudo veiu a ser evidenciado no decurso das operações, e como se verá n'outra parte d'este relatorio e em alguns dos seus documentos annexos.

Por todos estes motivos, mandei tambem, pela segunda vez, prender esta celebre D. Luiza Michaela da Cruz, que ha mais de dois annos residia permanentemente em Quelimane, e que hoje deve estar já em Moçambique com sua irmã D. Maria, com seus irmãos Fukiza e Chiuta e com cinco sobrinhos, todos encarcerados na fortaleza de S. Sebastião á espera de ordens do governo.

Dos filhos varões do Bonga, temos noticia de dezenove, havendo talvez mais alguns e muitas raparigas, das quaes uma D. Eugenia foi pelo Motontora mandada como presente ao regulo Mutoco para o induzir a vir auxilial-o; e outra, D. Marianna que viveu em companhia do ex-alferes Alfredo de Aguiar, em Massangano, foi por nós aprisionada em principio de outubro, e deve tambem estar hoje presa em Moçambique. Ahi vae a relação dos rapazes:

Numero de ordem	Nomes		Observações
	Cafreaes	Christãos	
1	Moringaniza......	Domingos..................	Morto em Castilho a 9 de dezembro de 1888, depois de agarrado no Goengue.
2	Chapananga.... ..	Antonio.	
3	Canhenze........	Sebastião..................	Morto em combate.
4	Pinguisa.........	Sebastião..................	Idem.
5	Captivo..........	João.	
6	Camechiche......	Antonio....................	Idem.
7	Barahona.........	Antonio....................	Fugiu da aringa em 19 de novembro de 1888.
8	Pandemale.	Antonio.	
9	Chichuela	Antonio.	
10	Cancune........	Ignacio.	
11	–	Joaquim da Cruz.	
12	Chimessenha.. ..	Nicolau..	Idem.
13	–	Nicolau de Oliveira....... ..	Morto em combate.
14	–	Domingos Andrade.	
15	–	Leandro.	
16	–	Sebastião.	
17	–	Albino.	
18	–	Luiz Firmino.	
19	Catunhiza........	Antonio.	

Terminaremos esta exposição dando a relação nominal dos grandes, chefes de guerra e sachecundas de Massangano e do Sungo, que foram os conselheiros e principaes instigadores do Motontora e de seus irmãos na ultima lucta.

Os grandes de Massangano, eram: Mutundumura, Chinguoto, Mussuça, Matenga, Nhatando, Manheganana, Chicunda, Muegama, Cassozi, Chafugunca, Campanje, Musica e Camuriué. D'estes, Mutundumura foi ferido em uma perna em combate no dia 9 de outubro, Chinguoto foi capturado e morto depois de terminarem as hostilidades, Camuriué morreu em combate. Dos restantes é possivel que mais algum fosse morto, mas não tive noticia.

Os grandes do Sungo eram: Gunde, Socoroco, Canmotenfua, Canoarara, Cusse, Mantenga, Fassane, Guerrera e Mutteque.—Gunde esteve algum tempo na aringa de Nhamapacaça, na entrada superior, margem esquerda da Lupata, e depois transferiu a sua povoação para pouco mais

a jusante d'esse ponto, em frente da ponta superior da ilha Carmanamano, junto ao riacho Lurera, para onde se dirigiam as almadias em que os rebeldes atravessavam fugitivos o Zambeze, vindo de Marura para o outro lado; e de onde eram expedidos os raros comboios de mantimentos com que os de Massangano foram abastecidos do Sungo e talvez do Goengue.

V

INTRIGAS E CALUMNIAS

A Zambezia foi em todos os tempos o paiz das intrigas e traições. As rivalidades politicas entre potentados indigenas, a cobiça que estes mostravam de roubar os colonos, os ciumes commerciaes e invejas de lucros alheios, a conveniencia de se aproveitarem e explorarem para ganhos exorbitantes certos impedimentos nos caminhos habituaes, com exclusão da concorrencia de outros, e a attitude prepotente e altiva que muitas vezes assumem, mesmo nas suas relações com o governo, certos arrendatarios de prazos, foram sempre os moveis principaes e os instigadores de intrigas surdas, que em todos os tempos têem accendido desintelligencias e inimisades n'aquelle paiz, com grave prejuizo do seu socego, do desenvolvimento da sua agricultura, da liberdade dos seus povos e do commercio.

Se o governo podesse dispor dos necessarios meios de acção e de força para fazer sempre ouvir a sua voz, e para conter nos seus rasoaveis limites todos os habitantes da Zambezia, qualquer que fosse a sua posição social; se a auctoridade do governo se exercesse directa e firme em todos os prazos da corôa, e não (como hoje ainda succede na maioria dos casos), por intermedio dos arrematantes da cobrança do mussoco, se a força armada ás ordens dos governadores e commandantes militares fosse mais numerosa e de melhor qualidade; se ha mais tempo se houvesse conseguido regulamentar o porte de armas e difficultar o commercio d'ellas e das munições; se no Zambeze, e seus principaes affluentes, existissem os

necessarios vapores armados para manter amiudadas e rapidas as communicações e os transportes, e para conter em respeito as tribus ou populações indigenas que manifestassem symptomas de insolencia; se a rede telegraphica que se está construindo estivesse já concluida e em exploração; se, finalmente, todos estes complexos meios de força e de dominio estivessem funccionando de concerto á vontade do governo, nem as intrigas poderiam encontrar condições favoraveis para o seu desenvolvimento, nem mesmo chegariam talvez a germinar.

Omittindo aqui a narração de muitos factos, com que poderiamos facilmente exemplificar as intrigas que têem concorrido para a situação presente da Zambezia, limitar-nos-hemos á referencia d'aquelles que têem relação com a ultima rebellião, e apontaremos a maneira como a intriga se poz em campo para difficultar a acção do governo, e frustrar mesmo o emprego de alguns dos mais valiosos meios de força que elle teve de pôr em movimento. E devemos acrescentar, que os instigadores d'estas intrigas, de si pouco escrupulosos, não hesitavam em forjar calumnias para crearem indisposições e malquerenças.

É de todos sabido, que a gente que está sob a influencia do capitão mór Manuel Antonio de Sousa, nos prazos Gorongosa e outros, odeia o Gungunhana como odiou seu pae, pelas correrias de que antigamente foi victima dos vatuas. Este odio, que nem sempre deixou de contaminar as proprias auctoridades do novo districto de Manica — como se provou com a celebre acta lavrada em Gouveia, e publicada na imprensa periodica do reino, da conferencia publica havida com o chefe Chiboma, enviado do rei vatua, — tem por vezes collocado o governo superior da provincia em sérias difficuldades, para as quaes tambem têem concorrido, pelo seu differente modo de pensar e proceder, os seus diversos representantes em Chiloane, em Inhambane e em Lourenço Marques, que a pouca illustração do vatua não sabe explicar.

São de todos sabidas tambem as rivalidades que se dão entre o mesmo capitão mór Manuel Antonio de Sousa, e outros arrematantes e ex-arrematantes de mussoco em varios prazos da jurisdicção de Sena, o ciume com que estes vêem a consideração de que gosa aquelle seu rival, e a maneira como o governo tem recompensado os seus serviços. Não admira, portanto, que os que o aggridem busquem diminuir o seu prestigio para com os indigenas e para com o governo, e lancem para isso mão de todas as falsidades que melhor possam servir seus fins.

É de todos sabida, finalmente, a animosidade que sempre reinou entre os habitantes de uma e outra margem do Zambeze, ao ponto de haver entre elles frequentes disputas e hostilidades; e é sobretudo notoria a inimisade que desde as antigas guerras existiu entre a gente do Goengue e a do capitão mór Manuel Antonio, talvez pela perseguição que este sempre dirigiu contra os rebeldes de Massangano, Bonga, Inhamesinga, Chatara e

Motontora, irmãos de D. Luiza Michaela da Cruz, arrematante da cobrança do mussoco no prazo Goengue, muito embora esta mulher tenha sempre querido mostrar-se leal ao governo, mostras que nem a todos terão conseguido enganar.

Muitos outros exemplos de indisposições, que são viveiros de intrigas, poderiamos citar existentes na Zambezia; mas como não têem relação com os factos que vamos narrar, abstemo-nos de os enumerar aqui, para não tornar fastidioso este relatorio. E feitas assim as principaes explicações para intelligencia da nossa historia, contaremos algumas das mais audazes calumnias que durante esta guerra foram forjadas e postas em circulação, e com as quaes os seus auctores poderiam ter seriamente compromettido o bom exito da campanha, ao passo que pretendiam talvez prejudicar a reputação de alguem, e servir fins seus particulares ainda menos honrosos.

*

Quando ao governador de Manica constou em Gouveia a 19 de junho a nova sublevação do Motontora e de seus irmãos em Massangano, partiu elle, sem perda de tempo, a 26, a caminho d'aquella região do districto com duas peças de artilheria Hotchkiss, e mandou congregar para os principios de julho em Chivuri, sobre o rio Inhamacombe, os principaes chefes de forças do capitão mór Manuel Antonio, chegando elle mesmo áquelle ponto em 1 de julho. Mal tinha tido tempo de ali chegar, soube pela bôca de todos os grandes, que as forças do governador de Tete, depois de haverem batido o Pindiriri em Mazumba, tinham sido batidas e destroçadas pelas do Motontora em Massangano em 21 de junho. O plano de campanha estava portanto fatalmente modificado, e o governador de Manica, que havia esperado proseguir sem demora para o theatro dos acontecimentos, para operar de combinação com o seu collega de Tete, resolveu fazer-se forte nas aringas do cerco, e conservar a artilheria em Chivuri, até que fosse possivel reunir de novo a gente de armas de Tete, ou reunir mais gente de Manica.

Em 10 de julho recebia o governador uma communicação urgente do secretario do governo de Manica, annunciando-lhe que numerosas mangas de vatuas estavam atravessando o Pungué para invadirem o districto, e que toda a população pacifica se estava refugiando na serra Gorongosa. Esta noticia atrazou necessariamente a reunião das forças que deviam vir dos pontos ameaçados de invasão, e obrigou o governador a recolher a marchas forçadas a Gouveia para providenciar, por lhe parecer ali a sua presença mais urgente. Á chegada ali a 26, soube que os boatos eram falsos e filhos de malevolas intrigas.

*

Á minha chegada a Mopéa, a 13 de julho, em viagem para a Zambezia, soube por noticias vindas de Sena que o governador de Manica havia só com as poucas forças que levava, e com a artilheria, atacado os rebeldes em Massangano, perdendo a acção e a artilheria, e complicando muito mais a situação. Constou-me tambem, por noticias da mesma proveniencia, que o Gungunhana havia fallecido, e que em consequencia d'isso era de esperar rebentasse em Gaza a guerra civil, da qual nos não podiam provir vantagens algumas. Quando cheguei a Sena, foi, como sempre succede, impossivel descobrir o inventor de taes boatos, os quaes eu, todavia, posto tel-os reputado pelo menos inverosimeis, tive que mandar telegraphar para Lisboa.

*

Em 20 de agosto, estando eu na aringa Castilho, recebi via Gouveia um officio do commandante militar do Aruangoa, de 24 de julho, dizendo ter prevenido as auctoridades em Gouveia de que por noticias vindas do Tica corria estar em movimento uma força de 10:000 vatuas a caminho da Gorongosa para escolherem logar para o regulo vir fixar a sua residencia; diziam outros que a dita força vinha auxiliar a gente vencida do Baroé a rehaver a sua independencia nos territorios que Manuel Antonio de Sousa ha annos lhes usurpára por conquista.

Esta noticia pareceu-me desde logo falsa pelos seguintes motivos:

1.º Porque estava em aberta contraposição com as idéas ordeiras e avançadas que o Gungunhana prometteu sempre ao secretario geral, José Joaquim de Almeida, que haviam de guial-o nas suas relações com o governo portuguez, seu suzerano;

2.º Porque sendo ella verdadeira, e sendo o paiz do Tica muito a montante da foz do Pungué (d'onde a noticia me era enviada), teria esta sem duvida irradiado tambem do Tica para o norte e oeste, com a prodigiosa celeridade com que as noticias correm nos sertões africanos, e teria ha muito chegado aos meus ouvidos, mesmo de uma maneira vaga, quando era certo que nada constava a tal respeito;

3.º Porque tendo o capitão mór Manuel Antonio e o tenente coronel Paiva de Andrada, em viagem de Lisboa, passado em Chiloane a 10 de agosto, isto é, dezesete dias depois d'aquelle em que foi escripto o officio do commandante militar do Aruangoa, teriam certamente tido conhecimento do boato, e não podiam deixar de ter expedido portadores expressos pelo interior a Gouveia com grande rapidez, os quaes haveriam tido tempo de chegar a Castilho, onde sabiam que deviam já estar o governador geral da provincia e o governador do districto.

*

Quando no anno passado o governo de Lisboa mandou que o capitão mór de Manica Manuel Antonio de Sousa seguisse para aquella capital, espalhou-se logo no paiz o perverso boato de que o governo procedia assim porque tencionava encarceral-o por toda a vida, ou, pelo menos, deportal-o para a ilha da Madeira, como perigoso á tranquillidade da Zambezia. Esta noticia, que nasceu em Sena e tomou corpo com muita insistencia, chegou a ser acreditada por todos os pretos e pelos principaes brancos d'aquellas partes, affirmando-se-me que o proprio capitão mór quando embarcou ía realmente receioso do que podesse acontecer-lhe.

Esta insidia produziu logo os seus naturaes effeitos, especialmente depois que a gente dependente do capitão mór começou a achar exagerada a demora que elle já tinha tido em Portugal. Os laços de cohesão disciplinar que uniam os sipaes entre si e aos diversos chefes de guerra, começaram naturalmente a afrouxar, e cada um d'elles a julgar-se livre das obrigações que por diversas fórmas havia contrahido com o capitão mór. O resultado foi encontrar o governador de Manica uma certa difficuldade quando de principio mandou congregar forças, a qual haveria sido muito maior se o dito governador não tivesse já no districto de Manica uma solida e valiosa influencia pessoal, que contrabalançou e mallogrou até certo ponto as intrigas vis que tinham sido postas em circulação.

Este estado de cousas não cessou, porém, completamente senão quando o capitão mór desembarcou de novo em Quelimane, seguiu pelo Zambeze acima, e foi com a sua presença desmentindo as infames e calumniosas intrigas.

Antes da sua chegada ter constado, estava justamente o rebelde Chimolamba ou Chincupete com uma porção de gente de guerra no limite occidental do prazo Goengue ameaçando invadil-o, como acabava de o fazer no prazo Mahembe, depois da prisão do Chiuta, seu irmão; e só desistiu da ameaça e recolheu a Massangano, quando soube que Manuel Antonio estava de volta e podia atravessar o rio com gente sua, e castigar-lhe a insolencia.

*

Direi ainda, finalmente, que em 23 de agosto, por cartas recebidas de Mopéa em Castilho, e baseadas em noticias trazidas do Natal no vapor *Lion,* chegado ao Inhamissengo poucos dias antes, me constou a lugubre noticia da morte de Sua Magestade El-Rei, noticia que felizmente se viu depois ser destituida do minimo fundamento.

Por todos estes exemplos se vê a febre que na Zambezia existiu sempre de desvirtuar a verdade e de semear a calumnia, a qual muitas vezes

desorganisa e frustra os planos mais bem combinados, e põe em perigo a tranquillidade do paiz, a segurança do seu commercio e agricultura, e a propria autonomia do nome portuguez; e uma vez estabelecida a confusão e a anarchia, os auctores ou fomentadores das calumnias tripudiam sobre as ruinas que causaram, e exploram a situação como melhor lhes convem.

VI

ARMAMENTOS E MUNIÇÕES

Em geral os sipaes que entram em guerra levam armas suas; mas póde acontecer haver alguns que as não tenham ou que as tenham em mau estado, sendo n'esses casos necessario armal-os o governo convenientemente. As munições são sempre dadas pelo governo.

A gente do districto de Manica que entrou n'esta campanha, ou, mais propriamente, a gente dos prazos em que o capitão mór Manuel Antonio de Sousa tem ha muitos annos exercido influencia, por ser n'elles arrematante da cobrança do mussoco, usa principalmente de armas de fuzil ordinarias.

A gente do districto de Tete, que obedece ao capitão mór de Chicoa, Ignacio de Jesus Xavier, e aos outros capitães móres e moradores influentes, tambem arrendatarios de prazos, como em toda a Zambezia gostam intitular-se os arrematantes da cobrança do mussoco, usa de preferencia armas de espoleta com braçadeiras de ferro.

Todo o preto gosta de possuir uma arma e de que lhe chamem sipae ou homem de guerra, e n'isso apenas cifra a sua vaidade guerreira, muito embora seja, como muitas vezes acontece, um cobarde ou não saiba fazer pontaria, como acontece quasi sempre. Por este motivo, e ainda por costumarem quasi todos os pretos esconder e roubar muita da polvora e balas que se lhes distribue, o que não é possivel evitar-se, não admira que o consumo de munições seja sempre grande, e fosse principalmente n'esta campanha, pela longa duração que teve, excepcionalmente exorbitante.

Apenas rebentou esta ultima rebellião na Zambezia, foi pelo governador do districto de Quelimane ordenada, e por mim confirmada logo em seguida, a prohibição de despacho de armas e polvora n'aquelle porto. Depois que cheguei á Zambezia, ordenei tambem aos commandantes militares de Mopéa, Sena e Goengue, que impedissem que as armas e polvora de particulares existentes em deposito na area das suas respectivas jurisdicções, fossem d'ali transportadas para qualquer outra parte. Alem d'isto determinei tambem ao commandante militar do Goengue, que estabelecesse postos de vigia com dois ou tres soldados, em cada uma das ilhas que dominam em toda a largura do Zambeze os seus diversos canaes, entre a aringa D. Maria Pia e Castilho, a fim de que se evitasse o transporte clandestino de armas e munições para cima, e a vinda de quaesquer emissarios disfarçados dos rebeldes, rio abaixo, em busca d'esses artigos.

O principal deposito de material de guerra era na aringa Castilho, onde no principio estabeleci o meu quartel general, e que pela sua posição era a base das linhas de communicação e o centro de todos os correios. Era d'ali que eu requisitava munições ao commandante militar de Sena, ao commandante militar do Goengue, ao encarregado do negociante José Pereira de Carvalho, ao deposito do tenente coronel Paiva de Andrada e ao negociante Francisco Antonio Dulio Ribeiro em Anquase; e era d'ali que expedia esses artigos para os nossos acampamentos de Massangano, Nhancoma e Catondo, e tambem para Melange no Goengue. Os transportes eram feitos á cabeça de pretos, ou em embarcações de Sena para Castilho, e á cabeça de pretos d'ali para cima. Depois de occupada a Lupata com a aringa Maria Luiza, fizeram-se fluvialmente os transportes até ali.

Depois de ter chegado ao Inhamissengo o tenente coronel Paiva de Andrada, chefe de uma importante commissão aos sertões da provincia, acompanhado de varios officiaes e de um valioso material de guerra composto de artilheria Hotchkiss e respectivas munições, foguetes de guerra, armas Kropatchek, Snider e Enfield, e munições abundantes para ellas, etc., etc., escreveu-me do Maruru, annunciando-me a sua proxima chegada, pondo á minha disposição todo o material de que eu podesse carecer, e promettendo-me que brevemente se encontraria commigo, pois desejava avistar-se com os capitães móres de Manica e Chicoa, com cujo auxilio contava para a sua expedição.

A 31 de agosto chegava com effeito á aringa Castilho aquelle distincto official, dizendo-me que de perto era seguido pelo annunciado material, de que eu podia lançar mão.

Das armas Snider, Enfield e Kropatchek, chegaram com effeito algumas a Sena, vindo d'ali para Castilho a meu pedido trezentas das primeiras, trezentas das segundas e oito das ultimas, bem como munições em

quantidade sufficiente. Quanto aos foguetes e ás peças Hotchkiss nunca appareceram no Zambeze até mesmo ao fim da guerra, devido á grande confusão e falta de ordem que parecia reinar em tudo que dizia respeito á expedição. As armas Snider, de que muitas estavam em mau estado, não chegaram a ser empregadas, por não conhecerem os pretos o seu manejo; duzentas e cincoenta foram em 28 de outubro por mim enviadas para o Chire a requisição do capitão tenente da armada Antonio Maria Cardoso, chefe da missão civilisadora do lago Nyassa. As armas Enfield foram quasi todas distribuidas á expedição commandada pelo doutor juiz de direito da comarca de Tete na Lupata; e com excepção de algumas que vinham já deterioradas, fizeram bom serviço. As armas Kropatchek, que serviam só para uso dos chefes brancos em Massangano e Nhancoma, posto que excessivamente pesadas, fizeram optimo serviço quando assentes sobre os parapeitos das aringas, pela sua grande precisão e alcance.

Todas as armas Enfield que foram novamente entregues em Castilho a 9 de dezembro, as quinhentas armas Snider em mau estado, e as Kropatchek e munições restantes, devem ter sido depois recebidas ali pelo tenente Francisco Maria Victor Cordon, a quem de Anquasi em 10 officiei dando essa ordem.

Foi muito para lastimar que nem a artilheria Hotchkiss, nem os foguetes apparecessem, não porque elles fossem essenciaes ao bom exito da campanha, mas porque teriam determinado muito mais rapidamente o desfecho d'aquella longa e fastidiosa lucta; a artilheria Hotchkiss, pela grande facilidade no seu transporte, torna-se muito apreciavel; e os foguetes, por serem uma arma desconhecida aos indigenas, haviam de necessariamente ter-lhes produzido um assombroso effeito.

A artilheria que entrou n'esta guerra foi: uma peça de bronze raiada (systema francez) de campanha, de $0^m,08$, de carregar pela bôca, pertencente ao districto de Tete, e duas peças raiadas (Hotchkiss, pertencentes ao districto de Manica.

A peça de bronze de Tete, que veiu com mais onze de Portugal no transporte *Africa* em 1887, é uma excellente arma pelo seu alcance e precisão, e pelas dimensões e effeitos dos projecteis que lança, mas é muito pesada e de difficil transporte. O material que veiu de Portugal para todas ellas era em diminuta quantidade, de modo que a quota parte que coube a esta, que esteve em Nhancoma desde 14 de setembro até final, era relativamente pequena, visto como uma parte havia já sido consumida no ataque da aringa do Pindirire em Mazumba em principio de junho. Suppri comtudo, em parte, esta falta mandando vir de Sena e Quelimane mais material, principalmente granadas e as respectivas espoletas, pertencentes a peças iguaes que existem em Massingire e Boror.

Depois de chegar a Moçambique, já requisitei para o ministerio da marinha uma grande porção de material para todas as doze peças de $0^m,08$

que existem distribuidas na provincia, sendo duas em Tete e duas na Matibana, e uma em cada um dos seguintes pontos: Moginquale, Massingire, Inharrime, Lourenço Marques, Aruangua, Boror, Tungue e Mussuril.

As peças Hotchkiss que existem na provincia, no districto de Manica, desde 1884, são extremamente portateis, de bastante alcance e de grande precisão, têem já sido muito experimentadas nas guerras do Rupire em 1886, de Massangano em 1887, e n'esta nova de Massangano em 1888, e estão muito acreditadas pelo terror que a sua fama tem incútido nos sertões da Zambezia. Infelizmente as suas munições, principalmente granadas, acabaram de todo, estando as ultimas, pela sua velhice, ou talvez pelo seu mau acondicionamento, em estado de não fazerem explosão. Já requisitei para as quatro que o districto possue uma grande porção de material, requisitando mais quatro peças iguaes, das quaes duas destino ao districto de Manica e duas ao de Tete.

Para podermos de prompto resolver convenientemente as questões com os potentados ou rebeldes indigenas, ou para as evitar de todo, o que é muito melhor, e certamente acontecerá quando elles conheçam e respeitem a nossa força, carecemos de boa artilheria e armamentos com as munições correspondentes, bons officiaes energicos, mas prudentes, á testa da administração dos districtos e dos commandos militares, soldados em numero sufficiente e disciplinados, correios rapidos, telegraphos e vapores. Quando isto se realisar, o que não é nada impossivel, nem sequer difficil ou muito despendioso, veremos aquella vasta e feracissima região em plena paz, a sua agricultura desenvolvendo-se rapidamente e o seu commercio multiplicando-se prodigiosamente e trazendo ás alfandegas da costa em Quelimane e no Inhamissengo opulentas receitas.

VII

MANTIMENTOS

O abastecimento de generos alimenticios para as nossas forças em campanha foi sempre uma das mais graves e sérias preoccupações, e uma das cousas que mais estiveram para comprometter e arriscar o bom exito.

Na guerra de 1887 havia-se o governo apoderado de grandes porções de mantimentos existentes nas aringas que aos rebeldes foram então tomadas ao longo do Muira, e nas povoações de bitongas em Inhaquiro e Inhamigare. Estes mantimentos, que consistiam principalmente em mapira (milho miudo) e pouco feijão, estavam armazenados em grandes quituras, ou encanastrados cylindricos de verga, revestidos de uma delgada camada de barro interiormente, para lhes vedar os intersticios, tudo abrigado com cobertura conica de palha igual ás das palhotas, ou em casas quadrangulares maiores, que continham duas e tres quituras. Algumas d'estas quituras tinham a capacidade de 600 a 1000 panjas e outras eram menores. Cada panja regula em média por 26 litros. Só as aringas de Castilho, Mafunda e Inhacafura deram mais de 15:000 panjas.

No principio das operações, e emquanto as forças se reuniram na aringa de Secan Muensi no Inhamigare, íam comendo o mantimento existente na dita aringa e na de Mijui em Inhaquiro. Quando marcharam para Chicorongo, onde existiam povoações grandes abandonadas pelos rebeldes, encontraram quituras com mais mantimentos, das quaes algumas estavam enterradas para disfarce, e eram só descobertas por meio de furos de sonda praticados com as varetas das armas. Depois de ter o grosso das forças do

districto de Manica chegado ás proximidades de Massangano, onde se fez o acampamento permanente depois de 7 de setembro, continuaram a ser abastecidas com mantimentos trazidos de Chicorongo. Mais tarde eram estes mandados das aringas do Muira em quiçapos de cerca de 1 panja aos hombros ou á cabeça de sipaes de guerra enviados expressamente para esse fim do acampamento, ou de colonos desarmados, quando era possivel encontral-os, o que nem sempre succedia.

Em algumas das aringas do Muira, e principalmente na de Mafunda, e tambem na minha, havia algum mantimento pertencente ao capitão mór Manuel Antonio de Sousa, proveniente da parte do mussoco por elle cobrado no grande prazo Chiramba ou Tambara. Esse mantimento foi bisarramente posto á minha disposição para as urgencias da guerra, e consumido em remessas para o acampamento de Massangano, para ser mais tarde indemnisado.

Inda antes de se ter acabado todo o mantimento das aringas do Muira, o qual se ía reservando para ser remettido por via fluvial pelo Zambeze para Massangano, quando o rio estivesse desimpedido, foi necessario mandar vir mantimentos da Buza, de Marôa, M'seca e outros pontos do interior nas margens do Pompoé e ainda mais longe. Estas longas jornadas, que demoravam sete, oito e dez dias, e empregavam muitos centos de homens, davam comtudo um pequenissimo resultado apreciavel, pois que sendo necessario alimentar em marcha os carregadores, ía-se n'essas rações diarias, ou poço (como se lhes chama na Zambezia), quasi todo o mantimento, tendo-se os carregadores alem d'isso fatigado inutilmente.

Mandei tambem vir mantimento de Anqueza, embarcado em almadias alugadas, mas infelizmente em pequena quantidade, por ter faltado aos seus compromissos o então pseudo-arrendatario do prazo Zacharias Henriques Ferrão; e mandei-o tambem comprar em Anquase no prazo Goengue, a um cafumo ou grande de D. Luiza Michaela da Cruz, a qual mais tarde deu ordem para nenhum mais ser vendido ao governo! Estas escassas fontes de receitas davam pouquissimo, e não faziam senão aggravar a situação, extenuando gente que estava fazendo muita falta nos acampamentos, e que assim, mal alimentada, ia perdendo o animo, adoecia e desertava a pouco e pouco, ou se retirava sob o minimo pretexto para as suas povoações.

As forças dos acampamentos do lado de Tete, em Catondo e Nhancoma, eram abastecidas com mantimentos vindos de Tete, emquanto elles duraram, por preços que ao governo saíram exorbitantes. Mais tarde foi necessario mandar vir mantimento do interior do Cachomba, perto da Caroabaça; mas como a jornada era longuissima, e como um cabo que de Tete foi encarregado d'essa diligencia adoeceu em caminho e teve que demorar-se, e veiu mesmo a morrer, todo o mantimento foi consumido pelos carregadores.

Chegou, portanto, a final a ser absolutamente impossivel abastecer de mantimentos as nossas forças em campanha, não só por estar o paiz completamente exhausto em uma larga zona em volta do theatro da guerra, mas tambem por não haver meios faceis de transporte por terra e por agua. Se tivessemos tido no Zambeze alguns pequenos vapores apropriados e de fundo chato, armados com uma metralhadora, protegida com um escudo de chapa de ferro, teriamos sem difficuldade transportado mantimentos da Chemba, de Sena e de outras partes, percorrendo sem medo o Zambeze, e levando-os a Massangano. Só com os resultados que se haveriam colhido n'esta campanha, estariam os ditos vapores mais que pagos, tendo alem d'isso afastado como absurda e impossivel, a idéa sinistra que por vezes nos assaltou, a mim e a todos, de um imminente e novo desastre para as nossas armas! Felizmente que esse desastre se não deu; mas não seja isso motivo para que deixem de vir vapores proprios, porque na Zambezia ha ainda muito que fazer.

Quando nos nossos acampamentos deixou de haver possibilidade de fazer a farinha, que, cozinhada em massa, constitue quasi que a exclusiva alimentação dos pretos, appareceram bastantes casos de dysenteria, algumas vezes facil de debellar com o emprego do laudano, mas muitas vezes tambem fatal. Em certos casos eram os doentes mandados tratar-se no conforto de suas familias nas respectivas povoações; mas em outros, a enorme distancia e o seu estado de enfraquecimento impedia este meio de tratamento.

Com o decorrer da campanha, e á medida que foram sendo aprisionadas mulheres fugitivas dos rebeldes, estas circumstancias foram sendo modificadas um pouco; e se por um lado as mulheres tambem comiam, e diminuiam conseguintemente os nossos recursos, por outro ajudavam os misteres domesticos, pilando o milho e transformando-o em farinha, cortando lenha, carregando agua, cozinhando, etc., etc.

Nos ultimos tempos, quando os mantimentos regulares começaram a escassear seriamente, foi necessario lançar mão de outros recursos, e buscar nos fructos silvestres o meio de saciar a fome; as folhas e os fructos do baobab, o mitondo, no fim da campanha ainda não maturado, as mangas colhidas nos prazos da margem esquerda do Zambeze, etc., constituiram, com outras plantas comestiveis, a exclusiva alimentação dos nossos sipaes, a qual era, ainda assim, insufficiente e pobre.

N'essas occasiões, e quando era necessario ir procurar longe o mantimento para as forças, andavam em média n'estas diligencias cerca de mil e quinhentas pessoas, o que representava um consideravel desfalque no pessoal combatente, já sensivelmente enfraquecido e reduzido pelas doenças, pelas mortes e pelas deserções. A falta de vigor physico proveniente da má comida abatia a força moral, tornava pouco ousados alguns dos mais valentes, e verdadeiramente pusillanimes outros que o não eram.

VIII

AS PRIMEIRAS HOSTILIDADES

Depois de se ter considerado terminada a guerra de 1887, e de terem debandado as nossas principaes forças, não julgou o tenente coronel Paiva de Andrada, que superiormente inspirou os ultimos actos da campanha, necessario conservar guarnecida Massangano, ainda mesmo com forças irregulares de Manica ou Tete, como aliás parecia talvez de conveniencia a qualquer pessoa de menos boa fé e menos crente na sinceridade e arrependimentos de pretos.

Á sua chegada a Moçambique, interrogando-o eu a esse respeito, disse-me aquelle distincto official que Massangano não tinha importancia estrategica, e não precisava de defeza, sem que eu, que não conhecia *de visu* aquella parte do Zambeze, podesse combater a sua asserção e determinar outras providencias.

Mais tarde, depois de me achar eu já na Zambezia chamado pela nova rebellião, reconhecendo evidentemente os maus resultados d'aquella omissão, interroguei sobre o assumpto o capitão mór de Manica Manuel Antonio de Sousa, companheiro e auxiliar de Paiva de Andrada em toda a campanha (documento E), recebendo d'elle a resposta que eu esperava, e que era tambem a expressão das opiniões do governador de Manica e de outros (documento F).

Em consequencia d'esse modo de pensar do tenente coronel Paiva de Andrada, — que foi mais facilmente posto em execução do que outro que exigisse uma occupação mais vigilante e effectiva, e que mesmo áquelles

que porventura d'elle discordassem no fundo, pareceu perfeitamente acceitavel na occasião em que todos julgavam, pelo menos temporariamente, assegurada a paz da Zambezia, — a região comprehendida entre os rios Luenha e Fize, isto é, justamente a parte que mais directamente havia tanto tempo estado sob a influencia dos rebeldes de Massangano, ficou apenas defendida e vigiada por dois capitães do capitão mór Manuel Antonio de Sousa. D'estes capitães, aliás valentissimos, o Guba ficou habitando a povoação de Mazumba, no prazo Inhacatipoé, na margem direita do Luenha, e o Camba ficou em Inhamapovoé, na margem esquerda do Inhaduze, não longe das primeiras ondulações dos contrafortes da serra Nhamarongo. Qualquer d'estas povoações está situada longe do Zambeze, e não podiam, portanto, os ditos capitães evitar um golpe de mão que os rebeldes meditassem fazer sobre Massangano ou outro ponto marginal. Alem d'isso as duas povoações não eram fortificadas por aringas, nem defendidas por guarnições muito numerosas, nem ao menos apoiadas sobre quaesquer outros pontos estrategicos fortes e de confiança, de onde, em caso de urgencia immediata, podesse vir-lhes soccorro.

Motontora, que sabia bem tudo isto, e que depois de ter infamemente atraiçoado seu irmão Chatara, entregando-o amarrado ao governador de Tete, fôra acclamado successor do dito irmão na butaca, começou desde logo a reunir os elementos de uma vasta conspiração contra o governo. Comprehendia elle perfeitamente que as margens do Zambeze estavam por nós desguarnecidas, e como elle havia retirado de Massangano para a margem esquerda, levando toda a sua polvora e armamento, e havia já adquirido mais meios de resistencia e a gente necessaria, que sempre apparece para emprezas d'esta natureza, completou muito á sua vontade o seu tenebroso plano de rebellião, de concerto com seus irmãos.

Poucos dias antes de 23 de maio, que elle fixou para atravessar de Matadza para Massangano, mandou elle uma forte expedição para surprehender Guba em Mazumba; e quasi immediatamente outra para surprehender Camba em Inhamapovoé. A primeira era commandada por Catemaringe, sobrinho do grande Pindirire, e a segunda pelo proprio Muchenga, irmão do Motontora. Catemaringe, que conhecia a valentia de Guba, mas que presumia com rasão que elle nada podia saber da conspiração, resolveu servir-se de um bem pensado estratagema. N'esse sentido desarmou um dos seus proprios companheiros, amarrou-lhe as mãos nas costas, collocou-lhe uma grande forquilha de madeira ao pescoço, rasgou-lhe os pannos, enlameou-o, encheu-o de manchas similhantes a contusões, e fel-o depois caminhar bem em evidencia na frente da sua força, convenientemente escoltado como se fôra um grande criminoso, que ía constantemente sendo apupado e insultado! O artificio produziu o desejado resultado, porque Guba viu approximar-se-lhe a força que conduzia o preso, sem tomar a minima precaução.

Quando chegaram á falla, Catemaringe apresentou-se respeitosa e amigavelmente ao Guba, dizendo-lhe que vinha ali entregar aquelle grande scelerado, auctor de diversas atrocidades imaginarias que elle narrou, para que Guba o mandasse entregar ao governador de Tete. Entretanto, e emquanto os sequazes de Catemaringe se dispersavam em apparente indifferença, foram tomando as convenientes posições para um assalto á povoação, e assegurando-se de que a resistencia, que porventura em uma ultima extremidade lhes oppozessem, seria sem duvida debil.

Quando tudo se achou bem disposto, caíram todos inesperadamente sobre o Guba e seus companheiros, matando-o a elle e a mais oito, e assenhorearam-se da povoação sem difficuldade. Este acontecimento teve logar a 21 de maio, e foi n'esse mesmo ponto que logo em seguida o Pindirire construiu a sua aringa, que mais tarde veiu a ser atacada e tomada pelas forças do governador de Tete, e onde aquelle valente e prestigioso caudilho dos rebeldes achou sua morte com mais de cem companheiros seus! Ficou assim bem vingada a morte de Guba.

A expedição de Muchenga contra o Camba foi mais infeliz, porque tendo este tido noticia da conspiração, ou talvez mesmo do desastre succedido ao mallogrado Guba, tomou as suas precauções, e quando os inimigos se lhe apresentaram conseguiu pôl-os em debandada, amarrando, todavia, o Muchenga e um filho d'elle, a quem decepou as cabeças.

Receiando Camba, porém, que os rebeldes quizessem tomar desforço e vingar a morte de Muchenga, e achando-se mal defendido em Inhamapovoé, povoação aberta e indefeza, queimou esta e retirou-se para Inhamigare, não longe d'ali, fortificando-se com uma aringa na povoação do chefe bitonga Secan Muensi.

Quasi ao mesmo tempo, em 23 de maio, succedia no Zambeze o primeiro roubo praticado por gente revoltosa contra o commercio licito. O negociante José Pereira de Carvalho, que seguia com sua mulher pelo Zambeze acima para a villa de Tete, levando uma factura de mais de 40:000$000 réis em muitas almadias, atracára descuidosamente n'esse dia na ilha de Moçambique na Lupata, para fazer o almoço, quando se viu subitamente atacado por descargas de ambas as margens. Houve logo uma grande confusão; a maioria das almadias voltou pelo rio abaixo á maior pressa, mas duas d'ellas, cujos tripulantes se lançaram ao rio e morreram afogados ou fugiram, caíram, depois de abandonadas, em poder dos inimigos.

Estava, portanto, a Zambezia novamente, e sem um novo pretexto, revoltada; o commercio e a navegação fluvial interceptados, e o prestigio do governo amesquinhado e escarnecido, como ha perto de trinta annos tinha succedido sempre; e isto não obstante as emphaticas affirmações por mim feitas ao governo oito mezes antes, de que a butaca dos Bongas ficára aniquilada, de que a Zambezia ficava franca ao commercio, e de

que reinava o socego em todo o paiz! A hydra de cem cabeças da insurreição levantava-se de todos os lados mais audaz, mais forte e mais bem preparada do que d'antes, e tudo fazia antever um novo estado de cousas tanto mais assustador, quanto fôramos nós d'esta vez que aggrediramos os inimigos, suppondo tel-os esmagado para sempre.

Estavam definidos os papeis que os dois antagonistas representavam, e o Motontora acceitava deliberada e corajosamente o seu, lançando um insolente repto ao governo.

Estas noticias chegaram ao meu conhecimento em 22 de junho pelo paquete da mala vindo de Quelimane; e sendo confirmadas e desenvolvidas depois por um navio de véla vindo de Quelimane e chegado a Moçambique a 3 de julho, foram immediatamente communicadas ao ex.mo ministro nas referidas datas, e determinaram a minha resolução de partir em um navio de guerra para Quelimane, e seguir d'ali para a Zambezia, para ver as cousas por meus proprios olhos, e buscar o mais efficaz remedio para o mal que nos ameaçava.

A noticia da conclusão da guerra de 1887 havia sido annunciada por toda a parte com tanto estrondo, que mais necessario se tornava um castigo severo e exemplarissimo. Alem d'isso alguns estrangeiros começavam a questionar a nossa dominação effectiva e soberana no Zambeze para alem do Zumbo; e se vissem que nem tinhamos força para manter a ordem abaixo de Tete, mais atrevidos se tornariam nos seus manejos e pouco leaes processos. No Chire acontecia outro tanto, e por isso o governo se achava constituido na rigorosa obrigação de esmagar de uma vez para sempre a insurreição do Motontora, para mostrar que sabia fazer-se respeitar, e que o podia e queria, para decoro do seu bom nome e das suas tradições, para desaggravo da civilisação e para exemplo a outros.

IX

NARRAÇÃO GERAL DAS OPERAÇÕES

Logo que o Motontora se revoltou contra a auctoridade do governo em maio de 1888, e que occupou Massangano e Mazumba, onde levantou aringas, resolveu o governador do districto de Tete castigal-o severamente, desolojal-o dos pontos occupados, restabelecer a ordem e abrir novamente o Zambeze á navegação e ao commercio.

N'este sentido partiu para o Luenha com uma importante força, para bater o Pindiriri em Mazumba, e tendo conseguido isto, não sem grande esforço, depois de alguns dias de fogo vivo, e de importantes perdas infligidas ao inimigo, veiu pelo Luenha abaixo até Massangano, onde infelizmente foi batido e destroçado pelos rebeldes, em 21 de junho. As causas d'este desastre, que foram mandadas averiguar minuciosamente em Tete por uma commissão de officiaes, como consta de um dos documentos annexos, estão quanto a mim pouco bem explicadas. O que é certo é que os inimigos, que conseguiram essa façanha, ficaram naturalmente ensoberbecidos com a sua victoria, o que era mau para nós, e possuidores de abundantes munições abandonadas pelos nossos no Tope, o que era muito peior.

O governador de Manica, que já tinha noticia da nova insurreição, e que estava a caminho do theatro dos acontecimentos com duas peças Hotchkiss, teve em Chivuri conhecimento do desastre; e tendo recebido, quasi ao mesmo tempo, da Gorongoza noticias gravissimas ácerca de projectadas invasões de vatuas nos prazos a elle sujeitos, resolveu recolher ali a toda a pressa, deixando, todavia, as peças em Chivuri. E, para que a

rebellião se não espalhasse muito pelo paiz, e não viesse a alastrar até ao Muira, e pela sua margem direita pelo Zambeze abaixo, resolveu, de accordo com os principaes grandes, chefes de forças, conservar um cordão de aringas, que constituissem um largo cerco, todas bem guarnecidas, e communicando-se entre si, de modo a impedir as possiveis e provaveis correrias dos rebeldes.

Estas aringas foram, por sua ordem de baixo para cima, e aproveitando os pontos importantes já conhecidos, as seguintes: a antiga aringa do Gande no Tembué, na confluencia do Muira, hoje denominada Castilho; a que fôra do Mochenga em Mafunda, margem direita do Muira; aquella onde estivera o Chincupete em Inhacafura ainda não longe do Muira; a de Tera, que fôra do Fukiza na falda da serra Nhamarongo e junto ás nascentes do rio Fize; a de Mijui, no Inhaquiro; a do chefe bitonga Secan Muensi no Inhamigare, margem esquerda do Inhaduze; e finalmente a de Mazumba, ha pouco conquistada ao Pindiriri.

Depois da minha chegada a Sena a 21 de julho, mandei chamar ali o governador de Manica, que ainda não tornára a partir da Gorongoza, e depois de conferenciar com elle sobre as cousas da guerra, segui a 1 de agosto rio acima para a antiga aringa do Gande, emquanto elle seguia por terra, para ir reunindo na sua passagem a gente que lhe fosse possivel. A 6 encontravamo-nos na aringa do Gande (ou Castilho), indo ambos depois em 11 em visita ás aringas de Mafunda e Inhacafura, de onde elle partiu a 13 para Chivuri, regressando eu a Castilho, onde estabeleci provisoriamente o meu quartel general.

A 16 chegou o governador, com a artilheria e a força, que já tinha podido reunir, á aringa de Secan Muensi no Inhamigare, onde estava vigiando o grande capitão Camba do capitão mór Manuel Antonio de Sousa. Secan Muensi era um regulo ou chefe bitonga, que, subordinado aos de Massangano, governava no Inhamigare. Na guerra de 1887 não tiveram as nossas forças, na sua marcha ao longo dò Luenha, da antiga aringa do Pindiriri no prazo Tanda para Massangano, necessidade de ir bater o Inhamigare, por isso que o povo com o seu chefe Secan Muensi demoliram a sua aringa, e submetteram-se espontaneamente ao governo. Tendo-se, porém, o Motontora novamente sublevado, Secan Muensi e seus outros irmãos Nhacarigoe e Bôco, conservaram-se fieis a nós; emquanto outros irmãos, de nome Macupe, Chassiquiça, Chiguta e Cassamba, preferiram lançar-se em aventuras novas, e foram com suas familias para Massangano. Macupe, que era ambicioso, e pretendia depor o irmão Secan Muensi, para governar elle o paiz sob as ordens do Motontora, obteve facilmente o apoio moral e material d'este, junto de quem fez valer os seus pretendidos direitos, e por este motivo foi esta aringa o primeiro e principal alvo das hostilidades dos rebeldes.

Quando ali chegou o governador de Manica em 16 com as suas peças,

acabava o Camba de defender-se de um vigorosissimo ataque em massa feito pelos rebeldes, que, ao passo que queriam esmagar o Secan Muensi, e recompensar a adhesão do Macupe, queriam tambem romper o cerco e invadir o paiz para o sul. Constava mais, que brevemente voltariam os rebeldes com mais força; e não sei qual teria sido o resultado, caso o Camba continuasse só.

A aringa de Secan Muensi foi o ponto escolhido para praso dado de todas as nossas forças, e onde o governador de Manica se conservou até 3 de setembro, com pessima e insufficiente agua. Foi ali que o capitão mór de Manica Manuel Antonio de Sousa o foi encontrar em 23 de agosto, depois de vir de Lisboa a toda a pressa, e de ter subido de Quelimane a Castilho a marchas forçadas.

Depois da debandada das forças do districto de Tete em 21 de junho, ficaram estas desmoralisadas, e foi difficilimo reunil-as de novo, não para atacar Massangano, mas ao menos para impedir uma invasão no districto de Tete, e conservar guarnecidas a margem esquerda do Luenha e a do Zambeze. O governador de Tete, comtudo, que queria com rasão impedir que os rebeldes de Massangano tivessem communicação com a margem opposta, e que confiava na lealdade do Chiuta, residente em Mahembe, mandou ordem a este para construir uma aringa em um ponto conveniente do Sungo, indo assistir a este serviço um cabo de caçadores n.º 5 e alguns sipaes.

Constando-me, todavia, de varias fontes, que o Chiuta não merecia confiança, e dizendo-se-me que elle estava com effeito coadjuvando a construcção da aringa do Sungo, para depois se fortificar dentro d'ella e declarar-se abertamente rebelde na margem esquerda, entendi que, no caso de duvida, valia mais praticar-se uma arbitrariedade temporaria, a qual depois seria annullada se fosse reconhecida immerecida, do que persistir eu nos erros que em outros havia criticado, e continuar com a nossa tradicional longanimidade e philanthropia deslocada. Em consequencia d'isto mandei chamar o Chiuta á minha presença em Castilho, e não me tendo satisfeito as respostas por elle dadas, prendi-o provisoriamente, e mandei-o amarrado para a villa de Sena. O futuro veiu a demonstrar-me que, não só eu não fôra injusto nas minhas apreciações, mas que o Chiuta era um traidor ao governo, um espião que os de Massangano tinham, a coberto das suas boas relações comnosco, e um intermediario entre sua irmã D. Luiza, em Quelimane, e o Motontora, que o fornecia com as munições e mantimentos de que carecia.

Ao mesmo tempo que o Chiuta vinha ao meu chamamento a Castilho, apenas acompanhado de 12 homens de armas, marchava de Massangano para Mahembe uma força de 200 homens, para o levarem preso para a aringa do Motontora, por terem igualmente desconfiado de que elle lhes não era tambem absolutamente leal, e servia talvez mais os seus proprios

fins, do que a causa dos irmãos. Essa expedição, que era commandada pelo muzungo Canhenze, filho do Bonga, tendo reconhecido que eu me havia antecipado, confiscou todo o gado e mantimento que encontrou, e recolheu a Massangano com o despojo.

Pouco antes d'estes acontecimentos, tendo os rebeldes tido conhecimento da minha vinda ao Zambeze, e sabendo que nos preparavamos a batel-os, mandaram em 9 de agosto á presença do governador de Tete, que era a auctoridade que tinham mais proxima, uma embaixada, composta do grande Camesotche e de mais tres, fazendo os mais submissos protestos de obediencia, comtanto que immediatamente dispersassemos as nossas forças, obrigando-se elles em seguida a demolir a sua aringa. Esta embaixada levava como seu salvo-conducto, a bandeira portugueza que as forças de Tete haviam deixado no Tope em 21 de junho. Da embaixada, tres ficaram na prisão de Tete, violando-se assim um pouco o *direito das gentes,* e o quarto foi mandado para Massangano, sem a bandeira, para dizer ao Motontora, que se elle e os outros muzungos queriam com effeito a paz, começassem previamente por se apresentarem pessoalmente na villa, onde o assumpto seria tratado directamente, e onde se lhes garantia a vida. Esta resposta, que lhes fez claramente ver a nossa decidida determinação, fel-os mudar de rumo e adoptar uma attitude de resistencia tenaz e desesperada, que mantiveram no seu maior auge até ao fim.

As forças do districto de Manica sob as ordens do governador e capitão mór, constavam approximadamente de uns 3:000 homens sob o commando dos diversos chefes de guerra Macaningombe, Camba, Cambuembua, Uriri, Faua, Gandonga, Terere, Magaço, Ganagulué e ainda outros de menor nomeada. A demora em Secan Muensi foi maior do que se esperava e do que era conveniente, por desejar o capitão mór que chegasse uma gente de Nhangona na Chemba, que o tem acompanhado em outras guerras, e que parece ser optima e bellicosa. Não sendo, porém, possivel espaçar mais a partida para Chicorongo, não só por causa da insufficiente quantidade e má qualidade da agua no Inhamigare, mas tambem pelo mau effeito que produz em forças numerosas conserval-as inactivas muitos dias, resolveu-se seguir o plano marcado, ficando as forças da Chemba de ir ter com o grosso da columna onde ella se encontrasse. Esta extraordinaria demora foi causada pelo insidioso boato que alguem mal intencionado fez correr nos sertões, dizendo que o governador e Manuel Antonio haviam desistido da campanha, recolhendo á sua casa de Massanga este, e a Sena aquelle! Ouvindo isto, as forças que já estavam em movimento dispersaram-se, sendo depois difficilimo congregal-as novamente.

A ordem de marcha de Secan Muensi para Chicorongo no dia 3 de setembro ás tres horas, pouco mais ao menos, foi a seguinte: a guarda avançada sob o commando superior do Macaningombe, o grosso da columna, em que ia o governador e o capitão mór, bem como a artilheria, e a guarda

da retaguarda, que partiu da aringa de Tera sob o commando do grande Magaço. Este Magaço é um homem precioso em todas as expedições, não tanto pelas suas qualidades marciaes, como principalmente pela sua grande energia, pericia e actividade na questão da construcção de chitatas ou sonzoros e na de abrigos, e em todas as funcções da economia interna dos acampamentos.

A marcha para Chicorongo, por um caminho cheio de mato, fez-se com todas as cautelas, mas sem maior novidade. A guarda avançada é que teve um encontro com uma força do inimigo, que tinha previsto este nosso movimento, e viera esperal-a nas immediações do ponto do nosso destino; travou-se lucta em que os rebeldes não levaram a melhor, e quando elles pretendiam recolher para Massangano, foi-lhes cortada a retirada pelo capitão Camba que os perseguiu até ao Zambeze, onde ainda uns trinta morreram afogados.

Em Chicorongo construiu-se uma chitata junto a uma poça de agua infecta, onde, por modo nenhum podia convir fazer-se grande demora. Em 5 foi o governador de Manica com um troço de homens e uma peça Hotchkiss fazer um reconhecimento junto a Nhamarongo, na margem do Zambeze em frente da aringa de Nhamapacaça, recolhendo no mesmo dia ao acampamento com a convicção de que não era possivel destruil-a com tão fracos elementos.

Em 6 avançaram as forças para Tinta, junto á margem do Zambeze, uns cincoenta minutos apenas de marcha a jusante da aringa inimiga. Improvisou-se ali rapidamente uma boa chitata quadrada, onde pela primeira vez a nossa gente exultou com grande abundancia de optima agua.

N'essa occasião não podiamos ainda suppor que os rebeldes nos haviam de oppor uma grande resistencia, apparecendo-lhes nós com tão numerosa e boa força. Em 7 de setembro avançou a columna toda ao longo da margem em direcção a Massangano, com idéa de se fortificar em um ponto mais proximo do inimigo, e talvez tambem com a esperança de que se podesse no mesmo dia tomar a aringa e destruir o inimigo. Esta parte do paiz estava cheia de macieiras espinhosas e emmaranhadas que interceptavam a vista do horisonte e difficultavam o andamento da gente armada e principalmente a dos carregadores de bagagens. Na frente de tudo íam imprudente ou impensadamente os brancos com a artilheria. Os rebeldes, porém, que, talvez do alto da serra Bacampembzué e a coberto das penedias, viram ao longe a marcha da columna, tomaram as suas precauções, estenderam-se em atiradores em bastante força pelas faldas d'ella agachados no mato e esperaram-nos. De repente, em uma clareirasinha, já sob os primeiros contrafortes da serra, avista-se a poucas dezenas de metros a paliçada da aringa do Motontora! Seguiu-se um momento de verdadeiro panico entre os nossos: os rebeldes tentaram, com um movimento envolvente, impedir que os brancos e a artilheria retrogradassem;

nos nossos pretos estabeleceu-se uma grande confusão, muitos fugiram, e principalmente a maior parte dos carregadores que foi parar em Tera!

Foi n'esta occasião que os serviços do Magaço foram preciosos: com a gente da retaguarda que elle impediu de fugir, foi rapidamente cortando madeira e improvisando uma chitata junto a um sulco profundo, que no inverno dá vasão ás aguas que vem do Tope e da depressão entre a aringa e a serra. A pouca força que ficou com os brancos foi recuando fazendo sempre fogo, a artilheria pôde de vez em quando fazer um ou outro tiro de lanterneta, e depois de uma ou duas horas angustiosissimas, e em que corremos imminente perigo de um novo e grandissimo desastre, conseguiu a nossa força chegar junto á paliçada que o Magaço tinha já bastante adiantada, e por detrás da qual achou algum abrigo e creou alma nova. Os rebeldes foram depois fustigados com bastantes perdas, e os nossos consideraram-se salvos.

No dia immediato, antes de ter sido possivel concluir todo o perimetro da nossa fortificação, voltaram em massa e furiosamente os de Massangano a atacar-nos, certos de que se não conseguissem desalojar-nos e derrotar-nos emquanto não estivessemos fortificados de todo, nunca o conseguiriam depois. N'essa occasião já as peças Hotchkiss podiam trabalhar á vontade; e os inimigos, depois de um vigorosissimo ataque, em campo já mais rareado com o corte das macieiras para a construcção de abrigos, tiveram de retirar com bastantes perdas. Ficámos ainda vencedores, mas estavamos sendo atacados em vez de atacantes, sitiados em vez de sitiantes, e adquiria-se a convicção de que as forças do inimigo eram numerosas, bem providas de munições, atrevidissimas, e bem commandadas. Convencemo-nos de que a campanha seria mais demorada do que a principio se suppunha, e tratámos então de nos fortificar com cuidado.

Em 11 apresentou-se ao governador de Manica o capitão mór de Chicôa, Ignacio de Jesus Xavier, com 400 homens, os quaes até ao fim das operações estiveram sempre addidos á columna de Manica. Entretanto o governador de Tete conseguia, não sem grande difficuldade, reunir novamente mais alguma gente do seu districto, e ía tratando de guarnecer a margem esquerda do Luenha no Marango, e a esquerda do Zambeze no Domoé. A gente de Tete estava, porém, tão desanimada com a derrota que soffrêra em 21 de junho, que só a custo se reunia e vinha vindo para os acampamentos. O que era preciso era cercar a aringa inimiga de longe, ir apertando o cerco quanto possivel fosse, para depois lhe dar o assalto ou reduzir os seus defensores pela fome.

N'este intuito, na noite de 13 improvisava a gente de Manica uma chitata muito mais avançada para o lado da do inimigo, tendo nos dois dias anteriores cortado a lenha necessaria. Os rebeldes, que se viam assim muito mais incommodados e com os seus movimentos mais tolhidos, quizeram tentar um novo esforço para nos sacudirem, e em 16 deram ataque geral

ás nossas chitatas, mas foram tão vivamente repellidos que se retiraram para a aringa, deixando o campo coberto de rastos de sangue, e mesmo alguns cadaveres que não poderam carregar, e tendo certamente perdido as esperanças de nos desalojarem d'ali. As nossas posições podiam já reputar-se inexpugnaveis.

Em 19, depois de muitas instancias e diligencias, conseguia-se que a gente de Tete atravessasse o Luenha e viesse apertar mais o cerco, fortificando-se em uma boa chitata no Catondo sob o commando do valente muzungo Gregorio; e em 27 avançava o capitão mór de Tete João Martins uma chitata para o prazo Nhancoma, mesmo em frente da aringa inimiga, e estabelecia uma peça raiada de bronze de $0^m,08$, que começou a bombardear os rebeldes de uma fórma terrivel. N'esse mesmo dia tentava o governador de Manica atacar a serra, sem resultado decisivo, mas conseguindo matar bastantes rebeldes.

Por esta occasião já a fome lavrava surdamente em Massangano, onde, em consequencia d'isso, começavam as deserções, principalmente entre mulheres e creanças, mas tambem entre os bitongas dominados pelos rebeldes, e até ali contidos pelo terror dos castigos. O mantimento armazenado na aringa ía acabando, as remessas de fóra, principalmente do Sungo, eram escassas, e os velhos e outros inuteis para a guerra começavam a ser abandonados á sua sorte cruel. A artilheria Hotchkiss e a peça de Nhancoma faziam todos os dias uma horrorosa destruição, mas não conseguiam ainda fazer com que os muzungos se entregassem, poisque elles bem sabiam que a lucta de parte a parte era desesperada, e que provavelmente nós lhes não dariamos quartel.

Em 28 de agosto uma furiosa trovoada, desencadeando-se com medonha impetuosidade sobre os nossos acampamentos, levou pelos ares todos os abrigos, havendo uma immensa difficuldade para salvar as munições de uma completa destruição. N'essa triste tarde toda a nossa gente, inclusive os brancos, ficou exposta durante horas a uma chuva torrencial desconsoladora.

Em 3 de outubro foi decidido pelos governadores de Manica e Tete, dar-se um ataque geral á serra. As cousas correram bem, e a serra foi tomada, mas não pôde infelizmente ser conservada por não terem os nossos sipaes munições sufficientes, e serem obrigados por isso a abandonarem as suas posições. Em todo o caso soffreram os nossos contrarios n'esse dia grandes perdas, morrendo-lhes entre outros o muzungo Canhenze, filho do Bonga, e o grande Camesotche que em principio de agosto fôra enviado a Tete.

Em 5 cheguei eu a Massangano, para ver de mais perto o estado das cousas, e combinar com os governadores de Tete e de Manica, com os capitães móres de Manica, Chicôa, Tete e outros chefes de forças, brancos e pretos, o melhor alvitre para se terminar aquella já muito longa e enfa-

donha campanha. A nossa gente estava toda cansada, com uma alimentação insufficiente, e tinha perdido o enthusiasmo do primeiro impeto; tinham apparecido numerosos casos de dysenteria, e a força moral de todos estava visivelmente abatida pela tenaz e desesperada resistencia dos contrarios; e se este estado de cousas se aggravasse um pouco mais, era muito para receiar um novo desastre, cujas desgraçadas consequencias a ninguem era dado prever! A minha presença nos acampamentos produziu um grande bem: animei a todos: levantei o seu moral; exaltei os brios patrioticos dos brancos; e expliquei aos pretos a grande vantagem para elles de se fazer um heroico esforço para terminar com gloria aquella porfiada lucta, a fim de que todos podessem ir para as suas povoações tratar das suas colimas e socegar as mulheres; suffoquei algumas pequeninas dissenções que entre alguns brancos começavam a gerar-se, e que entregues a si mesmas poderiam, porventura, destruir a harmonia geral, e dissolver os laços que a todos ainda continham unidos.

Querendo-se aproveitar a minha presença para dar novo ataque á serra Bacampembzué, distribuiram-se munições e combinou-se marchar sobre ella na madrugada de 6. Os rebeldes, que previram, porém, a nossa intenção, tinham guarnecido os pontos mais estrategicos, e logo que rompeu o tiroteio tiveram a fortuna de matar o preto Terere, um dos principaes capitães das forças de Manica! Bastou este facto para fazer acobardar e retirar a nossa gente. Da gente do Catondo que atacou simultaneamente perdemos dois homens, que foram pelos rebeldes agarrados vivos, por descuido seu, e a quem n'essa tarde elles cortaram as cabeças ao lugubre rufar do *biribiri,* para depois as espetarem nos paus do lado que olha para o Catondo!

A esse tempo já os rebeldes bebiam agua com grande difficuldade. Uma pequena chitata situada n'uma ilheta de areia em frente da aringa, impedia-os de chegarem livremente ao curso do Zambeze, que diante da aringa passava então a mais de 800 metros de distancia. Só de noite escura é que algum mais atrevido conseguia ir dessedentar-se; apenas em um pequeno charco infecto esverdeado e nauseabundo, situado junto ao extremo sueste da aringa, é que elles íam buscar alguma panella de agua com menos perigo. Ainda assim as vigias collocadas nas *sanzas* da nossa chitata avançada faziam-lhes uma caçada horrivel, encontrando nós depois alguns cadaveres caídos dentro do charco, cuja agua corrupta elles haviam bebido!

Na noite de 8 para 9 de outubro fizemos dois movimentos muito ousados. Da chitata avançada lançou-se, a coberto da escuridão, um baluarte em direcção á serra, e a chitata da ilheta foi transportada para o proprio areial em frente da porta da aringa. Se podessemos ter conservado esse ponto estrategico importantissimo, teria n'esse mesmo dia terminado a campanha pela impossibilidade absoluta em que a gente do Motontora

estaria de ir buscar agua. Não succedeu infelizmente assim. Quando clareou o dia e que os inimigos viram que estavam completamente perdidos, fizeram saír uma força de uns 300 homens talvez, a maioria dos quaes com arcos e flechas, e foram a descoberto e sem a minima trepidação tomar a nossa pequena chitata da agua, cuja guarnição de 60 ou 70 homens se defendeu emquanto pôde, tendo por fim de evacuar e abandonar o ponto, que ficou perdido! Do nosso acampamento principal presenciámos este desastre, e não obstante as instancias e ameaças que todos os brancos empregámos para fazer saír 400 homens resolutos, nada conseguimos. Se isso tivesse sido possivel e se os nossos tivessem andado ligeiros, poderiam ter cortado a retirada aos rebeldes e impellil-os até ao Zambeze, onde se afogariam miseravelmente. Ainda assim, ao passo que n'esse dia nós apenas tivemos um homem ferido n'um braço, sem gravidade, os contrarios perderam 11 homens, entre os quaes o seu grande Camunga. O grande Mutundumura, o maior chefe de guerra que elles tinham depois de morto o Pindiriri, foi n'esse dia mal ferido em um quadril, mas escapou.

Vendo o Motontora que a sua situação se ía cada vez tornando mais critica, e querendo buscar um alliado entre os regulos proximos, mandou entregar sua sobrinha D. Eugenia (filha do Bonga) ao Mutoco, pedindo-lhe que viesse em seu auxilio, ou que pelo menos atacasse o Rupire para distrahir as nossas attenções e as nossas forças. Mutoco, porém, não annuiu ao pedido; mas não querendo recusar tudo, foi ficando com a D. Eugenia, e mandou dizer ao Motontora que se a guerra fosse propriamente do Manuel Antonio, de quem elle era inimigo, o mandaria auxiliar; como, porém, era do Rei, com quem elle não queria indisposições, nada lhe mandaria.

Estava provado que, não obstante o enfraquecimento physico e moral a que os rebeldes tinham chegado pelas privações, pelas continuadas deserções e pela falta de alliados, os nossos não pareciam estar mais animados, e se sentiam completamente incapazes de qualquer acto arrojado aggressivo. Deviamos, portanto, limitar-nos a conservar as posições que tinhamos, e a redobrar a vigilancia do serviço de patrulhas que se tinha já estabelecido, e cujas caçadas íam sempre produzindo resultados apreciaveis. O que era entretanto indispensavel era impedir as communicações entre Massangano e o Sungo, de onde ainda vinha algum resto de mantimento, abrir o Zambeze á navegação, e facilitar assim os unicos meios que nos restavam para o transporte de mantimentos e munições de grandes distancias para as nossas forças em operações.

Com esse fim fui eu proprio ao Goengue, fiado nas promessas que em Quelimane me haviam por Antonio Lopes sido feitas ácerca da leal attitude da gente d'aquelle prazo, a qual, segundo elle me affirmou officialmente, recebêra com effeito ordem para pegar em armas ao meu mando, e entrar em operações como eu determinasse. O que Antonio Lopes me não disse,

talvez porque o ignorasse, é que, ao passo que essas instrucções eram por elle assim mandadas ostensivamente, sua mulher D. Luiza, irmã do Chiuta e do Motontora, mandava secretamente prevenir os seus grandes Cangarra, Thomás e Patricio, para que não coadjuvassem a causa do governo, e fossem sempre illudindo as auctoridades com promessas e delongas interminaveis.

Foi por este motivo que uma primeira expedição organisada pelo commandante militar do Goengue, e que partiu do rio Mijova em 18 de setembro para bater e limpar o Sungo e destruir a aringa de Nhamapacaça, nem sequer passou alem de Mahembe, onde esteve descansando dois dias, e de onde retirou pretextando falta de mantimentos! Foi ainda por este motivo que uma segunda expedição, organisada á minha vista e por minha iniciativa pessoal com incriveis difficuldades, e visivel má vontade da parte dos grandes, fartamente municiada e provida de mantimentos, chegou apenas ao leito pedregoso do riacho Mucomase, limite dos prazos Mahembe e Sungo, e depois de algum tiroteio com gente nas alturas da serra, fugiu miseravelmente em debandada para o Mijova, deixando quasi compromettido o tenente Francisco José Lopes Pereira que a acompanhava, e que teve que vir de noite, a pé, por horriveis caminhos, extenuado e faminto! Foi por este mesmo motivo finalmente, que em 11 de novembro seguia uma terceira expedição organisada pelo negociante de Tete Francisco Antonio Dulio Ribeiro, no Goengue, a meu pedido, com intenção de ir bater o Sungo, e sobretudo de levar mantimentos ao posto de Nhancoma, não conseguindo passar alem do Mahembe, onde o dito Dulio Ribeiro teve evidentes provas da infame traição da gente de D. Luiza! Mais tarde o proprio Cangarra confessou ingenuamente o doble papel que aquella senhora estava havia muito tempo representando junto do governo, e desmascarou-a completamente. Já me não era preciso isso para eu tomar a resolução, que a ninguem communiquei senão muito mais tarde, de prender aquella senhora negra, que ha tantos annos andava gosando de uma consideração e contemplação que não merecia.

Os governadores de Manica e de Tete, quizeram tambem de Nhancoma mandar uma expedição ao Sungo em 17, mas não conseguiram vencer a repugnancia e horror dos pretos.

Sabendo os rebeldes do mallogro das duas expedições mandadas ao Sungo, e do nosso gradual e visivel abatimento, julgaram poder recomeçar a sua carreira de rapinagens, e como já não tinham que comer, mandaram algumas pequenas expedições de verdadeiros ratoneiros aos prazos das vizinhanças de Tete, apanhar algum gado miudo e mantimento que fosse encontrado. Estas correrias, em que os ladrões nem sempre conseguiram levar comsigo os objectos roubados, por serem de perto perseguidos, sobresaltaram no emtanto aquelles dos nossos sipaes que tinham suas familias nos referidos prazos e em outros proximos, e deram causa a algu-

mas deserções, que augmentaram ainda depois da grande catastrophe da Makanga a 21 de outubro.

Tendo chegado as cousas a esta, para nós, gravissima extremidade, resolvi acceitar o brioso offerecimento dos serviços do dr. Antonio de Sá Malheiro, juiz de direito da comarca de Tete, e foi decidido ir-se occupar um ponto da Lupata na serra Nhamarongo, para buscar impedir as communicações dos rebeldes entre Massangano e o Sungo, e para estabelecer patrulhas activas na serra, e até Marura e Inhaquasi, as quaes, pondo-se em communicação com as dos nossos acampamentos de Massangano, fizessem caçadas constantes aos fugitivos e os exterminassem sem piedade. A expedição do dr. Malheiro partiu de Castilho para a Lupata em 18 de outubro com uns cento e tantos homens todos voluntarios, indo estabelecer-se em 26 n'um bom ponto, acima um pouco da foz do Fize, quasi defronte da povoação do Gunde no rio Lurera, e onde nos dias subsequentes se lhe foi juntando mais gente até ao numero de cerca de 300 homens. Este posto, que se fortificou com uma boa chitata, e que veiu a denominar-se Maria Luiza, incutiu um tal horror nos inimigos, pela activa perseguição com que as suas patrulhas desencantavam os fugitivos na serra, na planicie e nas praias, que a sua estrella já vacillante começou visivelmente a impallidecer. Ha quem affirme que depois de estabelecido na Lupata o juiz de Tete, nunca mais foi aos do Sungo possivel passarem um bago de mantimento para Massangano; mas o que é certo é que as patrulhas d'este nosso acampamento e dos outros andavam tão vigilantes e activas n'esta guerra de guerrilhas e de emboscadas que, em pouco mais de um mez, conseguiram matar alguns centos de fugitivos inimigos, como ainda hoje se póde verificar pelo espantoso numero de cadaveres que juncam aquelles campos e praias onde infelizmente jazem mutilados e insepultos!

Dos acampamentos da gente de Tete tambem eram feitas grandes correrias, succedendo em 6 a gente do Catondo aprisionar de uma vez mais de 50 mulheres em uma povoação esquecida do prazo Massangano, onde os homens todos foram mortos.

Em 10 de novembro, pelo meio da tarde, aconteceu na chitata avançada da gente de Manica um terrivel desastre, o qual não teve, todavia, as consequencias que poderia ter tido: por um descuido facil de succeder, em um logar onde as ramadas de abrigo eram tão numerosas e contiguas, pegou o fogo accidentalmente em uma d'ellas, e transmittindo-se rapidamente ás outras, em breve incendiou toda a chitata. Os sipaes que a guarneciam fugiram para a do governador de Manica, e se não fossem as ordens terminantes e o exemplo do referido governador, e de um soldado de artilheria, que conseguiram levar comsigo alguns pretos para o ponto em perigo, teriamos perdido uma das peças Hotchkiss, que os rebeldes já queriam levar, mas que lhes foi facilmente retomada. Com o trabalho d'essa noite e do dia seguinte ficou reconstruida outra chitata 70 metros adiante da

precedente. Esse nosso atrevido movimento, bem executado, apenas a 400 metros do inimigo e em pleno dia, mostrou, melhor do que qualquer outra prova, que o animo dos sequazes do Motontora já não estava para grandes emprezas.

Em 6 de novembro, considerando-se franca a navegação do Zambeze desde baixo até á aringa Maria Luiza na Lupata, por causa da presença da gente do juiz de Tete, que continha no devido respeito o Gunde, seguia de Castilho um grande comboio de munições e mantimentos em nove almadias acompanhadas por mim em um escaler. Ficaram assim d'ali em diante muito facilitados os transportes com Massangano, os quaes só tinham que seguir a via terrestre de Maria Luiza para cima.

De Maria Luiza segui para Massangano, e depois de combinar com os governadores de Tete e Manica a maneira de acabarmos com a guerra o mais rapidamente possivel, segui para Tete, para visitar aquella villa, que não conhecia, informar-me pessoalmente das circumstancias que occasionaram e acompanharam o desastre da Makanga, procurar certos apontamentos nos archivos, e dispor as cousas para um proximo severo castigo a dar aos insurgentes da Makanga. Foram mandados 45 soldados, unicos disponiveis de caçadores n.º 5, para Massangano, para dar força moral aos nossos sipaes, e por ser licito esperar-se que com as armas Snider fizessem melhor serviço do que outros tantos pretos mal armados.

Em 25 estava eu de volta em Massangano, combinando-se tudo da melhor maneira para um ataque geral á serra Bacampempbzué em 27. Em 26, vespera do grande dia, fui visitar todos os acampamentos da gente de Tete, e exaltar com proclamações adequadas o brio de todos. Em Nhancoma, no Marango e no Catondo fui recebido com verdadeiro enthusiasmo. Distribuiram-se munições e dispoz-se tudo.

Quando ainda mal vinha clareando a madrugada de 27, já se achavam na crista meridional da serra as forças dos capitães móres de Manica e Chicôa em numero não superior a uns 700 homens, achando-se pelo lado opposto ou noroeste a gente de Tete com parte do destacamento de caçadores n.º 5. Ao signal convencionado de um tiro de peça dado na aringa de Nhancoma, rompeu um vivissimo fogo sobre a aringa inimiga. De um dos altos miradouros da nossa chitata avançada, onde eu me achava com o governador de Manica e o negociante Curado de Campos, e de onde faziamos fogo com as armas de precisão, o espectaculo era imponente e magestoso: o troar das descargas bem nutridas, a algazarra dos pretos enthusiasmados, o sibilar de varias balas por cima e proximo das nossas cabeças, o cheiro da polvora, produziam uma sensação extraordinaria, de apprehensão a principio, a qual se foi a pouco e pouco convertendo em grande esperança, e finalmente em certeza de um exito completo. Um incidente inesperado e muito para lamentar esteve, porém, para comprometter tudo desde o principio: quando no crepusculo da manhã chegava ao alto

da serra, junto aos penedos do seu mais alto pincaro a força de Tete com o musungo Gregorio á sua frente, sáe-lhe da parte de trás das pedras um tiro quasi á queima roupa, dado pelo proprio Chimolamba, que estendeu o pobre rapaz com uma coxa partida junto ao quadril. A gente que elle commandava confundiu-se, houve um panico, que se ía communicando á gente de Manica, a qual teria certamente debandado, se não tivesse por detrás de si e muito perto Manuel Antonio e Ignacio que os contiveram e fizeram voltar para a frente. Estivemos para perder o dia, mas em breve cada um entrou na ordem e cumpriu bem o seu dever.

Da serra e da nossa chitata avançada partia um bem aturado fogo para dentro da aringa. Parte da gente de Tete avançou do Catondo para o Tope, onde construiu uma nova chitata mesmo debaixo do fogo, e d'ali ainda, uma linha de mais ousados atiradores, veiu levantar um pedaço de sonzoro em frente da face noroeste da aringa, a poucas dezenas de metros d'ella, e de onde era fuzilado qualquer inimigo que se atrevia a apparecer. Pelo lado do areal, tambem a nossa gente, que gradualmente se foi enthusiasmando e aquecendo com a feição favoravel que as cousas foram tomando, destacava um troço de atiradores que, a coberto apenas de um velho escaler abandonado em secco a meio do areal, fez um fogo terrivel. Durante o dia visitei debaixo de fogo o novo acampamento do Tope, e animei todos para que terminassem o que tão bem parecia ir correndo.

Na noite sem lua que se seguiu a este bello dia, caíram grossas torrentes de chuva, que impediram aos nossos de conservarem as suas posições. Muitos inimigos aproveitaram estas circumstancias para fugirem. Na madrugada de 28, porém, foram reoccupados pelos nossos todos os pontos tomados na vespera, construindo os capitães móres de Manica e Chicôa, na encosta interior da serra, uma chitata para abrigo d'elles e da sua gente. Em todo esse dia continuou o tiroteio, já menos forte, e pouco ou quasi nada correspondido pelos rebeldes. Na madrugada de 29, continuando a chover torrencialmente, entravamos todos na grande aringa de Massangano que fôra do Motontora, e de onde elle acabava de se evadir com seu irmão Chincupete protegidos pelo escuro da noite.

O aspecto interior da aringa era desolador: muitos centos de palhotas pequenas, redondas, quasi todas descobertas por causa dos incendios, estavam abandonadas por todos os lados; a maior parte d'ellas, principalmente as que estavam mais expostas ao fogo das nossas peças de Manica e Nhancoma, tinham covas ao centro, onde se precipitavam os seus habitantes ao sibilar da metralha, e onde muitas vezes vieram a ficar sepultados e mortos; do lado mais exposto tinham algumas das palhotas taludes de terra para as defender dos tiros, e nas anfractuosidades de pedras onde se abriam grutas mais abrigadas, notavam-se cinzas quentes, esteiras, panellas e outros vestigios de recentes habitantes. Por todos os lados se encontravam cadaveres insepultos e corruptos, viam-se moribundos, agoni-

santes, de ambos os sexos e de todas as idades, incluindo mesmo creanças recemnascidas, jazendo no chão desfeitas em choro! De um ou de outro ponto partia ainda algum tiro desgarrado, com que, n'um ultimo arranco de rebellião, pretendiam mimosear-nos, e um dos quaes varou ainda a mão de um sipae. Os auctores d'estes ultimos e esporadicos actos de hostilidade, que só tinham tido forças para desfechar a arma, pagavam logo, acto continuo com a vida, a golpes de machado a sua audacia! O ar que por toda a parte se respirava estava impregnado de um fetido de podridão nauseabundo que tornava aquelle ponto por muito tempo inhabitavel.

Estava finalmente tomada e occupada por forças do governo portuguez a grande aringa de Massangano e os seus audazes rebeldes esmagados, creio que para sempre. Ás seis horas da manhã nas casas arruinadas que haviam sido do Bonga, tomava eu posse solemne d'aquella aringa, onde, ha mais de trinta annos, e sob o dominio de diversos potentados haviamos sempre sido derrotados vergonhosamente. N'esse momento, arvorei a bandeira portugueza, que foi enthusiasticamente saudada por todos os presentes, que eram os governadores de Tete e de Manica, os capitães móres de Manica, Chicôa e Tete, os negociantes José Pereira de Carvalho, José Curado de Campos e Francisco Marques, as praças brancas da guarnição de Manica, as de caçadores n.º 5 de Tete, e alguns dos principaes chefes pretos das nossas forças. Agradeci a todos com vivo reconhecimento, em nome do governo de Sua Magestade, o grandissimo serviço para que todos com tão boa vontade acabavam de concorrer, e entreguei provisoriamente ao governador de Tete a guarda d'aquelle ponto, onde deveria ser levantado um forte denominado «Princeza Amelia».

Os nossos sipaes saquearam tudo quanto encontraram com algum prestimo, e deram muitos tiros de regosijo e enthusiasmo.

Pouco depois seguia para Inhaquasi uma numerosa patrulha no encalço dos fugitivos, a qual, juntamente com as da aringa Maria Luiza, fizeram n'elles uma horrorosa mortandade. Parece certo que o proprio Chincupete ou Chimolamba, alem de um tiro que na serra levou em um braço, foi atravessado por uma bala das costas para o peito. O Motontora estava gravemente ferido desde 21 de junho, e parece ter-se escapado em uma almadia.

Esta nossa victoria de Massangano está muito longe de ter merecido o nome de gloriosa. O que, porém, posso affirmar, sem receio de ser desmentido, é que com forças irregulares, indisciplinadas, sem consciencia de sentimentos patrioticos, e com deficientissima alimentação, mórmente nos ultimos dias, nunca o poderia ter sido. Foi, em todo o caso, uma victoria decisiva e efficaz, com a qual se poz termo á guerra mais mortifera de que no Zambeze ha memoria, acabando com uma vergonha chronica que trazia abatido o brio nacional, e sem se ter gasto o que com algumas outras guerras se gastou para só se obterem desastrosos resultados.

Se os rebeldes da familia Cruz não ficaram completa e absolutamente exterminados em toda a extensão da palavra, devem, pelo menos, ter perdido a vontade de tornar a insurgir-se contra a auctoridade do governo, se este souber e quizer aproveitar as circumstancias favoraveis que se lhe offerecem para firmar em bases solidas e permanentes o seu dominio na Zambezia.

X

CONCLUSÃO

Parece-me ter, nos precedentes capitulos d'este relatorio, exposto com a necessaria individuação tudo que se refere á ultima campanha, de todas a unica completa e decisiva contra os rebeldes de Massangano. Antes, porém, de largar a penna, entendo dever dizer a minha opinião franca e desassombrada sobre o que nos convem ainda fazer para consolidar o que está feito, e para, das actuaes favoraveis circumstancias, tirarmos todo o possivel e mais proveitoso partido.

O conhecimento que adquiri da provincia de Moçambique, por um estudo directo e quasi consecutivo nos ultimos vinte e oito annos, o conhecimento especial que tenho da Zambezia ha quinze annos, e, mais que tudo, a parte de iniciativa que me coube nas ultimas guerras de 1887 e 1888, constituem-me na rigorosa obrigação de dizer toda a verdade, muito embora tenha a certeza de que discorda das minhas opiniões o governo da metropole em questões essencialissimas, e de que por consequencia algumas das minhas idéas não serão postas em execução. Segundo o meu modo de ver é preciso o seguinte:

1.º Tomar o governo, quanto antes, conta da administração de todos os prazos dos districtos da Zambezia, não se deixando mais tempo influenciar por informações insidiosas, interesseiras e falsas. É só assim que a sua auctoridade soberana, directa, beneficente e justa, poderá ser sentida pelos habitantes do paiz, que transitarão rapidamente da condição servil em que ainda hoje jazem, para a de liberdade completa, como a entendeu o insigne

estadista que referendou o decreto de 29 de abril de 1875. É só assim que o commercio de permutações poderá fazer-se sem as peias vexatorias com que hoje o embaraçam os chamados arrendatarios. É só assim que o governo poderá arrecadar os grossos cabedaes com que hoje se locupletam os sibaritas pequenos e grandes potentados, que têem á farta explorado aquella fonte de receitas, de que só o governo é o legitimo usufructuario. É só assim que o governo poderá organisar ensacas de sipaes seus para a manutenção da ordem em geral, e para suffocar as rebelliões, onde quer que ellas venham a surgir. É só assim que poderemos dar a necessaria e justa protecção aos agricultores grandes e pequenos ao longo das feracissimas margens do grande rio e nos paizes adjacentes, e que lhes permittiremos tirar da terra a riqueza que ella encerra, e que, trazida aos portos do litoral, elevará em breve trecho a algarismos prodigiosos as receitas das alfandegas. A experiencia dos ultimos dois annos completos, mostrando á evidencia o regimen de ordem que foi inaugurado nos poucos prazos da corôa onde a administração directa do governo se faz já sentir, está naturalmente confirmando a utilidade do grande passo dado no caminho da civilisação, e torna evidente a absoluta indispensabilidade de se generalisar esta providencia a todos os outros prazos. É só assim, finalmente, que poderemos mostrar aos muitos estrangeiros que percorrem hoje a Zambezia, e que nol-a cobiçam, que somos um governo forte, que póde e quer administrar directamente aquillo que é seu, mostrando ao mesmo tempo que sabemos concorrer com um vigoroso e honesto esforço para levantar á sua devida altura o nosso imperio africano, como outras nações, com menos titulos nobiliarchicos do que a portugueza, estão pressurosamente pretendendo fazel-o em outros pontos do grande continente.

2.º Que o governo seja muito escrupuloso nas nomeações dos individuos a quem incumbir a administração dos prazos, e que crie uma repartição de fiscalisação geral d'este serviço. Os administradores deveriam, sendo possivel, ter o curso de agronomia, e forcejar por introduzir no paiz a cultura de plantas novas uteis, como ultimamente se tem feito com a do coqueiro anão de Pemba, da urtiga branca, da baunilha, etc., deveriam induzir os pretos colonos dos prazos a cultivar e a tirar o util partido de taes plantas, e ainda de outras, bem como a plantarem arvores fructiferas indigenas ou já conhecidas, taes como a mangueira, o cajueiro, a laranjeira, o limoeiro, o caféseiro, etc. Ao passo que os pretos fossem comprehendendo o valor que assim iria adquirindo o seu torrão, perderiam gradualmente os habitos de vida nomada que hoje têem, fixar-se-íam á terra, e tornar-se-íam naturalmente ordeiros e productores.

3.º Que o governo possua no Zambeze alguns pequenos barcos a vapor de pequeno calado de agua, tripulados por gente de marinha, armados com uma peça Hotchkiss e uma calha de foguetes, munidos com um apparelho de luz electrica, e podendo, em caso de necessidade, dar reboque

a lanchas de carga, mediante uma modica tarifa que se estabelecesse. Estes vapores deveriam ter como propulsor uma roda a ré, susceptivel de se levantar ou abaixar por causa dos frequentes encalhes, e deveriam ter as grelhas das fornalhas dispostas de modo a poderem queimar lenha.

4.° Estabelecer no Inhamissengo, ou antes no porto de Mitahone, no Chinde, uma pequena officina de machinas para reparação dos vapores, com um plano inclinado para os pôr em secco e beneficiar, tudo dirigido por um machinista da armada.

5.° Dar-se á construcção da rede telegraphica da Zambezia todo o incremento possivel, levando a linha que já hoje chega a Mopéa a atravessar o Zambeze, seguindo um ramal para o Inhamissengo e Chinde, e indo a linha principal pela Chupanga, Sena, Pitta, Castilho, Lupata e Massangano, até á villa de Tete, com ramaes de Sena a Gouveia, de Mopéa para Chimoara, Massingire e Chire, de Tete a Muchena, pelos itinerarios que mais rasoaveis se julgarem.

6.° Dar-se ao caminho de ferro, que foi mandado estudar em Quelimane, uma nova directriz de penetração para o Boror, em vez de o levar quasi marginalmente ao Zambeze, onde elle não é tão necessario.

7.° Estabelecer-se em bases solidas um commando militar no Sungo, talvez no logar denominado Inhacangaïua, o qual teria como dependencia sua um pequeno posto fortificado no Mahembe á saída da Lupata.

8.° Completar-se com urgencia a obra de fortificação que mandei fazer em Massangano, installando ahi tambem um commando militar, que tivesse como dependencia sua o posto fortificado de Maria Luiza em Timba, a montante do riacho Fize na Lupata. Em Massangano deve fazer-se a exhumação dos ossos de todos os fallecidos membros da familia Cruz, e trasladal-os para o cemiterio da villa de Tete, para tirar a quaesquer supersticiosos rebeldes chimericas velleidades da attracção que n'elles exercem aquelles restos, como hoje se affirma que succede.

9.° Elevar quanto antes os direitos na importação de armas e polvora, e difficultar o uso indiscriminado d'estes perigosos artigos, sujeitando o porte de armas a uma licença escripta, passada pelos governadores de districto, ou em seu nome pelos respectivos commandantes militares, e paga pelo individuo a quem se concedesse essa licença. Estas licenças poderiam ser individuaes quando os requerentes fossem conhecidos como ordeiros, ou apresentassem fiador idoneo, ou poderiam abranger um certo numero de individuos quando fossem pedidas por algum branco ou indigena civilisado, com a mira nas caçadas de elephantes, abadas, hippopotamos, etc. N'este caso deveria talvez fazer-se uma equitativa reducção na taxa da licença, comtanto que se limitasse apenas a um certo numero de caçadores, aquelles que cada chefe d'essas expedições poderia armar.

10.° Monopolisar o governo, com muita mais rasão do que o pretende fazer para os tabacos, a venda da polvora, e sujeital-a a todas as possi-

veis cautelas e garantias para a manutenção da ordem e da segurança publica.

11.° Estabelecer um governo de districto com séde na villa do Zumbo, e com a denominação de districto da Africa central, com uma organisação provisoria rudimentar, como a que foi de principio dada ao governo do districto de Manica. Para este novo districto deveria ser escolhido com todo o escrupulo um governador de primeira ordem, muito embora tivessemos de pagar-lhe mais do que a qualquer outro subalterno (exceptuando o de Lourenço Marques). Este novo districto deveria ter, para serviço no Zambeze superior e nos seus grandes affluentes Cafucué e Aruangua do Norte, um ou mais pequenos vapores armados como os do Zambeze inferior.

12.° Fundar no Cachomba, a montante das cachoeiras da Caroabaça no Zambeze um forte commando militar, que tivesse a seu cargo a inspecção das linhas de communicações. Sendo aquelle o ponto em que os transportes deixam de ser terrestres para quem sobe, e passam a ser fluviaes, e vice-versa, está naturalmente indicada a sua grande importancia para o governo e para o commercio. Este commando militar, tão importante como o de Mopéa, deveria depender do governo do districto da Africa central.

13.° Esmagar completamente, como se fez em Massangano, o poder dos rebeldes da Makanga, como penso que o fará o actual governador por mim indicado para o districto de Tete, e a quem deixei instrucções para esse fim. N'essa nova guerra, devemos por todos os meios buscar exterminar a raça de bandidos, que ali ha longos annos tem imperado.

14.° Procurar haver ás mãos os rebeldes de Massangano e da Makanga, mediante premios convidativos. N'esta providencia devem ser abrangidos, não sómente os membros das familias Cruz, Pereira e Mendonça, mas todos os grandes que com elles fizeram causa commum, e que os instigavam a toda a especie de maleficio. Os preços do aprisionamento d'estes sujeitos deveriam variar segundo a relativa importancia politica que elles tivessem. Caso fosse possivel havel-os vivos ás mãos, deveriam ser transportados para ilhas longiquas, parecendo-me deverem para isto ser preferidas as dos Açores, onde, pela preponderancia da raça branca, elles melhor seriam vigiados.

15.° Restabelecer o commando militar da Makanga em Muchena, sobre bases vigorosas e de boa resistencia, e construir ali uma obra de fortificação passageira, como as que ultimamente fiz construir em Natule e Ampapa, na capitania mór de Mossuril em Moçambique, bem protegida por artilheria ligeira e com guarnição de confiança e bem armada.

16.° Estudar e abrir sem demora entre Muchena, na Makanga, e o ponto fronteiro á villa de Tete, uma grosseira estrada á moda das do Transvaal, por onde podessem transitar carros de bois para transporte de generos. Esta estrada deveria ter de espaço a espaço, e ás distancias de marchas ordinarias, quanto possivel, em logar aprazivel e com agua, esta-

ções de descanço, que consistiriam apenas em um barracão para abrigo de gados e mercadorias, e uma ou duas palhotas para os viandantes, tudo guardado por um preto da confiança do governo que ali residiria, e que a pouco e pouco formaria povoação em torno de si.

17.º Convidar, mediante condições animadoras, alguns casaes de açorianos, ou madeirenses a irem estabelecer-se na Makanga e no Zumbo, onde o clima é saluberrimo, e dar-lhes terrenos para cultura, alimentação nos primeiros tempos, abrigo, instrumentos de lavoura, sementes, etc., tudo conforme um regulamento especial, que previamente fosse proposto pelos respectivos governadores e approvado pelo governo.

18.º Acabar gradualmente com as entidades denominadas capitães móres; esses cargos, recaíndo geralmente em individuos do paiz, — já de si poderosos pelo numero de pretos armados seus dependentes, quasi sempre escravisados, que põem em movimento, e que não recebem estipendio, pois contam com a pilhagem, — augmentam ainda consideravelmente a sua importancia individual com a influencia official de que os investem sem remuneração, e instigam-nos a praticar á sombra d'essa auctoridade toda a especie de abusos. N'este sentido já eu dei o primeiro passo, demittindo e não substituindo os antigos capitães móres do Cachomba e de Inhacoe, contra quem recebi em Tete queixas de toda a ordem.

19.º Decretar a nova pauta fiscal proposta para a provincia toda.

20.º Resolver a importante questão da moeda, que está embaraçando seriamente as transacções, especialmente com Portugal.

21.º Resolver por uma vez as condições da navegação dos nossos rios africanos.

. . . .

Muitas outras considerações de diversas ordens poderiam ser feitas ácerca do desenvolvimento e progresso moral e material da Zambezia; mas, — ou são de uma ordem muito superior, e não podem ser tratadas superficialmente e a correr em um modesto trabalho como este relatorio, nem podem ser desde já postas em execução por exigirem ulteriores estudos, — ou são de natureza tão elementar, que constituem para assim dizer o logico complemento do que atrás ficou enunciado.

O que fica dito nem é abstracto nem dispendioso, visto como contém a indicação da maneira de se aproveitarem e engrandecerem as fontes de riqueza já existentes. e de se crearem outras novas, talvez mais caudalosas.

A provincia de Moçambique é, sem contestação alguma, a colonia mais rica da corôa portugueza, mas é tambem aquella onde mais tarde vae raiando a aurora da civilisação, por ser a que menos carinhos e disvelos tem merecido á mãe patria.

A Zambezia é, pela sua vastidão, pela feracidade do seu solo, pelas

suas riquezas mineraes, pela rede de grandes rios que a retalham e que facilitam as communicações, a parte mais importante ou o coração da provincia. Vale, portanto, bem a pena que o governo estude com séria attenção, sem paixões politicas ou pessoaes, sem animosidades mesquinhas e ridiculas, a maneira de a desenvolver.

Tenho pela provincia de Moçambique um grande amor, e deixei-a com immensa saudade. Tenho, porém, como grande consolação o prazer de ver que o meu successor será o capitão de fragata João Antonio de Brissac das Neves Ferreira, homem de grande intelligencia, de longa pratica da administração ultramarina, de muito boa vontade e com as mais honestas intenções. Tenho, portanto, a certeza de que, sob a sua esclarecida administração, poderá progredir a passos largos e seguros o paiz onde deixei o coração e pelo qual sempre me interessarei.

Mar Vermelho, 14 de abril de 1889.

Augusto de Castilho,

Capitão de fragata.

DOCUMENTOS ANNEXOS

DOCUMENTO A

Relatorio do padre João Hiller, vigario de Tete, sobre os acontecimentos precursores da guerra de Massangano em 1888

Copia. — Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. governador geral. — Em resposta ao seu pedido, tenho a honra de expor a v. ex.ª os seguintes apontamentos sobre os acontecimentos da recente guerra em Massangano.

Tendo felizmente acabado a primeira guerra contra Chatara no anno de 1887, os pretos d'este rebelde submetteram-se com toda a promptidão ao governo portuguez, e pareciam cansados com o dominio tyrannico dos antigos senhores, que costumavam tirar-lhes os haveres, as filhas e mesmo a vida por qualquer motivo. Saudavam com enthusiasmo o novo governo, e chegavam os grandes a Tete, pedindo que não fossem os prazos que habitavam arrendados por Motontora e os irmãos d'elle.

N'este sentido, sabendo que eu já tinha arrendado o prazo Cassanha, vieram ter commigo uns quarenta grandes dos prazos Sungo, Nhandôa, Nhangiri, pedindo-me que arrendasse estes prazos para que não caíssem outra vez na mão de um dos musungos de Massangano. Parecia que começava para a Zambezia uma nova era de paz e de socego, e que a estrella do poder dos rebeldes estava a perder o seu esplendor para sempre.

Mas o caracter dos pretos da Zambezia é similhante ao das creanças, sem firmeza e constancia, e nunca se lhe deve dar completa confiança.

Como havia já muito tempo que a missão desejava estabelecer-se nos terrenos do Bonga, julgavamos que emfim tivesse chegado a occasião favoravel e o tempo opportuno de pôr mão á obra, e para facilitar melhor o exito d'esta empreza arrendei alguns prazos, que me pareciam convenientes para esse fim.

Infelizmente por falta de pessoal não se pôde immediatamente principiar este trabalho. Comtudo andei preparando a pouco e pouco os animos d'elles para a nossa futura missão, tratando-os com muita benignidade e liberalidade, e devo acrescentar que era necessario attrahil-os d'este modo, porque tinham padecido e perdido muito, tendo sido a maior parte d'elles espoliados de seus bens e viveres durante a primeira guerra. E a sua confiança e gratidão para comnosco não se desmentiu até agora.

Soube no mez de fevereiro proximo findo as primeiras noticias da revolução pelos pretos dos prazos que tinha arrendado, os quaes me disseram que Motontora com os irmãos d'elle queriam suscitar nova guerra contra nós, e que já tinham mandado um portador para a terra dos landins, ao Chicussi, pedindo-lhe que viesse ajudal-os a tomar posse da margem esquerda do Zambeze; e acres-

centaram tambem que o dito regulo de Massangano tinha mandado mensageiros para Mutoco, implorando auxilio para restabelecer a sua *butaca*. Alem d'isso deram tambem a noticia de que Motontora acabava de construir uma nova aringa no prazo Mataza.

Referi tudo ao governador d'este districto, o qual sem demora mandou um explorador para o prazo Mataza, a saber o que havia de verdadeiro n'esse boato.

Ao voltar, o explorador não pôde dar pormenores muito explicitos; contou sómente ter-lhe o Motontora respondido n'uma conversação: «*Este anno hão de morrer muitos, quem serão eu não sei*».

No dia 29 de março proximo findo foi-me mais por miudo descoberto todo o plano de campanha do Motontora pelos colonos dos prazos Sungo e Nhandôa, e por um filho mesmo do antigo Bonga, chamado Sebastião. Este tinha-se separado do resto dos Bongas, e vivia no prazo Sungo, debaixo da minha protecção.

Disseram-me que logo depois de ter acabado a guerra de 1887 o Motontora começou a tramar novas represalias. Reuniram-se em roda d'elle no prazo Mataza, arrendado por elle, os membros da familia Bonga, cujo numero em irmãos, netos, sobrinhos, etc., excedia, segundo dizem, mais de oitenta pessoas.

Com Chiuta no prazo Mahembe estiveram tres musungos, que não quizeram no principio entrar no partido do Motontora. Mas logo este mandou um portador ao Chiuta com a seguinte ordem: «*Os musungos devem vir para onde está a outra gente, e a polvora antiga trazida da aringa de Massangano deve estar onde está toda familia*».

Chiuta mandou então os tres musungos com a polvora para Mataza. Contaram tambem que um mouro (não se sabe o nome d'elle) tinha vindo para Mataza no intuito de vender a Motontora fazendas, armas, polvora, uma caixa de musica, etc., em troca de marfim, e o restante das dividas devia ser pago por Motontora em cera e amendoim, producto do mussoco dos prazos arrendados por elle. O mouro foi enganado e não recebeu pagamento algum.

Tendo então fazendas e materiaes de guerra, Motontora começou a tratar com os grandes dos varios prazos de Massangano, os quaes não poderam resistir á proposta d'elle, attrahidos pela nova esperança de poderem elles impunemente roubar as embarcações dos negociantes de Tete.

Entre os colonos dos antigos prazos de Massangano já sujeitos á corôa houve alguns grandes que desertaram o partido do governo, e receberam polvora e armas do Motontora.

O tempo destinado para romper as hostilidades foi o tempo do mussoco e da saída presumida do capitão mór de Tete com sua gente armada para o mato.

O celebre Pindiriri foi passear até duas vezes ao Sungo e Mataza, levando comsigo em signal de reboliço o rabo de guerra, e gritava a quem quizesse ouvil-o, que a sua mãe lhe tinha dito que os prazos não seriam perdidos, e que o governo seria esta vez vencido.

Ao saber estas novidades, diligenciei avisar o senhor governador, que em seguida tomou as convenientes medidas, como consta no relatorio d'elle.

No principio de maio, como me disseram outros pretos do Sungo, começaram os rebeldes a fazer as mésinhas, dansas e batucadas como preparos de guerra; e como nos prazos de Massangano não estavam seguros e livres de toda a suspeita, juntaram-se os principaes d'elles, homens e mulheres, na ilha chamada Nhabzuro, na entrada da Lupata, onde fizeram uma dansa solemne com acompanhamento de batuque chamado arungo, em honra da alma de Joaquim da Cruz

Inhaude, antecessor e pae do Bonga. Pretendiam com esta ceremonia evocar a alma do pae d'elles para que os ajudasse n'esta nova guerra contra o governo; facto que lhes deu muito animo e ousadia, chegando até a dizer que a dita alma se lhes tinha mostrado!

Não havendo mais duvida sobre as intenções criminosas dos rebeldes, o senhor governador mandou uma força, cujo fim era apanhar secretamente o chefe da rebellião junto com os irmãos d'elle.

Mas, por desgraça nossa, Motontora estava sciente das medidas tomadas contra elle, e pôde escapar á pesquiza que lhe era dirigida.

N'essa occasião em que a força de Tete tinha ido explorar a terra dos inimigos, no dia 20 de maio de tarde, não tendo conhecimento do que se tinha feito, embarquei, indo visitar o prazo Cassanha e os mais, a fim de escolher uns pontos favoraveis onde podessemos erigir duas pequenas capellas, e tencionava depois ir explorar tambem o Sungo. Receberam-me com grande alvoroço, e rodeado de perto de trezentas pessoas, celebrei o augustissimo sacrificio da missa á sombra de uma grande arvore, e fiz aos pretos uma pratica conforme as circumstancias.

Cumpri o mesmo mister nos outros prazos á satisfação de uma numerosa população.

No dia 23 de maio Motontora, acompanhado dos irmãos d'elle, fugiu de Mataza para Massangano. Foi n'essa occasião que o Camba, um grande de Manuel Antonio, matou no prazo Chigorongo o Muchenga, irmão de Motontora, com seu filho.

Tendo chegado a Massangano, começaram a reconstruir a aringa antiga.

A força que elles tinham ás suas ordens caíu sobre os colonos dos prazos vizinhos, e quem não quiz seguir voluntariamente o Motontora estava exposto á morte, á ruina dos seus bens, e á escravidão. D'est'arte reuniram-se em pouco tempo mais ou menos mil pessoas.

O Pindiriri, que ha mais de uma semana estava trabalhando na construcção de uma chitata, tinha n'este dia acabado essa obra.

Em vista do grande perigo de uma insurreição geral, mudei o thema da prégação; comecei com todos os meios de persuasão a induzir os colonos a estarem fieis ao governo, e a não se deixarem illudir com os attractivos de uma revolução que nunca poderia vencer o governo portuguez.

Tendo acabado a minha exhortação tive a satisfação de ouvir gritar os pretos: «*Nós somos gente do padre; queremos estar com o governo, e bem maluco (nhamusara) será quem for para Massangano; pedimos polvora e armas para nos defendermos!*»

Dirigi immediatamente uma carta ao senhor governador de Tete para dar-lhe parte dos acontecimentos, que acabavam de succeder, pedindo-lhe ao mesmo tempo que mandasse aos colonos da Cassanha armas e polvora com um soldado capaz de mantel-os em ordem e disciplina.

Foi attendido o meu pedido no dia seguinte.

Ao chegar da noite, a primeira que Motontora passou no logar da antiga aringa, tentei, protegido com uns creados, dormir n'um quintal, mas em vão. Toda essa noite tocaram em Massangano n'um enorme batuque de guerra (mbiribiri), que se podia ouvir na tranquillidade da noite a muitos kilometros, excitando nas cabeças dos pretos terriveis idéas de sangue e de vingança. Era difficil inspirar-lhes outra vez paz e socego!

Voltaram pouco a pouco os exploradores que tinha mandado espreitar para a

nossa segurança; chegaram os pretos fugindo do Sungo e de outros pontos, referindo as ordens terminantes do Motontora, intimadas a todos que não quizessem seguil-o.

Dizia-se tambem que logo no primeiro dia da reunião foi inaugurado o logar da nova aringa derramando o sangue de quatorze cabritos, a qual ceremonia teve que ser feita por uma mulher da familia dos Bongas, a mais velha das irmãs do Motontora.

No dia seguinte, antes de voltar para Tete, empreguei outro meio, que devia evitar que os grandes participassem na traição. Dei ordem que mandassem suas mulheres, creanças e fazendas para Tete ou para os prazos vizinhos e seguros, offerecendo-lhes tambem o quintal da nossa casa em Tete.

Alguns quizeram deixar de cumprir a minha ordem, talvez tencionando ir juntar-se ao Motontora, mas foram forçados pelos outros que n'esta recusa suspeitaram logo um signal de traição; e, fosse por sinceridade ou por medo, mandaram suas familias para Tete, as quaes eu ajudei a saír sem demora, e a recolherem-se em logares seguros, dando mesmo meios de embarcarem nos rios Revugo e Zambeze.

Pouco depois de eu ter voltado a Tete, chegou ao prazo Cassanha o soldado que tinha sido mandado em diligencia com os materiaes de guerra, que foram distribuidos aos colonos do dito prazo; e no dia 25 de maio começaram as operações contra os pretos que se tinham revoltado nos prazos tocantes a Cassanha: Domué, Nhankoma, Sungo, etc.; e em varios assaltos houve pretos apanhados, outros mortos.

Varias vezes tiveram combates serios; por exemplo, no dia 9 de junho sustentaram um ataque de perto de cinco horas contra a gente de Sungo e Massangano, que tinham aproado para a outra banda, a fim de derrotar a força da Cassanha.

Distinguiu se n'este combate um dos chefes d'esta força o fumo da Cassanha chamado Ñguariñguari, que no momento mais critico amarrou uma manta encarnada ao pescoço gritando: «*Hão de ver quem sou eu!*» e avançou com a sua gente contra o inimigo que abandonou o campo; mas o valente chefe caíu com o braço ferido por uma bala.

Em seguida á derrota da força de Tete em Massangano, em 21 de junho, teve a gente da Cassanha que sustentar só todo o peso das hostilidades.

A força de Tete entregue a um panico geral devolveu as armas ao governo, e mesmo a gente da Cassanha começou a perder o animo.

Se como missionario e parocho estimei sempre ser do meu dever ajudar o governo, n'esta occasião senti muito mais o rigor sagrado d'esta obrigação.

Os grandes da Cassanha vieram ter commigo para saber o que deviam fazer.

De novo os animei a perseverar na fidelidade ao governo, demonstrando-lhes que a victoria final não podia ser duvidosa; prometti lhes pedir ao governador sem demora auxilio das forças de Tete com uma peça de campanha para defeza da aringa de Nhankoma, que tinha já sido abandonada.

Voltaram satisfeitos, e começaram logo a construir uma chitata nova na Cassanha para defenderem seus haveres.

Apenas acabaram esse trabalho tornaram a dar novas provas do seu animo e fidelidade. Houve ensaio de ataque de toda a força de Massangano contra Cassanha; mas foi lá bem recebida, e apoz um fogo de uma hora abandonou o inimigo o campo, para não voltar mais.

O mais difficil foi reanimar as forças de Tete, e gastou-se um mez inteiro n'esse negocio.

Empreguei tambem todas as minhas forças para que fossem realisadas as promessas que tinha feito á gente da Cassanha de receberem em breve auxilio de uma força de Tete e de uma peça de campanha; o que succedeu emfim, á satisfação de todos, pelo empenho e actividade incansavel do governador d'este districto.

Sendo necessario dar maior protecção e defender varios outros pontos fóra da minha attribuição, o senhor governador tomou em pessoa a direcção das forças de Cassanha e Nhankoma.

Ha poucos dias foi-me dito por pessoas dignas de credito que no principio todos os prazos antigos do Bonga, e mesmo o prazo Cassanha, tinham combinado seguir o Motontora e rebellar-se contra o governo; e ao romper da revolução, quando estive na Cassanha, achavam-se ali tambem escondidos os emissarios do Motontora; e logo quando souberam a determinação em que estavam os colonos de obedecerem ás ordens de Tete, fugiram de noite.

Póde-se dizer que o exemplo da Cassanha paralysou efficazmente toda a revolução; muitos colonos dos outros prazos perderam o animo de seguir o Motontora, e julgaram a causa d'elle perdida, e assim se salvou o districto de maiores prejuizos e calamidades.

Se o Motontora tivesse triumphado no seu projecto, por certo teriamos tido uma insurreição geral á roda de Tete, e não sei que recursos humanos d'este districto podiam valer-nos.

Eis os apontamentos que julguei opportuno submetter ao conhecimento e á apreciação de v. ex.ª para o bem do seu governo n'esta guerra calamitosa contra os Bongas em 1888. Eu mesmo presenciei, ou soube por pessoas fieis, o que acabo de relatar, e estimo exprimir o verdadeiro caracter de muitos acontecimentos previos que estavam desconhecidos.

Oxalá Deus nos dê força e animo e victoria sobre os nossos inimigos!

Deus guarde a v. ex.ª Tete, 28 de novembro de 1888. — Ill.mo e ex.mo sr. governador geral d'esta provincia. = Padre *João Hiller,* missionario e parocho de S. Thiago Maior da villa de Tete.

Está conforme. Secretaria do governo geral da provincia de Moçambique, 12 de fevereiro de 1889. = O secretario geral, *José J. de Almeida.*

DOCUMENTO B

Officio do encarregado do governo do districto de Tete ao secretario geral da provincia de Moçambique noticiando a nova insurreição dos de Massangano, e as primeiras hostilidades, bem como as primeiras providencias determinadas pelo governador do districto.

Copia. — Serie de 1888. — Governo do districto de Tete. — Secção civil. — Numero 40. — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Em nome e na ausencia do ex.^{mo} sr. governador d'este districto, e por sua ordem, tenho a honra de relatar a v. ex.ª para sciencia de s. ex.ª o conselheiro governador geral da provincia, que em 31 do mez findo, pelas quatro horas da tarde, o referido sr. governador marchou para o ponto Inhacenha, margem esquerda do Luenha, distante 86 kilometros, approximadamente, acompanhado do cidadão João Martins, capitão mór da villa e alferes secretario Antonio Joaquim Gonçalves Macieira, a fim de castigar os irmãos, sobrinhos e mais parentes de Chatara (este sob a acção da auctoridade) que novamente se revoltaram.

Levou s. ex.ª consideravel numero de sipaes que se foram unir á força do capitão mór de Chicôa Ignacio de Jesus Xavier, bem assim á que com antecipação foi mandada para aquelle ponto e se fortificou em frente da chitata do rebelde Pindiriri, para evitar a invasão d'este inimigo e dos mais rebeldes de Massangano.

A causa d'esta nova guerra da parte da gente de Massangano tem origem no firme proposito de querer viver independente da auctoridade do governo, para não pagarem tributo e livremente exercerem o absolutismo, escravisar e roubar.

Nos primeiros dias de maio proximo passado Motontora, irmão de Chatára, principiou por não fazer caso das ordens do governo, e mandou gente armada a muitos dos prazos da corôa em nosso poder pela acção da ultima guerra, com ameaça de morte aos colonos que se não reunissem a elle Motontora, para novamente conspirar.

Em vista d'esta insurreição, e para a tempo ser suffocada, o ex.^{mo} governador mandou uma força ao prazo Matazi, para prender o mencionado Motontora, ali estabelecido como arrendatario; porém deu-se a circumstancia da força encontrar as povoações totalmente abandonadas por Motontora e os seus, dias antes terem retirado para o prazo Sungo, e d'este ponto para Massangano, onde definitivamente reuniu a força rebelde para se oppor á acção da nossa auctoridade.

Em seguida recebeu-se a noticia de que uma mulher d'esta villa, de nome D. Joaquina, fôra preza, roubada, ultrajada, e morta a gente que levava, crime este praticado por rebeldes de Massangano; bem assim foram mortos alguns chefes de guerra da Gorongoza que Manuel Antonio de Sousa ali deixou para sustentar a integridade dos nossos direitos.

Em 23 do mencionado mez de maio o cidadão José Pereira de Carvalho, que vinha de Quilimane, atracou á ilha de Moçambique, sita na serra Lupata, por lhe constar a revolta e receiar continuar a viagem; porém conseguiu que uma carta sua fosse entregue ao encarregado do seu estabelecimento commercial n'esta villa, na qual pedia gente armada, que immediatamente lhe mandou para o defender dos rebeldes.

Não chegou a força a tempo, porque ás dez horas do dia 24 foi Pereira de Carvalho atacado pelo inimigo, que dos elevados pincaros lhe fizera fogo, que felizmente não produziu o effeito desejado, mas que obrigou o dito cidadão, sua esposa D. Virginia de Azevedo, um europeu Joaquim da Costa, dois filhos menores d'este ultimo, e o comboio de almadias carregadas de fazendas a retrogradar para o Guengue.

Na retirada um pouco abaixo da ilha, no ponto denominado Cancomba, teve serio combate com os inimigos, que das duas margens tambem lhe fizeram fogo, occorrendo n'este conflicto perder tres almadias com valor approximado a réis 1:000$000, por os homens da tripulação se terem precipitado ao rio onde alguns pereceram.

Em vista, pois, d'estes desagradaveis acontecimentos, o ex.mo governador reuniu em conselho os patrioticos moradores da villa, e consultando a sua opinião, todos foram unanimes que sem delonga se juntassem as forças de que cada um dispõe para se castigar o inimigo, e por este meio obrigal-o a voltar á submissão.

Em seguida officiou ao capitão mór de Chicôa para marchar com toda a sua gente armada para o ponto Inhacenha, a fim de se juntar á de Tete, para derrotar Pindiriri, e d'ali seguir para Massangano, para aniquilar de vez os rebeldes parentes de Chatara, que n'este ponto se fortificaram.

Determinou mais o ex.mo governador que uma força de quinhentos sipaes, approximadamente, commandada pelos cidadãos Francisco Antonio Dulio Ribeiro e Tito Caetano Gomes, marchasse para o prazo Marango, a fim de combater os colonos revoltados, e ali se fortificar para repellir o inimigo. Mandou armar e municiar os colonos dos prazos Inhalupanda, Inhabacua e Cassanha, com ordem de se fortificarem na extremidade d'este ultimo prazo, frente a Massangano, e todas estas ordens foram pontualmente cumpridas.

Logo que a força chegou ao Marango teve violento combate, e poz em debandada o inimigo, que deixou no campo sete mortos, entre os quaes alguns parentes de Motontora, e muitos fugiram gravemente feridos.

Como dito fica, em 31 de maio dirigiu-se o ex.mo sr. governador ao ponto Inhacenha, margem esquerda do Luenha, onde reuniu mais de mil e quinhentos homens armados, e d'ali tenho recebido as ordens e noticias que em resumo vou descrever.

«Dia 3 de junho. — *Bilhete do alferes Macieira.* — O sr. governador manda apromptar cincoenta balas rasas, um cunhete de cartuxos e material proprio para a peça que está na secretaria, e que brevemente se mandará pedir. Os homens parecem ter pouca gente; no emtanto as chitatas estão bem construidas, e um tiro de espingarda contra ellas é polvora perdida; ámanhã faremos cerco á chitata, e ou pela força ou pela falta de munições tem de render-se, salvo se Deus não quizer.»

«*Officio n.º 1 de 3 de junho.* — Mande immediatamente 1:000 libras de polvora, 30:000 balas, e oitenta caixas de espoletas. As nossas operações vão correndo bem, tem havido alguns mortos de parte a parte; elles, segundo parece, pouca ou nenhuma polvora têem; ámanhã passâmos á margem direita do

Luenha, onde estão fortificados, por ali terem sido construidas pela nossa gente duas chitatas.

«A força, na maior parte de Ignacio e Martins, tem-se portado brilhantemente.»

«*Carta do mesmo dia 3.* — Nós temos estado hoje todo o dia em fogo e parece durará toda a noite; o inimigo tem perdido muitos soldados, nós tambem contámos dois homens mortos e cinco feridos; no numero dos inimigos mortos está o mozungo Mepinguiza e o sobrinho do Pindiriri, Catemaringe, e julga-se que o principal *pondoro*. Este Catemaringe foi quem matou o Guba e oito homens de Manuel Antonio de Sousa, e que prendeu e roubou a D. Joaquina. A chitata não póde durar muito, pois a polvora já parece em muito pequena quantidade, e as balas são de manilhas, e está cercada por quatro chitatas nossas que foram feitas hoje debaixo de fogo. Uma chitata em solidez nada differe de uma aringa. O sr. governador pede para que escreva ao Dulio e lhe dê estas noticias, e que recommende se conserve no seu posto, visto ser ponto importante. Massangano pouco póde durar.»

«*Carta de 4.* — Mande immediatamente a peça e todo o material para o que já foi prevenido. A chitata do Pindiriri tem umas caranguejollas, que tem prejudicado a nossa força, que é preciso escangalhar. Por aqui tudo vae bem, todavia têem havido alguns tiros.»

«*Officio n.º 2 de 5 de junho.* — São nove horas da manhã, acabam de chegar as cargas de munições, que se conferiram, e não faltou cousa alguma.

«Aos rebeldes veiu hoje ás sete horas da manhã de Massangano, um reforço, que não chegou a communicar, porque se travou um combate que lhe produziu trinta mortos e quarenta e cinco feridos, fugindo depois os restantes em debandada. Em vista d'esta baixa a chitata de Pindiriri caírá em nosso poder, e por consequencia a de Massangano.

«Têem havido algumas fugas da nossa gente; proceda á captura e conserve os presos até acabar a guerra.»

«*Carta de 6.* — Recebeu-se a peça e o material: por emquanto Pindiriri mostra-se arrogante e conserva-se no seu posto; todavia a fortificação d'elle pouco tempo póde subsistir. Consta que uma força de Manuel Antonio de Sousa se dirige sobre Massangano; oxalá seja verdade para a guerra acabar mais depressa.

«Não mande mais material de guerra, porque o reparo da peça ao quarto tiro partiu pelo eixo.»

«*Carta de 8.* — Quando se offereça opportunidade favoravel mande a mala do correio para Sena ou Mopêa, e n'esta occasião officie ao governo geral, dando conta da nossa estada aqui e dos acontecimentos que tiver havido e de que tiver conhecimento. O cerco continúa apertado; na chitata de Pindiriri tudo parece agonisante, um ataque á viva força é bastante conveniente, mas receio perder os grandes de que muito preciso para Massangano.»

«*Carta de 8.* — Não mande mais material sem ser pedido, o que aqui está parece deve chegar. Novidades as mesmas.»

«*Carta de 9.* — A nossa força de noite vae approximando as chitatas, e já está a 60 metros da chitata de Pindiriri; tem havido algum fogo e mortos da parte do inimigo.»

No Marango a nossa força construiu uma chitata proximo e á vista da de Massangano; depois do primeiro ataque não tem ali havido novidade, todavia, tem sido provocada e insultada por Motontora.

A de Cassanha construiu duas chitatas em frente de Massangano, margem esquerda do rio Zambeze, e com vivo fogo tem impedido a passagem do inimigo

para a mencionada margem, n'aquelle ponto e suas proximidades, sempre com vantagem, porque tem diminuido consideravelmente a força dos rebeldes.

Os pontos revoltados são Sungo, Domoé, Massangano, margem direita da Luenha e seus contornos.

Do Bandare ha ultimamente boas noticias (copia n.º 1), das quaes se vê que Chiuta declara ser fiel e obediente á auctoridade do governo, mas parece que tem clandestinamente auxiliado os irmãos.

Os colonos dos outros prazos conservam se fieis e combatem pela nossa causa, o que se deve ás promptas e energicas medidas adoptadas pelo ex.mo sr. governador em castigar os revoltados, porque se assim não fizesse teria a revolta creado maior vulto, e Massangano voltaria á sua antiga independencia.

«*Officio n.º 5 de 13.*—Copia n.º 2.—Dê conhecimento aos habitantes de Tete que a chitata de Pindiriri foi tomada pela nossa força; n'este ataque perdeu o inimigo mais sessenta pessoas, e deixou oitenta e oito mulheres e crianças prisioneiras. Depois de ámanhã, o mais tardar; devemos marchar para Massangano.»

Ámanhã 16 do corrente, o cidadão José Pereira de Carvalho, que em 12 chegou a esta villa, vindo do Guengue por terra, marcha para Massangano com uma força de duzentos e cincoenta sipaes; vae-se reunir ao ex.mo sr. governador, a fim de ajudar a pôr termo á contenda.

Com a força de caçadores n.º 5 não se póde contar porque está distribuida pelos destacamentos, e a presente não chega para defender as fortificações, só tem em deposito quatro mil cartuchos Snider; precisa, pois, officiaes; sargentos e soldados e mais alguns cartuchos.

Termino este officio, e rogo a v. ex.ª se digne relevar-me qualquer falta que se note.

Deus guarde a v. ex.ª Secretaria do governo do districto de Tete, 15 de junho de 1888.—Ill.mo e ex.mo sr. secretario geral do governo geral da provincia.=O encarregado do expediente, *Joaquim de Carvalho,* capitão de caçadores 5.

Está conforme.—Secretaria do governo geral da provincia de Moçambique, 1 de fevereiro de 1889.=*José J. de Almeida.*

N.º 1.—Governo do districto de Tete.—Secção civil.—Serie de 1888.—N.º 114.—Ill.mo e ex.mo sr.—Tenho a honra de communicar a v. ex.ª, para os devidos effeitos, que hoje me foram presentes dois pretos enviados por Chiuta, que acompanharam o cidadão José Pereira de Carvalho, os quaes declaram perante v. ex.ª que Chiuta, temendo-se dos irmãos revoltados, passou da margem direita para a esquerda do Zambeze ao ponto Bandare, e pede para ser considerado fiel e obediente á auctoridade de v. ex.ª

Deus guarde a v. ex.ª Secretaria do governo do districto de Tete, 14 de junho de 1888.—Ill.mo e ex.mo sr. governador do districto.=O encarregado do expediente, *Joaquim de Carvalho,* capitão.

Está conforme.—Secretaria do governo do districto de Tete, 15 de junho de 1888.=O encarregado do expediente, *Joaquim de Carvalho,* capitão de caçadores n.º 5.

Está conforme.—Secretaria do governo geral da provincia de Moçambique, 1 de fevereiro de 1889.=*José J. de Almeida.*

N.º 2.—Governo do districto de Tete.—Serie extraordinaria.—N.º 5.—Ill.mo e ex.mo sr.—Tenho a maxima satisfação de communicar a v. ex.ª, para que assim

o faça constar a todos os habitantes d'essa villa, que a noite passada foi tomada pela nossa força a chitata do Pindiriri, perdendo o inimigo n'essa occasião mais de sessenta pessoas e deixando oitenta e oito mulheres e creanças prisioneiros, que serão postas em liberdade em occasião opportuna. Mais, tendo nós sido atacados hoje ás nove horas da manhã por uma força de Massangano, foi essa força destroçada e posta em debandada, perdendo tres homens. A nossa força, que, com pequenas excepções sempre se tem portado brilhantemente, teve no ataque da noite onze feridos por arma de fogo e azagaia. Depois de ámanhã, o mais tardar, devemos marchar contra Massangano, não podendo talvez fazel-o antes por termos a destruir sete *chitatas* e onze *sonzoros* e inutilisar as madeiras.

Fica todavia uma chitata n'este ponto guarnecida por força nossa com o fim de evitar qualquer surpreza que possa haver. Julga-se que no ataque da noite fugiram ainda assim muitos rebeldes, e entre elles Catimaringe (sobrinho do fallecido Pindiriri.) Outrosim participo a v. ex.ª, que Catimaringe não foi morto no ataque do dia 3, conforme se lhe participou, mas sim foi morto n'esse dia o celebre Pindiriri, cuja morte só hoje nos foi possivel conhecer em virtude do grande segredo que elles guardavam a esse respeito.

Deus guarde a v. ex.ª Acampamento em Catipo, 13 de junho de 1888. — Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. encarregado do governo.=*Augusto Cesar de Oliveira Gomes,* tenente coronel governador.

Está conforme.—Secretaria do governo do districto de Tete, 16 de junho de 1888.=O encarregado do expediente, *Joaquim de Carvalho,* capitão.

Está conforme.—Secretaria do governo geral da provincia de Moçambique, 1 de fevereirode 1889. =*José J. de Almeida.*

DOCUMENTO C

Officio do governador do districto de Tete ao governador geral da provincia, dando conta do desastre nosso de 21 de junho em Massangano e pedindo providencias

Copia.— Serie de 1888.— Governo do districto de Tete. — Secção civil. — N.º 41.— Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Depois da completa victoria obtida pela posse da chitata de Pindiriri e morte d'este chefe, o que teve logar no dia 13 á uma hora da manhã, seguimos para Massangano, onde chegámos no dia 21. Tinhamos esperanças de obter bom exito n'esta expedição, mas não succedeu assim; tres horas depois da nossa chegada ali, e estando já as chitatas bastante adiantadas, foi atacada a que se achava do lado de Sena. D'esta chitata era chefe o capitão Cambuembua, que tres dias antes tinha chegado de um ponto pertencente ao districto de Manica, com trezentos e cinco homens, que foram reforçados com quatrocentas armas do capitão mór Ignacio. Em vista d'este inesperado ataque a nossa força abandonou tudo, fugindo desordenadamente.

O inimigo vendo tão favoravel resultado para o seu intento, procedeu da mesma fórma para com trezentos e tantos homens que se achavam guarnecendo a serra, e conseguiu o mesmo fim; pouco tempo depois foi tal a desordem que deu em resultado toda a nossa força abandonar Massangano, deixando todos os petrechos que levava e ficando assim os rebeldes no seu antigo poder. Está pois a alta Zambezia, e muito principalmente este districto, nas peiores condições possiveis; communicações interrompidas e falta de munições de guerra, porque a maior parte que havia no commercio gastaram-se ultimamente.

O batalhão sem soldados, as armas Snider com insignificante numero de cartuchos, os generos alimenticios de primeira necessidade por um preço elevado; é este pois o estado em que actualmente se acha o districto a meu cargo, que de certo durará se não se tomarem promptas providencias, para os rebeldes serem desalojados de Massangano. Os pretos de Tete servem unicamente para a defeza da villa e de alguns prazos; não se póde contar com esta gente para outro qualquer serviço porque são muito timoratos. Tomo as medidas que entendo conveniente para assegurar ao governo o dominio de alguns prazos que ainda obedecem, empregando os meios para que os colonos se não colliguem com os rebeldes; não sei se o conseguirei.

Estou formando um auto, com relação ao desastre que a nossa força teve, o qual enviarei a v. ex.ª na primeira opportunidade. Peço promptas providencias a s. ex.ª o governador geral, para de uma vez para sempre ser aniquilada a raça Bonga, que quer dominar na alta Zambezia. O capitão mór de Manica Manuel

Antonio de Sousa, parece-me que se deve achar habilitado para conseguir este fim.

Deus guarde a v. ex.ª Secretaria do governo do districto de Tete, 22 de junho de 1888.—Ill.mo e ex.mo sr. secretario do governo geral.=O governador, *Augusto Cesar de Oliveira Gomes,* tenente coronel.

Está conforme.—Secretaria do governo geral da provincia de Moçambique, 9 de março de 1889.=O secretario geral, *José J. de Almeida.*

DOCUMENTO D

ANNO DE 1888 — MEZ DE JUNHO

Auto de averiguação que tomou conhecimento das causas que deram logar á fuga desordenada das nossas forças que se achavam cercando a chitata dos rebeldes de Massangano, e que o governo do districto de Tete procurou aniquilar.

Aos 23 dias do mez de junho do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1888, n'esta villa de Tete e na secretaria do governo, por ordem de s. ex.ª o governador do districto, Augusto Cesar de Oliveira Gomes, se reuniram o presidente e secretario do presente auto, a fim de conhecerem a causa que motivou a debandada e fuga desordenada das nossas forças, que depois da victoria alcançada pela derrota da chitata de Pindiriri, cercava em 21 do corrente igual fortificação dos rebeldes installados no ponto de Massangano, que o governo do districto e os habitantes em geral de mãos dadas queriam aniquilar para tornar livre o commercio, o transito pelo rio e a garantia das nossas instituições. Pelo que se fez este auto, que eu, secretario, escrevi e assignei.

GOVERNO DO DISTRICTO DE TETE

ORDEM

Nomeação de presidente e secretario, que devem constituir o auto de averiguação, que se deve reunir na secretaria do governo do districto, hoje pelas onze horas do dia, a fim de conhecer a causa que motivou a debandada e fuga desordenada das nossas forças, que depois da victoria alcançada pela derrota da chitata de Pindiriri cercava em 21 do corrente igual fortificação dos rebeldes installados em Massangano: — Presidente, o sr. capitão Joaquim de Carvalho; secretario, o sr. alferes João Augusto Ribeiro Pontes.

Secretaria do governo do districto de Tete, 23 de junho de 1888. = O governador, *Augusto Cesar de Oliveira Gomes,* tenente coronel = *João Augusto Ribeiro Pontes,* alferes secretario.

E logo no mesmo dia, mez e anno, reunidos os vogaes do presente auto, estes deliberaram que se tomassem as declarações dos ex.mos srs. João Martins, capitão mór da villa; Ignacio Jesus Xavier, capitão mór de Chicôa; Francisco Antonio Dulio Ribeiro, negociante; Antonio Joaquim Gonçalves Macieira, alferes de caçadores n.º 5, secretario do governo; José Pereira de Carvalho, negociante e primeiro substituto do juiz de direito; Tito Caetano Gomes, negociante; Gonçalo

Ferrão, negociante; que fizeram parte da columna de operações, os quaes serão ouvidos pela ordem da sua apresentação. = *João Augusto Ribeiro Pontes,* alferes secretario.

DECLARAÇÕES

1.ª declaração — João Martins, capitão mór da villa de Tete, natural de Portugal, idade quarenta e um annos, estado solteiro.

Lida a ordem da nomeação d'este governo, declarou: que tendo chegado no dia 21 do corrente mez junto com o sr. capitão mór Ignacio Jesus Xavier e o ex.mo sr. governador do districto, pelas nove horas da manhã approximadamente, foram por elle declarante e o mesmo Ignacio de Jesus Xavier, distribuidas as forças de sipaes d'elles, e pertencentes a Manica, por diversos pontos d'ónde devia ser atacada a chitata construida em Massangano, a qual convenientemente foi assaltada ao mesmo tempo por todos os lados, conseguindo-se que os rebeldes se conservassem dentro da mesma chitata pelo espaço de duas horas approximadamente, e quando nós contavamos já com a victoria, appareceu uma força do inimigo vinda dos lados de Sena, aonde estava collocada a força das terras de Manica, commandada pelo muzungo Cambuemba. Imaginando este que a força que se approximava era commandada pelo preto Camba, pertencente ao mesmo districto, deixou-a approximar tanto de si, que reconhecendo que era força do inimigo já a não pôde repellir, e vendo se assim mettido entre dois fogos, viu-se obrigado a abandonar o ponto que occupava; n'esta occasião uma força que occupava a serra, commandada pelo Apá, vendo a força do Cambuemba em fuga, a força d'este fez o mesmo, dando occasião a que parte da força de Massangano tomasse a serra; as forças que occupavam o logar de Tope, vendo a fuga das forças que occupavam os dois pontos, pozeram-se tambem todas em debandada e fuga, sem attender a qualquer observação que lhes fizeram os seus chefes; que então elle declarante conservára alguns pretos ao pé de si, para ver se podia salvar algumas munições que existiam no acampamento, o que não pôde conseguir; e vendo se simplesmente acompanhado approximadamente com quinze pretos, chegando o inimigo já á distancia de 12 a 15 metros das munições, viu-se elle declarante obrigado a abandonal-as, retirando para a margem do Luenha junto com o ex.mo sr. governador do districto, Augusto Cesar de Oliveira Gomes, e o alferes secretario do mesmo senhor, Antonio Joaquim Gonçalves Macieira, os quaes atravessaram a vau para a margem esquerda do Luenha, aonde estava construida uma chitata nossa; chegado que foi ali, o declarante se assentou á margem do mesmo rio, proximo á chitata, a descansar; depois de algum tempo lhe foi dizer um seu creado que a gente que existia dentro da chitata já se tinha retirado toda para a villa, o que elle declarante presenciou entrando na mesma, e retirou-se em seguida para esta villa, visto ali não haver força de sipaes seus nem dos outros.

E lida a sua declaração a achou conforme, e a assignou commigo secretario d'este auto. = *João Martins* = *João Augusto Ribeiro Pontes,* alferes secretario.

2.ª declaração. — Antonio Joaquim Gonçalves Macieira, natural de Lisboa, de idade vinte e dois annos, estado solteiro.

Lida a ordem da nomeação d'este governo, declarou: que tendo sido encarregado por s. ex.ª o governador, de ficar no sitio onde se achavam as munições de guerra para se proceder á sua distribuição, viu grandes magotes de gente que se dirigiam para aquelle ponto, e que indagando as causas d'esse procedimento, soubera que tal gente fugia na frente do inimigo; que pouco depois chegára o capitão mór de Chicôa, Ignacio de Jesus Xavier, nos braços de dez ou doze pre-

tos, que d'este modo o violentaram a fugir, como elle declarante teve occasião de apreciar por algumas phrases que dirigiu ao mesmo capitão mór. N'esta occasião todos os pretos que se achavam perto da polvora abandonaram este ponto, ficando o declarante apenas acompanhado de um muzungo de nome Gonçalo Ferrão e do soldado de caçadores n.º 5, n.º 74 da primeira companhia, João Luiz; que ainda ahi se conservou até á chegada de s. ex.ª o governador, o qual se achava n'um ponto mais avançado junto com o capitão mór João Martins. Declarou mais, que tanto s. ex.ª o governador, como o capitão mór Martins, e como elle declarante, por diversas vezes tentaram obstar á fuga da nossa força e repellir o inimigo, não o podendo conseguir pelo panico de que todos os nossos se achavam possuidos; que por ultimo, e quando já não tinham mais de cincoenta dos nossos em volta d'elle se retiraram tambem, dizendo elle mais declarante que se se salvou foi devido á coragem e valentia do soldado n.º 33 da terceira companhia do batalhão de caçadores n.º 5, Mussá, o qual o conduziu sobre os hombros quando já se julgava perdido pela fadiga produzida por uma longa marcha através o areal que fica ao norte de Massangano.

E lida a sua declaração a achou conforme e assigna commigo secretario d'este auto. = *Antonio Joaquim Gonçalves Macieira,* alferes secretario do governo de Tete = *João Augusto Ribeiro Pontes,* alferes secretario.

3.ª declaração. — Tito Caetano Gomes, negociante, natural de Tete, de idade vinte e nove annos, estado solteiro.

Lida a ordem da nomeação d'este governo, declarou: que no dia 21 de junho do corrente as nossas forças sob o commando de s. ex.ª o governador do districto, cercaram a chitata dos rebeldes installados em Massangano, e detalhado o ataque nos differentes pontos onde as forças foram collocadas, principiou o fogo, o que o declarante ouviu na chitata de Marango, onde se achava ás onze horas do citado dia, e assim se sustentaram por espaço de uma hora, finda a qual, e pouco depois, viu que muitas forças se dirigiam em completa desordem á chitata de Marango e outras passavam em corrida desordenada, e perguntando o declarante o motivo da debandada, disseram alguns que na occasião em que o inimigo pelo lado das forças do capitão Cambuemba de Manica, abriu caminho para se pôr em fuga, a força do mesmo capitão se possuiu de tal medo que se poz em debandada, e assim todas as mais, por se ter estabelecido o panico e a confusão geral, que não obstante as diligencias de todos os cidadãos que ali se achavam não foi possivel contel-os, e cada uma das mesmas forças se poz em fuga precipitada.

Achava-se o declarante na chitata de Marango, bem assim os cidadãos José Pereira de Carvalho e o subdito francez Carlos Chastaing, junto a uma força de duzentos sipaes; que vendo a fuga desordenada, o declarante e os cidadãos mencionados empregaram todos os meios ao seu alcance para ali conter as forças em debandada, mas nada conseguiram, porque as que entravam na chitata desmoralisavam as mais que ali se achavam, e todos se pozeram em fuga, levando cada homem o material de guerra que podia carregar, que era em grande quantidade, mas que nenhum deixaram.

Declarou mais, que vendo-se abandonado pela força de sipaes que cobardemente fugiu, retirou e mais os cidadãos mencionados. Ouviu tambem dizer a differentes, que o motivo da fuga e debandada das forças que se achavam em Massangano foi por lhes ter faltado a polvora, o que não acreditou, pois de manhã da chitata de Marango se tinha mandado mais de metade das munições que no dia antecedente ali se tinham recebido enviadas de Tete; parece pois que

as nossas forças se confundiram e entre si se julgaram inimigos, o que introduziu o panico, a desordem e fuga, sem que ninguem as podesse conter.

Declarou mais, que s. ex.ª o governador do districto e os mais cidadãos que se achavam em Massangano, se reuniram na chitata de Marango, e que ali todos trabalharam para conter as forças, o que não poderam, pelo que retiraram para Tete, deixando ao abandono e á discrição do inimigo aquelle ponto.

Declarou mais, que antes do desastre era firme a convicção de que os inimigos haviam de ser derrotados, porque as nossas forças eram numerosas, e mesmo lhe parece que a causa da desordem foi motivada pela grande quantidade de homens, mulheres e creanças que saíram da chitata inimiga e que á viva força procurou fugir.

E lida a sua declaração a achou conforme, e assigna commigo secretario d'este auto. = *Tito Caetano Gomes* = *João Augusto Ribeiro Pontes*, alferes secretario.

SEGUNDA SESSÃO

Aos 25 dias do mez de junho de 1888, pelas onze horas do dia, se continuaram os trabalhos do presente auto, recebendo-se as declarações dos seguintes cidadãos. = *João Augusto Ribeiro Pontes,* alferes secretario.

4.ª declaração. — José Pereira de Carvalho, negociante, primeiro substituto do juiz de direito, de idade cincoenta annos, estado casado.

Lida a ordem da nomeação d'este governo, declarou: que tendo saído da villa em 17 do corrente, acompanhado de uma força de sipaes em numero de 410, para ir coadjuvar as forças reunidas ao ex.^mo^ sr. governador do districto, se dirigiu ao Marango, aonde chegou no dia 18, e ali se concentrou na chitata feita pelo cidadão Dulio Ribeiro; que tendo participado a sua chegada ao ex.^mo^ governador, lhe foram pedidos 280 homens da sua força, que immediatamente mandou; que no dia 21 foi o ataque á chitata de Massangano, pelo que mandou mais 100 homens, commandados pelo musungo Manuel Pereira, ficando o declarante na mencionada chitata de Marango, e que d'ali mandou para o acampamento geral trinta e cinco cargas de munições, pouco mais ou menos metade das que tinha recebido de Tete no dia 20.

Que ás doze horas do mencionado dia 21 (que calculou pela altura do sol) viu que grande numero de sipaes fugia em debandada do acampamento de Massangano; que uns se dirigiam á chitata de Marango e outros passavam mais acima em precipitada fuga; que empregou todas as diligencias para conter os fugitivos na chitata de Marango, mas não lhe foi possivel obter a reunião d'elles, pois os que ali se achavam tambem se pozeram em fuga, levando cada um as munições que poude, de fórma que nada ali ficou; que pouco depois appareceram ali o ex.^mo^ governador do districto, bem assim o capitão mór d'esta villa João Martins dito de Chicoa Ignacio Jesus Xavier, alferes secretario Antonio Joaquim Gonçalves Macieira, bem assim o cidadão Francisco Antonio Dulio Ribeiro, os quaes declararam que o motivo da sua retirada era por as forças os terem abandonado; que o motivo da debandada é contado de differentes maneiras; uns dizem que foi pelo capitão Cambuemba, da força de Manica, ter abandonado o ponto em que se achava, e que por este motivo as forças de Tete receiaram que o inimigo lhes cortasse a retaguarda; outros dizem que foi por falta de polvora que as forças se pozeram em debandada e fuga desordenada, sendo baldados todos os esforços que se empregaram para de novo se organisar a columna; porém. que as cousas que se deram em Massangano não as presenciou, por se achar

na chitata de Marango, juntamente com os cidadãos Tito Caetano Gomes, Carlos Chastaing (subdito francez), e um cabo de caçadores n.º 5, Manuel Carlos.

Declarou mais, que a fuga e debandada das forças de Tete tem por principal causa o panico de que todos se possuiram, pois é uma gente muito timorata, em que não póde haver confiança em casos similhantes.

E lida a sua declaração a achou conforme, e se assigna commigo secretario d'este auto. = *José Pereira de Carvalho* = *João Augusto Ribeiro Pontes,* alferes secretario.

5.ª declaração. — Francisco Dulio Ribeiro, negociante, de idade trinta annos, estado casado.

Lida a ordem da nomeação d'este governo, declarou: que no dia 20 do corrente mez, pelas oito horas pouco mais ou menos da manhã, o sr. governador do districto, Augusto Cesar de Oliveira Gomes, os capitães móres de Chicoa e de Tete Ignacio Jesus Xavier e João Martins, o secretario do governo alferes Antonio Joaquim Gonçalves Macieira, elle declarante e outro saíram de Inhabaco, terras na margem do Luenha, com destino para as proximidades da chitata construida pelos rebeldes irmãos do Bonga, no mesmo logar onde existia a aringa da Butaca.

Chegaram a Tangeira pelas onze horas, pouco mais ou menos do dia, e depois de tomarem uma ligeira refeição foram acampar em Tengo, povoação não mui distante da chitata dos rebeldes, onde estiveram sem comer, por falta de agua.

No outro dia, 21 do corrente, pelas seis horas pouco mais ou menos, depois de dividirem as forças em tres columnas, plano que estava traçado, seguiram, a primeira commandada pelo capitão Cambuemba, — grande do capitão mór de Manica Manuel Antonio de Sousa, composta de forças importantes pertencentes ao dito Manuel Antonio de Sousa, ao dito Ignacio Jesus Xavier, commandadas por um musungo João, e a elle declarante, commandadas pelo musungo Luiz, — seguiu para o sul do Zambeze, para occupar o flanco do lado de Sena; a segunda commandada por Domingos Salvador do Rosario Nazareth (vulgo Apá), posto que não fosse muito importante, devia compor-se de trezentos homens approximadamente pertencentes ao dito Apá e ao cidadão José Pereira de Carvalho, e se dirigiu á extremidade da serra que defende a chitata dos rebeldes do lado sudoeste; e a terceira commandada por Ignacio Jesus Xavier, mas apoiada pelo valioso concurso do sr. governador do districto, de João Martins, do alferes Macieira e de muitos homens d'elle declarante, seguiu para o noroeste para occupar o flanco do lado de Tete.

N'estas disposições chegaram as tres columnas aos pontos designados, quasi ao mesmo tempo, depois de uma marcha de tres horas e meia admiravelmente feita, e sem o menor incidente notavel occuparam os seus respectivos pontos, deixando apenas ao inimigo aberto um flanco do areal da margem do Zambeze.

Uma pouco consideravel parte das nossas forças começou um fogo vivo contra a aringa do inimigo, e a restante foi encarregada de cortar madeiras para a construcção de tres chitatas, que serviriam de fortificação para as tres columnas. Continuou assim este estado por espaço de duas horas; e pelas onze horas, approximadamente, quando menos se esperava, viram todos os da columna de que fazia parte o declarante, recuar as do dito Apá.

O declarante nunca soube, nem todos os outros que dirigiam essa columna,

o mysterio da retirada do Apá n'aquella occasião; mas nem por isso ella deixou de ser motivo para a debandada geral. Fugiram todos, e na chitata da columna que se estava a construir ficaram o mesmo sr. governador, Ignacio, Martins, Maceira e elle declarante, fazendo fogo contra uns sujeitos que n'aquella occasião se lhes assegurou que faziam parte das forças dos rebeldes. Se todos os brancos da columna n'essa occasião não foram mortos até á sua approximação das aguas do Luenha, por aquelles impossiveis areaes, foi por dedicação de uns dez pretos que os arrancaram do sitio da chitata em construcção.

Emfim, quasi mortos de cansaço e de fome atravessaram a vau o Luenha, e passaram para a chitata que tinha sido construida pelo declarante, e n'aquella occasião ahi se achava José Pereira de Carvalho e Tito Caetano Gomes, com uma guarnição capaz e algumas munições enviadas pelo encarregado do governo do districto.

Depois d'ahi estarem todos reunidos, o sr. governador do districto quiz ao menos ver se conseguia reanimar os espiritos dos sipaes fugitivos para defender a chitata em Marango, e d'esta fórma evitar a passagem dos rebeldes para a margem esquerda do Luenha, e segurar as munições ali existentes, mas não houve força humana que os detivesse. Saltaram a chitata, por não caberem todos juntos pelas portas: tamanho era o terror!

N'estas circumstancias, elle declarante, convencido de que não era possivel já segurar aquelle ponto, dirigiu-se ao governador segurando-o pelas mãos e o convidou a que saísse da chitata, mostrando-lhe a nenhuma vantagem que havia do sacrificio das suas vidas; porém, o dito governador, longe de o ouvir, levantou os punhos fechados para descarregar contra a cabeça do declarante — estava quasi perdido da cabeça; porém, pouco depois teve a certeza das suas observações, e saíu da chitata seguido por João Martins, determinando que as munições que ali existiam fossem carregadas por uns poucos de pretos existentes.

Declarou mais, que depois da retirada do governador, declarante e outros da chitata em construcção em Massangano, a mesma auctoridade que vinha a cinco passos atrás do declarante, lhe pediu encarecidamente que voltasse para a chitata em construcção abandonada, reanimando os sipaes em debandada. Tentou por tres vezes executar as ordens dadas pelo dito governador, mas não houve nem um preto dos seus serviçaes que o quizesse acompanhar, antes esforçaram-se todos para o fazer convencer da inutilidade do sacrificio.

Declarou finalmente que, tendo averiguado as causas d'este desastre, soube por declarações do Cazembe, do muzungo Luiz, do Manamambo Mesa do prazo Chingosa, prazo do arrendamento do declarante, e pelos outros grandes das suas forças, bem assim pelo muzungo Mugambiva que dirigia as forças do cidadão José Pereira de Carvalho, na columna do dito Apá, que muito antes do desastre, a columna do Cambuemba tinha sido atacada pela retaguarda por uma força que tinha sido enviada pelos rebeldes dias antes, contra o capitão Camba, do dito Manuel Antonio, que occupa as terras dependentes do Chicorongo, e pela vanguarda por uma força consideravel saída da propria chitata dos rebeldes, estando á testa d'ella o Motontora que, segundo lhe affirmaram, representava a Butaca com o nome de Conge: que essa columna, acossada por dois lados tão importantes, tinha perdido alguns homens e o proprio Cambuemba, ferido na face por uma bala. Em consequencia d'isto tinham debandado quasi todos da columna, e os muzungos João e Luiz, passando com alguns sipaes fugitivos pela columna de Apá, aconteceu intimidarem esta pouco consideravel e arrastarem o proprio Apá para fóra do ponto, e d'ahi a debandada geral.

E lida a sua declaração a achou conforme, e se assigna commigo, secretario d'este auto.=*Francisco Antonio Dulio Ribeiro*=*João Augusto Ribeiro Pontes,* alferes secretario.

TERCEIRA SESSÃO

Aos 26 dias do mez de junho de 1888, pelas onze horas do dia, se continuaram os trabalhos do presente auto, recebendo-se as declarações dos cidadãos seguintes.=*João Augusto Ribeiro Pontes,* alferes secretario.

6.ª declaração.—Charles Achilles Chastaing (subdito francez), morador n'esta villa, de idade de quarenta e oito annos, estado solteiro.

Lida a ordem da nomeação d'este governo, declarou: que no dia 17 do corrente se dirigiu ao Marango, acompanhando o cidadão José Pereira de Carvalho, que levou uma força de quatrocentos e dez sipaes, para coadjuvar s. ex.ª o governador, que d'ahi a dias devia atacar os rebeldes installados em Massangano; que no dia 18 chegaram a Marango, e concentrando-se na chitata que ali havia construido o cidadão Dulio Ribeiro, logo em seguida participaram a sua chegada áquelle ponto, pelo que lhe foi requisitada uma força que immediatamente mandou, em numero de duzentos e tantos sipaes, para coadjuvar as forças reunidas ao ex.mo sr. governador; declarou mais que encontrou na chitata de Marango o cidadão Tito Caetano Gomes, acompanhado de forças de cento e vinte sipaes.

Que no dia 20 receberam n'aquelle ponto muitos volumes de munições, que ali foram conduzidas por duas praças de caçadores n.º 5; que no dia 21 a uma hora bastante adiantada, que não póde precisar, por que não tinha relogio, ouviu tiros em Massangano, e que logo immediatamente o cidadão José Pereira de Carvalho mandou para aquelle ponto cem sipaes; que por mais algum tempo continuaram os tiros em Massangano, os quaes pouco depois deixaram de ouvir-se, e que logo viram proximo da chitata de Marango sete ou oito pessoas a correr; e que persuadindo-se o cidadão José Pereira de Carvalho, que fossem espias de Massangano, nomeou uma força para os capturar, mas logo tiveram a certeza que eram fugitivos da nossa força; que pouco depois, olhando para o areal de Massangano, viram este coberto de gente armada, que corria em debandada, e ainda n'esta occasião ouviram alguns tiros em Massangano.

Vendo o cidadão Pereira, que as nossas forças fugiam em debandada, mandou alguma gente para as animar e reunir na chitata de Marango, mas foram baldados todos os esforços, porque, os que entraram na mesma chitata pouco depois pularam e fugiram para Tete; que vendo o mencionado cidadão José Pereira de Carvalho, esta desordem e não podendo conter os sipaes, ordenou a cada um que levasse as munições que podesse levar, a fim de que o inimigo não podesse utilisar-se das mesmas munições; e que depois se juntaram na chitata s. ex.ª o governador do districto, cidadãos João Martins, Dulio Ribeiro, e que não se lembra se tambem estava Ignacio de Jesus Xavier, e que todos trabalharam para ali reunir as forças, mas nada conseguiram, porque o panico era tão grande que todos os pretos fugiram para a villa; e que apenas ali ficaram uns duzentos homens para acompanhar o sr. governador e mais cidadãos que ali se achavam presentes. Disse mais que não sabe a causa que deu logar á debandada desordenada; porém, que ouviu dizer que foi o medo de que se possuiram todas as forças de Tete, o qual produziu n'ellas uma desmoralisação completa.

E lida a sua declaração a achou conforme, e se assigna commigo alferes se-

cretario d'este auto.=*Charles Achilles Chastaing*=*João Augusto Ribeiro Pontes,* alferes secretario.

Deliberaram os vogaes do presente auto que fossem tomadas as declarações dos primeiros cabos de caçadores n.º 5, José Joaquim de Oliveira Andrade, Francisco Rafael e Mussá.=*João Augusto Ribeiro Pontes,* alferes secretario.

7.ª declaração.—José Joaquim de Oliveira Andrade, primeiro cabo de caçadores n.º 5, natural de Angola, da idade de trinta e seis annos, estado solteiro.

Lida a ordem da nomeação d'este governo, declarou: que no dia 21 as forças levantaram do acampamento de Tengo, e se dirigiram a Massangano, aonde chegaram ás dez horas do dia, pouco mais ou menos, e que logo principiaram a construcção das chitatas, para defeza das forças que cercavam a chitata do inimigo, e que logo que as forças ali chegaram começou o fogo de parte a parte; que ás doze horas do dia, pouco mais ou menos, estando dentro de uma chitata, havia pouco construida, em companhia do ex.mo sr. governador do districto, capitão mór João Martins, dito Ignacio de Jesus Xavier, cidadão Francisco Antonio Dulio Ribeiro, e alferes de caçadores n.º 5, Antonio Joaquim Gonçalves Macieira, presenciou que as nossas forças abandonavam os seus postos e fugiam em debandada, e que ouvíra dizer que o motivo de tal fuga era o medo das forças do inimigo que n'aquella occasião saíram da chitata inimiga; que vendo se s. ex.ª o governador e os mais individuos que ali se achavam, completamente abandonados pelas forças que ninguem pôde conter, tambem retiraram para a chitata de Marango, onde tambem empregaram todos os esforços para reunir as forças em debandada, mas tudo foi baldado porque muitos homens passaram para fóra da chitata, e os que n'ella entraram pularam e saíram em seguida, levando as munições que ali estavam; que em vista d'esta desordem, s. ex.ª o governador do districto foi obrigado a retirar, pois se achava tão desorientado, que mais queria morrer, que voltar á villa de Tete.

Declarou finalmente que tudo aquillo foi uma confusão que se levantou entre as nossas forças, que ninguem se entendia; que eram tiros de um lado para outro, e que o desfecho de tudo foi a debandada desordenada, ficando no campo de Massangano, uma grande parte das munições.

E lida a sua declaração a achou conforme, e se assigna commigo alferes secretario d'este auto.=*João Augusto Ribeiro Pontes,* alferes secretario=*José Joaquim de Oliveira Andrade.*

Que não concordando a declaração do subdito francez Charles Achilles Chastaing com a do cidadão José Pereira de Carvalho, resolveram os vogaes do presente auto proceder á rectificação das duas declarações, e assim, ouvido o cidadão José Pereira de Carvalho, na parte que Chastaing diz: que estava presente quando o ex.mo sr. governador, bem assim os cidadãos Dulio, Martins e alferes secretario Macieira, chegaram em retirada á chitata de Marango; declarou que n'esta occasião já o dito Chastaing se tinha retirado, e por isso que não presenciou cousa alguma do que se passou quando o ex.mo sr. governador ali chegou; que emquanto á força a que o mesmo francez allude em numero de duzentos sipaes que esperavam os seus patrões, que é verdade, porém se o declarante e os mais cidadãos se tivessem demorado, com certeza a dita força teria tambem debandado pois só queria voltar á villa.

E lida a rectificação e achando-a conforme, se assignam commigo secretario d'este auto.=*José Pereira de Carvalho*=*Charles Achilles Chastaing*=*João Augusto Ribeiro Pontes,* alferes secretario.

QUARTA SESSÃO

Aos 27 dias do mez de junho de 1888, pelas onze horas do dia, se continuaram os trabalhos do presente auto, recebendo-se as declarações das seguintes praças.=*João Augusto Ribeiro Pontes*, alferes secretario.

8.ª declaração.—Mussá, soldado do batalhão de caçadores n.º 5, natural de Moçambique, de idade vinte e sete annos, estado solteiro.

Lida a ordem da nomeação d'este governo, declarou: que no dia 21 do corrente, tendo pernoitado no ponto Tengo as forças sob o commando geral de s. ex.ª o governador do districto, levantaram do acampamento com direcção a Massangano, ás seis horas da manhã do mencionado dia, e chegaram ás proximidades da chitata do inimigo ás nove e meia pouco mais ou menos; ali, divididas as forças, coube ao capitão Cambuemba da força de Manica defender o lado de Sena, e em seguida principiaram o fogo e a construcção das nossas chitatas; que das dez para as onze horas, tendo saído da chitata do inimigo uma força, esta atacou por todos os lados o mencionado capitão Cambuemba, pelo que este abandonou o ponto que lhe tinha sido confiado, e se pozeram todos em fuga desordenada, o que sendo visto pelas forças de Tete, estas se possuiram de tal panico, que uma apoz outras se pozeram tambem em debandada, sendo baldados todos os esforços empregados por s. ex.ª o governador do districto para as chamar á ordem e conservar no seu posto; accrescentou que estando o governador junto do capitão mór d'esta villa, João Martins, alferes secretario Antonio Joaquim Gonçalves Macieira, cidadãos Dulio Ribeiro e elle declarante e mais algumas praças de caçadores n.º 5, só retiraram depois de se verem abandonados, e se dirigiram á chitata de Marango, deixando no campo de Massangano algumas munições que não foi possivel salvar.

Declarou mais que encontraram na chitata de Marango os cidadãos José Pereira de Carvalho, Tito Caetano Gomes e o capitão mór de Chicôa Ignacio de Jesus Xavier, este que ha pouco se tinha retirado de Massangano, acompanhados de um pequeno numero de sipaes; e n'este ponto ainda s. ex.ª o governador do districto trabalhou para reunir as forças que passavam em desordem por dentro e por fóra da mesma chitata, mas não conseguiu cousa alguma porque todos se dirigiam para o lado de Tete.

Declarou mais que quando chegou á chitata de Marango, não viu ali as munições do governo, nem sabe o destino que tiveram, e que vendo s. ex.ª o governador do districto que não podia conseguir a reunião das forças em debandada, saíu com os cidadãos que ali se achavam com destino a Tete; que na marcha, vendo o declarante o estado de abatimento e cansaço do alferes secretario Macieira, por algumas vezes o carregou, evitando assim que caísse nas mãos do inimigo.

Declarou mais que todas as bagagens, constantes de machilas, malas, rancho, etc., ficaram no campo de Massangano, tendo tambem ficado na chitata do Marango as que ali havia.

Declarou mais que o mencionado capitão Cambuemba e a força de Manica, na sua retirada seguiram pelo caminho de Catippo (segundo ouviu dizer).

E lida a sua declaração a achou conforme, e por não saber escrever assignou commigo o capitão presidente.=*Joaquim de Carvalho*=*João Augusto Ribeiro Pontes*, alferes secretario.

9.ª declaração.—Francisco Rafael, primeiro cabo do batalhão de caçadores n.º 5, natural de Angola, de idade ignora, estado solteiro.

Lida a ordem da nomeação d'este governo, declarou: que no dia 21 do corrente, tendo pernoitado no ponto de Tengo as forças sob o commando de s. ex.ª o governador do districto, levantaram do acampamento com direcção a Massangano ás seis horas da manhã, pouco mais ou menos, do citado dia, e chegaram perto da chitata do inimigo aproximadamente ás nove e meia; ali foram divididas as forças e foi nomeado o capitão Cambuemba da força de Manica, a fim de atacar pelo lado de Sena, e em seguida principiou o fogo e a construcção das nossas chitatas; que antes do meio dia, segundo calculou pela altura do sol, saíu da chitata do inimigo uma grande força que atacou por todos os lados o referido capitão Cambuemba, pelo que este abandonou o ponto de que estava encarregado, e se poz em fuga desordenada; e que tendo presenciado as nossas forças de Tete este acontecimento se possuiram de tal panico, que tambem immediatamente se pozeram em debandada e fuga; sendo baldados todos os meios empregados por s. ex.ª o sr. governador do districto, para as chamar á attenção e conservar no seu posto; o qual, junto do capitão mór d'esta villa João Martins, alferes Macieira, cidadão Dulio Ribeiro e mais algumas praças de caçadores n.º 5, só retiraram depois de se verem abandonados, e se dirigiram á chitata de Marango; deixando no campo de Massangano algumas munições que não foi possivel salvar.

Declarou mais, que encontrou na chitata de Marango os cidadãos José Pereira de Carvalho, Tito Caetano Gomes e capitão mór de Chicôa Ignacio de Jesus Xavier, o qual pouco antes tinha retirado de Massangano, acompanhado de um pequeno numero de pretos; e que n'este ponto ainda o sr. governador fez todas as diligencias para conter a força que em debandada passava por dentro e por fóra da mesma chitata, mas não foi possivel conseguir a reunião porque todas as forças caminhavam para o lado de Tete.

Declarou mais que quando chegou á chitata de Marango, não viu ali as munições do governo, nem sabe tão pouco o destino que ellas tiveram; e que vendo s. ex.ª o governador, que não podia conseguir a reunião das forças em debandada, saíu com os cidadãos que ali se achavam com destino a Tete.

Declarou mais que todas as bagagens, que se compunham de machilas, malas, rancho, etc., ficaram no campo de Massangano, ficando tambem na chitata de Marango todas as que ali existiam.

Declarou finalmente que s. ex.ª o governador do districto bastante trabalhou para conseguir a reunião das forças em debandada, mas foram baldados todos os esforços, visto todas as nossas forças se terem possuido de tal panico, que de uma só vez retiraram do campo, deixando o mesmo sr. abandonado, bem como todos os cidadãos que faziam parte d'esta campanha.

E lida a sua declaração a achou conforme, e por não saber escrever assigna commigo o capitão presidente.=*Joaquim de Carvalho,* capitão=*João Augusto Ribeiro Pontes,* alferes secretario.

QUINTA SESSÃO

Aos 30 dias do mez de junho de 1888, pelas onze horas do dia, se continuaram os trabalhos do presente auto, recebendo-se as declarações de Augusto Militão de Sousa e de Christiano de Sousa.=*João Augusto Ribeiro Pontes,* alferes secretario.

10.ª declaração.—Augusto Militão de Sousa, natural de Tete, idade trinta annos, estado casado.

Lida a ordem da nomeação d'este governo, declarou: que no dia 24 de maio, por ordem de s. ex.ª o governador do districto, que lhe foi transmittida pelo padre vigario João Hiller, arredentario do prazo Cassanha, foi nomeado commandante das forças ali reunidas e que em dias seguintes se reuniram, e dirigindo-se ao ponto de Inhancoma, em frente de Massangano, na margem esquerda, ali com todas as forças, ás quaes foram distribuidas armas e munições, construiu uma chitata, para garantir a este governo o dominio dos prazos da margem do rio Zambeze, evitar a assolação dos rebeldes e impedir a passagem dos mesmos, quando tentassem passar para a margem esquerda.

Declarou mais, que no dia 3 ou 4 de junho nomeou uma força de 50 homens para ir castigar os colonos rebeldes do prazo Sungo, a qual foi feliz, porque bateu os inimigos, fazendo-lhes algumas mortes, e conseguiu metter no fundo duas almadias que vinham em soccorro dos ditos inimigos, a qual retirou com alguns despojos; que dias depois foi a chitata (da força do declarante) atacada pelos inimigos do prazo Sungo e dos installados em Massangano; estes passaram o rio em almadias, e tendo principiado o fogo de parte a parte, só ao meio dia conseguiram pôr o inimigo em debandada; que o ataque durou desde as sete horas da manhã até ás doze.

Declarou mais, que n'esse mesmo dia uma força de 104 sipaes, do commando do cidadão Dulio Ribeiro, passou da chitata do Marango para aquelle ponto, a fim de o reforçar, mas que quando chegou já o inimigo tinha retirado em debandada; que a este ataque e ao do Sungo assistiu o irmão do declarante, que em 3 de junho ali se reuniu com uma força de 25 homens do prazo Zanje. Que no citado dia do ataque das forças dos rebeldes requisitou mais munições, as quaes lhe foram fornecidas com toda a promptidão. Que depois d'este dia não tiveram mais ataques, mas impediram a passagem do inimigo da margem direita para a esquerda, isto n'uma area de bastante extensão, e assim se conservaram as forças do seu commando, até que s. ex.ª o governador do districto, depois da victoria da chitata do Pindiriri se dirigiu a Massangano á testa da columna, onde chegou no dia 21 do mesmo mez de junho, pelas nove horas (pouco mais ou menos); que da margem esquerda presenciou o declarante que as forças cercavam a chitata de Massangano por um modo vantajoso, o que parecia assegurar a victoria em pouco tempo; que tambem presenciou que muitas d'aquellas forças trabalhavam com immenso afan no córte de madeira, conducção e construcção das nossas chitatas; que logo que as nossas forças ali chegaram deram começo ao ataque, e elle declarante viu o fogo de parte a parte; viu tambem que um troço do inimigo saíu por tres vezes da chitata, pela porta que dá para o rio, alguns dos quaes se encobriam n'uma valla, e d'ali faziam fogo aos nossos, mas que por tres vezes foram repellidos e obrigados a entrar na chitata inimiga; que n'uma das vezes em que o inimigo foi repellido, presenciou que a força que da nossa parte occupava o lado de Sena se afastou para distancia consideravel, e que d'ali fazia fogo, mas que o declarante não distinguiu bem, porque o estampido saía do centro do grupo das macieiras; que seriam onze horas do dia (pouco mais ou menos) viu que forças do inimigo saíam da chitata pelas portas de Sena e da praia, e que n'esta occasião a nossa força postada na serra abandonava o seu posto; e que n'esta occasião viu saír da chitata inimiga muita gente com volumes á cabeça, mas que era tanta a poeira produzida em Massangano pelo movimento do inimigo e das nossas forças, que não pôde distinguir se eram mulheres ou homens que carregavam os volumes; parece-lhe, porém, que o inimigo pretendia abrir caminho para se pôr em fuga, e que d'este movimento veiu o panico

ás nossas forças e em seguida a debandada geral que o declarante presenciou, bem assim a força do seu commando; e que n'esta occasião tambem se possuiu de medo, e principiaram a abandonar a chitata de Inhancoma, que o declarante sustentava e que definitivamente abandonaram, conseguindo levar as munições; que o declarante trabalhou para persuadir a sua força da conveniencia de se conservar firme n'aquelle ponto, fazendo-lhe ver que a desordem havida em Massangano não tinha importancia, porque na chitata de Marango se havia de conseguir a reorganisação de todas as forças, mas que todos os seus esforços foram baldados, porque a força não o attendeu, para o que concorreu o alarido e pombeiração das forças inimigas em Massangano depois da retirada da nossa gente, os quaes inimigos hastearam uma bandeira á porta da chitata de Massangano; por consequencia retirou para Cassanha, vendo na sua retirada que a chitata de Inhancoma tinha sido incendiada pela nossa gente; que em Cassanha reuniu todas as forças, e ali teve a noticia de que as forças, que tinham debandado em Massangano, tinham retirado para Tete.

E lida a sua declaração a achou conforme, e se assigna commigo alferes secretario d'este auto. = *Augusto Militão de Sousa* = *João Augusto Ribeiro Pontes,* alferes secretario.

11.ª declaração. — Christiano de Sousa, natural de Tete, idade trinta e cinco annos, estado casado.

Lida a ordem da nomeação d'este governo, declarou: que no dia 3 de junho que hoje finda, veiu do prazo Zanje com uma força de 25 armas e se apresentou ao encarregado do governo, na ausencia de s. ex.ª o governador do districto, que se achava combatendo a chitata do rebelde Pindiriri, na margem direita do Luenha; que o mesmo encarregado lhe determinou reunisse ás forças de Augusto Militão de Sousa, que guarneciam Cassanha; e que tendo-lhe sido fornecidas as munições que requisitou, no dia 4 reuniu ao dito Augusto, que é seu irmão, o qual encontrou no ponto Inhancoma, em frente de Massangano, onde se achava com as forças do seu commando concentradas n'uma chitata havia poucos dias construida, que n'esse mesmo dia, junto a uma força de 50 homens, se dirigiu ao prazo Sungo para castigar os colonos rebeldes do mesmo prazo e todos aquelles que mostrassem não querer obedecer á auctoridade do governo; que a mesma força foi feliz, porque bateu os inimigos, fazendo-lhes algumas mortes, e conseguindo metter no fundo duas almadias que íam em soccorro dos ditos inimigos, e depois retirou com alguns despojos; que dias depois foi a chitata de Inhancoma, aonde o declarante se achava, atacada pelos inimigos do prazo Sungo e dos installados em Massangano; que passaram para aquella margem em almadias; que o ataque principiou ás sete horas da manhã, e só ao meio dia conseguiram pôr em debandada o inimigo; porém, que os mortos e feridos foram levados pelo inimigo, e que só viram no campo muito sangue.

Mais declarou, que no mesmo dia uma força de 104 sipaes, do commando do cidadão Dulio Ribeiro, passou da chitata do Marango para aquelle ponto, a fim de os reforçar, mas que quando chegou já o inimigo tinha retirado em debandada.

Que depois d'este ataque não tiveram mais contendas com o inimigo, mas impediram a passagem d'elle da margem direita para a esquerda, isto n'uma area bastante extensa, e assim se conservaram até que s. ex.ª o governador do districto, depois da victoria da chitata de Pindiriri, se dirigiu a Massangano á testa da columna, onde chegou no dia 21 de junho pelas nove horas do dia (pouco mais ou menos); que da margem esquerda presenciaram que as forças cercavam a chi-

tata de Massangano por uma fórma vantajosa, mostrando assim certa a victoria em pouco tempo; bem assim presenciaram que muitos homens d'aquellas forças trabalhavam com muita vontade no córte de madeira, conducção e construcção das nossas chitatas; que logo que ali chegaram as mencionadas forças o declarante viu principiar o ataque e fogo vivo de parte a parte; viu tambem que um troço de inimigos por tres vezes saíu da chitata pela porta que dá para o rio, alguns dos quaes se encobriram e fizeram fogo da valla que havia ao lado do mesmo rio; mas que por tres vezes a nossa força os repelliu e obrigou a entrar na chitata inimiga, que n'uma das vezes em que o inimigo foi repellido, presenciou que a força que da nossa parte sustentava o lado de Sena se afastava para distancia consideravel, que d'ali fazia fogo, e que não pôde distinguir bem, porque o estampido dos tiros saía do centro das macieiras; que logo em seguida, onze horas do dia (pouco mais ou menos) viu que forças do inimigo saíram da chitata pelas portas de Sena e da praia, e que n'esta occasião a nossa postada na serra deixou o seu posto, o que deu logar a saír da chitata do inimigo muita gente com volumes á cabeça, mas que era tanta a poeira produzida em Massangano pelo movimento do inimigo e das nossas forças, que não pôde distinguir se eram mulheres ou homens que carregavam os volumes; pareceu-lhe, porém, que o fim do inimigo foi abrir caminho para se pôr em fuga; mais lhe parece que d'este movimento e confusão de tiros se levantou o panico nas nossas forças e em seguida a debandada geral.

Que vendo as forças concentradas na chitata Inhancoma a debandada da columna, tambem se possuiram de medo, e logo os homens uns após outros se pozeram em fuga; que o declarante e seu irmão Augusto empregaram todos os esforços para se conservar n'aquelle ponto, fazendo ver á força que a debandada nenhuma importancia tinha, porque a columna novamente se havia de reorganisar na chitata de Marango; mas todos os trabalhos foram baldados, porque não attenderam a cousa alguma, para o que muito concorreu o alarido e pombeiração que o inimigo executou em Massangano com uma bandeira hasteada, isto depois que as nossas forças debandaram; por consequencia retiraram para Cassanha, levando as munições que restavam; que a uma distancia consideravel olhando para a retaguarda viu a chitata de Inhancoma a arder, e soube que tinha sido a nossa gente que lhe tinha deitado fogo para o inimigo não se servir d'ella. Que em Cassanha seu irmão Augusto conseguiu a reunião das forças, e ali tiveram a noticia de que os nossos se não reorganisaram em Marango e continuaram a retirada para Tete.

E lida a sua declaração a achou conforme, e se assigna commigo alferes secretario d'este auto. = *Christiano de Sousa* = *João Augusto Ribeiro Pontes,* alferes secretario.

SEXTA SESSÃO

Aos 4 dias do mez de julho de 1888, pelas onze horas do dia se continuaram os trabalhos do presente auto, recebendo-se a declaração de Gonçalo Ferrão. = *João Augusto Ribeiro Pontes,* alferes secretario.

12.ª declaração. — Gonçalo Ferrão, natural de Tete, idade vinte e tres annos, estado solteiro.

Lida a ordem da nomeação d'este governo, declarou: que depois da derrota do Pindiriri se dirigiram a Massangano, e que na noite de 20 acamparam e dormiram todas as forças no ponto Tengo, onde não tiveram agua para cozinhar; que no dia 21 de junho, ás seis horas da manhã, levantaram o acampamento e

chegaram á chitata de Massangano ás nove horas (pouco mais ou menos); que ali foram as forças distribuidas de fórma que cercaram convenientemente a chitata do inimigo, cabendo ao capitão Cambuemba, da força de Manica, atacar pelo lado de Sena; que o declarante se achava junto a s. ex.ª o governador do districto, bem assim o capitão mór da villa de Tete, João Martins; dito de Chicôa, Ignacio de Jesus Xavier; e junto tambem o cidadão Francisco Antonio Dulio Ribeiro, o qual da chitata de Marango, em 18 do dito mez de junho, seguiu para Inhabaco com uma força de duzentos e tantos homens, e d'ali todos marcharam juntos para Massangano, onde o declarante presenciou as disposições de todas as forças; e que logo que ali chegaram rompeu fogo de parte a parte; que muitos homens foram empregados no córte de madeira e construcção das nossas chitatas; e que estando já os trabalhos bastante adiantados, das onze e meia para as doze horas do dia viu gente que do acampamento fugia; e perguntando a causa, foi informado que tendo uma força do inimigo atacado por todos os lados o capitão Cambuemba, este abandonou o seu posto por não ter a tempo distribuido ás suas forças as munições que para este fim tinham sido enviadas; que em seguida a força que se achava na serra tambem abandonou o seu posto, e assim se estabeleceu a confusão e debandada geral; que n'esta occasião s. ex.ª o governador do districto, e os mais cidadãos presentes trabalharam denodadamente para reunir as forças, mas não conseguiram cousa alguma, porque em pouco tempo ficaram abandonados; nem mesmo conseguiram salvar as munições do governo, bagagens e tudo o mais que ali havia, pelo que retiraram para a chitata de Marango, tendo pouco antes desapparecido do acampamento o capitão mór de Chicôa, Ignacio de Jesus Xavier; que mais adiante na chitata de Marango o encontraram, bem assim o cidadão José Pereira de Carvalho e Tito Caetano Gomes; e ouviu dizer que o subdito francez Charles Chastaing já se tinha retirado para Tete; que n'este ponto s. ex.ª o governador do districto e todos os mais cidadãos trabalharam para reunir as forças, mas não o conseguiram, porque as forças corriam por fóra da chitata, e os que n'ella entravam pouco tempo se demoravam e não attendiam cousa alguma; aqui, porém, não viu as munições do governo, e pouco depois se retiraram para Tete, por tambem terem sido abandonados.

Ao ser-lhe lida a sua declaração, disse que o capitão mór de Chicôa, Ignacio de Jesus Xavier, lhe parece ter retirado junto do campo de Massangano, porque ao passar o rio Luenha o passaram juntos, e todos se dirigiram á chitata de Marango.

E lida a sua declaração a achou conforme, e se assigna commigo alferes secretario. = *Gonçalo Ferrão Junior* = *João Augusto Ribeiro Pontes,* alferes secretario.

CONCLUSÃO

Não havendo mais declarações a tomar, encerra-se o presente auto de averiguação, que vae ser enviado a s. ex.ª o governador do districto, para os fins convenientes.

Secretaria do governo de Tete, 4 de julho de 1888. = *Joaquim de Carvalho,* capitão presidente = *João Augusto Ribeiro Pontes,* alferes secretario.

Está conforme. — Secretaria do governo geral da provincia de Moçambique, 1 de fevereiro de 1889. = *José J. de Almeida.*

DOCUMENTO E

Relatorio do governador do districto de Tete ácerca das operações de guerra por elle determinadas depois da nova sublevação do Mutontora e dos seus sectarios. — Primeiro periodo.

Copia. — Serie de 1888. — N.º 49. — Ill.mo e ex.mo sr. — Em officio n.º 39 da secção civil d'este governo, com data de 30 de maio, eu communicava a v. ex.ª, para conhecimento de s. ex.ª o conselheiro governador geral, os acontecimentos que se tinham dado por parte dos representantes da familia Bonga, de novo rebellados, não obstante a affirmativa solemne, feita ao paiz, de que este assumpto estava terminado, crença que ninguem poderia ter posto em duvida, depois de tantos e tão brilhantes resultados.

Mas o que o governo não podia evitar, se bem que o devesse ter previsto, era a insaciavel ambição dos parentes do Bonga, era o desejo ardente que elles deviam sempre nutrir de reconquistar o seu antigo prestigio e de se fazerem valer de novo aos olhos dos que tinham presenciado a sua humilhação. Para evitar estes novos acontecimentos teria sido preciso arrancar da Zambezia todos os membros d'aquella familia. O cancro, que se denominava Chatara, tinha muitas e complicadas raizes e era assim preciso extirpal-as. Não era isso trabalho para mim só. Nem todos ficaram residindo sob a minha jurisdicção, nem eu por mim podia havel-os todos.

Teria tambem sido preciso ou fazer a guerra cruamente e a todo o transe, quando se realisaram as operações de setembro do anno findo, ou estabelecer em seguida a ella um systema de perseguição e suspensão de garantias, a todos que, até de leve, tivessem relações de parentesco com o rebelde derrotado e prisioneiro. Mas todos sabem que a clemencia dos poderes publicos foi grande, e que aos membros d'esta familia foi permittido o goso dos direitos de cidadãos.

Ter-se-ía tambem obviado ao mal, se immediatamente apoz a destituição do potentado Chatara e as derrotas de seus sectarios, tivessem os prazos reconquistados sido occupados escrupulosamente por forças e habitantes da confiança do governo. Mas Motontora, um dos membros da familia Bonga, se bem que momentaneamente abatido, não saíu do prazo que habitava, onde tambem vieram habitar outros seus parentes e permaneceram os mesmos colonos, todos gente d'elles, sendo vigiados apenas por uns grandes de Manuel Antonio de Sousa, os quaes ficavam na margem direita do Zambeze.

Na esquerda foram os prazos, que outr'ora estavam tambem em poder dos rebeldes, arrendados aos moradores da villa, mas como é habito velho que quem arrenda prazos não é para viver n'elles, administral-os prudentemente e cultival-os sob suas vistas, mas sim para ter *mussôco* e homens, ficaram tambem n'estes prazos os rebeldes muito á sua vontade, ouvindo os dictames perversos de seus antigos senhores, a quem se uniram ao primeiro grito de revolta pois que, anceiando pelo roubo e pela pilhagem, aquelle appello satisfazia os seus desejos e lhes dava de novo garantias á sua má educação havia tempo reprimida.

As communicações feitas pelo encarregado do governo, durante os dias em que me achei ausente da séde do districto, entregue inteiramente aos acontecimentos importantes que se passavam lá fóra, tendentes a perturbar a marcha regular dos acontecimentos publicos, a informação mensal, que agora segue n'este correio e o auto que incluso vae sobre acontecimentos mais posteriores, dispensar-me-hão de ser profuso n'este meu officio. Não obstante, vou o melhor que possa e passo a passo, apresentar ainda mais uma vez em revista os factos que tiveram logar desde 1 de junho, a fim de que n'elles não reste lacuna alguma, pois que muito convirá precisal-os claramente e accentual-os.

Tendo pois dito que em 31 de maio saía d'esta villa, assim o fiz e no dia 1 de junho chegámos a Inhassenha, na margem esquerda do Luenha, prazo aquelle fronteiro a Inhacatipoé, onde estava a chitata do Pindiriri, como outr'ora a antiga aringa, mas agora mais aquem. Construiram-se immediatamente abrigos e pensou-se no meio mais facil de transporem o rio as forças, as quaes eram approximadamente oitocentos homens do capitão mór de Tete e seiscentos do capitão mór de Chicôa.

Em 3 de madrugada havia passado o rio o grosso das forças, havia-se construido durante a noite um vallado no areal do Luenha, no qual se havia collocado em emboscada uma força de sessenta homens, e emquanto eu e os que me acompanhavam e uma força de reserva, mostravamos querer passar o rio, com grande grita e algazarra de parte a parte, porque os de Pindiriri nos julgavam prestes a caír em suas mãos, e assim exultavam antecipadamente com a nossa temeridade, recebiam elles uma descarga cerrada de dentro da valla e eram ao mesmo tempo atacados de flanco pelas forças que de madrugada haviam transposto o rio. Deixando logo bastantes mortos sobre o campo, e em confusão enorme, breve se precipitaram para dentro da chitata espantados da nossa audacia e da bem combinada surpreza do ataque.

Foi depois d'esta passagem simulada, que effectivamente passei á margem direita.

Desde 3 a 13 passou-se o tempo em escaramuças e na construcção de *sonzoros e chitatas*, dispostas a cercar o inimigo.

Estes *sonzoros e chitatas* íam estabelecendo um continuo aperto em volta da dos rebeldes.

Não quero passar adiante sem dar uma idéa do que são *chitatas e sonzoros*, pois que me será necessario empregar muitas vezes estes termos.

A *chitata* é uma fortificação mais passageira do que as aringas. Emquanto os paus que formam estas são unidos completamente occupando ellas uma maior area de terreno, são os d'aquellas, que circumdam apenas a extensão que baste para conter os defensores e permittir-lhes as evoluções, collocados com uns intervallos de $0^m,50$ ou mais de distancia entre si. Os intervallos são cheios, a esmo, com troços de madeira de toda a qualidade e de todas as dimensões, formando camadas até á altura das cabeças dos combatentes, e tendo de espaço a espaço e em differentes escalas, pequenos buracos que servem de seteiras.

Os *sonzoros* são abrigos que se compõem por assim dizer de secções de *chitatas*, os quaes se construem durante as noites, destruindo-se os que vão ficando á retaguarda quando o arco vae avançando e construindo-se mais ávante com os materiaes dos primeiros.

Estas fortificações, comquanto passageiras, têem um subido valor. A artilheria, póde perfural-as, mas não demolil-as. Os projecteis explosivos, lançados com mão certeira no seu recinto, são o meio mais seguro de as fazer evacuar. Afóra

isso o cerco, e por fim o assalto á arma branca em que se peleja cruamente e com desapiedada loucura.

A mortandade, pois, que soffriam os rebeldes do commando de Pindiriri, quando queriam abastecer-se de agua, ou tentar alguma desesperada sortida, era espantosa. Cansados de perderem gente quando queriam obter agua, haviam por ultimo recorrido ao expediente de construir um poço dentro da fortificação. Esta noticia mostrou-nos logo a necessidade de que urgia acabar de prompto com aquella *chitata,* e por isso á uma hora da madrugada de 13 era assaltada com o maior denodo e depois de breve, mas horrivel peleja, achava-se em poder das nossas forças.

Soffremos durante o cerco dois ataques de forças, vindas de Massangano para soccorrer o Pindiriri, as quaes foram rechassadas sem que lograssem communicar com o inimigo e tendo bastantes perdas. O ultimo ataque d'este genero, teve logar quando já as forças do Pindirire estavam derrotadas e a sua *chitata* em nosso poder.

Durante estas operações tivemos a lamentar cinco mortos e dezeseis feridos. As perdas do inimigo foram importantissimas. Avaliadas pela contagem de alguns dos muitos cadaveres que juncavam o interior da chitata e os seus arredores, foram ellas mais de cem mortos. Ficaram em nosso poder, mais de oitenta prisioneiros, mulheres e creanças, a quem mais tarde se deu a liberdade.

Entre os mortos conta-se o grande Pindiriri, tão notavel sempre nos fastos passados, um mozungo da familia Bonga e dois *pondoros.* A morte de Pindiriri, dizem, occorrêra durante o cerco, logo no dia 3, e foi por nós ignorada, sabendo-se tão sómente que fôra visto caír um grande, que se suppoz sempre fosse Catimaringe, sobrinho de Pindiriri. A certeza de que fôra Pindiriri, foi-nos dada pelos prisioneiros, que nos mostraram a sua sepultura. Convinha esclarecer esta importante noticia e por isso foi o cadaver exhumado e apesar de terem decorrido dez dias, e de que a decomposição começava a produzir seus effeitos, foi a identidade plenamente reconhecida por todos que o haviam conhecido em vida.

Tinha havido o maior cuidado da parte dos seus, em occultar a morte de Pindiriri ás nossas vistas. Um outro individuo, que dizem chamar-se Chiquete, era visto durante o cerco representar o seu papel.

Uma peça de campanha de $0^{m},08$ fazia tambem parte dos nossos meios de ataque. Esta peça, estriada, de systema antigo e de pequenas dimensões, facil de transportar-se, tinha comtudo o reparo avariadissimo. Ao quarto tiro rebentou o eixo e ainda um segundo que se lhe fez ali, sendo novamente substituido por um outro. Fez comtudo cerca de dez tiros, sendo alguns de granadas com bom exito, pois causaram algum destroço entre os defensores da chitata de Pindiriri.

Esquecia-me dizer que Dulio Ribeiro occupava então o Marango, na embocadura do Luenha, na margem esquerda, com uma força de quatrocentos homens approximadamente, depois de ter reduzido á obediencia aquelle prazo. Ali se achava tambem Tito Caetano Gomes. Depois foi Dulio Ribeiro para Inhabaco, logar por onde deviamos transitar na ída para Massangano e ahi se nos juntou em 17, com duzentos e trinta e cinco homens da força do Marango. No dia 18, recebemos communicação de que José Pereira de Carvalho fôra por seu turno reforçar o Marango com quatrocentos e dez homens, dos quaes fez destacar duzentos e oitenta para nos auxiliarem. Inhancoma, fronteiro a Massangano, estava estrategicamente occupado, para evitar a passagem do inimigo para aquelle lado.

Voltando novamente ao assumpto interrompido, direi que em 15, depois de

dispostas convenientemente todas as cousas, nos pozemos em marcha para Massangano e ali acampámos em 21. Durante o transito tinham sido batidas, com bom exito, differentes povoações que obedeciam aos rebeldes.

Ou por acaso, ou por estrategia, havia saído n'este dia da chitata de Massangano uma parte da força, o que por nós era completamente ignorado, e que só soubemos, quando remedio nenhum já tinha o mal que isto nos causou.

Do lado de Sena operava uma força de trezentos homens do chefe Cambuembua, vinda dois dias antes das terras do districto de Manica, á qual se haviam juntado trezentos homens do capitão mór de Chicôa, achando-se todos sob o commando do dito chefe. Do lado da serra de Massangano estavam as forças de Domingos Salvador do Rosario Nazareth (sentenciado Appá a quem se referem outros officios) e do lado da estrada de Tete, eu com os capitães móres de Tete e de Chicôa e uma força que constituia a reserva.

A totalidade das forças n'estas operações, elevar-se-ía pelo menos a dois mil e quinhentos homens. Achava-se, como já disse, apoiado um corpo de reserva no Marango e collocada tambem uma força em Inhancoma, na margem esquerda do Zambeze, para impedir que os fugitivos atravessassem para ali. Tudo presagiava um feliz exito: não só os triumphos alcançados por estas mesmas forças em Pindiriri, mas ainda a quantidade a que agora subiam.

O ataque começára pois n'estas disposições, algumas horas depois de termos chegado. Mas logo em seguida, a força inimiga que havia saído, como disse, recolhendo á chitata atacou pela retaguarda as forças de Cambuembua, que se viram assim situadas entre dois fogos. Um terror invencivel se espalhou então, sem que se soubesse ao certo quem o inspirava. A gente do commando de Cambuembua, vendo-se atacada pela retaguarda pelas forças que recolhiam á chitatá, e pela frente pelos defensores d'essa chitata, tomaram por ultimo recurso a fuga desordenada. Seguiu-se immediatamente a debandada da força da serra, como que movida pela mesma mola, e os que nos acompanhavam debandaram tambem. De dentro da chitata saíu o inimigo em perseguição dos fugitivos, e chegado á nossa, que abandonámos por não haver quem a defendesse, se deteve então, não pelo receio que já lhe inspiravamos, mas pelo instincto de rapina, pois que ali encontraram com que entreter-se e foi essa a causa da nossa salvação.

Infructiferos foram todos os appellos que fiz para ver se conseguia reunir as forças em debandada e nem mesmo pude obter que se juntassem alguns homens, para removerem e salvarem alguns cunhetes, em numero talvez de quatorze. Tudo foi baldado. Os cunhetes foram presa do inimigo e a polvora em barris foi roubada pelas nossas proprias forças.

O capitão mór de Chicôa foi arrastado á viva força por alguns de seus homens. Appá retirou com alguns combatentes, mas ainda muito a salvo. A posição mais desesperada foi a minha e a do alferes Macieira, que tinhamos diante de nós uma perspectiva de quasi 2 kilometros de areal a transpor, sem o auxilio de pessoa alguma. Appareceu depois junto a nós o capitão mór de Tete, que com poucos homens seguia, e que prestou grandes serviços ao alferes Macieira, que mal já podia andar.

Mas se não fosse o entretenimento da pilhagem, haveria muitas perdas a lamentar entre os mais grados dos que compunham esta expedição, e, se alguns escapassem, posso affiançar que não seria eu nem aquelle official.

Por fim conseguimos com muito custo, n'este *salve-se quem podér*, pisar terreno solido e continuar a retirada para Tete. A peça e seus materiaes, haviam ficado na Inhassenha, por se terem tornado inuteis, em vista do mau estado do

reparo, e poderem recolher a Tete depois. Na chitata ficaram sessenta homens de guarnição.

A gente de Marango retirou tambem, logo que ahi appareceram os primeiros fugitivos, e da polvora em reserva, que ali existia, nada ficou porque foi roubada por essa mesma força. Ali foram tambem inuteis os esforços para reorganisar as forças; tudo foi baldado, porque era enorme o panico de que todos estavam possuidos, então já sem motivo algum.

Ao capitão mór de Chicôa, como o mais entendido em assumpto de guerras d'este genero, havia sido confiada a direcção das operações, e era quem tinha disposto o ataque com os chefes indigenas. Foi elle o primeiro a desapparecer n'esta debandada, mas affirma o alferes Macieira, que foi levado á viva força pelos seus.

As forças de primeira linha que tomavam parte n'estas operações, eram dois cabos e quatro soldados. Incapazes de em tão pequeno numero e a par de forças de natureza tão differente se fazerem valer, serviam só por assim dizer para ordenanças e para serviços de conducções ou distribuições de materiaes e para sua guarda. Um só soldado pôde pois mostrar a sua valentia e a sua extrema dedicação não só nos ataques mas ajudando por differentes vezes o alferes Macieira a transpor o areal sobre os seus hombros, quando este official se achava já exhausto de forças.

Este valente é o n.º 33 da terceira companhia de caçadores n.º 5, Mussá, a quem por distincção promovi a cabo.

Antes de passar a outros assumptos direi que, apesar de tudo que occorreu em Massàngano, são dignos de louvor entre todos, os capitães móres de Tete, João Martins e de Chicôa Ignacio de Jesus Xavier, pela abnegação com que abandonaram seus negocios commerciaes, as suas caçadas de elephantes ha tanto tempo e com tantos sacrificios preparadas, para virem prestar o seu auxilio e de suas forças ao governo; e que são tambem credores de publicas demonstrações os cidadãos Francisco Antonio Dulio Ribeiro, José Pereira de Carvalho e Tito Caetano Gomes, não só pelos seus serviços pessoaes, mas tambem pelo fornecimento de armas e de outros recursos de guerra. Acrescentarei ainda que prestaram serviços tendentes ao fim commum, os cidadãos Francisco Marques e Anacleto Nunes e emfim muitos outros, pois que, em taes occasiões, ainda se não desmentiu o patriotismo dos habitantes de Tete.

Á hora em que escrevo, continuam as operações. Depois da retirada de Massangano, a guarnição de Inhancoma, queimando a chitata, recolheu á Cassenha, onde construiu nova fortificação. Esta guarnição foi reforçada e tem tido escaramuças com os rebeldes do Sungo, com feliz exito. Marcharam em 10, oitocentos homens, para ir bater o Sungo, reconstruir a chitata de Inhancoma e construir uma no prazo Domoé, para assim evitar que a primeira seja cercada e outrosim que os rebeldes de Massangano, que estão ali privados de viveres, se abasteçam no Sungo onde os ha em quantidade, sendo estas forças do capitão mór de Tete, João Martins e do benemerito cidadão José Pereira de Carvalho e uma pequena parte dos colonos da Cassenha, Inhabaruarue e Inhalupanda. É chefe d'ellas o já citado Appá, ao qual dei instrucções para, depois de bater o Sungo, se dirigir ao Mahembe e ahi ordenar a Chiuta (unico irmão dos Bongas que parece conservar-se fiel), em meu nome, para que construa uma fortificação no prazo Sungo, que elle guarnecerá com sua gente.

Tambem é missão das forças de Appá guarnecerem a margem esquerda, para evitar a fuga dos rebeldes de Massangano, quando pela margem direita forem atacados por forças do districto de Manica. Extra-officialmente sabe-se, por carta

do capitão mór de Chicôa, que o governador d'aquelle districto se achava no dia 9 com forças em Inhamacombe, devendo portanto chegar por estes dias a Massangano e, se se realisarem os ataques do Sungo e de Massangano simultaneamente, ha todas as esperanças de bom exito, attenta a pouca força do inimigo, para poder dividil-a. A margem esquerda do Luenha acha-se guarnecida com quatro fortificações, chitatas, sendo tres do capitão mór de Chicôa e uma do de Tete, tendo este alem d'isso mais duas em diversos prazos, na margem esquerda do Zambeze.

Resta-me dizer que o districto, já desguarnecido de forças regulares, que se acham concentradas, e ainda assim em pequeno numero, na Macanga e no Zumbo, se vê reduzido ao maior apuro de materiaes de guerra. Já quasi nada ha nos depositos do almoxarifado, e muitos artigos se têem obtido por compra, faltando á ultima hora chumbo para o fabrico de balas. Afóra as espingardas Snider, que servem a tropas regulares e para as quaes existem só já n'esta villa, pouco mais ou menos, quatro mil cartuchos, ha pequena quantidade de armas de espoletas, actualmente distribuidas.

Para armar tão grandes forças, como as que se acham em operações, recorre-se ao emprestimo, e como é feito pelos negociantes, é certo que estes vêem deteriorar-se-lhes estes artigos, sem nenhuma indemnisação, o que de certo modo os desgosta, pois são prejudicados com similhante systema. É pois de imperiosa necessidade remover este attrito, ou dando-se ordem para comprar no mercado quantas armas sejam necessarias, ou sendo fornecidas dos differentes depositos de material da provincia; mas, em qualquer dos casos, as providencias devem ser urgentes e o districto deve mesmo estar de antemão preparado para necessidades identicas, sem que a auctoridade local tenha de vacillar no que haja de fazer. Para o caso sujeito mal irá se as providencias que haja a dar-se, podessem ainda aproveitar-lhes.

Não é tambem estranho a v. ex.ª que o governo se vê na dependencia de todos para arranjar homens, e que é d'ahi então que resulta a pouca importancia de que gosa aos olhos do indigena, que não conhece senão o seu patrão: os arrendatarios dos prazos.

É d'elles que tudo procede aos olhos d'aquellas massas: as armas, a polvora, as balas, os pannos, a bebida, a alimentação, a necessidade das guerras, o modo de se fazerem, o seu resultado, a rapina que se segue, tudo emfim. E não é para admirar, porque os povos não conhecem em cousa alguma a immediata acção e a benefica influencia do governo, a quem nada paga, de quem nada recebe, nem sequer ordens, e com quem contratos nenhuns têem. E provém isto de que o governo local tem por obrigação pôr os prazos em hasta publica, a quem mais dá, e estes muitas vezes não encontram outro licitante senão o mesmo arrendatario do triennio que findou. Assim o mesmo individuo vae decorrendo annos na posse do prazo, e o indigena que nada sabe, nem nada quer saber, nasce, vive e morre, conhecendo apenas o seu senhor, o do prazo, que é a mesma cousa.

De resto reservo-me para narrar, na proxima mala, os acontecimentos que se forem succedendo, se necessidade urgente me não compellir a fazer additamentos.

Peço tambem mais a v. ex.ª se digne ordenar a publicação d'este meu officio, se n'isso não achar inconveniente grave.

Deus guarde a v. ex.ª Secretaria do governo de Tete, 14 de julho de 1888. — Ill.mo e ex.mo sr. secretario geral do governo. = O governador, *Augusto Cesar de Oliveira Gomes,* tenente coronel.

DOCUMENTO F

Officio do governador geral da provincia ao capitão mór de Manica reclamando informações relativas a acontecimentos da guerra de 1887

Copia—N.º 66.—Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr.—Tendo v. ex.ª tomado parte nas operações da guerra do anno passado contra os rebeldes de Massangano, desde que ellas foram a principio dirigidas pelo major Ferreira Simões, e tendo-se achado com o grosso das nossas forças que tomaram a aringa de Pindiriri, e que vieram depois á de Massangano, onde nenhuma resistencia encontraram, pelo facto de estar ella deserta e abandonada, digne-se v. ex.ª responder-me aos seguintes quesitos, os quaes só agora eu posso formular depois de conhecer as circumstancias especiaes do paiz, e por me ter espantado que tão pouco tempo depois da conclusão da passada campanha, rebentasse de novo esta sublevação em condições de tão extraordinaria e tenaz resistencia:

1.º Seria possivel que os rebeldes abandonassem a aringa de Massangano por estarem exhaustos de meios de defeza, quando é certo que elles só tiveram um combate de alguma importancia, mas ainda assim pouco demorado, na aringa de Pindiriri?

2.º Em que direcção teriam elles fugido, e onde esconderiam as munições que necessariamente deveriam ter?

3.º Qual o motivo por que não foram perseguidos, quando é provavel que, depois do abandono do seu principal baluarte em Massangano, elles tivessem a sua força moral muito abatida, ao passo que as nossas forças estavam justamente enthusiasmadas com as suas victorias?

4.º Caso houvessem sido perseguidos os rebeldes, como se me afigura que o deveriam ter sido, acha v. ex.ª provavel que elles viessem a ser castigados e que não tivessem vontade de se sublevar de novo este anno?

5.º Qual o motivo por que não foi occupada a aringa de Massangano por forças nossas, como o mais simples bom senso pareceria recommendar, tendo sido aquelle o desgraçado theatro de tão desastrosos acontecimentos ha mais de vinte annos, e onde por todos os motivos pareceria natural que installassemos a nossa auctoridade para prestigio do governo e protecção efficaz ao commercio?

Com a larga experiencia que v. ex.ª tem do paiz e de guerras com indigenas, e muito especialmente com estes, e com o seu reconhecido bom senso e patriotismo, espero que me responderá minuciosamente a fim de me habilitar a fazer a historia d'esta guerra, e a propor ao governo as medidas que convenha tomarem-se para o restabelecimento da ordem e segurança decorosa da nossa soberania.

Deus guarde a v. ex.ª Quartel general na aringa de Massangano, 8 de outubro de 1888.—Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. capitão mór de Manica, coronel honorario Manuel Antonio de Sousa.=O governador geral, *Augusto de Castilho.*

Está conforme.—Secretaria do governo geral da provincia de Moçambique, 1 de fevereiro de 1889.=*José J. de Almeida.*

DOCUMENTO G

Officio do capitão mór de Manica respondendo aos quesitos do governador geral da provincia

Copia.— Ex.mo sr.—Tenho a honra de accusar a recepção do officio de v. ex.a, serie extra de 1888, datado de 8 de outubro proximo findo, e no qual v. ex.a formula alguns quesitos, a que passo a responder, seguindo sempre a ordem por que elles se acham mencionados.

Quanto ao primeiro. Creio, na minha opinião, que os rebeldes abandonaram o anno passado a aringa de Massangano, por não poderem preparar-se á defeza com a urgencia que o caso reclamava; porque a nossa expedição tinha sido organisada com o maximo segredo e nas condições favoraveis. E depois para se nos oppor uma resistencia séria havia muitas difficuldades a vencer. Os irmãos *Bongas* viviam separados, cada um tinha sua aringa e gente á parte. Admittindo mesmo que o Chatara nos quizesse resistir em Massangano, com poucos elementos de que podia dispor, a tomada da aringa de Pindiriri, que os *Bongas* consideravam como um baluarte inexpugnavel, fez-lhes perder toda a força moral.

Quanto ao segundo. O Chatara, que a esse tempo imperava em Massangano, fugiu á outra banda ou margem esquerda do Zambeze com a polvora, marfim e outros objectos que lhe pertenciam; e dizem que o Motontora e o Chiuta, irmãos do mesmo, apanharam-lhe toda essa polvora e mais artigos. Outros irmãos do Chatara, Chimolamba, Gande, Muchenga e os mais tambem se refugiaram na mesma margem.

Quanto ao terceiro. O meu maior desejo foi, é e será sempre o exterminio dos Bongas, de qualquer maneira que se obtenha. O socego do Zambeze está todo dependente d'isto. No anno passado, durante a estada das nossas forças na aringa de Massangano, vieram ahi muitos *grandes* pedindo pazes; o sr. major Paiva de Andrada e o sr. governador de Tete disseram que se lhes não devia fazer mal, tanto aos Bongas como aos grandes chefes dos Bongas, porque elles vinham pedir perdão e prestar obediencia ao governo, e mandaram-n'os em paz e tambem o sr. governador de Tete deu até prazos a arrendar no districto de Tete aos dois irmãos dos Bongas Motontora e Chiuta, onde todos habitavam.

Quanto ao quarto. Caso houvessem sido perseguidos os rebeldes, como deveriam sel-o (e eu fui sempre d'esta opinião), é certo que seria facilimo ás nossas forças, bastante enthusiasmadas com a victoria, tel-os á mão, e uma vez castigados não haveria nunca mais sublevações.

Quanto ao quinto. O sr. major Paiva de Andrada não quiz que existisse de pé uma aringa sequer; mandou queimal-as todas, tanto as que estavam d'este

lado de Massangano, como as que estavam na outra margem e no interior. Pediu-me para deixar quatro pretos a fim de verem as terras de Massangano, até virem ordens do governo geral.

Queimada a aringa de Massangano saímos de lá, e seguimos até o Bandare pelo Zambeze, sem obstaculo algum; acampámos na aringa de Gande, o sr. Paiva de Andrada despediu-se, e seguiu a viagem a Moçambique, a fim de dar conta dos seus serviços. No segundo dia chegou o sr. capitão Jayme, então governador interino, e tomou conta do commando da expedição. Dirigimo-nos em seguida ao regulo Goba, que foi severamente castigado. Se outros rebeldes fossem do mesmo modo castigados, a Zambezia estaria em paz e não haveria esta sublevação de uma tenaz resistencia, como aqui estamos vendo ao presente.

Deus guarde a v. ex.ª Acampamento em Massangano, 8 de outubro de 1888. — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. conselheiro governador geral da provincia. = *Manuel Antonio de Sousa,* coronel honorario e capitão mór de Manica.

Está conforme. — Secretaria do governo geral da provincia de Moçambique, 1 de fevereiro de 1889. = *José J. de Almeida.*

DOCUMENTO H

GOVERNO DO DISTRICTO DE TETE

Relatorio das operações contra os rebeldes de Massangano. — Segundo periodo

Copia.— Governo do districto de Tete.—Breve relatorio dos acontecimentos havidos na guerra contra os rebeldes de Massangano, desde 21 de junho do corrente anno, data em que terminou o primeiro periodo até hoje.— Depois do funesto desastre de 21 de junho, que tanto animára os rebeldes, quando as nossas forças tomadas de panico por se verem entre dois fogos se entregaram a uma fuga louca, abandonando o campo, os viveres e as munições ao inimigo, foi necessario começar quasi de novo as operações animando a timidez das forças. Assim, com o auxilio dos cidadãos de Tete, que forneceram as forças, conseguiu-se que estas fossem voltando aos pontos que tinham abandonado, o que no principio foi difficultoso, sendo necessario que esses mesmos cidadãos lá fossem animal-as com a sua presença, conservando-se alguns ali grandes periodos e outros todo o tempo que duraram as subsequentes operações. Assim mudando-se de idéas emquanto á tentativa de bater de chofre a peito descoberto, a aringa de Massangano, o que não era facil conseguir-se em vista do estado moral a que haviam ficado reduzidos os animos, implantou-se o systema de approximação do objectivo por tentativas, estreitando o cerco de Massangano, cortando-lhe todas as communicações e todos os recursos, até que um dia, reduzidos á ultima extremidade, podessem ser facilmente exterminados. Differentes chitatas se construiram para esse fim.

Em 14 de julho fez-se a de Cassanha, em 21 de agosto a de Macherica, em 27 do mesmo mez a de Inhancoma, em 7 de setembro a de Marango, em 13 outra na ponta do Marango, na confluencia do Luenha com o Zambeze, sendo esta construida com as madeiras da de Macherica, que n'esse mesmo dia foi destruida por superflua.

Em 19 construiu-se a de Catondo. Do lado de Sena havia differentes chitatas e aringas, guarnecidas pelas forças do governador de Manica e do capitão mór do mesmo districto Manuel Antonio de Sousa. Desde que este cerco esteve estabelecido começaram as escaramuças, e ora pela nossa parte, ora pela do inimigo, ao qual não se póde negar valentia, pozeram-se em pratica todos os ardis de guerra, e succederam-se as represalias, pois que tal guerra era, e devia ser de completo exterminio.

Em 16 foram atacados os defensores da aringa do Marango, ás oito horas da manhã. Durou o fogo até ás onze, sendo dos nossos feridos levemente cinco. Não se avaliam as perdas que soffreu o inimigo; foi porém visto que carregaram

alguns cadaveres, dos que ali morreram, para a serra Bacampembzué, ponto estrategico, que por muito tempo ainda se conservou em poder d'elles e que dava toda a força á aringa de Massangano, porque, dominando-a, ella estaria perdida desde o momento em que a serra estivesse em nosso poder.

Quando em 19 do mesmo mez as forças estacionadas no Marango construiram a aringa de Catondo, houve tambem ali combate, durando o fogo vivo mais de hora e meia. Catondo tornou a ser atacado em 24 de tarde, havendo activo fogo quasi tres horas. O inimigo teve, ao que se sabe, quatro mortos e alguns feridos.

No dia 27 as forças de Tete cooperando com as de Manica, fizeram um ataque com o fim de tomar a serra Bacampembzué. Tiveram porém de retirar sem o conseguir, para poupar vidas, porque o inimigo que ainda não tinha experimentado em todo o seu auge as perdas e as privações que depois soffreu, defendia aquelle ponto palmo a palmo, possuido bem da importancia que elle tinha.

A Inhancoma havia chegado uma boa peça de campanha com sufficiente provisão de granadas, e desde então, emquanto se não esgotaram as munições d'este genero, que havia nos depositos do almoxarifado, foi a aringa de Massangano batida com artilheria de que, quasi todos os dias se lhe enviavam alguns tiros. Depois dos primeiros tres ou quatro que se fizeram no primeiro dia, em que ali chegou, e que foram, por assim dizer, de experiencia, raro foi que os projecteis não caíssem dentro da aringa, sendo então os destroços horrorosos. Foi um dos principaes flagellos que teve o inimigo. As forças de Manica tinham tambem artilheria, mas comquanto esta fosse aperfeiçoada, o seu effeito não era tão proveitoso para aquella distancia, porque o seu calibre era muito diminuto.

Em 7 de outubro, novamente reunidas todas as forças, se intentou tomar a serra, mas ainda não foi possivel conseguil-o. As forças de Tete obrigando os rebeldes a entrar na aringa, de onde saía fogo vivo por espaço de uma hora, precipitaram-se para o assalto da serra de onde tambem rompeu tiroteio de destacamentos das forças inimigas. A serra esteve por algum tempo em nosso poder, mas a força que a tomou não pôde continuar a conservar-se n'esta posição, em vista do seu pequeno numero, tendo que abandonal-a.

N'este dia foram tomadas ao inimigo duas almadias que lhes restavam, não podendo tomar-se-lhe um escaler que se achava encalhado longe da margem, por ser muito difficil a sua conducção.

Em 27 de novembro fez-se a chitata do Tope depois de cinco horas de vivo fogo e tomou-se finalmente com denodo a serra Bacampembzué. As forças populares eram auxiliadas por uma força de quarenta e duas praças de caçadores n.º 5, que, dias antes para ali tinha sido mandada para esse fim. N'este ataque ficaram mortos um soldado e tres populares, e feridos tres soldados e sete populares, sendo-o gravemente o chefe das forças de Catondo Luiz Gregorio Cypriano Gonçalves. As perdas do inimigo n'este dia, não se poderam calcular mas foram enormes.

No dia 28 construiu-se um *sonzoro* no mesmo sitio do Tope, a cento e tantos metros da aringa do inimigo, e o fogo continuou de dia e de noite.

Em 28 e 29, houve chuva tempestuosissima e uma escuridão profunda durante as noites. Isso deu logar a que, durante a noite de 28 podessem os chefes Motontora e Chimolamba ou Chincupete, evadir-se com parte das forças e alguns membros de suas familias deixando só dentro da aringa mortos, feridos, esfomeados e algumas creanças e mulheres no mesmo estado, ou alguns outros que, pela precipitação não poderam fugir. Foram só individuos n'estas condições

que se encontraram ali ás cinco horas da manhã de 29, quando as forças entraram na aringa.

Os rebeldes fugitivos evadiram-se pela serra e por outros pontos convenientes, chegando em frente do Sungo onde passaram, atravessando o rio em embarcações que os d'aquelle ponto, gente d'elles, ahi lhes tinham preparadas. Constou depois que Motontora se suicidára, afogando-se.

O que é certo porém é que se achava ferido desde o combate de 21 de junho, que seu irmão Chimolamba foi ferido tambem n'estes ultimos dias, e que todos affirmam que foram para os terrenos em que habitam os makololos. Esta ultima parte parece-me verdadeira em referencia á fuga.

Não quero porém dizer com isto que esteja convencido de que effectivamente para ali se dirigissem. Durante o tempo da guerra houve immensidade de prisioneiros, que se póde calcular em trezentos, tudo mulheres e creanças. Os mortos do inimigo podem-se calcular, os que se encontraram no campo em diversos ataques, em que os de Massangano se bateram com as forças de Tete, em mais de duzentas pessoas. Este calculo porém não é a expressão total das perdas, pois que muitas mais devia haver, que se ignoram, incluindo as causadas pelas forças de Manica.

Ás sete horas da manhã d'esse dia tomou s. ex.ª o conselheiro governador geral da provincia posse solemne da aringa, arvorando n'ella a bandeira nacional, sendo ao acto presentes os governadores de Tete e Manica, os capitães móres de Manica, de Chicôa e de Tete, os cidadãos José Pereira de Carvalho e Francisco Marques, a força de caçadores n.º 5, parte das forças populares e alguns officiaes inferiores das guarnições de Manica e de Tete. N'essa occasião deliberou s. ex.ª que Massangano outr'ora de Tete, e ultimamente de Manica, voltasse a pertencer ao districto de Tete, e ali ficasse estacionada a força de caçadores n.º 5, que ali se achava, devendo construir-se de futuro uma fortificação a que s. ex.ª deu desde logo o nome de «Forte Princeza Amelia».

Era desolador o espectaculo que se via ali, pois que dentro da aringa de Massangano, suas immediações e na serra Bacampembzué até onde se pôde observar, encontraram-se para mais de trezentos cadaveres insepultos de recente data, alem dos muitos que, mais antigos e mal enterrados, se notavam no extenso areal. Massangano deve ter perdido mais de duas mil pessoas.

As forças populares, no dia 2, dirigiram-se ainda ao Sungo, pensando que os fugitivos de Massangano ali fossem entrincheirar-se; mas, como já disse, elles não se demoraram ali. Hoje acham-se regressando a esta villa as forças do districto com as demonstrações festivas, com que costumam apresentar-se depois de acontecimentos d'este genero. Póde ser que aqui haja alguma omissão involuntaria ao descrever n'este meu relatorio os differentes successos, porém s. ex.ª o governador geral da provincia, que foi presente á maior parte dos factos, até final, e os apreciou devidamente, me relevará e supprirá com os seus apontamentos a deficiencia do meu trabalho.

Resta-me ainda recommendar a s. ex.ª o governador geral, os que se tornam hoje, pela sua dedicação e patriotismo n'esta causa, credores da publica estima e de recompensa. São: João Martins, capitão mór de Tete, que desde 2 de setembro esteve á testa das suas forças até 3 do corrente, em que recolheu bastante doente, tendo por causa d'este longo serviço compromettido bastante os seus interesses commerciaes; José Pereira de Carvalho, que organisou uma força de quinhentos homens, e por differentes vezes esteve á frente d'elles no theatro das operações, para os animar; Francisco Marques, que não obstante o pequeno nu-

mero de homens que apresentou, por differentes vezes e em periodos prolongados, esteve com elles tambem para lhes incutir animo; Luiz Gregorio Cypriano Gonçalves, que ali se apresentou com uma força de duzentos homens, commandou a chitata de Marango, de onde passou para a de Catondo, homem sobremaneira apto para emprehendimentos d'este genero, por ser filho do paiz e conhecer bem os homens e os costumes, o qual no dia 27, na tomada da serra Bacampembzué foi, como já se disse, ferido gravemente, quando á frente das forças do seu commando, exposto ao mais vivo fogo as conduzia ao ataque; e Domingos Salvador do Rosario Nazareth (sentenciado Apá Xette Canacar, actualmente convertido ao christianismo), que desde o principio das operações, n'ellas tomou parte com forças suas permanecendo até final.

Das forças de primeira linha que tomaram parte nas operações, devo recommendar o primeiro sargento de caçadores n.º 5 Tarquinio Sergio de Aguiar Mendes, cujo zêlo e actividade foram inexcediveis nos differentes serviços que lhe foram confiados no longo periodo que permaneceu na chitata de Inhancoma, e o primeiro sargento do mesmo corpo Joaquim Frazão da Costa, que commandava a diligencia de quarenta praças, e que tomou parte no final das operações, cooperando no assalto á serra Bacampembzué, occasião em que se houve com muita coragem e sangue frio.

O capitão mór de Chicôa, tenente coronel honorario de segunda linha, Ignacio de Jesus Xavier, ali esteve tambem com suas forças desde o começo das operações, mas como foi mandado pôr á disposição do governo de Manica, cumpre áquella auctoridade apreciar os seus serviços. As forças que recolheram do Sungo, ultima correria que se fez em perseguição dos rebeldes, eram em numero de mais de oitocentos homens, que vão ser remunerados com uma gratificação, bem como todos os outros que até ao fim se acharam em serviço activo. Consta-me que o capitão mór de Chicôa, que tambem foi ao Sungo, apenas ali apresentára uns vinte e tantos homens, por se lhe terem evadido as forças n'esta occasião.

Terminando, direi que todos os officiaes de caçadores n.º 5 e os restantes moradores da villa de Tete, se houveram com a maior dedicação e patriotismo, cada um na parte que lhe competia na policia e preparos da defeza da villa durante esta epocha calamitosa, e em quaesquer serviços em que a cooperação d'elles se tornou necessaria a este governo.

Secretaria do governo do districto de Tete, 7 de dezembro de 1888. = O governador, *Augusto Cesar de Oliveira Gomes.*

Está conforme. — Secretaria do governo geral da provincia de Moçambique, 28 de janeiro de 1889. = *José J. de Almeida.*

DOCUMENTO I

Relatorio do governador de Manica ácerca da guerra de Massangano em 1888, no seu segundo periodo

Copia. — Governo do districto de Manica. — Em officio que, para conhecimento de s. ex.ª o conselheiro governador geral, dirigi em 2 de maio á secretaria do governo geral, relatando uma viagem ao longo do Zambeze até á confluencia do Muira, fallando dos territorios reivindicados na campanha de 1887 aos rebeldes de Massangano, disse: que, se os quizessem conservar em socego, era de urgente e inadiavel necessidade, que os filhos e mais proximos parentes do Bonga fossem mandados saír do paiz. Mal julgava eu, ao escrever aquellas linhas, que dezenove dias depois, em 21 de maio, elles se haviam de levantar mais atrevidos do que nunca, pondo em sobresalto o commercio e agricultura da rica região do Zambeze.

Era certo que a maior parte dos que mais de perto conhecem a Zambezia e a indole d'esta vil familia, não confiavam muito na cobarde submissão, que fizeram perante as nossas demonstrações de força; calculando que, a não haver uma energica decisão, mais tarde ou mais cedo elles haviam de tentar restabelecer o seu antigo poderio. Isto não se daria por certo, se o grosso das forças que operou tivesse aproveitado bem as excellentes condições que, se lhe apresentaram na sua marcha até Massangano, e se aqui o commandante d'ellas, tocado de idéas de clemencia, que elles não comprehendem, acceitasse a ostensiva submissão de todos, deixando todos os chefes, tanto ou mais rebeldes do que o Chatara, em completa liberdade.

É do dominio de todos, que, quando se julgou opportuno dar cumprimento ás instantes ordens de s. ex.ª o conselheiro Augusto de Castilho, governador geral da provincia, para pôr termo á rebellião dos Bongas, serviram as hostilidades do Motoco de pretexto para a reunião das forças em torno do paiz, que se pretendia atacar. As forças de Tete tomaram uma excellente posição, e os seus optimos serviços são conhecidos. As do districto reuniram em Pangara, junto ao Inhamacombe; de fórma que todas se achavam tão proximas do paiz occupado pelos rebeldes de Massangano, que se pozeram em contacto simultaneo com o inimigo, estando elle completamente desprevenido.

Esta favoravel circumstancia junta á desmoralisação que reinava no paiz foi o que mais concorreu para o rapido desfecho da campanha. Chatara, que se achava na Butaca, era mal visto por quasi todos os grandes de guerra, e odiado por seus irmãos, e cada um governava a parte do paiz que lhe estava entregue, importando-se pouco com aquelle que deviam reconhecer por chefe.

N'estas circumstancias impossivel era de momento um accordo para uma energica defeza em Massangano, e cada um se recolheu ás suas aringas na intenção de se defender o melhor que podesse. Tendo-se as nossas forças posto em contacto com o inimigo no mesmo dia, davam-se quasi á mesma hora acontecimentos, que deram certeza de uma completa victoria.

O abandono da aringa do grande chefe Pindiriri, depois de um renhido ataque dado pelo grosso das forças, que era composto dos sipaes do capitão mór do districto Manuel Antonio de Sousa, das praças européas da guarnição e de parte da artilheria Hotchkiss, da tomada pelas forças de Tete das aringas de Inhamamono e Meponde; da tomada de assalto, depois de um violento combate, da aringa do Fuquisa no Muira, pelas forças do commando militar de Sena, infundiu tal panico nos rebeldes, que, exceptuando Catandica, que por se achar mais longe não teve talvez conhecimento immediato do que se passava, todos abandonaram e muitos incendiaram as suas aringas, fugindo para a margem esquerda do Zambeze, indo muitos homens de armas para Tete apresentar-se ao governador d'aquelle districto.

De Pindiriri para baixo o grosso das forças nada teve que lhe impedisse o passo, chegando a Massangano, que encontraram deserto. Toda a numerosa familia dos Bongas, grandes chefes e o maior numero da população, que lhes obedecia, se achava refugiado no Sungo, Mahembe e Mataza, onde tambem se achava refugiado o Chatara.

Sabendo que necessariamente as nossas forças passavam á margem esquerda e para evitarem uma tenaz perseguição, apressaram-se a vir protestar uma cobarde obediencia, e apresentar Chatara ás auctoridades; procedimento com que conseguiram ficar em paz e verem-se livres de quem com tão poucas sympathias occupava a butaca. Motontora, irmão de Chatara, que ambicionava o supremo mando e que agora foi o chefe da sublevação, foi quem o capturou e entregou. Por este infame procedimento se póde concluir, que a sua apparente submissão era unica e simplesmente com o fim de ganhar tempo e poder preparar uma energica defeza.

Mas deixando estes acontecimentos, que infelizmente não poderam ser remediados a tempo, pela auctoridade superior da provincia e dos districtos mais interessados no socego da Zambezia, pois que, se a elles me refiro, é simplesmente para apontar as causas que, julgo, terem concorrido para a nova sublevação, vou passar a relatar summariamente as medidas agora adoptadas, com as quaes felizmente ella teve um termo honroso.

Desde 21 de maio que uma grande parte dos povos que tinham estado sob o dominio dos rebeldes, capitaneados por Mutontora, Muchenga, Chincupete, Pindiriri e seus parentes, se dirigiram a Massangano, com o fim de restabelecer a butaca dos Bongas e collocar como chefe, Mutontora, que tomaria o nome de Conge [1].

De Massangano partiu o chefe Pindiriri para Masumba, onde, apanhando desprevenido o posto que ali tinhamos, assassinou o chefe Guba e alguns sipaes, fortificando-se em seguida um pouco mais abaixo. Muchega dirigiu-se para Marura na intenção de assassinar o capitão Camba que ali estava; mas este valentissimo rapaz, já desconfiado das intenções do visitante, por tal maneira se houve, que poz em debandada a força que o acompanhava, ficando no campo morto o Muchenga, um seu filho e um sobrinho.

---

[1] Conje é uma planta de filamentos muito resistentes, de que os naturaes fazem redes e cordas, e que durante todas as estações se conserva viçosa.

Por morte do Bonga, este Muchenga esteve algum tempo na butaca até que d'ella veiu a tomar posse Inhamisinga. Chincupete e Mutontora levantaram logo sobre as ruinas da aringa de Chatara e mais rebeldes de Massangano, uma nova e forte aringa. O negociante de Tete Pereira de Carvalho, que subia o Zambeze com uma importante factura, estava na ilha de Moçambique e a muito custo pôde retroceder, deixando comtudo nas mãos do inimigo duas almadias com fazendas, que foram roubadas. Desde este dia ficaram fechadas as communicações com Tete, pelo rio.

O governador do districto de Tete, que mais cedo teve noticia d'estes acontecimentos, pela pequena distancia a que está dos territorios onde tinha logar a sublevação, reuniu logo uma importante força de mil e quinhentos homens dos capitães móres de Tete João Martins, de Chicôa Ignacio de Jesus Xavier e do morador da mesma villa José Pereira de Carvalho, e dirigindo-se com ella a Masumba, atacou a aringa de Pindiriri.

Foi d'aqui que o mesmo governador me participou estes tristes acontecimentos, que, pela grande distancia a que se acha a séde do districto, só em 19 de junho chegaram ao meu conhecimento. Ao receber esta noticia, expedi logo portadores para os capitães Cambuembua, Macanimgomba, Ganaglua, Magaço e outros grandes do capitão mór do districto, já bastante conhecidos pelos seus muitos serviços, a fim de reunirem toda a gente de guerra em Inhamacombe onde deviam esperar a minha chegada.

Com a gente que de prompto me foi possivel reunir, parti em 26 com, a artilheria Hotchkiss, e correspondentes artilheiros da guarnição do districto, a encontrar-me com as forças que tinha mandado juntar. Seguindo quasi sempre a direcção norte, atravessei o Barue por trilhos quasi impossiveis e em parte muito difficeis de serem transpostos pela artilheria.

As marchas diarias regularam de seis a oito horas; e pernoitei em Nhabsansue, Nhamatengane, Nhamatope e Inhangona, até que em 1 de julho cheguei a Inhamacombe. Em Inhamacombe estavam já os capitães Macanimgomba e Ganaglua, que me informaram que as forças de Tete, tendo destruido a aringa de Pindiriri, se haviam dirigido a Massangano, onde debandaram. Julguei que esta noticia fosse exagerada; mas o officio n.º 125 do governador do districto de Tete, que no dia seguinte recebi, veiu confirmal-a. Estas forças, depois de terem de uma maneira brilhante destruido a aringa de Pindiriri, dirigiram-se a Massangano, e por um inexplicavel panico debandaram, abandonando os proprios chefes, que a muito custo poderam voltar para Tete.

Estes acontecimentos vieram modificar profundamente o plano de ataque, que a principio e de accordo com o governador de Tete planeára. Ir pôr-me em contacto com o inimigo com uma pequena força, era sujeitar-me a um novo desastre, que mais prestigio daria aos rebeldes, e que faria com que as importantes populações do valle do Muira, Tambara e Goba se lhes fossem reunir; e, a dar-se esta circumstancia, muito difficil seria ao governo reunir de momento elementos para pôr termo á sublevação.

Em 5, tendo chegado todos os grandes que esperava, e José Maria Fernandes, com cujo auxilio tambem contava, expuz-lhes as condições em que estava o paiz, e unanimemente concordaram, que o melhor meio de organisar uma expedição, que podesse ter bom exito, era fortificar o paiz, envolvendo o inimigo pelo sul e oeste com uma linha de aringas, fazer convergir a essas aringas todos os elementos de que se podia dispor e no momento dado dar o ataque.

Em 6, depois de ter fornecido munições, despedi a todos para darem princi-

pio ás fortificações, que deviam ser primeiro construidas em Gande, Mafunda, Nhacafura, Tera, Inhamigare e Inhaquiro. Outras aringas se construiram, mas que para o cerco tiveram uma importancia secundaria. Do lado de Tete tambem o governador do respectivo districto mandou levantar algumas aringas, sendo as principaes: a de Marango, margem esquerda e foz do Luenha, Cassanha e Inhancoma na margem esquerda do Zambeze. D'esta fórma ficou de momento a sublevação limitada ao triangulo formado pela nossa linha de aringas, rio Luenha e Zambeze.

Em 10, estando n'estes trabalhos preparatorios, seguiram-se algumas causas de demora, com que não contava nem podia prever. N'um officio recebido do secretario do governo de Manica, era-me communicado que grandes mangas de landins estavam atravessando o Pungoé, com o fim de invadirem o districto, e que toda a população se estava refugiando na serra Gorongosa e outros pontos distantes. Esta noticia veiu causar serios embaraços e difficuldades na reunião das forças com que contava. Como os capitães que estavam encarregados do levantamento das aringas mereciam inteira confiança, resolvi vir á Gorongosa tomar mais de perto conhecimento do que me era communicado, e empregar os meios para uma defeza, caso se tivesse realisado a invasão, ou serenar os animos sobresaltados, quando esta não tivesse tido logar.

Parti em 11, chegando á séde do districto em 16, onde me convenci de que o boato de landins não tinha fundamento algum.

Porém é tal o receio que esta gente tem dos vatuas, que na minha viagem de regresso encontrei todas as povoações abandonadas, e nem uma unica pessoa vi; e mesmo em Gorongosa, foi difficil convencer os colonos de que podiam voltar sem receio a tomar conta das suas povoações. Achando-me só e sem ter no districto nem o capitão mór, nem official algum disponivel que me auxiliasse na mobilisação das forças irregulares, impossivel me era qualquer demora em Gorongosa.

Com grandes difficuldades, motivadas pelo recente boato de landins, pude obter carregadores para o transporte das munições de artilheria e sipaes, que em vista da nova phase que as cousas tinham tomado, se tornavam necessarias e deviam ser levadas para Inhamacombe. Comtudo, em 21 tinha o material a caminho e eu estava disposto a partir tambem, mesmo que o tivesse de fazer a pé, quando em 22 recebi officio do commandante militar da Chupanga, annunciando-me que s. ex.ª o conselheiro governador geral subia o Zambeze, e que desejava conferenciar commigo em Sena.

Em 24, cansado de esperar carregadores, que tinha mandado juntar, parti para Sena a pé, acompanhado de dez sipaes, que eram os indispensaveis para o transporte da minha bagagem. Em Cheche, onde cheguei em 25, juntaram-se-me os carregadores; e d'ahi até Sena, onde cheguei em 28, fiz a viagem com todas as commodidades possiveis no paiz. Encontrei já em Sena s. ex.ª o conselheiro governador geral, que, informando-se das medidas por mim adoptadas, as approvou, conferindo-me a subida honra de, por seu officio n.º 19, me nomear commandante das forças que tinha organisado e organisasse para o restabelecimento da ordem e da libertação da navegação do Zambeze; honra a que só podia corresponder a minha boa vontade e lealdade que consagro ao meu paiz.

Communicava-me mais o mesmo ex.^mo^ sr. que ía estabelecer o seu quartel general em Gande, para onde eu devia partir o mais rapidamente possivel.

Em Sena, onde permaneci proximamente quatro annos na qualidade de commandante militar, tenho alguns chefes que me são affeiçoados e que me forneceram duzentos homens de armas.

Em 1 de agosto s. ex.ª o conselheiro governador geral partiu pelo rio, e eu com a gente que tinha segui por terra e quasi sempre á margem do Zambeze. Foi-me grato ver o excellente effeito moral que produziu nos indigenas o saberem que o governador geral da provincia subia o Zambeze sem apparatosas escoltas, e que se dirigia para o logar da sublevação, de onde elles a todo o momento esperavam correrias, que lhes pozessem em perigo as suas vidas e haveres. Este acontecimento encheu-os de confiança e s. ex.ª deve d'isso ter uma prova nas demonstrações de agrado e sympathia, com que foi recebido por toda a parte.

Em 6, cheguei a Gande, encontrando a aringa já concluida e em boas condições de defeza e tive noticia de que todas as mais estavam tambem promptas. Pelo meio dia chegou s. ex.ª o conselheiro governador geral e, pelas rasões constantes do auto, que já foi publicado no *Boletim official da provincia,* dei a esta aringa o nome de s. ex.ª Desde este dia era s. ex.ª o commandante superior de todas as operações, e a collecção dos officios e boletins que lhe dirigi, em que minuciosamente o informava de tudo o que sabia, devem fornecer muitos subsidios para fazer a historia d'esta campanha; mas os desejos de s. ex.ª criam-me o dever de continuar a narração dos acontecimentos, que com ella se prendem.

Demorei-me alguns dias em Castilho, durante os quaes a minha chronologia, pelo muito a que eu tinha de attender, andou devéras atrapalhada, e simplesmente precisarei datas desde que d'aqui saí para Inhamacombe.

Antes de entrar em mais detalhes, seja-me permittido fallar novamente no nosso cerco de aringas, para que mais facilmente possam ser comprehendidos todos os movimentos das forças, até se pôrem em contacto com o inimigo. Castilho era a nossa aringa do extremo do cerco do lado do Zambeze, seguindo-se as outras ao longo do Muira e n'uma linha que, partindo um pouco a jusante da confluencia do Inhamacombe, se dirigia ao Luenha.

N'estas aringas, algumas das quaes foram corajosamente levantadas debaixo de fogo inimigo, se foi fazendo convergir todos os elementos de que podiamos dispor. Inhamigare era o centro approximado do cerco, e resolvi mudar para ali, logo que possivel fosse, a artilheria e tudo o que havia no acampamento de Inhamacombe. Tendo seguido para o novo acampamento a maior parte do material, que havia em Castilho, acompanhando s. ex.ª o conselheiro governador geral, que desejou visitar algumas aringas do cerco, parti na madrugada do dia 11, chegando pelas cinco horas e meia, pouco mais, a Inhacafura.

Em 13, s. ex.ª, creio que bastante satisfeito com o que viu das disposições tomadas, recolheu á sua aringa e eu continuei a minha viagem para Inhamacombe, onde cheguei ao anoitecer do dia 14. Depois de ter expedido portadores a todos os capitães, que se achavam fóra a reunir sipaes, avisando-os da mudança de acampamento e do logar onde deviam vir encontrar-me, parti em 15 com a artilheria e praças da guarnição para Inhamigare, deixando o transporte do grosso das bagagens ao cuidado do capitão Ganaglua, que no dia seguinte para ali devia partir com parte da sua força.

Cheguei a Inhamigare ás seis da tarde, onde tive importantes noticias de Massangano. O capitão Camba, chefe d'esta aringa, apresentou-me alguns fugitivos, que voluntariamente se tinham vindo apresentar, e que contaram, que os rebeldes, convencidos de que difficilmente poderiam obter perdão, estavam resolvidos a resistir até á ultima, tendo tomado todas as precauções para uma energica defeza; minando tambem por dentro a aringa para na occasião do ataque abrigarem as familias e principaes chefes dos fogos da artilheria. Estes homens declararam mais, que depois do desastre das forças de Tete se havia reunido

muita gente aos rebeldes. A parte d'estas noticias dei logo inteiro credito, por concordarem com outras que já me haviam sido dadas e que se tinham passado no ponto onde estava. Inhamigare e Inhaquiro é a parte do paiz onde reside uma importante familia bitonga, e que fica approximadamete a igual distancia do Muira, Luenha e Zambeze; e que tem por chefe o regulo Secan Muensi, que na ultima campanha não foi batido, porque antes de romperem as hostilidades veiu fazer entrega das suas terras e apresentar-se submisso ás auctoridades portuguezas. Com a sublevação dos Bongas, Secan Muensi e seus irmãos Nhacarigoe e Boco conservaram-se fieis ao governo e prestáram todo o auxilio no levantamento e defeza das aringas; mas outros irmãos de nome Macupe Chassiquissa, Chiguta Cassamba, foram com a familia e parte da população do paiz unir-se aos rebeldes. Macupe ambicionava occupar o logar de chefe e queria por todos os meios desfazer-se de seu irmão Secan Muensi; e fazendo valer os seus direitos em Massangano, conseguiu que uma grande força lhe viesse atacar a povoação, quando ainda não estava completamente fechada a aringa. O capitão Camba, auxiliado pela gente da povoação e com alguns sipaes que tinha, deu uma valente correcção nos sitiantes fazendo-os voltar a Massangano em completa debandada. Eu ainda encontrei muitos vestigios da sua derrota.

O que se deu n'este ponto, deu-se em quasi todos os pontos do cerco; as noticias que em 17 recebi, causaram-me uma desagradavel surpreza, porque a sublevação não se achava limitada só ao triangulo que apontei, como apparentemente tudo indicava, mas estendia-se até á margem esquerda do Zambeze, desde os limites do prazo Goengue até Nhancoma, e pelas terras para o interior limitadas por Chibisa, hoje habitadas por makololos, comprehendendo os prazos Mahembe, Sungo, Matasa e Tangera, etc.

Um irmão de Motontora, chamado Nicolau Vicente da Cruz (Chiuta), que, debaixo de uma falsa submissão ao governo, residia no Mahembe, é quem esperava o momento opportuno para levantar o grito de revolta. Informado s. ex.ª o conselheiro governador geral das relações que elle mantinha com Massangano, e das suas infames intenções, ordenou a sua prisão immediata. Foi necessaria uma grande energia da parte de s. ex.ª para não ceder a algumas auctoridades, que officialmente affirmavam que Chiuta era um homem muito leal, cavalheiro até, achando a prisão tão fóra de proposito, que até receiavam que a ordem fosse alterada em mais alguns pontos. Eu creio que s. ex.ª, quando mandou revistar a pequena bagagem, que acompanhava Chiuta, teve n'uma casaca e chapéu alto, que lhe foi encontrado, uma prova que muito abonava uma das qualidades com que o queriam distinguir; mas não se deu por vencido, e mais tarde todos se convenceram de que Chiuta era um tratante e que, se a prisão não fosse ordenada tanto a tempo, se seguiriam complicações, que não é dado prever a que ponto chegariam.

Depois d'esta importante prisão, uma grande parte da população de Mahembe, que não desejava envolver-se em arriscadas aventuras, mudou para os prazos que estavam em socego. Outros mais atrevidos foram para o Sungo, onde os de Massangano tinham um tal Gunde, que, se não tinha tanta influencia como Chiuta, pelo menos era-lhes affeiçoado.

De 18 para diante foi a gente, que já havia reunida, empregada, debaixo da direcção das praças européas, no fabrico de balas, cartuchame para sipaes, arranjo de motores e no mais que era necessario estar prompto para um proximo levante. Alem d'isto saíam diariamente importantes patrulhas a fazer reconhecimentos pelo paiz e que em alguns encontros com espias do inimigo prestaram excellentes serviços.

Em 22 apresentou-se-me o alferes Carlos Xavier Correia Barreto, que muito me auxiliou nos arranjos da partida. N'este dia recebi a noticia de haver chegado a Castilho o capitão mór do districto Manuel Antonio de Sousa. Esta noticia encheu-me de prazer, não só por ir ver um amigo de quem ha mezes estava separado, mas tambem por ir ter junto a mim um poderoso auxiliar, que vinha pôr todo o seu grande prestigio e longa experiencia ao serviço da causa em que todos estavamos empenhados.

Em 23, pelas nove horas da noite, chegou o capitão mór Manuel Antonio de Sousa.

O capitão Magaço, que era o principal chefe das aringas de Mafunda, Inhacafura e Tera, chegou no dia 24 a participar que tinha toda a sua força reunida na ultima aringa designada.

O capitão Faua, chefe da aringa do Mijui no Inhaquiro, veiu tambem fazer igual participação.

Em 27 chegou o capitão Macanimgomba, com todas as importantes forças de Tumbura e sul do Barue, capitão Uriri, saxecunda Gandonga e outros.

Recebi tambem participação do capitão mór de Chicôa Ignacio de Jesus Xavier, annunciando-me a sua chegada a Mazumba, e officio do governador do districto de Tete, pondo ás minhas ordens este capitão mór emquanto durassem as operações; communicando-me tambem que as forças do seu districto, já reorganisadas, se achavam em Marango e Nhancoma, promptas e decididas a uma energica cooperação.

Dos valiosos serviços prestados pelos briosos moradores da villa de Tete e forças que apresentaram, dará conhecimento o governador do respectivo districto; eu simplesmente me referirei a ellas para melhor explicar qualquer ataque combinado.

Officiei ao capitão mór de Chicôa, recommendando-lhe que se conservasse em Mazumba, vigiando por aquelle lado o inimigo, até que avisado do nosso levante de Chicorongo, se devia dirigir a Massangano, para com a sua força apoiar a que devia investir e tentar occupar a serra Bacampembsua.

Excluindo a força do capitão mór de Chicôa Ignacio de Jesus Xavier, havia 3:000 sipaes dispostos pela fórma seguinte: As forças do capitão Magaço, em Tera, formavam a ala direita, e as do capitão Faua, que estavam reunidas na aringa de Inhaquiro, reforçadas com as de Camba e Uriri, formavam a ala esquerda, o corpo principal era formado pelo resto dos sipaes do capitão mór Manuel Antonio de Sousa e dos que me acompanhavam de Sena, força regular da guarnição do districto e canhões Hotchkiss.

Por minha vontade tinha levantado no dia 28 ou 29; mas o capitão mór Manuel Antonio de Sousa julgou prudente que houvesse mais demora, a fim de esperar alguma gente mais, em que tinha muita confiança.

Em 30 apresentaram se uns vinte e tantos homens e mulheres, fugitivos de Massangano, que interrogados confirmaram as noticias que me haviam sido dadas em 15, dizendo mais que os rebeldes tinham uma força em Chicorongo á nossa espera.

Todos estavamos anciosos pelo momento da partida e estavamos cansados já de esperar sem resultado; foi determinado o levante para o dia 3 de setembro. Avisaram-se as forças de Tera e Inhaquiro da hora a que deviam iniciar a marcha e pelas duas p. m. d'este dia deixámos o acampamento de Inhamigare. A principio o caminho é bastante difficil, e segue no meio de um mato fechado e espinhoso, onde, apesar de todos os esforços das praças, foi impossivel passar de rodado a

artilheria; e só ás cinco e vinte chegámos ao ponto que um guia de occasião nos tinha indicado para pernoitar. Nem eu, nem o capitão mór, conheciamos o paiz; nem havia uma carta por onde com confiança se podesse calcular a distancia a que estavamos de Chicorongo, nosso primeiro objectivo, mas o guia dizia-nos que estavamos muito proximos [1]. Acampou-se, e tomaram-se todas as medidas de segurança que a prudencia aconselha, principalmente em Africa, onde as guerras são sempre traiçoeiras e de emboscadas.

Pelas cinco a. m. de 4 levantámos, e pelas sete estavamos a chegar a Chicorongo, sem indicio algum do inimigo, quando de repente um forte tiroteio indicou que a guarda avançada, que era commandada pelo já conhecido Macaningomba, se tinha encontrado com elle. Um grosso reforço foi logo em auxilio de Macaningomba, e em pouco tempo o troço de rebeldes era dispersado, deixando no campo 32 mortos e 20 prisioneiros.

O capitão Camba, que commandava a força do flanco esquerdo, com uma precisão que muito honraria qualquer official, apparecia no momento do conflicto, e cortando a retirada aos rebeldes perseguiu-os até ao Zambeze, onde precipitadamente alguns se atiraram e morreram, outros embarcando-se em almadias alcançaram a margem esquerda.

Com o fim de bater o paiz resolveu-se a demora da força aqui n'este dia e no seguinte; e junto a uns poços fez-se o nosso acampamento, fortificado com troncos de arvores n'um grande circulo de 200 metros de raio. Estas fortificações chamam-se no paiz *sonzoros*, e é como as designarei.

Informaram os prisioneiros que os rebeldes do Sungo tinham uma aringa junto ao rio em Nhamapacaça, e foi logo assente ir ali tambem uma força ver se a podia destruir e abrir as interceptadas communicações do Zambeze, o que muito facilitaria a conducção de viveres e munições para a columna.

Escrevi d'aqui ao capitão mór Ignacio de Jesus Xavier, dizendo-lhe que se devia achar na madrugada de 7 em Massangano, e nomeou se a força para ir ao Sungo, que eu me resolvi a acompanhar com uma Hotchkiss.

O capitão mór Manuel Antonio de Sousa, temendo que eu corresse algum risco e nas melhores intenções, não me queria deixar ir, e queria elle acompanhar a expedição; mas facil me foi convencel-o do nenhum perigo que corria, e da conveniencia d'elle se conservar no acampamento.

Na manhã de 5 parti com a expedição, e duas horas depois estava em Nhamarongo, em frente do Sungo. A aringa não ficava na Lupata, como as informações o faziam crer, mas sim fóra d'ella, onde o rio tem uma grande largura, que por falta de embarcações não se póde atravessar. Julgando que o rio dava vau para uma ilha, tentei passar para ella, cavalgando n'um sipai, mas tive que voltar á margem, porque o canal era fundo, e pouco faltou para caír na corrente. Vendo a impossibilidade de bater a aringa, e não podendo haver mais demoras na marcha para Massangano, resolvi voltar ao acampamento e participar d'ali estas occorrencias a s. ex.ª o conselheiro governador geral.

Proximamente pelas oito horas da noite estava com Manuel Antonio conversando sobre os acontecimentos do dia, quando um homem dos nossos postos avançados veiu participar que vinha proximo uma machila. Era necessariamente um branco, que não conhecia o passe, e mandámos logo gente para o conduzir;

[1] Ha hoje um mappa muito completo d'esta parte do paiz, coordenado por s. ex.ª o governador geral.

mas de repente ouvimos gritar: Paiva! Paiva! Era effectivamente o sr. Joaquim Carlos Paiva de Andrada, que vinha fallar a Manuel Antonio sobre assumptos da sua especial commissão. Este senhor, quando regressou, ía sendo victima dos rebeldes do Sungo.

Em 6 seguimos, e fomos acampar em Tinta, havendo simplesmente alguns encontros com espias inimigos, em que morreram seis. D'aqui para diante as condições da marcha, que se tinham conservado inalteraveis desde Secan Muensi, tiveram de ser modificadas em vista das disposições do terreno e por o grosso das forças ter de seguir á margem do Zambeze, d'onde nada havia a receiar.

As forças do Muzungo Cambuembua, chefe de todos os sipaes de Manuel Antonio, e as do capitão Macamingomba, passaram a formar a ala esquerda, e eram quem na chegada a Massangano, apoiadas nas forças do capitão mór de Chicôa, que devia estar pelas alturas de Tingera, deviam occupar a serra Bacampembsua.

No dia 7 começaram logo de madrugada os preparativos para a partida, e ás seis a. m. tudo estava em movimento. Proximamente pelas oito horas, ao passar umas pedras, a que chamam Mafefe (primeiros contrafortes da Bacampembsua), algumas descargas do inimigo indicavam que estavamos proximos. Estabeleceu-se alguma confusão nos carregadores de bagagens, que vinham na cauda da columna, mas não havia tempo a perder. Entregou-se este serviço a Magaço, e, passando a artilheria para a frente, corremos ao local. O campo cheio de um espesso mato encobria a aringa e de repente avistamol-a a 150 metros.

Voltámos logo á esquerda a procurar um ponto para metter a artilheria em bateria, principiando um vivo fogo, que foi augmentando de intensidade e á medida que as forças se íam empenhando no combate, até se parecer ao rufo de um tambor.

N'este rapido trabalho, que tenho de mandar a tempo de encontrar o paquete do norte, e para que pouco me auxilia o meu estado de saude, impossivel é descrever com toda a sua imponencia este grande dia de fogo e outros não menos interessantes que se lhe seguiram. Cinco vezes o inimigo em massa saíu da aringa e caíu sobre nós, sendo sempre energicamente repellido com muitas baixas. Uma densa nuvem de fumo cobria todo o campo, a ponto de ser difficil ver os nossos sipaes, que cheios de enthusiasmo se substituiam na linha de fogo, entoando sempre as suas canções guerreiras. Os mais arrojados do inimigo, de machado em punho e aos saltos, acompanhados de extravagantes esgares, tentavam cortar a cabeça de algum nosso homem caído no campo, pagando quasi sempre a audacia com um tiro das nossas Winchester-express ou de metralha.

A força que investia com a serra, faltando-lhe o apoio com que se contava, foi recuando a ponto do inimigo nos ter quasi envolvidos e á bateria. Houve um momento de verdadeiro perigo, que, felizmente, conhecido a tempo, foi evitado, fazendo-se correr uma grande força que frustrou as intenções dos rebeldes. Tinhamos na frente um inimigo com igual força ou maior do que a nossa, decidido a uma energica defeza, e muitas vezes o capitão mór Manuel Antonio me disse «que tendo feito parte de quasi todas as primitivas guerras, nunca víra tamanha resistencia».

Era entrada a tarde, e o inimigo só fazia fogo de dentro da sua aringa, mas não havia noticia das forças de Tete, e as do capitão mór de Chicôa tambem não se sabia onde estavam, e só depois d'isto tive explicação. Seria imprudencia conservarmo-nos em campo aberto, e como Manuel Antonio tinha recommendado ao capitão Magaço, que com os carregadores fosse cortando madeira para son oros, fui ver o que elle tinha feito. O Magaço não só tinha já bastante madeira corta-

da, mas já tinha dado principio a um forte e vasto sonzoro na margem do rio e a uns 800 metros da aringa inimiga, onde se recolheu toda a força para mais rapidamente o completar e ficar abrigada. Magaço é um preto de uma energia e dedicação como creio haverá poucos. O inimigo teve muitas baixas n'este combate; e da nossa parte, ainda que em menor escala, tambem houve algumas, de que nunca cheguei a averiguar bem o numero, porque é sempre inconveniente fazer perguntas d'estas entre forças de sipaes, o que mais ou menos os desanima. Feridos é que havia alguns, e foi tratando d'estes que se passou o resto do dia.

No dia 8, ás oito horas a. m., chegou o capitão mór de Chicôa, Ignacio de Jesus Xavier, com proximamente 300 homens; disse que, ao approximar-se da serra, foi obrigado, em vista do violento fogo do inimigo, a retirar.

As forças de Tete, que, debaixo do commando do capitão mór João Martins, estavam no Marango, tambem não poderam passar o Luenha, porque uma força inimiga lh'o impedia; e ainda que o Luenha já dava vau n'este tempo, é sempre difficil passar um rio debaixo de fogo.

As nove e trinta estavamos para almoçar, o que no dia antecedente não tinha mesmo lembrado, quando um forte tiroteio indicou que estavamos cercados. De sitiantes que eramos, passámos a sitiados, e principiou logo uma grande lucta. Os Bongas em massa, querendo esmagar-nos dentro da nossa fortificação; nós, querendo repellil-os, o que se conseguiu depois de duas horas de fogo. Logo no principio do ataque nos morreram 4 homens, e houve alguns feridos. O inimigo tambem teve perdas consideraveis.

Os acontecimentos d'este dia repetiram-se com pequenas alternativas até ao dia 19, em que as forças de Tete se fortificaram na margem direita do Luenha, e que agora chamavam mais a attenção do inimigo.

Ao governador de Tete, que tinha vindo em 10, pedi para mandar vir uma peça de $0^{m},08$, para com as Hotchkiss continuar o bombardeamento da aringa. Esta peça, collocada em Nhancoma, fez muito bom serviço, e melhor o faria se as munições fossem todas boas e em abundancia.

No dia 20 já quasi nada havia com que alimentar a força, e havia escassez de munições; s. ex.ª o sr. conselheiro governador geral tinha mandado tudo o que lhe tinha sido possivel nos limites dos carregadores, que com difficuldade se reuniam, porque tudo tinha medo de ir a Massangano; e é dever confessar que, se s. ex.ª não estivesse proximo a nós a soccorrer-nos com toda a auctoridade da sua posição e nome, talvez hoje mais uma grande catastrophe avolumasse a historia dos desastres de Massangano. Uma retirada era cousa que o nosso espirito não podia conceber; e, em vista de tão desesperada resistencia, estavamos resolvidos a sustentar um cerco até á ultima. Foram tirados uns 500 homens para irem buscar munições e viveres, que comquanto diminuissem sensivelmente o effectivo da força, deixavam mais do que a necessaria para a defeza. N'este dia construiu-se um sonzoro avançado, muito proximo á aringa, e fortes patrulhas, tanto nossas, como das forças de Tete principiaram a vigiar por fóra o inimigo.

O alferes Barreto achava-se bastante doente, e no dia 27 seguiu para Tete, para ser convenientemente tratado.

Para que o cerco fosse completo, tornava-se necessaria a occupação da serra Bacampembsua, por onde os rebeldes conseguiam escapar-se e communicar com o Sungo, onde obtinham mantimentos. Esta serra terá de 20 a 25 metros de altura, dominava perfeitamente a aringa e era a chave de toda a situação; occupada a serra, estava tomada a aringa; e o inimigo, conhecendo bem a sua importancia, nunca a abandonava.

No dia 28 tentou-se a sua occupação em ataque combinado com as forças de Tete, mas não deu resultado. N'este ataque foi morto o Canhenze, filho do Bonga e o grande chefe Camunga.

Em 31 horrivel temporal levou pelos ares quasi todos os abrigos do nosso acampamento, e com difficuldade se poderam abrigar as munições das grandes pancadas de agua que se lhe seguiram.

As patrulhas continuavam em tenaz vigilancia, e entre as mulheres, que já havia prisioneiras, houve uma que pelo seu procedimento deu prova da corajosa indifferença com que esta gente encara a morte. Esta mulher tinha um filho de peito, e dois de seis a oito annos. Interrogada, recusou-se a dar qualquer informação, e só respondia que não haviamos de apanhar ninguem vivo. Em vista de tal recusa, foi entregue á guarda do sipai que a tinha aprisionado. Demorou-se algum tempo no acampamento; e, a pretexto de ir buscar agua, dirigiu-se acompanhada dos filhos para o rio, onde atirou os mais velhos, deitando-se em seguida ella com o mais pequeno ás costas! D'estes desgraçados, só foi possivel salvar a filha mais velha, de quem eu tomei conta.

Pelos outros prisioneiros sabia-se que a artilheria tinha morto muita gente e causado grandes estragos, e que já não enterravam os cadaveres, que, espalhados pelo solo e dentro das palhotas, eram devorados pelos cães, e estes bem nutridos com a abundancia que tinham, eram comidos depois pelos rebeldes, porque a fome era grande. Os prisioneiros affirmavam tambem, que não viam Mutontora; e eu cheguei a convencer-me de que tivesse morrido; mas, mais tarde, soube que estava gravemente doente de um pé, em consequencia de uma bala que lhe cortou o tendão de Achilles.

Tudo fazia prever um rapido desfecho d'esta campanha, e algumas vezes julguei os rebeldes nos ultimos paroxismos; mas a sua resistencia convencia-me depois que continuavam dispostos a luctar.

A falta de viveres continuava a fazer-se sentir; e ainda que havia gente empregada na sua conducção, tudo era pouco para tanta força, e mesmo as remessas demoravam-se, porque se tinha de ir buscar tudo longe e por caminho que não era o mais rapido.

As communicações pelo rio continuavam fechadas, e só se podiam fazer por terra, porque o caminho de Nhamarongo, e marginal ao Zambeze, não estava tambem seguro; s. ex.ª o conselheiro governador geral, por tres vezes mandou mobilisar as forças do Guengue, para baterem o Sungo; mas nunca foi possivel pôr estas forças em contacto com o inimigo. Não sei o motivo por que ellas, por pretextos infundados, se recusaram sempre a avançar, e só pelos relatorios parciaes dos respectivos commandantes se poderá saber.

Faltando este valioso elemento de acção, foi depois organisada uma expedição de proximamente 300 voluntarios, que s. ex.ª mandou para Nhamarongo. Esta força, commandada pelo meritissimo juiz da comarca de Tete, dr. Antonio de Sá Malheiro, que para isso se offereceu, fortificou-se n'um optimo logar, assegurou as communicações, e com patrulhas prestou outros serviços muito importantes.

No dia 5 de outubro chegou ao meu acampamento s. ex.ª o conselheiro governador geral.

Em 7 tentou-se novamente occupar a Bacampembsua, em ataque combinado com as forças de Tete, mas ainda nada se conseguiu, porque os rebeldes intrincheirados n'umas grandes pedras que ha na crista da serra, faziam sobre os nossos um fogo intenso e mortifero. N'este ataque foi morto, entre outros nossos homens, o capitão Terére, das forças de Inhamgona.

Durante a noite de 8 construiram-se mais dois sonzoros, um no prolongamento do que já havia construido, e outro no areal fronteiro á aringa dos rebeldes, que tomava a agua.

No dia 9 ás oito horas a. m. uns 200 homens do inimigo appareceram no areal, e com grande arrojo atacaram e tomaram o nosso sonzoro ali construido. Uns 40 homens que o guarneciam poderam retirar ao acampamento, tendo simplesmente um ferido. S. ex.ª o conselheiro governador geral, eu e os capitães móres empregámos todos os esforços para tirar uma força que soccorresse a guarnição do sonzoro, e repellisse os arrojados atacantes; mas tão rapidamente se deram estes acontecimentos, que não foi possivel fazel-a saír a tempo. Se as guarnições dos nossos sonzoros avançados lhes tivessem logo cortado a retirada, podia n'este dia ter terminado a campanha; ainda assim as cousas não correram todas bem ao inimigo, porque aos tiros das nossas armas foram mortos 10, e gravemente ferido n'uma perna o celebre Mutundumura, um dos principaes instigadores da sublevação.

No dia 11 s. ex.ª o conselheiro governador geral regressou á sua aringa.

Algumas mulheres, prisioneiras em 16, informaram que os rebeldes, já bastante enfraquecidos pelas muitas baixas que tinham, e vendo que necessariamente eram vencidos, tinham mandado uma embaixada ao regulo Mutoco, entregar-lhe para mulher D. Eugenia, filha do Bonga, e pedir-lhe auxilio.

Creio que Mutoco não se extasiou com os encantos de D. Eugenia, porque o pedido auxilio nunca chegou.

Em 21 tive noticia de haverem os rebeldes do Sungo queimado a aringa de Nhamapacaça, e que Gunde se tinha ido estabelecer quasi em frente do logar onde se fortificou o sr. dr. Malheiro.

Iam correndo os dias em constante vigilancia dos sonzoros e patrulhas, quando um grave accidente nos veiu surprehender, e que devido a um corajoso esforço não teve consequencias serias.

Os sonzoros avançados, que já se achavam ligados, e envolvendo a 150 metros toda a face da aringa inimiga do lado do sul, foram quasi destruidos por um incendio no dia 11 de novembro.

Pelas quatro p. m. principiou o fogo n'um dos abrigos, e communicando-se com rapidez aos outros, poz tudo em chammas em pouco tempo. Tive uma tarde de verdadeira angustia, porque se achava ali uma Hotchkiss, e os sipaes retiraram sem se lembrarem de a tirar; os Bongas, vendo a retirada da nossa força, estavam já encostados aos sonzoros para a apanharem.

O soldado n.º 9 da guarnição do districto, Antonio Nunes, ao ver o incendio, correu como louco para o perigo e conseguiu com um pequeno auxilio fazer retirar os Bongas e salvar a peça. O corajoso procedimento d'esta praça fez ganhar confiança aos sipaes, que, voltando, dominaram o incendio, reconstruindo em seguida tudo com madeira, que havia cortada.

Ao soldado n.º 9, pelo seu arrojado e brioso procedimento, promovi a cabo por distincção.

Os Bongas esfaimados dentro da aringa, tendo comido os cães e tudo o que havia, saíam para obter raizes, e em encontros com as nossas patrulhas e com as de Tete havia todos os dias grande mortandade. Só as nossas tinham já feito mais de trezentas baixas ao inimigo, e aprisionado proximamente quatrocentas mulheres e creanças. Estas fugiam tambem da aringa e vinham voluntariamente apresentar-se ao acampamento, algumas em tal estado de magreza, que era difficil reconhecer o sexo e idades.

A desmoralisação na aringa tinha chegado ao ultimo ponto, e os mais dedicados aos Bongas, e junto com elles, faziam constantes guardas para evitar as fugas, o que era difficil, porque quasi todos os grandes chefes de guerra haviam morrido ou estavam inutilisados.

No dia 27 deu-se um novo ataque geral e combinado, tendo as forças tomado as suas posições durante a noite precedente.

Ao romper do dia e ao tiro de peça, que indicava o signal do ataque, as forças de Tete romperam logo fogo do alto da serra.

Infelizmente alguns Bongas que estavam nas pedras, em descargas á queima roupa, feriram entre outros gravemente o musungo Gregorio, que as commandava.

Este triste acontecimento, que poz em perigo a vida d'este valentissimo rapaz, fez recuar esta força, que foi logo substituida pela dos capitães móres Manuel Antonio e Ignacio de Jesus Xavier, que em pessoa as commandavam, e que, observando o plano de ataque, estavam um pouco á direita. Desde este dia a guerra ficou praticamente vencida, e os Bongas tinham necessariamente de se entregar ou morrer todos, se uma inesperada e irremediavel circumstancia os não tivesse favorecido.

Desde a tarde de 28 até á madrugada de 29 choveu torrencialmente, o que impediu uma attenta vigilancia; e foi durante a noite, aproveitando o escuro e momento de mais chuva, que os rebeldes abandonaram a aringa.

Eram tres horas da manhã quando se deu pela fuga, e foi logo uma grande força em sua perseguição, causando-lhes estragos; mas uma grande parte, enfraquecidos pela fome e com a chuva, foram encontrados caídos pelo caminho já moribundos, outros conseguiram passar ao Sungo, na intenção de se refugiarem para o interior.

No dia 29 s. ex.ª o conselheiro governador geral, que se achava no meu acampamento desde 26, tomou solemnemente posse de Massangano, em nome de Sua Magestade El-Rei, e arvorou a bandeira portugueza, mandando demolir a aringa e construir um pequeno forte, que recebeu o nome de Sua Alteza a Princeza D. Amelia, denominando-se «Forte Princeza Amelia», que ficou guarnecido com um destacamento de caçadores n.º 5.

Era horroroso o aspecto que a aringa apresentava por dentro. O solo estava juncado de cadaveres, e gente moribunda nas ultimas agonias gemia por todos os lados, que junto aos vagidos das creanças recemnascidas, abandonadas na occasião da fuga, causavam uma dolorosa impressão.

A aringa estava em boas condições de defeza: em toda a volta havia fortes travessas de madeira, revestidas com taludes de terra; nas palhotas tinham cavado grandes covas dentro, onde se mettiam, e com a terra revestiam-n'as tambem com taludes por fóra.

Nada se encontrou de valor, a não ser duas grandes armas de forquilha, que com o biri-biri (tambor de guerra) offereci a s. ex.ª o conselheiro governador geral.

Não exagero calculando em 1:500 o numero de baixas que o inimigo teve nos differentes combates, encontros com as nossas patrulhas, artilheria e ultimamente a fome; prisioneiros tambem devem andar muito proximo d'esse numero.

Se não foi possivel acabar com todos os Bongas, creio que aos sobreviventes não ficará muita vontade de fazer nova guerra; e mesmo os tres, que podem ser chefes, e que não sei se ainda vivem, não têem o vigor preciso para as dirigirem.

Mutontora tem uma perna inutilisada; Chincupete foi ferido na occupação da Bacampembsua, e na fuga levou uma bala nas costas; Gande está cheio de lepra.

Em 30 passaram todas as forças á margem esquerda, a fim de baterem o Sungo.

Como a aringa de Nhamapacaça estava já queimada, e como ali não se podia esperar uma resistencia seria, mandei recolher a Sena a artilheria e praças da guarnição; e eu vim para Castilho, onde esperei s. ex.ª o conselheiro governador geral, que tinha ido a Tete, e onde tive conhecimento de que as forças pouca gente já encontraram no Sungo, por os rebeldes se haverem já refugiado para os sertões de Nyanja-Matope.

Gouveia, 28 de dezembro de 1888. = O governador, *Jayme José Ferreira,* capitão.

Está conforme. — Secretaria do governo geral da provincia de Moçambique, 1 de fevereiro de 1889. = O secretario geral, *José J. de Almeida.*

DOCUMENTO J

Auto de baptismo da aringa Castilho na confluencia do rio Muira com o Zambeze na margem direita de ambos os rios

Auto. — Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1888. Aos 6 dias do mez de agosto do dito anno em Gande e no logar onde está construida uma das aringas que fazem parte do cerco que envolve a dos rebeldes de Massangano, estando presentes o sr. governador do districto de Manica, alferes da guarnição do mesmo districto Carlos Xavier Correia Barreto, José Maria Fernandes, commigo Tito Quirino do Rosario Fernandes, e mais de trezentos indigenas armados que guarnecem a mesma aringa, declarou o mesmo sr. governador que, devendo hoje chegar a esta aringa o ex.^mo^ conselheiro governador geral da provincia Augusto de Castilho, onde vem fazer o seu quartel general emquanto durarem as operações de guerra contra os rebeldes de Massangano, resolvêra, para commemorar a vinda do mesmo ex.^mo^ sr. e como voto de sincero reconhecimento pelos muitos beneficios que o districto lhe deve, que esta povoação de Gande, situada na confluencia do Muira com o Zambeze e na margem direita de ambos, se fique de futuro chamando Castilho, proposta que foi unanimemente acceita por todos os brancos e pela força armada, que calorosamente correspondeu aos vivas levantados pelo mesmo sr. governador do districto a Sua Magestade El-Rei, aos bons resultados da campanha emprehendida, e a s. ex.^a^ o conselheiro governador geral da provincia.

E para constar, se fez este termo, que vae assignado por todos que o sabem fazer e por mim Tito Quirino do Rosario Fernandes, que o escrevi e assigno. = *Jayme José Ferreira,* governador do districto. = *Carlos Xavier Correia Barreto.* = *José Maria Fernandes.* = *Tito Quirino do Rosario Fernandes.*

Está conforme. — Aringa Castilho, 11 de agosto de 1888. = O governador, *Jayme José Ferreira*, capitão.

DOCUMENTO K

Officio do juiz de direito da comarca de Tete ao governador geral dando succinta conta da terminação da sua missão de guerra e partida para a villa de Tete

Copia.—Serie de 1888.—Expedição a Nhamarongo.—N.º 1.—Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr.—Em officio n.º 69, com data de 18 de outubro proximo passado, dignou-se v. ex.ª encarregar-me do commando de uma expedição, que se devia dirigir a Nhamarongo, e, fortificando-se ahi, conseguir não só desobstruir o caminho, até então fechado, entre a aringa Castilho, quartel general, e a nossa fortificação em Massangano, mas ainda evitar que de todo o Sungo e ainda da margem direita do Zambeze, passasse mantimento ou qualquer alimentação para os rebeldes.

Esse officio era acompanhado de umas instrucções, que a v. ex.ª pareceram necessarias, fazendo-me a honra de, na ultima d'ellas, me dar a liberdade de resolver qualquer circumstancia imprevista.

Parti pois, acompanhando a expedição, a qual nunca desamparei até hoje, fortificando-me n'esta aringa que construi. Esforcei-me por que os trabalhos da expedição fossem dirigidos por fórma, que podessem concorrer para pôr termo a esta monstruosa, impertinente e duradoura campanha, em que estava empenhado o socego da Zambezia, a dignidade da nação portugueza e o brio dedicadissimo e admiravel amor patriotico de v. ex.ª Posso desassombradamente affirmar a v. ex.ª que sempre me sobrou boa vontade de trabalhar, e que, se mais a expedição não fez, foi por não ter tempo e occasião.

Finalmente a campanha terminou, depois de uns seis mezes, felizmente para nós; a bandeira portugueza foi por v. ex.ª arvorada na aringa dos rebeldes, triumphando assim de sua ousadia em a quererem menosprezar. Acceite por isso v. ex.ª, a quem incontestavelmente se deve este optimo resultado, as minhas sinceras felicitações e os meus agradecimentos como cidadão portuguez.

Não tendo mais nada a fazer, e depois de mandar seguir ao seu destino o material de guerra, deixado aqui pelo governador de Manica, e entregar as armas Enfield, fornecidas a esta expedição, retiro-me para a minha comarca, onde vou tomar posse do meu logar. De lá, e tendo tomado o descanso de que careço, enviarei a v. ex.ª um relatorio minucioso de todos os trabalhos effectuados por esta expedição. N'esta aringa deixo ficar um manamambo e um capitão, homens de confiança escolhidos por mim, os quaes com suas familias vem aqui estabelecer-se permanentemente.

É forçoso que declare mais a v. ex.ª que o cidadão José Maria Fernandes, que sempre me acompanhou, prestou importantes e valiosos serviços, mostrando-me a maior dedicação pela causa que defendiamos. Entendo, portanto, que este

velho, talvez no ultimo quartel da vida, merece uma remuneração condigna, que bem lhe faça comprehender que o governo de Sua Magestade se não esquece dos seus fieis servidores.

Deus guarde a v. ex.ª Aringa Maria Luiza, 5 de dezembro de 1888.— Ill.mo e ex.mo sr. conselheiro governador geral da provincia.=O commandante da expedição, *Antonio de Sá Malheiro,* juiz de direito da comarca de Tete.

Está conforme.—Secretaria do governo geral da provincia de Moçambique, 1 de fevereiro de 1889.=*José J. de Almeida.*

DOCUMENTO L

Relatorio do juiz de direito da comarca de Tete ácerca de todas as operações da sua expedição na Lupata e na serra Nhamarongo

Copia.— Parti da aringa Castilho no dia 18 de outubro proximo passado, á uma e meia hora, p. m., acompanhado do cidadão José Maria Fernandes, que me deveria servir de interprete e auxiliar como conhecedor dos usos e costumes do paiz.

Acompanhavam-me n'essa occasião cem homens armados approximadamente, os quaes se me tinham apresentado quasi voluntariamente. Seguindo o caminho marginal indicado nas instrucções, que s. ex.ª o conselheiro governador geral me entregou na occasião da minha partida, cheguei a uma povoação chamada Massara-Ombe, que se achava deshabitada, ás cinco horas, p. m.

Ahi acampou a expedição por não poder seguir mais, em consequencia de para diante ser pessimo o caminho e não haver sitio perto onde se podesse pernoitar. Defronte e na margem esquerda do Zambeze fica Mahembe, onde existiam as casas e povoações de Nicolau Vicente da Cruz, vulgo o Chiuta. Durante toda a tarde d'este dia appareceram varios pretos, e por diversas vezes, espreitando na praia da margem esquerda, os quaes desappareciam immediatamente. Não lhes mandei fazer fogo por me ter manifestado a minha gente vontade de atravessar o Zambeze e ir bater aquella povoação.

Como porém me não tinha feito acompanhar de qualquer transporte fluvial, escrevi no dia 19 de manhã a s. ex.ª o governador, communicando-lhe as intenções da expedição, e pedindo-lhe me enviasse sem perda de tempo uma ou duas almadias. N'este dia e no seguinte estive esperando que chegassem as almadias, as quaes, uma atracou no meu acampamento ás duas horas, e mais duas ás sete p. m.

Na madrugada do dia 21 vi que á expedição se tinha reunido mais gente, sendo-me por isso necessario municial-a. Tinha apenas 20 libras de polvora, pelo que escangalhei alguns maços de cartuchos Snider meus, a fim de distribuir balas á gente que as não tinha. Ás sete horas da manhã começou a expedição a atravessar o Zambeze, internando-se por Mahembe ás sete e meia.

Não pude acompanhar a expedição n'esta travessia porque os grandes m'o não consentiram, apesar das minhas aturadas instancias n'esse sentido, apresentando-me como argumento principal que talvez fosse necessario que eu com a minha espingarda lhes protegesse o desembarque ou defendesse a retirada. Ás onze e meia horas da manhã appareciam-me na praia fronteira seis homens, que pelos signaes conheci pertencerem á expedição. Mandei lá uma almadia na qual elles vieram ao acampamento e me disseram o seguinte: que a expedição tinha marchado para o interior dividida em duas columnas; que a columna que seguia pelo flanco esquerdo entrára na povoação ou luane do Chiuta, e que ahi encon-

trára recentes signaes da existencia de gente e de mantimentos, apresentando-me alguns objectos apprehendidos, e que consistiam no seguinte: seis cadeiras de diversas qualidades e em bom uso, tres batuques de guerra, uma marimba grande, uma mesa e duas balanças grandes quasi novas; que a gente da columna ahi tinha ficado esperando pelas minhas ordens. Atravessei immediatamente para a outra margem e fui ao luane do Chiuta.

Chegando ahi mandei arvorar a bandeira portugueza, a qual foi collocada no alto da casa que servia de habitação ao Chiuta. Ordenei que vinte homens ahi permanecessem guardando essa bandeira, e os restantes seguissem os itinerarios por elles combinados com a columna que seguia pelo flanco direito. Voltando ao acampamento communiquei estes acontecimentos a s. ex.ª o governador geral.

Ás seis horas da tarde voltaram oito homens da expedição, avisando-me de que esta tinha batido Mahembe, e que as duas columnas se encontraram em Milange, e dirigindo-se para uma aringa, que ali viram, onde estava fluctuando uma bandeira portugueza ahi encontraram quatro muzungos do rei: que estes lhes pediram para que pernoitassem ali, visto que no outro dia de manhã desejavam vir ao meu acampamento conferenciar commigo. Em vista d'isto parti no dia 22 de manhã para Milange, onde fui encontrar o commandante militar do Goengue, os tenentes Cordon e Lopes Pereira e o alferes Lago, os quaes, entre outras cousas sem importancia, me disseram que esperavam gente que deveria depois de reunida, seguir para o Sungo. Fiz-lhes comprehender a conveniencia que havia em que a gente, que devia marchar para o Sungo, partisse sem perda de tempo.

Voltei para o meu acampamento e ahi esperei todo o dia 23 por mantimentos que tinha requisitado, visto que a expedição nada tinha que comer.

Avisei o commandante militar do Goengue das ordens que me tinham sido transmittidas por s. ex.ª o governador geral, convidando-o a que viesse ao meu acampamento a fim de lhe fazer entrega de Mahembe, que por elle devia ficar occupado. Pela tarde d'esse dia appareceu-me o alferes Lago, o qual depois de conversar commigo me declarou ser completamente alheio a estes assumptos, e não trazer instrucções nenhumas, pelo que não podia tomar conta de Mahembe, nem tão pouco trazia gente com que o podesse guarnecer.

Depois de novo e terminante aviso ao commandante militar do Goengue, appareceu-me este no dia 24 pelas duas horas da tarde. Declarou-me então que não podia tomar entrega do Mahembe, por não ter gente de confiança com que o podesse occupar. Para dignidade d'este official, entendo dever omittir aqui outras cousas mais, que por elle me foram declaradas.

Finalmente intimei-o de que as ordens de s. ex.ª o governador geral haviam de ser necessariamente cumpridas, e que a minha expedição carecia de seguir sem demora para Nhamarongo, mas que não o fazia sem que Mahembe por elle ficasse occupado. Acompanhou-me pois este official á margem esquerda e ahi no luane do Chiuta, fiz-lhe a entrega em fórma legal.

No dia seguinte ás seis horas da manhã levantei com a expedição, que então se compunha já de duzentos e cincoenta homens, de Massara-Ombe a caminho de Nhamarongo. Correu a marcha sem incidente notavel, até que pelas cinco horas da tarde acampei junto de uma grande pedra conhecida pelo nome de Miara-Cassisse, por isso que, sendo terrivel o caminho, a expedição e eu mesmo, que sempre marchei a pé, nos achavamos bastante fatigados. Pernoitei ahi, seguindo para cima no dia seguinte ás seis horas da manhã. Ás onze horas chegavamos a um sitio denominado Timba, principio de Nhamarongo, um pouco acima do rio Fize, onde a minha gente me declarou ser o melhor ponto para a expedição se fortifi-

car. Convenientemente informado, e depois de ter eu mesmo ido explorar o terreno, dei ordem para que se começasse a construir um sonzoro, em que nos deviamos fortificar.

Durante o trajecto de Miara-Cassisse até ahi, vimos alguma gente inimiga na margem esquerda, que nos fez alguns tiros, a que a expedição respondeu da mesma fórma, tendo morto uns homens. No dia 27 escrevi para Massangano ao governador de Manica, dando-lhe parte da minha estada ali. Durante todo este dia sustentou a expedição aturado fogo com gente inimiga que appareceu na margem esquerda, e que eu depois soube pertencer a um capitão dos rebeldes, chamado Gunde. Pelas sete e meia horas da noite fizeram-nos de repente alguns tiros da margem esquerda, tendo n'essa occasião passado duas balas bem perto de mim. A expedição respondeu com fogo vivo, permanecendo toda a noite álerta, visto ter-nos o inimigo declarado que no dia seguinte de madrugada nos viria desalojar d'ali. O dia 28 passou-se na construcção do sonzoro, o qual pela tarde ficou concluido. No dia 29 começaram a saír patrulhas, a fim de policiarem Nhamarongo, conseguindo que o caminho para a nossa fortificação de Massangano ficasse desobstruido.

Nas primeiras rondas feitas pelas patrulhas nos dias 29 e 30 aprisionaram e mataram dezenove pessoas. No dia 31 parti para Massangano, a fim de conferenciar com o governador de Manica. Cheguei ali ás cinco horas da tarde d'esse dia, demorei-me nos dias 1 e 2 de novembro, partindo para o meu acampamento no dia 3 ás cinco horas da manhã. Durante o tempo que estive em Massangano e pelas conversas que tive com o governador e capitão mór de Manica, conheci que se tornava urgente remover certas difficuldades, e que para isso seria necessario communical-as a s. ex.ª o conselheiro governador geral.

Resolvi-me portanto a ir pessoalmente á aringa Castilho, accedendo assim ao pedido dos referidos governador e capitão mór de Manica. Cheguei ao meu acampamento á uma hora da tarde do mencionado dia 3, e ahi soube que as patrulhas da minha expedição, que policiavam Nhamarongo, nos dias 1 e 2 metteram no fundo uma almadia cheia de gente inimiga, aprisionando e matando para cima de sessenta pessoas. No dia 4 de manhã parti para a aringa Castilho, onde cheguei ás cinco horas da tarde. Demorei-me ahi todo o dia seguinte, em que expuz a s. ex.ª o governador geral as difficuldades que me parecia necessario resolver, e vi com prazer que s. ex.ª, concordando commigo, providenciava de prompto por fórma que tudo fosse sanado. Resolveu s. ex.ª acompanhar-me ao meu acampamento pela via fluvial, por lhe ter eu assegurado que esta, depois de policiada por patrulhas minhas, se achava actualmente até ali desimpedida.

Realmente na manhã do dia 6 partia s. ex.ª acompanhado de sua ex.ᵐª esposa n'um escaler para a minha aringa. Seguia igualmente um comboio de material de guerra e mantimentos, composto de nove embarcações. Chegou tudo e todos á minha aringa ás cinco horas da tarde sem a mais leve novidade, ficando s. ex.ª convencido de que não o enganára eu, quando lhe garanti desimpedida a via fluvial. Vendo s. ex.ª o ponto em que se achava construida a aringa, foi de opinião que ella deveria ter de futuro um caracter permanente, e ficando guarnecida e dependente do commando militar, que se crearia em Massangano, policiar a margem direita do Zambeze. Resolvi então baptisar a aringa, o que fiz lavrando o respectivo auto.

Os dias 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13 passaram-se sem incidente importante, demorando-se s. ex.ª o governador geral e sua ex.ᵐª esposa na minha companhia. No dia 9 fui eu, e no dia 11 foi tambem s. ex.ª, defronte da povoação do rebelde

Gunde onde fizemos alguns tiros; e no dia 12 appareceram na praia quinze homens inimigos approximadamente aos quaes tambem fizemos fogo, parecendo-nos ter ferido dois. No dia 14 partiu s. ex.ª o governador geral e sua ex.ma esposa, por terra para Massangano, onde chegaram no mesmo dia sem novidade. Desde o dia 15 até o dia 25 estiveram sempre patrulhas policiando Nhamarongo e Marura até o limite de Inhaquasi.

Estas patrulhas aprisionaram e mataram muitissima gente, tendo mettido no fundo duas almadias. Gente aprisionada n'estes dias e trazida á minha aringa, declarou-me que desde que aqui está esta expedição, nunca mais na aringa dos rebeldes em Massangano entrou mantimento ido do Sungo, pelo que a fome ali augmentára consideravelmente; que os rebeldes estavam aterrados com a existencia d'esta aringa aqui, e que o Gunde se tinha negado, por declarar que tinha medo, a vir com gente da Maganja construir uma outra aringa do lado de cima d'esta. No dia 25 recebi communicação de que as nossas forças em Massangano se preparavam para atacar a aringa dos rebeldes. Por este motivo reforcei no dia 26 pela manhã a patrulha com mais gente, elevando-a ao numero de duzentos e cincoenta homens. N'esse mesmo dia voltaram pela tarde seis homens meus, trazendo dez mulheres e tres creanças presas, avisando-me de que havia uma grande fuga da aringa inimiga, e que a minha gente estava com elles sustentando fogo, tendo matado muitos, e mettido no fundo uma embarcação litteralmente cheia de homens, mulheres e creanças, os quaes todos pereceram afogados. Pediram-me munições por se lhe estarem a acabar as que lhes tinha distribuido, ao que eu accedi immediatamente, entregando-lhes tres mil cartuchos para elles irem distribuir pelos seus companheiros. Durante os dias e noites de 27 e 28 sustentou a minha gente um fogo vivissimo com fugitivos do inimigo, causando-lhes grandes estragos, sendo-me por isso necessario mandar-lhes mais munições por tres vezes.

Na noite do dia 28 e madrugada do dia 29 encontraram-se na praia de Inhaquasi com o rebelde Chimulamba ou Chincupete, o qual vinha acompanhado de trezentos a quatrocentos homens. Estabeleceu-se então um fogo e lucta renhida, tendo o inimigo de ceder, fugindo, por ter soffrido consideraveis perdas. Em todo o dia 29 sustentou ainda fogo a minha gente, tendo mettido no fundo tres embarcações, perecendo afogada e a tiro a gente que as enchia. Á tarde, pelas seis horas, recebi a agradavel noticia de que as nossas forças tinham tomado a aringa dos rebeldes em Massangano, e que portanto esta terrivel campanha terminára, felizmente para nós, desde aquella occupação. S. ex.ª o conselheiro governador geral pedia-me para eu enviar esta noticia ao commandante militar de Sena, a fim de ser transmittida ao governador de Quelimane e este envial-a para Moçambique ao secretario geral devendo d'ali ser participada telegraphicamente a s. ex.ª o ministro da marinha e ultramar, o que tudo eu cumpri.

No dia 30 de manhã recolheu toda a gente que compunha a patrulha, e a qual se demorou em Inhaquasi tres dias e tres noites sem voltar á aringa. Apresentou-me signaes de ter morto muita gente, assegurando-me que não lhes fôra possivel contar ao certo os estragos causados no inimigo, por isso que a praia de Inhaquasi se achava juncada de cadaveres, entrando n'este numero um filho do Mutontora por nome Sebastião. Affirmaram-me ainda que na occasião em que o rebelde Chimulamba ou Chincupete, acompanhado da sua gente, sustentou um fogo vivo, foi ferido com uma bala nas costas, o que comtudo não evitou que fosse levado na fuga pela gente, que o acompanhava. No referido dia 30 á noite chegou á minha aringa o governador de Manica, acompanhado de soldados e gente sua que transportavam as duas peças d'aquelle districto.

No dia 1 de dezembro fiz seguir para Tete um escaler meu, tripulado com sipaes da minha aringa, os quaes deveriam experimentar se o Zambeze se achava limpo de gente inimiga, e, no caso affirmativo, apresentar-se-íam a s. ex.ª o conselheiro governador geral, que se achava n'aquella villa, e d'ali desejava seguir para baixo pela via fluvial. O mencionado escaler chegou a Tete sem novidade, tendo os sipaes, que o tripulavam, aprisionado no caminho tres pessoas dos rebeldes. O governador de Manica demorou-se na minha companhia durante os dias 1 e 2, partindo para a aringa Castilho no dia 3 de manhã.

Esperei pela vinda de s. ex.ª o conselheiro governador geral, o qual chegou ao meu acampamento no dia 8 pela tarde, acompanhado de sua ex.ma esposa. No dia 9 de manhã seguiram s. ex.as e eu para a aringa Castilho, a fim de se retirarem d'ali para Quelimane. Acompanhou-me a gente que compunha a expedição, ficando na aringa Maria Luiza um manamambo e um capitão, que por mim tinham sido nomeados, e que de bom grado acceitaram o ficarem residindo permanentemente ali. Durante o tempo que duraram os trabalhos da expedição, os estragos por ella causados no inimigo elevam-se ao numero de cento e dezenove pessoas, das quaes eu presenciei os signaes, não contando n'este numero creanças de peito aprisionadas com suas mães.

Nos ultimos tres dias, porém, não foi possivel verificar as perdas que a minha gente causou ao inimigo, por ser isso quasi impossivel, attendendo á grande porção de gente que n'estes tres dias foi morta.

No que fica exposto acham-se resumidamente relatados os acontecimentos, que se passaram durante o tempo em que esta expedição trabalhou. Coube-me e a ella o prazer de ser sempre o primeiro a percorrer o Zambeze e a garantir desimpedida esta via de communicação, e a mim a honra de poder ter occasião de prestar um serviço ao meu paiz, para o que posso affoitamente assegurar, que nunca receei perigos nem me poupei a fadigas e trabalhos. A maior parte das vezes que a expedição entrou em fogo teve-me sempre a seu lado, devendo de certo ter isso concorrido para eu crear um certo prestigio entre a minha gente, o que fez com que por ella fosse obedecido e respeitado em tudo que lhes ordenei.

Esta guerra foi, com certeza, a mais monumental que em Africa tem havido, e não seria debellada se não fosse sabiamente dirigida e presenciada pelo chefe superior da provincia. Se em 1887 se tivesse procedido por uma fórma mais energica, e igual á que d'esta vez se adoptou, não teriam passado de affirmações gratuitas aquellas que então se fizeram acreditar. Actualmente póde a Zambezia ser percorrida sem perigo, o que em 1887 se affirmou, mas que os factos actualmente presenciados, demonstram não ser absolutamente exacto.

Penso que o pernicioso dominio dos Bongas está completa e radicalmente extincto, bem como penso que para isso concorreu a coragem, energia e grande força de vontade de s. ex.ª o conselheiro governador geral, cujo nome deverá ficar memoravelmente vinculado a esta guerra, e venerado por todos aquelles que prezam o nome e dignidade do seu paiz.

Quando me retirei da aringa Maria Luiza enviei a s. ex.ª o conselheiro governador geral um officio sob o n.º 1, onde lhe participava terem terminado os serviços da expedição, pelo que eu, não tendo mais nada a fazer, me retirava para a minha comarca onde actualmente me acho no exercicio da minha profissão.

Tete, 18 de dezembro de 1888.=O juiz de direito, *Antonio de Sá Malheiro*.

Está conforme.—Secretaria do governo geral da provincia de Moçambique, 25 de janeiro de 1889.=O secretario geral, *José J. de Almeida*.

DOCUMENTO M

Auto de posse e occupação do prazo Mahembe onde tinha residido o Chiuta

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1888, aos 24 dias do mez de outubro, na povoação de Mahembe, margem esquerda do Zambeze, e nas casas de Nicolau Vicente da Cruz, vulgo o Chiuta, irmão dos rebeldes Bongas, onde se achava presente o dr. Antonio de Sá Malheiro, juiz de direito da comarca de Tete e commandante da expedição a Nhamarongo, bem como o alferes de caçadores n.º 1 da guarnição da provincia, Caetano Joaquim Deocleciano de Mello e Castro, commandante militar do Goengue, declarou o primeiro que, sendo encarregado por s. ex.ª o conselheiro governador geral de commandar uma expedição que se dirige a Nhamarongo e tendo chegado ao sitio denominado Massará-Ombe, margem direita do Zambeze, e defronte d'esta povoação no dia 18 do corrente, resolveu ali, tendo-o communicado a s. ex.ª o governador geral, mandar a sua expedição a esta povoação, a fim de a bater e d'ella expulsar os rebeldes, caso ali existissem, e isso porque toda a tarde do dia 18 e todo o dia 19 tinha visto apparecerem na praia fronteira ao seu acampamento, por varias vezes, pretos que parecia andarem espreitando, por isso que desappareciam immediatamente, escondendo-se por entre a palha. No dia 19 e 20, esperou por umas almadias que tinha pedido para baixo, a fim de a expedição atravessar o Zambeze. No dia 21, de manhã, fez a travessia, e a expedição, dividida em duas columnas, percorreu toda a povoação de Mahembe, destruindo as palhotas que por ella encontrou, indo pela tarde encontrar-se em Mirange, ou Mojova, com o commandante militar do Goengue e seus officiaes. N'esta batida a expedição conservou por ordem d'elle, commandante, a presente povoação ou luane do Chiuta, onde immediatamente collocou uma bandeira portugueza, ficando assim definido que a povoação do Mahembe se achava tomada pela expedição e entregue ao governo de Sua Magestade a quem pertence.

Tendo o commandante da expedição communicado o succedido a s. ex.ª o governador geral, este lhe ordenou que fizesse entrega provisoria da povoação e luane do Chiuta ao commandante militar do Goengue. Que por este motivo e em obediencia ás ordens recebidas, fazia realmente por esta fórma entrega da povoação de Mahembe e luane do Chiuta a elle commandante militar, que se achava presente, entregando-lhe igualmente a bandeira portugueza, que ali tinha collocado, ficando certo de que por elle será devidamente venerada, e respeitada, por isso que está convencido de que esta entrega é feita a um brioso e digno official do exercito de Africa oriental.

Pelo segundo foi declarado que acceitava de bom grado a presente entrega, e que deixava o luane do Chiuta, que recebe, entregue a uma sua força composta de dez homens, por lhe não ser possivel estabelecer de prompto a sua residencia aqui, o que comtudo fará apenas tenha reunido uma força de confiança, que espera obter de s. ex.ª o conselheiro governador geral, visto não ter confiança alguma na força que presentemente tem á sua disposição.

E para constar se lavrou o presente auto, do qual foram testemunhas, entre varias outras, os dois grandes da expedição a Nhamarongo, por nomes Inhaunga e Bombuço, os quaes não assignaram por não saberem escrever; vae o presente auto assignado pelo commandante da expedição a Nhamarongo e pelo commandante militar do Goengue. Mahembe e luane do Chiuta, 24 de outubro de 1888.= *Caetano Joaquim Deocleciano de Mello e Castro,* alferes, commandante militar do Goengue=*Antonio de Sá Malheiro,* juiz de direito da comarca de Tete e commandante da expedição a Nhamarongo.

Está conforme.—Tete, 18 de dezembro de 1888. =*Antonio de Sá Malheiro,* juiz de direito.

DOCUMENTO N

Auto de denominação da nova aringa construida na margem direita do Zambeze no sitio de Timba na Lupata

Copia. — Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1888, aos 6 dias do mez de novembro, na margem direita do Zambeze e a mais de meio da Lupata, um pouco acima da confluencia do rio Fize e um pouco abaixo de uma povoação na margem esquerda em que habita o capitão Gunde, grande dos rebeldes de Massangano, no sitio chamado Timba, pouco a jusante das montanhas de Nhamarongo, que desde o dia 26 do mez proximo passado se acha occupado pela força expedicionaria commandada pelo dr. Antonio de Sá Malheiro, juiz de direito da comarca de Tete, achando-se ali presente s. ex.ª o conselheiro governador geral Augusto de Castilho, que n'este dia tinha chegado pela via fluvial, acompanhado de sua ex.ᵐᵃ esposa D. Maria da Conceição de Castilho, pelo commandante da expedição foi dito que, tendo s. ex.ª o governador geral concordado em que o sonzoro construido pela expedição e em que esta se acha fortificada, devia ser permanente, ficando guarnecido e dependente do futuro commando militar de Massangano, tinha reunido todos os grandes da expedição, bem como o cidadão José Maria Fernandes, que sempre o tem acompanhado, e de commum accordo resolveram que o referido sonzoro se ficasse chamando de futuro Maria Luiza, e isto em homenagem ao nome da filha de s. ex.ª o conselheiro governador geral e ao de sua afilhada, filha d'elle commandante. O que ouvido por s. ex.ª o conselheiro governador geral, declarou que auctorisava reconhecido esta idéa. E para constar se lavrou o presente auto na presença de todos os grandes, os quaes são os seguintes: Inhaunga, antigo manamambo do rebelde Catandica, Biriabe, igualmente manamambo do mesmo, Samitondo, antigo capitão do rebelde Gande, Tenga, Saguangava, Sandozué, Cachaço antigo grande do rebelde Gande, Machenando, Bombuna, mais 6 sachecundas dos sipaes que compunham a força, estando igualmente presente o cidadão José Maria Fernandes, que este assigna commigo commandante da expedição.

Aringa Maria Luiza, 6 de novembro de 1888.=*Antonio de Sá Malheiro*=*José Maria Fernandes*=Signal de cruz de *Inhaunga*=Signal de cruz de *Biriabe*=Signal de cruz de *Samitondo*=Signal de cruz de *Tenga*=Signal de cruz de *Saguangava*=Signal de cruz de *Sandozué*=Signal de cruz de *Cachaço*=Signal de cruz de *Machenan*=Signal de cruz de *Bombuna*.

Está conforme. — Tete, 18 de dezembro de 1888.=*Antonio de Sá Malheiro*, juiz de direito.

DOCUMENTO O

Relatorio do commandante militar do Goengue ao governador geral ácerca dos acontecimentos da guerra na area da sua acção

Serie de 1888. — Commando militar de Goengue. — N.º 168. — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Em execução das ordens de v. ex.ª, expedidas em officio n.º 95, de 10 do corrente, vou dar cumprimento ao que no mesmo officio me foi determinado, fazendo uma resenha de todos os factos, de que mais ou menos tive conhecimento desde que estou á testa d'este commando, com relação á ultima guerra dos revoltosos de Massangano.

Em 4 de junho do corrente anno cheguei a Anquasi; ali encontrei o negociante Pereira de Carvalho e major Pimentel, os quaes tinham na praia amarrado um comboio de setenta e tres embarcações carregadas e tripuladas. Contaram-me estes senhores que o caminho para Massangano estava fechado, por isso que o negociante Pereira de Carvalho fôra aggredido na ilha de Moçambique, havendo sustentado ali forte tiroteio, e havendo perdido duas embarcações com mercadorias, no valor approximadamente de 800$000 réis, tendo com bastante difficuldade salvado o resto da sua carga, que levava para Tete, a vida d'elle e de sua mulher que o acompanhava.

Disse n'essa occasião este senhor que estavam reconstruindo as antigas aringas da gente do Bonga. Mandei logo chamar á minha presença todos os grandes de Anquasi e do Goengue, a fim de melhor ser informado sobre similhante assumpto, sendo por todos elles confirmadas as mesmas noticias, dizendo-me mais que já tinha havido tiroteio entre gente de Massangano e do governo de Tete, sendo estes ultimos obrigados a retirar pelo seu numero ser inferior ao da gente do inimigo, ficando feridos alguns e morto um dos sobrinhos do Bonga, não constando que houvesse qualquer fatalidade á gente de Tete.

Fui n'esta occasião aconselhado a que não seguisse para Goengue, e me estabelecesse em Anquase, visto ali não haver segurança alguma, e visto que eu não poderia facilmente ser soccorrido no caso de qualquer ataque da parte dos revoltosos.

No Goengue não havia mais de dezesete palhotas e muito pouca gente. Tomei portanto a resolução de ficar em Anquasi em presença de taes circumstancias, como communiquei em officio n.º 1 ao sr. governador do districto de Quelimane, bem como em officio n.º 5 ao commandante militar de Sena.

Em 20 de junho recebi um officio do sr. governador de Tete, em que me participava que em 13 do corrente fôra derrotado o rebelde Pindiriri, e lhe tinha sido tomada a fortificação, havendo os rebeldes soffrido uma perda superior a 100 pessoas, e que em 14 seguiria para Massangano.

No 1.º de julho apresentou-se n'este commando um dos irmãos do Bonga, rebelde de Massangano, de nome Nicolau Vicente da Cruz (vulgo Chiuta), declarando que vinha apresentar-se e offerecer os seus serviços ao governo, para que este não cuidasse que elle fazia causa commum com seus irmãos rebeldes, pedindo n'esta occasião, que no caso de ser atacado pelos revoltosos, visto não os ter auxiliado, lhe fosse concedido o auxilio do governo, e que as suas mulheres fossem acolhidas n'este commando para assim ficarem defendidas, como tambem participei em officio n.º 17 ao sr. governador do districto de Quelimane.

Em 2 de julho foi me participado pelo sr. governador de Tete, em seu officio n.º 122, que as nossas forças, tendo atacado a chitata de Massangano no dia 21, fugiram em debandada, deixando os rebeldes á sua vontade, e participando mais o estado em que ficavam as communicações com este ponto e outros.

Mandei logo chamar todos os grandes do prazo, a quem ordenei que fosse vigiado e guardado o limite; n'esta mesma data foi-me indicado pelo mesmo senhor em officio n.º 123, que empregasse todos os esforços para fazer transportar para Tete o sr. major Pimentel e sua familia.

Em 15, depois de instancias e ameaças aos grandes do prazo, pude pôr á disposição do mesmo sr. major, segundo a sua requisição, 250 sipaes armados e municiados, e 100 carregadores, não podendo elle seguir n'esta data, por ter adoecido de noite muito gravemente, mas seguindo em 1 de agosto.

Em 15 de agosto recolheu esta gente, acompanhando o sr. dr. juiz de Quelimane Gaspar de Atayde, informando-me que na ida tiveram de resistir com fogo á aggressão do inimigo, quando passaram pela frente da povoação Mataza, do chefe dos revoltosos Motontora, e hoje queimada pela gente do governo de Tete, dizendo mais que no transito prenderam um preto fugitivo do inimigo, e que foi entregue ao sr. governador de Tete, e que na volta nenhum encontro tiveram com o inimigo, o que foi confirmado tambem pelo sr. dr. juiz.

Constou-me mais que a gente de Massangano mandára quatro dos grandes com bandeira portugueza pedir ao sr. governador de Tete a paz, por estarem a soffrer muita fome, e que foram construidas pelas nossas forças de Tete tres chitatas na margem esquerda do Zambeze, sendo uma na povoação Caromba guardada pela gente do Martins, a segunda na povoação Caçanha, do prazo dos Padres jesuitas, e a terceira na povoação Nhancoma guardada pelo musungo Gregorio; esta mesmo em frente de Massangano.

Chamei os grandes Cangarra e Thomás, e fiz-lhes constar que s. ex.ª o sr. governador geral desejava saber se estavam resolvidos a defender o prazo de qualquer tentativa de invasão que porventura se desse; responderam-me immediatamente que sim, e que estavam promptos a não consentir que nenhum Bonga entrasse n'este ponto, como participei a v. ex.ª em meu officio n.º 59, em que tambem informava sobre a presente attitude do Chiuta, segundo as informações colhidas d'esta gente.

Em 18 o grande Cangarra veiu-me dar parte de como, tendo vindo fugitivos dois pretos da povoação do Chiuta, lhe deram conhecimento que a gente de Massangano tinha mandado uma força, e ordenado ao Chiuta para ali construir uma aringa, com o fim de atacarem este commando e apoderarem-se da importante factura do negociante Pereira de Carvalho, como participei, solicitando ao mesmo tempo algum reforço ao sr. governador de Tete.

A resposta que tive do mesmo senhor foi em officio n.º 152, em que participa que acredita, sem comtudo afiançar, que o Chiuta se conserva obediente ao governo, esperando que guarneça o Sungo.

Constou-me tambem, pela carta do encarregado do prazo do capitão mór Manuel Antonio de Sousa, vulgarmente chamado Cangremo[1], que o mesmo Chiuta fornecia polvora e tambores aos revoltosos de Massangano, seus irmãos, e estava construindo uma chitata na sua povoação.

Mandei logo para a povoação do mesmo Chiuta um dos grandes do prazo e o soldado n.º 18 da primeira companhia do batalhão de caçadores n.º 2, João Delgado, com ordens de intimar o Chiuta a desfazer a mesma aringa, caso fosse verdade o que me constava.

Em seguida voltaram estes, depois de terem verificado as minhas ordens, e declararam-me que era falso o que se dizia, dizendo mais que lhes parecia elle conservar-se em perfeitas relações com o governo, como participei a v. ex.ª em officio n.º 33 de 30 de julho.

Em 9 de agosto recebi um officio extra do sr. governador de Quelimane, trazido por um preto de nome Zambeze, em que me participava que este mesmo preto ía positivamente mandado pelo seu patrão, o capitão mór de Quelimane Antonio Lopes, a fim de transmittir aos grandes do prazo as ordens do mesmo seu patrão, para estarem prevenidos para qualquer ataque dos Bongas, e bem assim para serem fornecidas a qualquer agente do governo as forças de sipaes que fossem pedidas; e tendo-se ordenado, depois de reunidos os grandes, ao dito Zambeze, que declarasse a ordem que trazia, respondeu que não tinha recebido nenhuma ordem do seu patrão, e que apenas lhe tinha sido entregue o officio, como participei ao sr. governador de Quelimane.

Em 16 recebi o officio de v. ex.ª, n.º 24, em que me participava a prisão do Chiuta; e tendo dado conhecimento d'este officio aos grandes Cangarra e Thomás, —este do Goengue, que n'esta occasião estava em Anquase com carregadores e sipaes por mim requisitados para conduzir a factura do sr. tenente coronel Paiva de Andrada, os quaes na maior parte eram gente de Chiuta, — ficaram immensamente surprehendidos. Houve quasi uma pequena sublevação, a ponto de ter eu de me armar e mandar armar o destacamento, sendo esta excitação apaziguada pelo manamambo Cangarra, e pelas phrases de persuasão que n'esse momento lhes dirigi, como participei a v. ex.ª em officio n.º 66.

Em 17 fiz seguir para a villa de Tete, em virtude das requisições do sr. governador daquelle districto, os soldados n.ºs 37, 86, André, 58, 112, Manuel Antonio, da quarta companhia de caçadores n.º 2, com 159 carregadores com motores de fazendas compradas por conta do sr. tenente coronel Paiva de Andrada, e guardada pelos 224 sipaes armados e convenientemente municiados. Tendo seguido estes homens, tiveram de parar em Goengue, por ter sido occupada a povoação do Chiuta por um dos irmãos, que veiu no mesmo dia da prisão do Chiuta, de Massangano, com forças, a fim de se apoderar dos haveres do preso. N'esta occasião foi morta alguma gente que acompanhava um cabo de caçadores n.º 5, que vinha com ordens do sr. governador de Tete ao Chiuta, tendo apenas escapado o cabo e alguns sipaes, por terem ido á presença de v. ex.ª com o Chiuta e outros, por terem fugido para Tete, como participei a v. ex.ª em officio n.º 65.

Em 23 tive conhecimento, por um espia que mandei ao prazo do Chiuta, que a gente de Massangano, apenas tivera conhecimento da vinda do capitão mór

---

1 É o feitor de Manuel Antonio de Sousa, de nome José Maria Fernandes, oriundo da India, mas habitando a Zambezia ha trinta e cinco annos, e conhecendo a lingua, o paiz e os costumes cafreaes perfeitamente.

Manuel Antonio de Sousa, retirára para Massangano, abandonando completamente a mesma povoação, e roubando tudo quanto poude levar.

Foi uma felicidade o ter vindo n'aquella occasião o capitão mór Manuel Antonio de Sousa, porque este prazo estava bastante ameaçado, e poucos eram os recursos para o defender.

Os pretos da gente do Bonga, capitaneados por um tal Chimulamba, dirigiam a toda a hora ameaças, chegando proximo do rio Mujova a declarar em altos gritos, que em breve aqui viriam atacar o commando militar. Emquanto á gente do Chiuta, depois da prisão do mesmo, quasi toda retirou para este prazo, e outros para o interior.

Em 26 pude fazer seguir o comboio, depois de me asseverarem os grandes que não havia receio da gente de Motontora e Chiuta, porque aquelles tinham ido para Massangano, e outros, em numero muito pequeno, pouco receio causariam; e no caso mesmo de qualquer encontro, que elles eram homens de guerra, e que não se recusavam a qualquer ataque, como participei a v. ex.ª em officios n.º 68 e 70.

Em 5 de setembro voltaram os soldados, sipaes e carregadores de Tete, e com satisfação tive conhecimento de tudo ter chegado ao seu destino, como participei a v. ex.ª em officio n.º 81.

Quando recebi o officio de v. ex.ª, sob o n.º 41, ás oito horas da manhã, em que participava o intentado ataque da gente de Massangano aos soldados sipaes e carregadores conductores da factura, dei conhecimento ao manamanbo Cangarra d'esta occorrencia, dando elle como certo o ter a factura chegado a Tete, como participei a v. ex.ª em officio n.º 79, e como de facto ás duas horas da tarde chegaram os mesmos, como acima relatei.

Em 6, quando recebi o officio de v. ex.ª sob n.º 42, em que me participava a fuga do Chiuta e seus companheiros da prisão de Sena, dei logo conhecimento ao manamambo Cangarra, e pedi para me auxiliar n'este serviço, pondo vigias nas differentes povoações do prazo e distribuindo gente ao longo da margem do rio, offerecendo um premio valioso a todo aquelle que os capturasse.

Se da primeira vez elles se mostraram pouco satisfeitos com a prisão do Chiuta, não deixou de me surprehender a promptidão com que agora foram ouvidas e executadas as minhas ordens. Não era com certeza a força de que eu dispunha que os podia intimidar e fazer assim proceder, e não posso acreditar que outra cousa fosse mais do que o premio com que tentei a sua ambição.

Foram n'esta occasião enormes os meus trabalhos, por isso que apenas com quatro soldados, que ali tinha ao meu dispor, tinha de rondar noite e dia a casa do moanamambo Cangarra e outros pontos, para me certificar da lealdade d'esta gente, pois sempre imaginei e quasi que tinha a certeza, que mais tarde ou mais cedo o Chiuta procuraria o mesmo Cangarra.

N'este tempo andava eu já reunindo forças para seguir para o limite a bater o Sungo, caso a gente reunida fosse em numero sufficiente e de confiança para obter tal fim; e n'estas circumstancias segui em 9 de Anquasi com destino para Milanja, acompanhado apenas por uma companhia provisoria de cincoenta sipaes, os grandes e cento e noventa homens de Anquasi, e cheguei ao Goengue ás doze horas do dia, e ás duas da tarde chegou o Cangarra ao sitio aonde eu estava acampado, participando-me que o Chiuta já tinha desembarcado n'este prazo na povoação Carunjá, e que precisava pelo menos dois soldados para, juntamente com os seus pretos, proceder á prisão do mesmo Chiuta e dos seus cinco companheiros.

Nomeei immediatamente os soldados n.ºs 71 e 1:061 da primeira companhia Pedro Antonio e 60, 113 da quarta companhia Chimuar, ambos de caçadores n.º 2,

que n'aquelle momento chegavam e de prompto se offereceram a voltar, effectuando-se a prisão no dia 12 pelos mesmos soldados e sipaes capitaneados pelos manamambos Cangarra, Thomás e Patricio, escapando tres dos companheiros do Chiuta, por não estarem na occasião em que se fez a captura, como participei a v. ex.ª em meu officio n.º 83 que acompanhava os prisioneiros.

Em 10, pelas cinco horas da manhã, saí do Goengue e cheguei a Melanja ás nove horas, acampando em uma pequena chitata existente no limite, e junto á margem esquerda do rio Mujova, mandada construir em tempo pela arrendataria D. Luiza.

Apenas ali cheguei mandei reunir toda a gente fugitiva este prazo e no do Chiuta, apresentando-se dez grandes e approximadamente duzentos sipaes e colonos. Por elles mesmos tive a certeza de que effectivamente estava gente do Chiuta no interior para atacar os viandantes que seguem para Tete, como participei a v. ex.ª em officio n.º 82.

Em 15 recebi um officio do sr. governador de Quelimane, trazido por um soldado de caçadores n.º 2, que acompanhava um indigena, creado do capitão mór Lopes, incumbido de transmittir em minha presença aos grandes as instrucções que em tempo o preto Zambeze disse não ter recebido. As referidas instrucções foram na minha presença dadas aos grandes, para que elles coadjuvassem em tudo a gente do governo.

Só em 18 é que pude reunir 475 sipaes e grandes, e a todos elles fiz uma falla, expondo os beneficios ou o castigo que o governo impunha a todos elles, conforme o seu comportamento no ataque que se ía tentar.

Pareceu-me que todos estavam bem dispostos e promptos a auxiliar o governo, e assim fiz seguir n'esta mesma data 360 homens, bem armados e municiados, acompanhados do segundo cabo n.º 21 da segunda companhia, Sebastião Filippe de Mello, de caçadores n.º 2, com ordens expressas de a todo o custo procurar escangalhar a chitata do Sungo, bater o mato, e finalmente todos os sitios onde estivesse espalhada, como me constava, a gente do Chiuta e Motontora, o qual impede o transito para Tete, atacando e saqueando quem para ali passa.

Não sendo possivel permanecer ali, pelo meu estado de saude não o permittir, retirei para Anquasi, deixando na chitata 115 homens sob vigilancia dos manamambos Cangarra e Thomás, como participei a v. ex.ª em officio n.º 84.

Foi-me participado depois que em seguida ás forças terem entrado em terrenos do Chiuta, no mesmo dia 18, ás duas horas da tarde, as nossas tiveram de sustentar fogo bastante vivo com o inimigo, que logo lhe appareceu, resultando a morte de dois homens do Motontora e a prisão de duas raparigas e algumas frechas, desapparecendo o inimigo, pondo-se em fuga. Pelo depoimento das mesmas pretas, fiquei conhecendo existir na serra muita gente armada pertencente a Motontora e Chiuta, como participei a v. ex.ª em officio n.º 86.

Em 22 recebi um officio de v. ex.ª sob n.º 53, em que me dizia que as nossas forças estavam acampadas em Mahembe ha dois dias, ficando eu bastante surprehendido com este officio, por isso que as noticias dadas pelo cabo eram contrarias ao de que v. ex.ª estava informado.

N'esta mesma data recebo uma outra communicação do cabo, em que me participa terem fugido quasi todos os sipaes, allegando que não tinham que comer, abandonando os grandes no limite, e por aqui vi que esta gente tinha perdido toda a sua influencia, como participei em officio n.º 87.

Mais tarde appareceram de novo o manamambo Patricio e alguns sachecun-

das, pedindo-me permissão para outra vez reunirem a sua gente, e que em seguida marchariam a dar um assalto decisivo, para assim mostrar quanto vale a gente de D. Luiza, que nunca fugiu a qualquer perigo quando seja a favor do governo; isto depois de eu os ter ameaçado e de lhes ter feito ver a grande prova de cobardia que acabavam de dar. Assim fiquei convencido de que elles voltariam a reunir-se, porque n'esse mesmo dia elles saíram de Anquasi, constando-me que seguiram á sua povoação a reunir de novo a gente, e que até empregaram a força para esse fim.

Cangarra e Thomás conservavam-se no limite, e tambem me constava que faziam esforços para ali juntar gente fugida, como participei a v. ex.ª em officio n.º 89.

Mais tarde soube que tudo isto era falso, e que nenhum esforço empregaram para cumprir a sua promessa. Não desanimei, porém, e tratei sempre de os exhortar, e influir para reunirem o maior numero possivel de gente, e quando v. ex.ª aqui chegou, a 14 de outubro, já elles na vespera se tinham reunido em numero de cento e tantos da gente do Cangarra, como v. ex.ª presenciou na occasião da inauguração d'esta aringa. Para evitar que se desse segunda fuga, desculpando-se elles com falta de mantimento, pedi n'esta occasião a v. ex.ª para me auctorisar a fazer as compras precisas. Depois da saída de v. ex.ª d'aqui, segui logo a Anquasi, comprando ao Cafumo de D. Luiza 600 panjas de mantimento e peixe seccō, encarregando o manamambo Cangarra para ir successivamente mandando para Milange os referidos mantimentos.

Em 20 de manhã, julgando eu ter toda a gente prompta a acompanhar-me, segui com os officiaes da expedição aos sertões de Moçambique, tenente Cordon, alferes Lago e tenente de caçadores n.º 5 Lopes Pereira, e com grande espanto nosso apenas tinhamos 16 homens armados para nos acompanhar; em todo o caso assim marchámos, e pelo caminho o manamambo Thomás ía arranjando machileiros e a gente precisa para nos transportar. D'esta fórma chegámos a Milange; ali obtivemos duzentos e tantos homens, sem que a gente do Cangarra tivesse apparecido.

Como as ordens que v. ex.ª me tinha dado eram para aquelle serviço ser feito com toda a rapidez, por isso mandei marchar no dia 23 aquelle troço de 200 homens com 30 quiçapos, que ao tempo estava comprado e reunido em Milanje com destino ao Sungo, reservando-me para formar um reforço com a gente que a todo o momento esperava do Cangarra e outros, como participei a v. ex.ª em officios extras A, B, C, D e E.

No dia 26 ouviu-se forte tiroteio, e de tarde o cabo que acompanhava a gente pedia reforço, allegando que o inimigo era em numero muito superior, offerecendo grande resistencia, impossivel de vencer com o numero diminuto de homens que elle tinha; fez-se seguir logo alguns sipaes que tinham vindo do Cangarra com mantimentos, armados e municiados; mais tarde nova communicação do cabo, dizendo que tinham fugido mais de cincoenta sipaes sem rasão nenhuma.

Em 28 seguia de madrugada o tenente Lopes, acompanhado de uma força de vinte e tantos homens; e ás duas horas da manhã de 29 regressava este official a pé e bastante fatigado, declarando que a nossa gente o ía abandonando, vendo-se elle na necessidade de retirar, recommendando comtudo que se conservasse em Mucomaze até receberem novo reforço; declarou mais que a força do inimigo era em numero superior, e estava bem entrincheirada nas montanhas do Sungo, como participei a v. ex.ª em officio n.º 113, que acompanhava o relatorio d'este official.

No mesmo dia e hora, depois da chegada do tenente Lopes, começaram a apparecer os grandes, participando que todos os sipaes tinham fugido, abandonando-os, como participei a v. ex.ª em officio n.º 114.

N'este mesmo dia fui completamente abandonado, tendo de retirar para Goengue com os officiaes, tenente Lopes e alferes Lago, estando n'esta occasião o tenente Cordon em Gande, onde foi pessoalmente participar a v. ex.ª todas as occorrencias.

A nossa retirada foi feita a pé e de noite, por isso que nos vimos completamente abandonados, á excepção dos manamambos Thomás e Sussa do Chiuta, unicos que ficaram em Milanja em guarda do mantimento, pois que o material de guerra fiz transportar immediatamente n'essa tarde pelos colonos homens e mulheres que pude obter, como participei a v. ex.ª em officios n.ºs 116, 117 e 118.

Deixo a v. ex.ª a apreciação da maneira como a gente de D. Luiza e Chiuta andaram. Não faltou mantimento; as munições foram distribuidas com largueza; eram constantemente animados com os conselhos dos officiaes que tão dedicadamente nos acompanhavam; e quando eu e os dois companheiros Cordon e Lago nos dispunhamos a seguir a marcha no dia seguinte com os reforços que tinhamos, e juntarmos o resto da força no ataque do Sungo, eis que n'essa madrugada retiram todos, expondo rasões bem pouco admissiveis. A coragem do tenente Lopes é bem conhecida; mas o que havia de fazer este official só, e depois de abandonado pelos seus sipaes?

Em 11 de novembro seguiu o negociante Dulio Ribeiro, capitaneando uma terceira expedição para o Sungo, composta dos mesmos elementos que as duas outras expedições anteriores. O resultado d'esta sabe v. ex.ª que não foi mais feliz que o das duas outras.

Em 24 regressava o negociante Dulio só, e simplesmente com os seus serviçaes, eram dez horas da noite, por tambem ter sido completamente abandonado.

Em conclusão, nenhuma confiança se póde ter n'esta gente; e se algumas vezes eu me animava e me illudia, era simplesmente pelo grande desejo que tinha de bem servir e ser util. Infelizmente era logo desilludido com os exemplos que praticamente via. Creio mesmo que esta gente pouca sympathia tem hoje ao estabelecimento do commando n'este ponto, porque estiveram sempre habituados a proceder livremente, e hoje vêem-se coagidos a dar conta dos seus actos. Alem de que, como pretos aparentados com familia do Bonga, estão sempre promptos a commetter toda a qualidade de desacato.

No dia 1 do corrente tive conhecimento particularmente de que as nossas forças tinham tomado a aringa de Massangano, e como suppuz logo que parte dos revoltosos fugissem para a margem esquerda do rio, providenciei para que houvesse a maior vigilancia no prazo, não só para evitar uma invasão, como tambem para prender todos aquelles que por aqui viessem fugitivos.

No dia 3, pelas sete horas da noite, foi preso nos matos de Goengue, proximo da aringa, um dos filhos do Bonga, de nome Moringaniza, sua mulher, um creado por nome Sezarombo, e tres filhos menores, sendo o mais velho approximadamente de seis annos.

Depois de proceder ás necessarias investigações, e elles confessarem a sua identidade, remetti no dia seguinte, competentemente escoltados, á presença de v. ex.ª os dois homens, sendo a mulher posta em liberdade, como está determinado por v. ex.ª, como consta do meu officio n.º 155.

É esta, ex.mo sr., a resenha dos factos que com toda a verdade, e sem rodeios, eu acabo de expor a v. ex.ª

Deus guarde a v. ex.ª Secretaria do commando militar de Goengue, na aringa D. Maria Pia, 16 de dezembro de 1888.—Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. conselheiro governador geral. = O commandante militar, *Caetano Joaquim Deocleciano de Mello e Castro,* alferes de caçadores n.º 1.

Está conforme.—Secretaria do governo geral da provincia de Moçambique. 21 de janeiro de 1889. = O secretario geral, *José J. de Almeida.*

DOCUMENTO P

Termo de inauguração da aringa D. Maria Pia, séde do commando militar do Goengue

Copia. — Aos 15 dias do mez de outubro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de 1888, achando-se reunidos na nova aringa de Goengue o ex.^{mo} sr. conselheiro governador geral da provincia Augusto de Castilho, o commandante militar alferes de caçadores n.° 1 Caetano Joaquim Deocleciano de Mello e Castro e os officiaes que aqui se encontram de passagem para Tete e Zumbo, bem como a força do destacamento de caçadores n.° 2 de guarnição n'este ponto e os grandes e gente de armas do prazo, se procedeu ao levantamento do pau de bandeira junto ao baluarte do sul. Em seguida o mesmo ex.^{mo} sr. declarou que esta aringa ficaria sendo denominada «D. Maria Pia», em commemoração do fausto anniversario de Sua Magestade a Rainha, que ámanhã se celebra; n'esta occasião foi arvorada a bandeira portugueza, levantando o mesmo ex.^{mo} sr. tres vivas a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I, a Sua Magestade a Rainha a senhora D. Maria Pia, e a Sua Alteza o Principe Regente D. Carlos e á mais familia real, os quaes foram enthusiasticamente acolhidos e correspondidos por todos os presentes, dando-se assim por finda esta ceremonia da inauguração solemne da séde do commando militar do Goengue.

E para constar se lavrou este auto, que vae ser assignado pelas principaes pessoas presentes e por mim Manuel Mazarello, segundo sargento da segunda companhia n.° 62 e de matricula 143 do batalhão de caçadores n.° 2, nomeado escrivão *ad hoc,* que o escrevi. = O governador geral, *Augusto de Castilho,* capitão de fragata = *Caetano Joaquim Deocleciano de Mello e Castro,* alferes de caçadores n.° 1 = *Francisco Maria Victor Cordon,* tenente da expediçãoa os sertões de Moçambique = *Francisco José Lopes Pereira,* tenente de caçadores n.° 5 = *Antonio de Sá Pereira do Lago,* alferes da expedição aos sertões de Moçambique = *Venancio Cesar Rodrigues,* alferes da expedição aos sertões de Moçambique = *Manuel Mazarello,* segundo sargento do batalhão de caçadores n.° 2, escrivão *ad hoc.*

Está conforme. — Secretaria do commando militar do Goengue na aringa D. Maria Pia, 16 de outubro de 1888. = O commandante militar, *Caetano Joaquim Deocleciano de Mello e Castro,* alferes de caçadores n.° 1.

DOCUMENTO Q

Relatorio do negociante Francisco Antonio Dulio Ribeiro, encarregado pelo governador geral de uma expedição armada ao Sungo

Estavamos em 2 do mez de novembro proximo findo, cumprindo uma das ordens que s. ex.ª o conselheiro governador geral se tinha dignado dar-me, havia tres dias, quando o mesmo ex.^mo sr. houve por bem escrever-me que fosse ter com elle ao quartel general na aringa Castilho, a fim de prestar informações ácerca da attitude da gente de guerra do Goengue da conhecida D. Luiza Michaela Rita da Cruz, que quatro dias antes, das vertentes da Lupata ao pé de Mucomazi, a um aceno dos rebeldes do Sungo, voltára fugitiva para suas povoações, abandonando na Milanja os quatro officiaes que íam á testa d'aquella expedição.

Parti no dia immediato e ahi s. ex.ª, depois de me ter feito ver a conveniencia de se supprimir immediatamente o Sungo, unica fonte de onde provinha mantimento á aringa dos revoltosos de Massangano; o mallogro das duas expedições ás serras d'aquelle prazo, organisadas pelo commandante militar do Goengue, com a gente de D. Luiza; emfim o horroroso desastre da Makanga, que se tinha revolucionado e massacrado os commandantes militar e do destacamento, e uma parte da guarnição, e as consequencias que d'ahi poderiam advir, caso os revoltosos d'esse reino estabelecessem communicações com os de Massangano por via do Sungo, esperava eu me promptificasse a reorganisar uma terceira expedição com a mesma gente da D. Luiza, por isso que não se podia n'aquella occasião recorrer a nenhum outro elemento estranho.

O encargo era superior ás minhas forças, pois ía lidar pela primeira vez com gente de tradição duvidosa e alem d'isso desmoralisada pelas recentes duas fugas; e nem ao menos podia contar com uma parte dos sipaes dos prazos de que sou arrendatario, porque sabia que esta gente armada por mim no dia 17 de maio do corrente anno — e na occasião em que a pedido do sr. governodor do districto de Tete mandei sob o commando do Appá abrir as primeiras hostilidades, batendo o Matazi, e destruindo ali uma aringa do Motontora, e depois d'isso trabalhou commigo no levantamento da aringa no Marangue e occupação da margem esquerda do Luenha, — estava ultimamente no acampamento de Nhancoma. O meu unico ponto de apoio era o manamambo Cangarra, principal grande da D. Luiza, que n'este dia me acompanhava com cento e dez homens até ao Guengue para d'aqui seguir para Milanja, e s. ex.ª o conselheiro não ignorava as attenções com que eu era tratado por este homem. N'este intuito voltei no dia 4 para o Anquazi, onde tinha de regular primeiramente a fórma e os meios de abastecer de mantimentos a projectada expedição, a qual mais tarde

estava certo não receberia do Goengue soccorro de uma panja de milho sequer.

No dia 7 s. ex.ª o conselheiro communicava-me a sua passagem fluvial até ao Timba por essa magestosa e perigosa garganta da Lupata, acompanhado de sua ex.ma esposa e de um comboio de nove almadias com materiaes de guerra e mantimentos que eu n'essa occasião enviára de Anquêza, facto que me deixou assombrado, porque uma tentativa n'aquelle sentido tinha dias antes posto em grande risco as vidas do sr. Joaquim Carlos Paiva de Andrada e do negociante hollandez Maas.

No dia 11, disposta rasoavelmente a questão do mantimento, parti para Goengue e um dia depois para a aringa da Milanja, na margem do Mijova, acompanhado de doze dos meus serviçaes, unica gente com que podia contar, de uns carregadores pagos, e de dois soldados que requisitára do commandante militar.

Em Milanja encontrei os manamambos Cangarra, Thomás e Vozantina, que estavam ahi desde o dia 5 para reunir as forças, o que não conseguiram, porque um cabo que eu dias antes recommendára á protecção de s. ex.ª o conselheiro, e estava por mim encarregado, no dia 4, de diversos serviços, tinha-se deixado ficar doente no Goengue.

Cumpria atravessar o Mijova, levantar uma aringa no Mahembe na povoação que tinha sido do Chiuta, irmão do Bonga e estabelecer ahi o centro das operações, a fim de obstar ás deserções frequentes dos sipaes da expedição que estando nos limites das suas terras, mais viva tinham a lembrança do bem estar das suas palhotas. É o que fui fazendo successivamente.

Os dias 12, 13 e 14 passaram-se em recolher os materiaes de guerra de que infelizmente o commando militar tinha muito poucos, e á espera da gente de diversas ensacas que se ía reunindo.

No dia 15 formei a gente e procedi á sua contagem (eram duzentos e oitenta e sete homens, fóra os grandes), nomeei os cazembes e distribui as munições e signaes convencionaes.

No dia 16 pelas seis horas a. m. parti para o Mahembe, e apenas chegado á povoação do Chiuta, sem a menor novidade, mandei dar começo á construcção da aringa. N'este dia appareceu-me o cabo de quem fallei atraz.

Nos dias 16 e 17 continuaram os trabalhos da aringa. No dia 19 o sr. dr. Malheiro, chefe da expedição ao Nhamarongo, communicou-me, de ordem de s. ex.ª o conselheiro, que D. Mariana, irmã do Gande, aprisionada por nossas forças em Massangano declarára no acampamento dos srs. governador e capitão mór de Manica, que o manamambo Cangarra, em que eu tinha fundadas todas as minhas esperanças, se havia compromettido a fornecer polvora aos rebeldes, e n'esta certeza tinha sido expedido da aringa dos irmãos do Bonga, o grande Chatontora para os limites do Goengue, para a receber, e que isso me servisse de governo para não ser victima de alguma traição.

A noticia era de muita gravidade, mas tinha-me adiantado tanto, que recuar seria acto de mofina cobardia.

Comtudo levou-me isso a modificar o plano que havia traçado na aringa de Milanja.

Ora esse plano era: concluida que fosse a aringa de Mahembe e disposta a força para operar, dividir-se-ía esta em duas columnas. A primeira commandada pelos manamambos Thomás e Vozantina, tornearia pelo nordeste o lago Doaty, passaria á margem septentrional do mesmo lago, subiria a serra das Lupatas e

depois de alcançar o planalto, seguiria a oeste até ás vertentes que dominam o Mocomazi. A segunda sob as minhas ordens e commando do manamambo Cangarra desceria a margem meridional do Doaty, atravessaria a continuidade da planicie e iria occupar a margem esquerda do Mucomozi. E depois de bem dispostas ambas as collumnas e dado o signal que se tinha combinado, operariam ao mesmo tempo, uma pela rectaguarda outra pela vanguarda, mettendo entre dois fogos o inimigo, cujo grosso de forças, constava-me que se achava acampado nas vertentes das Lupatas.

Este plano tinha merecido a approvação dos grandes, mas com restricção de eu não os acompanhar, pois, allegavam elles, que o inimigo concentraria toda a sua attenção no musungo com vistas de me aprizionar a todo o transe, e elles por esta rasão, longe de poderem obrar desassombradamente ficariam entretidos a velar pela minha segurança. E certo é que n'essas luctas selvagens, uma das mais deliciosas distracções do preto, é aprehender um branco, trucidal-o membro por membro, arrancar-lhe a pelle da cabeça para cobrir a sua, e trazel-a como valioso tropheu de guerra, e por fim matal-o, cortando-lhe a cabeça ou ferindo-o no coração!

Eu não havia cedido a essa restricção, porque receiava que no caso de uma terceira fuga, seriam bem capazes de allegar que tinha sido occasionada essa fuga por a falta da presença do musungo no theatro da lucta.

No dia 20 a aringa estava concluida e tudo disposto para as forças operarem o seu movimento no dia immediato. O numero de sipaes que tinha recebido munições, signaes e rações, bem assim 25 espingardas Enfield que me tinham sido enviadas pelo sr. dr. Malheiro e outras 25 cuja compra me fôra auctorisada competentemente, atingia a cifra de 408 homens. Infelizmente uma chuva torrencial impediu a marcha n'esse dia; todavia como o meu costume era de não deixar os sipaes entregues ao ocio, mandava-os todos os dias a pequenas caçadas. No dia 21 pelas sete horas p. m. trouxeram-me uma mulher e uma creança. Perguntada aquella pela posição e numero das forças do inimigo que defendia as serras, declarou-me em presença dos grandes, que este tinha dividido a sua gente em duas columnas. A primeitra occupava as vertentes que dominam o Mocomazi, e a segunda se achava na serra que domina a margem septentrional do Doaty, e vinha expressamente com quiçapos vazios para levar mantimentos de Milanja; disse mais que nem no Sungo nem em Massangano havia mantimento, e que o unico que se recebia ha tempo, era da gente de Milanja e outras terras de D. Luiza.

Ora esta noticia combinada com a de D. Marianna que deixo atraz referida, poz-me em um estado de excitação desordenada; todavia não me deixei denunciar. Despedi-os a todos, recommendando ao Cangarra e Thomás a mulher.

No outro dia pelas cinco horas a. m. mandei chamar á minha presença a infeliz. Havia desapparecido, ou antes tinham-n'a supprimido para não dar á lingua!!

Pelas seis e meia horas da manhã do mesmo dia mandei formar a gente para nos pôrmos em marcha. Existiam 241 homens só!!! Não posso hoje descrever a v. ex.ª o desespero de que fiquei apoderado á vista d'esta differença de cifras. Estava aniquilado todo o meu plano, baldados todos os esforços e sacrificios pessoaes! a causa do Sungo mais uma vez perdida ante a infamia da gente de D. Luiza do Goengue.

Comtudo obriguei-os a todos a marcharem em uma unica columna.

Não os acompanhei porque allegaram-me á uma e tenazmente, que com tão

diminuta força era imprudente a minha presença. Nem podia conservar-me na aringa do Mahembe, porque n'este caso ser-me hiam precisos pelo menos 100 homens para a defender, attendendo a que na serra proxima estava acampada uma columna dos rebeldes, destinada ao serviço de acquisição do mantimento em Milanja, e que em pequenos grupos nos vinha espreitar da margem do Doaty.

N'estas penosas condições mandei que o cabo e o soldado 111 acompanhassem a força e eu com o soldado 9 e meus serviçaes passei para a aringa de Milanja, exigindo ao mesmo tempo que o Cangarra fosse commigo, pois queria o ao meu lado para vigiar todos os seus passos, e caso encontrasse n'elle a menor falta ou traição, proceder com energia segundo as circumstancias exigissem, embora tivesse de ser eu a victima. Elle não esperou por segunda ordem; foi commigo, acompanhado apenas de um moleque de doze annos. E quando chegámos a Milanja eram duas horas p. m.

A tarde d'esse dia e a manhã do immediato passaram-se sem novidade; porém á uma hora p. m. d'este dia appareceram o cabo, soldado 111 e manamambo Thomás trazendo a cabeça de um preto cortada e uma arma, declarando que toda a força se tinha retirado, e elles não podiam de fórma alguma bater o Sungo sem auxilio da gente de Tete. Não me surprehendeu a noticia, já a esperava. Do occorrido dei immediatamente conhecimento a s. ex.ª o conselheiro, pedindo providencias, na certeza de que as ficaria aguardando em Milanja, embora eu soubesse que o mesmo ex.^{mo} sr. se achava n'esse tempo em Massangano; porém pelas seis horas apresentaram-se-me o Cangarra, Thomás, cabo e soldados, allegando que do Sungo vinham 400 homens commandados por 4 muzungos para atacar aquella mesma aringa de Milanja, e por este facto eu sem a menor perda de tempo deveria seguir para Goengue, a fim de pôr em segurança a minha pessoa, a qual não garantiam, caso quizesse permanecer ahi não obstante o aviso. Perguntados porém, quem seria o portador d'esta noticia, disseram-me um tanto confusos que um preto de Chiuta, refugiado nas serras, viera dar esse aviso a seus parentes, que abandonando o Mahembe estavam estabelecidos nas terras de D. Luiza, para estes se retirarem dos limites. A invenção era estupidamente calva, mas, caso notavel, o cabo e os soldados estavam possuidos de um panico que mettia dó; os pobrezinhos não se fartavam de exclamar: Senhor! se nós não nos retirâmos estamos perdidos! E todos acrescentavam que se eu não deixasse a aringa, seria esta abandonada n'aquella mesma noite por os poucos sipaes que ainda restavam. Mais uma vez me convenci que era impossivel fazêr-se alguma coisa com aquelles infames, e acabando de jantar retirei, com os militares e meus serviçaes.

Quando cheguei ao commando militar eram nove horas e cincoenta minutos da noite e o commandante ainda não se tinha recolhido para os seus aposentos.

Agora bem analysados todos estes factos, deseja-se saber: ha ou não o crime de connivencia da gente da D. Luiza com os revoltosos de Massangano? Se existe, os grandes tel-o-hiam praticado por sua propria conta, ou seriam meros instrumentos nas mãos de um poder superior? Vejamos:

A começar pelas sangrentas campanhas de 1869, o Bonga e seus successores na butaca, foram alargando os seus dominios desde os limites da Chiramba ao sul e Chingundire ao norte, na margem direita do Zambeze, e no Mahembe, Chingoza e Capanga na esquerda. E não contentes com estas invasões, todos os annos apoquentavam os prazos limitrophes com suas frequentes correrias, roubando mulheres e incendiando as palhotas dos pobres colonos sujeitos ao go-

verno, ao passo que não mechiam nem com um palmo de terreno alem de Mijova, pertencente a sua irmã D. Luiza, nem a gente d'esta se embaraçava com as terras usurpadas por aquelles rebeldes.

De onde é de presumir que existia entre ambos um pacto, um contrato clandestino de se respeitarem mutuamente.

Ora na lucta presente, de onde felizmente saímos victoriosos, esse contrato manifestou-se de fórma a fazer-nos convencer moralmente, convicção baseada alem d'isso nas informações prestadas por D. Marianna e pela mulher aprisionada no Mahembe, que a gente de D. Luiza era a unica fornecedora de polvora e mantimentos para os revoltosos de Massangano. E não podia deixar de ser assim, porquanto uma boa parte dos mantimentos do Matazi e Sungo tinha sido queimada pela expedição da minha gente e do Appá e pela gente dos negociantes José Pereira de Carvalho e João Martins, que tinha sido expedida de Cassanha pouco depois do começo da campanha.

A margem direita do Zambeze era occupada por a gente de Manuel Antonio, inimiga figadal dos Bongas. E o proprio Guba, que foi morto na margem direita do Luenha, estava quasi sósinho e não podia ter em umas duas palhotas que occupava, mantimentos para os revoltosos se apoderarem; mais terras não existiam que dessem sustento aos rebeldes. De onde provieram pois os mantimentos para, um numero talvez superior a tres ou quatro mil homens, se aguentarem por mais de sete mezes? Os factos demonstram que foram das terras de D. Luiza.

Logo está evidenciado que essa gente é ré do crime de connivencia com os rebeldes de Massangano.

Resta saber-se, se essa gente trabalhava por sua conta propria. No dia 9 do corrente mez, quando eu estava para embarcar no Anquazi com destino a esta villa, apresentou-se-me o manamambo Cangarra, pedindo que o levasse á presença de s. ex.ª o conselheiro, que era esperado na aringa Castilho, e lhe assegurasse que nas tres desastradas fugas elle não tinha tido culpa alguma, porquanto a gente não lhe obedecia, pelo facto de ter a D. Luiza determinado que os demais manamambos governariam independentemente nas respectivas circumscripções administrativas e militares; que no prazo tudo quanto se fazia era por ordem da patroa; que finalmente um grande de uma povoação cujo nome não me recorda, tendo-lhe roubado uma mulher, elle se queixara ao commandante militar, e este havendo mandado chamar esse grande para decidir o milando, aquelle se negára a dar cumprimento ao mandado do commandante, allegando que nada tinha com a auctoridade do Rei; os seus milandos só os decidiria a patrôa D. Luiza ou o encarregado um tal musungo Albino residente em Sena. E rematava pedindo-me igualmente que arrendasse o Mahembe e o mandasse a elle para ahi como meu manamambo, na certeza de que iria com toda a sua povoação. Fiquei impressionado com essa confissão do pobre homem.

Mais ainda. O ex.ᵐᵒ conselheiro ainda ha de ter viva a recordação dos sacrificios que nos custou a acquisição de mantimentos para o abastecimento das nossas numerosas forças em campanha, e se não fosse esta circumstancia não sei qual seria o resultado. N'essa occasião todos os mantimentos que eu comprára para as minhas despezas e negocio, mandei-os a s. ex.ª de fórma que estava ultimamente sem uma panja, ao passo que tinha uma factura para transportar a Tete.

N'estes apertos disse ao Cangarra que me cedesse cem panjas pelo preço fosse qual fosse, e a resposta que obtive foi que D. Luiza prohibíra formal-

mente a venda de mantimento, o qual ía ser transportado para Sena e d'ahi para Quilimane, tanto que poucos dias antes, na minha ausencia, o cafumo da D. Luiza conduzíra para Quelimane uma grande quantidade.

A uma resposta d'estas não havia nada que retorquir, quando já se me havia negado o que eu com tanto empenho pedia vendesse ao governo antes da minha partida para o Mahembe. Porém no dia 10 o Cangarra, que vinha em uma lancha minha, como soubesse que s. ex.ª o conselheiro tinha descido rio abaixo e eu subido sem o encontrar, desembarcou ao pé do commando, e um dos primeiros actos seus, foi de contratar com o tenente Cordon, chefe da expedição aos sertões de Africa a venda de cem panjas de mantimento a 1$000 réis, como me affirmou o proprio Cordon n'outro dia na aringa Castilho. O que se prova com isso? É que as ordens de D. Luiza limitavam-se a prohibir a venda ao governo, ou a mim, que fazia acquisição para as nossas forças em operações, e não a Cordon ou a qualquer outra pessoa que não se destinasse para esse fim.

Logo o Cangarra, que é o principal grande de D. Luiza, bem assim todos os outros grandes, não trabalhavam por sua propria conta, mas sim pela da sua patroa, que naturalmente não queria que se extinguise o poderio dos seus irmãos, os quaes tinham mantimentos das suas terras e talvez a polvora clandestinamente, mas negava-se abertamente a vendel-os ao governo!!!

Em summa tudo me leva a acreditar que se a gente de D. Luiza visse triumphar a ominosa causa dos irmãos da sua patroa, teria talvez com mais desassombro manifestado as suas intenções hostis ao governo. Felizmente hoje nada ha a receiar da parte d'aquella gente, porque tudo para nós correu bem. Este resultado devemos exclusivamente a s. ex.ª o conselheiro, porque, se não fosse a sua presença no theatro da campanha, não se removeriam certas desintelligencias que se iam suscitando entre os chefes das nossas forças, e deviam dar em resultado a saída dos melhores chefes; e se não fossem as providencias energicas adoptadas por s. ex.ª, os governadores de Tete e Manica se retrahiriam para fazer as despezas, e os acampamentos estariam desertos por falta de munições e sobretudo de mantimentos, cuja acquisição foi uma outra violenta lucta n'este anno, que uma crise agricola ameaça dizimar esta vastissima região.

A Zambezia pois, e particularmente o corpo dos negociantes a que tenho a honra de pertencer, contrahiram para com s. ex.ª uma grande divida, que espero lhe será paga pela patria.

Tete, 19 de dezembro de 1888. = *Francisco Antonio Dulio Ribeiro.*

Está conforme. — Secretaria do governo geral da provincia de Moçambique. 1 de fevereiro de 1889. = *José J. de Almeida.*

DOCUMENTO R

Auto de posse e occupação da aringa do Mutontora em Massangano e sua nova denominação «Forte Princeza Amelia»

Copia. — Aos 29 dias do mez de novembro do anno do nascimento do Nosso Senhor Jesus Christo de 1888, na aringa que foi do rebelde Motontora, em Massangano, na margem direita do Zambeze e não longe do ponto da confluencia do rio Luenha com elle, ás seis horas da manhã, achando-se reunidos nas casas arruinadas que serviam de residencia aos antigos rebeldes Bonga e Chatara, o ex.^mo^ conselheiro governador geral da provincia Augusto de Castilho, o governador do districto de Tete commandante das forças do mesmo districto, tenente coronel do exercito da Africa Occidental Augusto Cesar de Oliveira Gomes, o governador do districto de Manica e commandante das forças em operações d'aquelle districto, capitão da guarnição da provincia Jayme José Ferreira, o capitão mór de Manica, coronel honorario Manoel Antonio de Sousa, o capitão mór de Chicôa, tenente coronel honorario Ignacio de Jesus Xavier, o capitão mór de Tete João Martins e os habitantes da villa de Tete, José Pereira de Carvalho e Francisco Marques e mais os officiaes inferiores, cabos e soldados da guarnição do districto de Manica e de caçadores n.º 5 da guarnição de Tete, bem como alguns grandes e parte das forças irregulares dos dois districtos, commigo José Corado de Campos, negociante de Tete, nomeado escrivão *ad hoc;* declarou o ex.^mo^ sr. conselheiro governador geral que tomava posse solemne d'esta aringa em nome do governo de Sua Magestade Fidelissima, a qual depois de uma porfiada guerra de longos seis mezes, ficou praticamente vencida no dia 27 do corrente, depois da tomada e occupação da serra Bacampembzué; que este ponto historico e estrategicamente importante que, ha mais de trinta annos havia servido de abrigo a uma numerosa familia de salteadores, que com os seus muitos adeptos haviam por muitas vezes zombado dos esforços energicos e dos dispendiosos sacrificios do governo da provincia e da metropole, para os fazer entrar na ordem, ficava de ora ávante occupado por um destacamento de tropa do districto de Tete, sob cuja responsabilidade e guarda permaneceria, e que a antiga aringa seria destruida, erguendo se junto ás casas que seriam reconstruidas uma pequena fortificação que receberia o nome de Sua Alteza a Princeza Real, denominando-se *Forte Princeza Amelia.*

Disse mais o ex.^mo^ governador geral que agradecia a todos os presentes os corajosos esforços e a sincera abnegação com que haviam cooperado com elle na conclusão de tão fastidiosa campanha, com grande incommodo e com dedicada vontade e muitas vezes com graves prejuizos dos seus interesses; e que ía

recommendar ao governo de Sua Magestade tão leal, patriotica e incondicional coadjuvação, sem a qual muito teriam sido difficultadas as operações de guerra.

Em seguida o ex.^{mo} governador geral arvorou a bandeira portugueza e levantou tres vivas: o primeiro a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I e a Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia; o segundo a Sua Alteza Real o Principe Regente D. Carlos e a Sua Alteza a Princeza D. Amelia; o terceiro á prosperidade da nação portugueza e da provincia de Moçambique, os quaes foram calorosamente acompanhados por todas as pessoas presentes.

Em seguida o governador do districto de Tete levantou um viva ao ex.^{mo} governador da provincia, que foi tambem enthusiasticamente recebido.

E de tudo para constar se lavrou este auto, que eu, José Corado de Campos, escrevi e que vae assignado por todos os presentes. = *Augusto de Castilho,* governador geral = *Augusto Cesar de Oliveira Gomes,* governador de Tete = *Jayme José Ferreira,* governador de Manica = *Manuel Antonio de Sousa,* capitão mór de Manica = *Ignacio de Jesus Xavier,* capitão mór de Chicôa = *João Martins,* capitão mór = *José Pereira de Carvalho* = *Francisco Marques* = *Tarquinio Sergio de Aguiar Mendes,* primeiro sargento = *Francisco Madeira,* segundo sargento fiel do material de guerra = *Joaquim Frazão da Costa,* primeiro sargento, commandante da força militar = *José Corado de Campos.*

Está conforme. — Secretaria do governo do districto de Tete, 3 de dezembro de 1888. = Servindo no impedimento do secretario, *Augusto da Fonseca de Mesquita e Solla,* tenente graduado.

DOCUMENTO S

Portaria provincial historiando os acontecimentos relativos á guerra de 1888, e louvando todos aquelles que para o seu bom resultado cooperaram

Tendo eu recolhido da visita que ultimamente fui fazer á Zambezia por motivos da alteração na ordem publica, promovida pela nova insurreição dos antigos rebeldes de Massangano, capitaneados por Motontora, successor de Chatara, que ha pouco mais de um anno foi desterrado para o archipelago de Cabo Verde, insurreição que d'esta vez, felizmente conseguimos localisar principalmente nas terras do prazo Massangano, e com especialidade na nova e grande aringa por elles levantada no logar onde existíra a antiga; e

Tendo-se obtido este resultado por meio da construcção de um largo cinto de aringas comprehendidas entre os pontos extremos da confluencia do Muira com o Zambeze, a juzante da Lupata, e Mazumba, na margem direita do Luenha, no prazo Inhacatipoé a juzante da confluencia d'este rio com o Mazoé, as quaes pela indicada ordem têem os nomes de Castilho, Mafunda e Inhacafura, todas na margem oriental do citado rio Muira, Thera, na encosta meridional das serras Nhamarongo e no ponto onde nasce o Fize tributario do Zambeze, Mijui no territorio de Inhaquiro, e Secan'Muenzi no Inhamigare, sobre a margem esquerda do rio Inhaduze, affluente tambem do Zambeze;

Devendo-se a construcção d'estas aringas á iniciativa do governador de Manica que as mandou levantar em seguida ao desastre que tiveram as forças do districto de Tete, junto a Massangano, no dia 21 de junho proximo findo;

Havendo as guarnições irregulares d'este novo cerco estorvado efficazmente, em combates repetidos e mais ou menos sanguinolentos, as correrias com que os Bongas, justamente ufanos com aquelle desastre, tentaram, rompendo o cordão que os envolvia, alastrar a rebellião e promover uma conflagração geral em todo o paiz, que na guerra de 1887 lhes tinha sido reconquistado, e no qual se comprehendiam, não só todas as aringas do actual cerco, mas uma grande parte do prazo Chiramba ou Tambara, pelo Zambeze abaixo até jusante da aringa do famoso rebelde Catandica, morto na citada guerra; e

Apertando-se mais tarde ainda o mesmo cerco com a marcha de importantes forças regulares e irregulares do districto de Manica, sob o commando dos respectivos governador e capitão mór, que, acompanhados de duas peças Hotchkiss, seguiram o itinerario de Chivuri, Secan Muenzi, Chicorongo, Tinta e Massangano, onde chegaram nos principios de setembro e onde, já a poucos centos de metros d'esta aringa, e antes que podessem ter construido os necessarios abrigos, se viram forçados a sustentar a descoberto muitos ataques com

que o inimigo, em massa, tentou e quasi conseguiu envolver-nos e esmagar-nos;

Tendo vindo, posteriormente, para o theatro das operações forças do districto de Tete, sob o commando do governador do mesmo districto, dos capitães móres da villa e de Chicôa e de outros moradores, as quaes occuparam, ao principio, a margem esquerda e ponta do Luenha e um ponto fronteiro na base da serra Macherica, e vieram depois occupar o Catondo na margem direita do Luenha, não longe da aringa rebelde, e um ponto do prazo Inhancôma, na margem esquerda do Zambeze em frente mesmo á dita aringa, e onde foi installada uma peça raiada de bronze de $0^{m},08$ que fez uma terrivel destruição;

Reconhecendo-se depois que o rebelde Gunde da sua antiga posição na aringa Inhamapacaça á entrada da Lupata, estava estorvando insolentemente a navegação fluvial, fazendo fogo sobre as embarcações que passavam, como succedeu a uma almadia que tentava trazer o correio de Massangano para Castilho, e como tambem aconteceu ao tenente coronel Paiva de Andrada quando buscava descer o rio em 10 de setembro, do que resultou o naufragio em que esse prestimoso official perdeu artigos valiosos e em que elle proprio ia perecendo; e

Tendo este criminoso procedimento da parte da gente do Sungo, connivente com a de Massangano, a quem por vezes abasteceu de mantimentos e munições, determinado pelos meados de outubro, a necessidade de policiar cuidadosamente a margem direita do Zambeze, com especialidade entre Tinta e Nhamarongo, nas praias de Marura e Inhaquase, onde o inimigo atravessava de preferencia o rio, offerecendo-se para a execução d'este serviço o dr. juiz de direito da comarca de Tete, que com uma expedição de trezentos voluntarios foi occupar um ponto importante no logar denominado Timba, na Lupata, pouco a montante do rio Fize e não longe da ilha de Moçambique e da povoação do referido Gunde; e

Tendo esta expedição policiado activa e efficazmente todo o paiz circumvizinho, contendo em respeito os inimigos da margem fronteira, interceptando a passagem de munições de guerra e bôca, e impedindo que os fugitivos do campo dos insurgentes lograssem passar o rio a salvo e metter-se para o interior, fazendo-lhes pelo contrario muitas dezenas de baixas e consideravel numero de prisioneiros;

Havendo ainda a provocadora attitude da gente do Sungo já mencionada, originado a organisação no Guengue de tres expedições armadas que foram successivamente dirigidas, as duas primeiras pelo commandante militar d'este ponto, e pelo negociante de Tete Francisco Antonio Dulio Ribeiro a ultima, e as quaes não obstante o seu imcompleto exito, devido a diversas causas, sempre impediram que aggressões mais ousadas, se realisassem por parte d'aquella gente;

Tendo-se n'esta trabalhosa campanha, em que se empenharam os districtos de Tete, Manica e Quilimane, e se encontraram em acção varios elementos heterogeneos de combate a que se tornou conveniente dar unidade, fazendo-se concorrer unanimes e com enthusiasmo para o bom resultado final que com mais difficuldade se obteria sem uma direcção superior e unica, conseguindo que as linhas de communicação entre os pontos por nós occupados, se mantivessem sempre abertas ao livre transito dos correios e comboios de munições, e principalmente de mantimentos, que tinham de ser transportados as vezes de oito e dez dias de marcha e cuja grande escacez occasionou graves preoccupações nos ultimos tempos, e quasi ía compromettendo a nossa empreza que se prolongou

extraordinariamente pela falta de uma absoluta obediencia, pela frouxa disciplina e pequena noção de brios e sentimentos patrioticos das forças irregulares;

Tendo eu nas minhas repetidas visitas aos differentes acampamentos assistido a muitos d'estes successos e avaliado bem as circumstancias especiaes de cada um d'elles, as difficuldades que os cercavam e muitas vezes a falta de recursos convenientes para a realisação dos planos a executar;

Tendo tambem presenciado o ataque da serra Bacampembzué, pelas nossas forças de Manica e Tete, na madrugada de 27 de novembro, onde observei os que mais se distinguiram, e a tomada definitiva, na manhã de 29 do mesmo mez da aringa do Motontora, na qual entrando com as forças assaltantes, encontrei, a par de consideravel numero de moribundos de ambos os sexos e de todas as idades, muitas dezenas de cadaveres derrubados pela metralha da artilheria, pelo fogo das nossas espingardas, pelas machadinhas e zagaias, pelas doenças, pela fome e pela sêde; e

Tendo eu n'esse solemne dia tomado posse da mesma aringa e ali arvorado, junto ás casas arruinadas que foram do velho Bonga, a gloriosa bandeira nacional que até ali nos guiára e que foi calorosamente saudada por todos os presentes que denodadamente se haviam esforçado para que n'esse ponto ella fosse implantada e para a verem por uma vez lavada da mancha que ha tantos annos obscurecia o seu brilho e diminuia consideravelmente o seu prestigio na Zambezia; e

Conseguindo se assim desaffrontar o commercio de um grande estorvo e affirmar a nossa auctoridade soberana n'um paiz por tantos titulos interessante, e que desembaraçado d'estas difficuldades certamente prosperará com rapidez e vigor:

Hei por conveniente louvar o governador do districto de Tete tenente coronel do exercito da Africa Occidental Augusto Cesar de Oliveira Gomes, o governador do districto de Manica capitão da guarnição da provincia Jayme José Ferreira, o dr. juiz de direito da comarca de Tete Antonio de Sa Malheiro, o capitão mór de Manica coronel honorario Manuel Antonio de Sousa, o capitão mór de Chicôa tenente coronel honorario Ignacio de Jesus Xavier, o capitão mór de Tete João Martins, os negociantes da mesma villa José Pereira de Carvalho, Francisco Antonio Dulio Ribeiro, José Corado de Campos, Francisco Marques, os primeiros sargentos de caçadores n.º 5 Joaquim Frazão da Costa e Tarquinio Sergio de Aguiar Mendes, o segundo sargento da guarnição de Manica Francisco Madeira e os cabos e mais praças da guarnição sob o seu commando, bem como as praças de caçadores n.º 5 e forças irregulares pelo valioso e importante serviço que prestaram, alguns com sensivel prejuizo dos seus interesses pecuniarios, muitos com risco da propria vida, e todos com manifesta diligencia, boa vontade e dedicação.

As auctoridades e mais pessoas a quem o conhecimento d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio do governo geral da provincia de Moçambique, 12 de janeiro de 1889. = O governador geral, *Augusto de Castilho.*

A N E

ruza

Anguase

E

tandica

Lithographia da Imprensa Nacional

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS N'ESTE VOLUME

RELATORIO

APPENDICE

DOCUMENTOS ANNEXOS

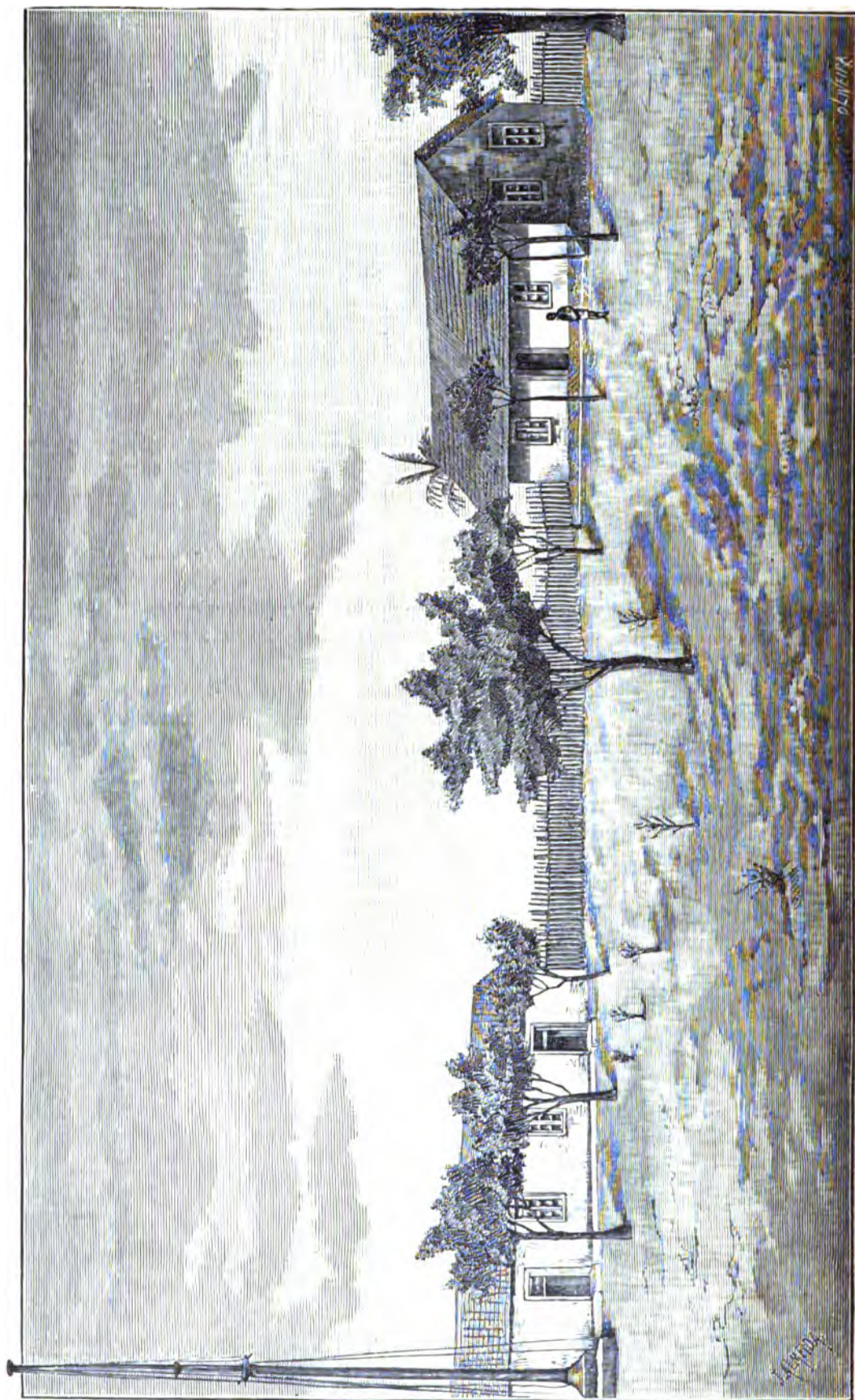
ERRATAS

Paginas	Linhas	Onde se lê	Leia-se
32	25	mas fo repellida	mas foi repellida
33	24	memoria, e que	memoria, que
38	8	publicado *Boletim*	publicado no *Boletim*
39	6	Chiucupete	Chincupete
43	39	mussoco, se a	mussoco; se a
51	29	raiadas (Hotchkiss,	raiadas Hotchkiss,
52	13	duas destino	duas com destino
57	38	(documento E)	(documento F)
57	40	(documento F)	(documento G)
61	25	desolojal-o	desalojal-o
87	22	Ghigorongo	Chicorongo
128	43	Muchega	Muchenga
129	22	com, a artilheria	com a artilheria
135	49	son oros,	sonzoros,
159	10	este prazo e no	d'este prazo e do
160	46	conservasse	conservassem
174	45	conseguindo	conseguido

AS NOSSAS GRAVURAS

Os desenhos originaes das gravuras que hoje acompanham o presente volume, não faziam parte do relatorio manuscripto que de Marselha remetti ao ministerio da marinha e ultramar em fins de abril de 1889, e alguns mesmo não têem na verdade uma rasão bastante forte para figurarem aqui. Como, porém, todos elles foram por mim feitos durante a viagem, que por causa da guerra do Motontora, fui obrigado a fazer na Zambezia, e como em geral pouco conhecidas são aquellas interessantes localidades, entendi não dever engeitar a occasião que se me offerecia de dar assim uma modesta satisfação á justificada curiosidade com que sempre pelo publico são recebidas as illustrações que se referem á nossa Africa. Dada esta previa explicação, que me pareceu necessaria, farei a descripção rapida de cada gravura pela ordem que ellas devem ter.

Lisboa, abril de 1891.

Augusto de Castilho.

RESIDENCIA DO COMMANDO MILITAR E CAPITANIA MÓR DE MOPÉA JUNTO AO ISTHMO ENTRE OS RIOS QUAQUA E ZAMBEZE

Residencia do commando militar e capitania mór de Mopéa, junto ao isthmo entre os rios Quaqua e Zambeze

Este ponto foi occupado em 1880, pouco mais ou menos, por se reconhecer mais conveniente do que a aldeia do Mazaro, mais a juzante e sobre o canal Mutu, a qual até ali servíra de séde da auctoridade que commandava as linhas de communicações.

O commando militar da Mopéa está situado na aldeia do mesmo nome, na margem esquerda do Quaqua, no ponto opposto áquelle onde desembarca, para atravessar o isthmo para o Zambeze, quem vem de Quelimane. Foi escolhido este ponto por ser acima do resto da planicie uma ligeira ondulação, que nunca é inundada nas maiores cheias dos rios.

A casa da esquerda é o quartel da tropa e estação telegraphica, e a da direita a residencia do commandante. Tanto uma como outra foram edificadas pelas obras publicas, mas têem recebido depois importantes melhoramentos. Estes edificios estão cercados de uma paliçada de paus similhando uma aringa, a qual tem um baluarte com uma peça de artilheria.

No ponto fronteiro á aldeia de Mopéa, na margem direita do Quaqua, e entre este e o Zambeze é que estão os estabelecimentos da antiga *Companhia do opio* e da *Moçambique produce company,* os quaes hoje pertencem á *Companhia do assucar de Moçambique.*

Mopéa é um ponto de grande importancia, por ser a passagem forçada de todos os viajantes e do commercio que se faz entre Quelimane e o Zambeze. Logo, porém, que ao Inhamissengo ou ao Chinde, bôcas naturaes do Zambeze, se tenha um dia dado a devida consideração e importancia, a despeito das invejas e injustificados ciumes da villa de Quelimane, Mopéa perderá muito da sua actual preponderancia, sem, todavia, dever ser abandonada.

CASA DO COMMANDO MILITAR DA CHUPANGA (MARGEM DIREITA DO ZAMBEZE)

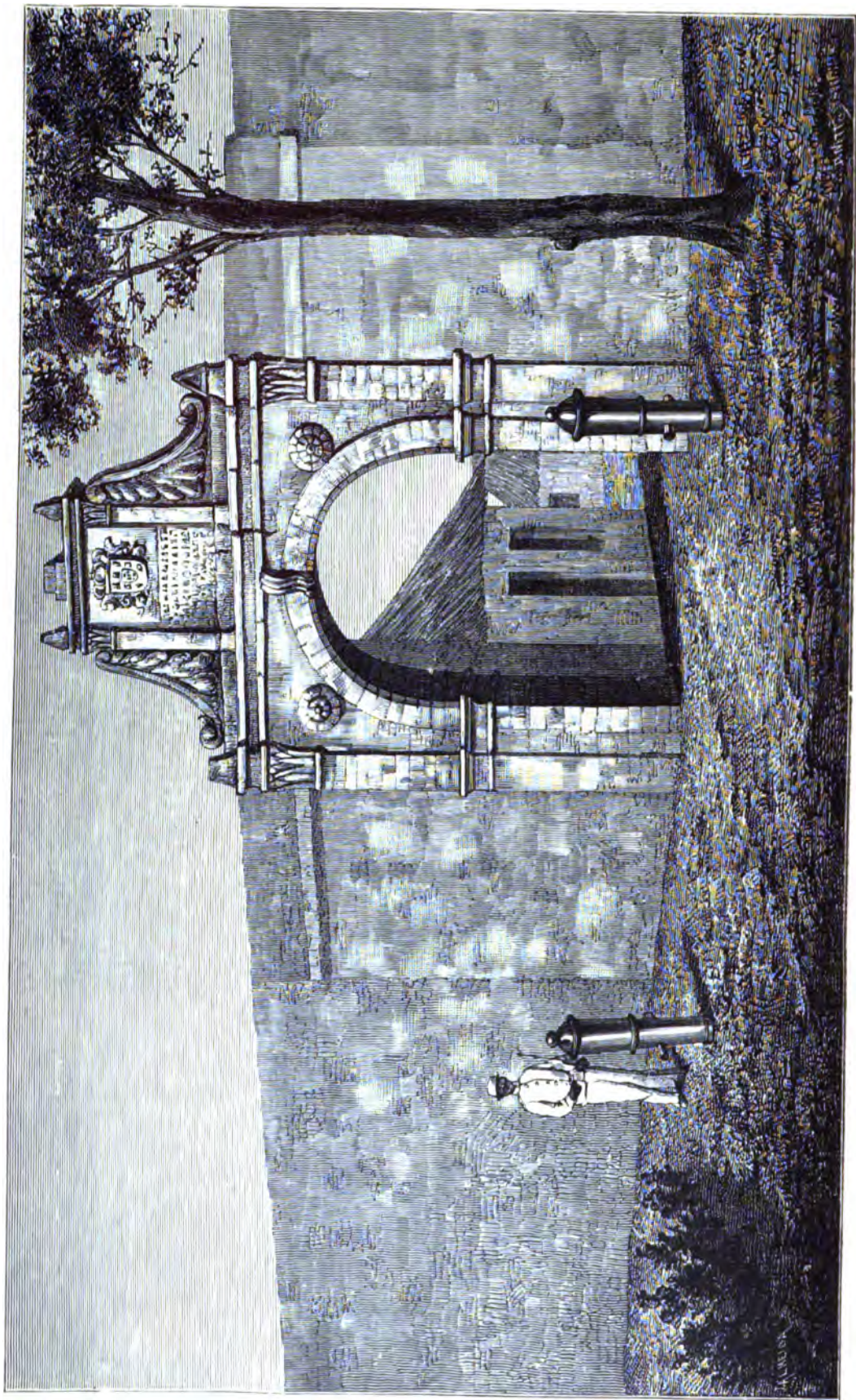
Casa do commando militar da Chupanga

Este edificio está situado na margem direita do Zambeze, e um pouco acima do ponto fronteiro á povoação do Vicente na margem esquerda, onde se ligam as communicações fluviaes e terrestres no isthmo de Mopéa, entre os rios Quaqua e Zambeze.

O commando militar compõe-se de dois edificios de boa alvenaria: o da esquerda era a residencia propriamente do commandante, e o da direita o quartel do destacamento da tropa. A casa do commandante militar é de edificação muito antiga, e pertenceu aos arrendatarios do prazo Chupanga; o quartel é de construcção mais recente. Ambos se acham no mais perfeito estado de conservação.

É junto da velha casa da Chupanga que se vê o tumulo da fallecida mulher do dr. David Livingstone, em um sitio deliciosamente assombreado por um magnifico baobab.

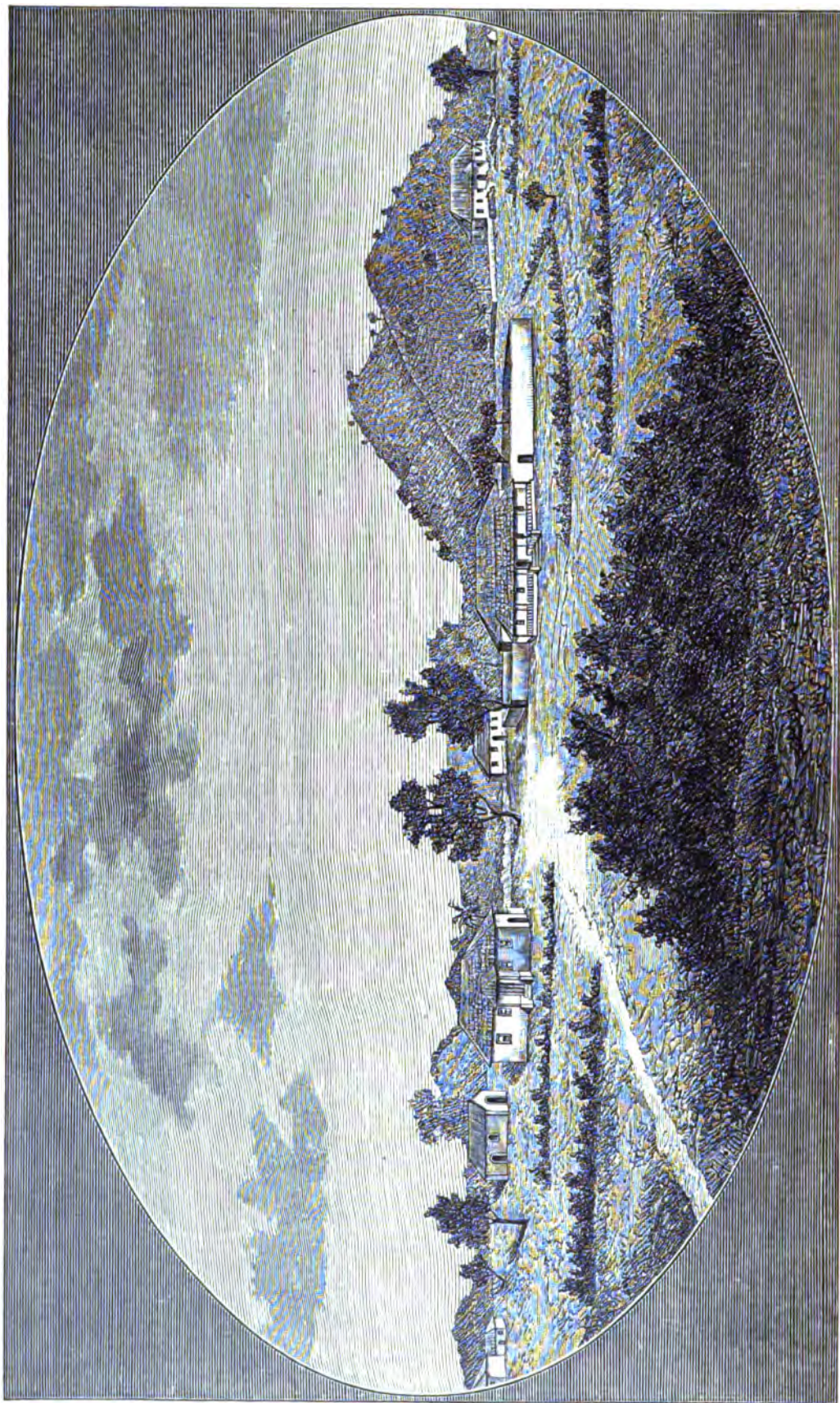
O prazo Chupanga, que até ha poucos annos estava quasi despovoado por causa das correrias dos vatuas do Muzila, abunda em borracha, excellentes madeiras de todas as qualidades e dimensões, e tem terrenos para toda a especie de culturas, e mesmo minas de prata. N'este prazo ainda tambem se encontram, como no Cheringoma, que com elle confina, alguns elephantes.

O commando militar da Chupanga teve muita importancia, quando aquella parte da margem direita do Zambeze, até á villa de Sena, estava sujeita ás insolentes visitas e extorsões dos vatuas. Mas depois que se estabeleceu o governo do districto de Manica na Gorongoza, e que se fundou o commando militar do Aruangua na foz do rio Pungue, policiando-se o rio e vigiando-se de mais perto os territorios situados entre os dois rios, a importancia do commando militar da Chupanga diminuiu, cessando completamente com a saída do Gungunhana do Mussurire para o Bilene, e a consequente retirada dos vatuas que occupavam e dominavam o Cheringoma, Chupanga e outros prazos. Foi por este motivo que eu supprimi o dito commando militar, aproveitando o estabelecimento para séde da administração de uma das circumscripções em que dividi os prazos do districto de Manica.

PORTAL DA FORTALEZA DE S. MARÇAL DE SENA

SENDO CAPITAÕ GERAL DST
A CONQVISTA·D·IOAÕ·FRZ DE
ALMEIDA MANDOV FAZER ES
TA FORTZA NA ERA DDO4 CON
TRIBVINDO PA A SVA DSPEZA C
OM MTA PARTE DA SVA FAZENDA

INSCRIPÇÃO SOBRE A PORTA DA FORTALEZA
DE S. MARÇAL DE SENA

Portal da fortaleza de S. Marçal de Sena

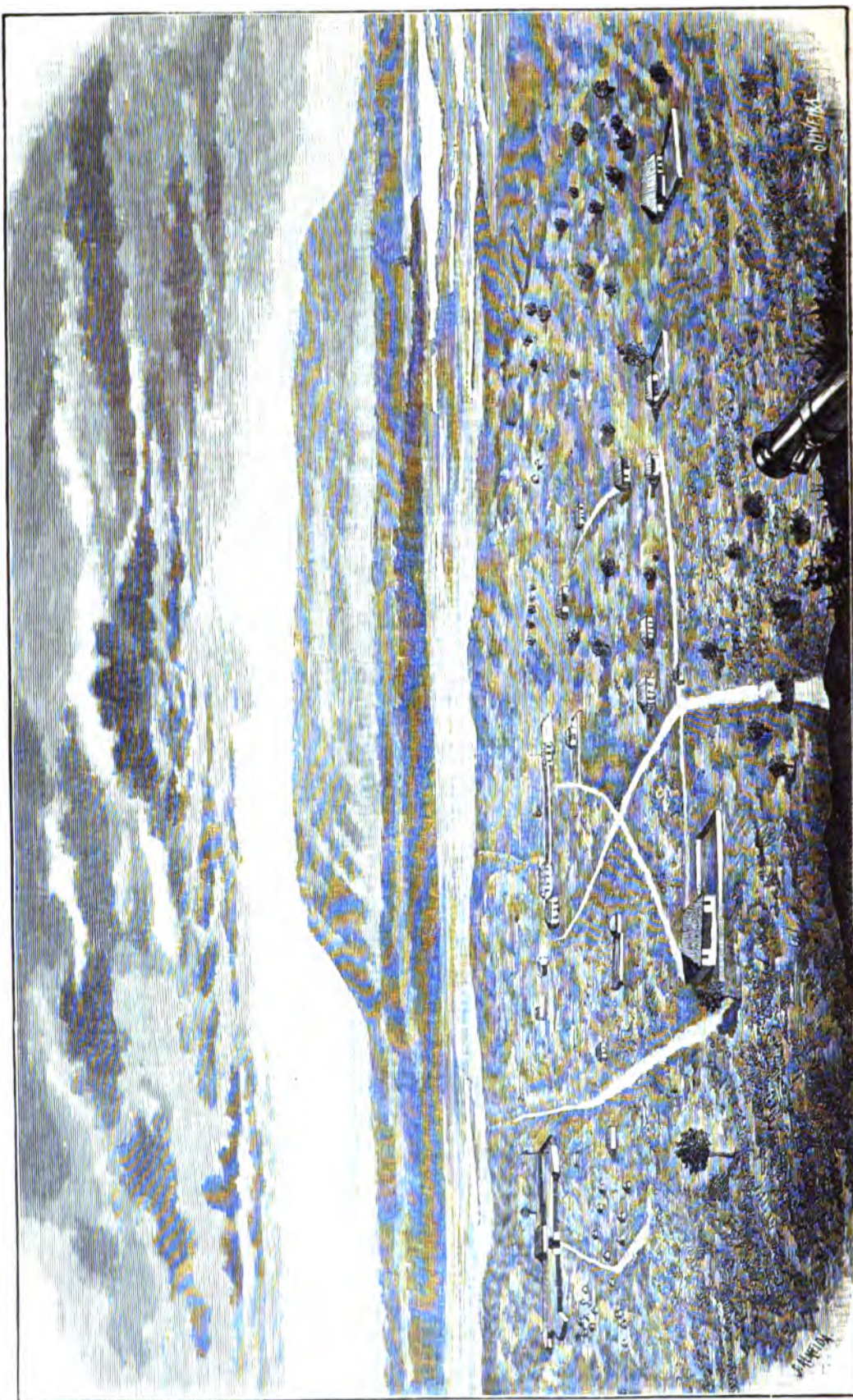
A praça de S. Marçal da villa de Sena é um grande quadrilatero com quatro toscos baluartes aos cantos. As muralhas ou cortinas que ligam entre si estes baluartes são feitas de pedra e barro, mas são derruidas annualmente com as chuvas torrenciaes da invernia. Na face que olha para a villa, ou para o sul, existe um magnifico portal com a inscripção que indica o nome do fundador e a data da fundação da fortaleza.

UMA VISTA DA VILLA DE SENA

Uma vista da villa de Sena

Esta vista é tirada da casa onde eu habitei em Sena, na viagem ascendente feita em julho de 1888. Á direita vê-se a serra Baramoana e a feitoria da casa hollandeza *Oost afrikansche compagnie.* Em seguida para a esquerda vê-se a casa de um negociante mouro, uma casa mais pequena e mais distante, que foi do antigo assassinado capitão mór de Sena, Eleuterio Francisco de Assis Volney da Costa, e é hoje subdelegação de fazenda. Segue-se a casa da camara municipal, a igreja de Nossa Senhora do Rosario, etc.

A villa de Sena, situada na margem direita do Zambeze, e quasi em frente da abertura do Ziué-Ziué, está em um terreno suavemente inclinado, e fica, no tempo de maior estiagem, a mais de 4 kilometros da margem do Zambeze. No tempo das grandes cheias, porém, correm as aguas do rio ao pé dos muros da fortaleza.

Os terrenos, que assim ficam alternadamente inundados e seccos, são de uma prodigiosa fertilidade, e n'elles costumam os moradores de Sena, depois da descida das aguas fazer bonitas machambas ou hortas, onde cultivam as mais saborosas hortaliças.

Foi a villa de Sena outr'ora populosa, commercial e rica, mas hoje jaz bastante decadente. Dos tres conventos que possuiu não conserva o minimo vestigio. Inda assim tem talvez ainda umas trinta casas de alvenaria e muitas palhotas de pretos, com ruas alinhadas, mas com um aspecto desolado e triste. O clima de Sena não é bom, mas é susceptivel de ser melhorado, aterrando-se algumas grandes depressões que tem, e onde estagna a agua; para isso faria excellente serviço um pequeno caminho de ferro Decauville dirigido para a serra.

VISTA TIRADA DO ALTO DA SERRA BARAMOANA

Vista tirada do alto da serra Baramoana

D'este lindissimo ponto de vista descobre-se um magnifico panorama. A nossos pés a villa de Sena com as suas casinhas alvejando entre a verdura, e dispersas n'uma area bastante grande; mais longe o Zambeze correndo magestoso e semeado de ilhetas e baixios descobertos, de areias resplandecentes; alem do rio, e na direita do desenho, a ponte do Ziué-Ziué, fina alongada e com uma arvore notavel, logar onde vão terminar as ondulações pittorescas das serranias da Maganja; mais alem as enormes planicies de Inhangoma comprehendidas entre o Ziué-Ziué e o Chire, e ao fundo do quadro, dominando tudo, a magestosa serra Morrombala erguendo-se quasi 1:500 metros acima das aguas do rio, n'uma distancia de 35 milhas do observador, e vestida de frondoso arvoredo desde a base até ao cume.

A Baramoana, d'onde foi tirado este desenho, é uma collina bastante aspera, onde antigamente houve um posto militar de observação, como ainda se conhece por uma velha peça de ferro abandonada, impotente e muda.

INTERIOR DA ARINGA D. MARIA PIA NO GOENGUE

Vista interior da aringa D. Maria Pia no Goengue

Esta aringa foi construida em 1888, depois da reoccupação d'aquelle ponto, onde já anteriormente houvera um posto militar. O Goengue não tem grande importancia estrategica, mas é um ponto conhecido e frequentado pelo commercio, e a séde das principaes auctoridades cafreaes do prazo, que é populoso, grande e rico em productos agricolas.

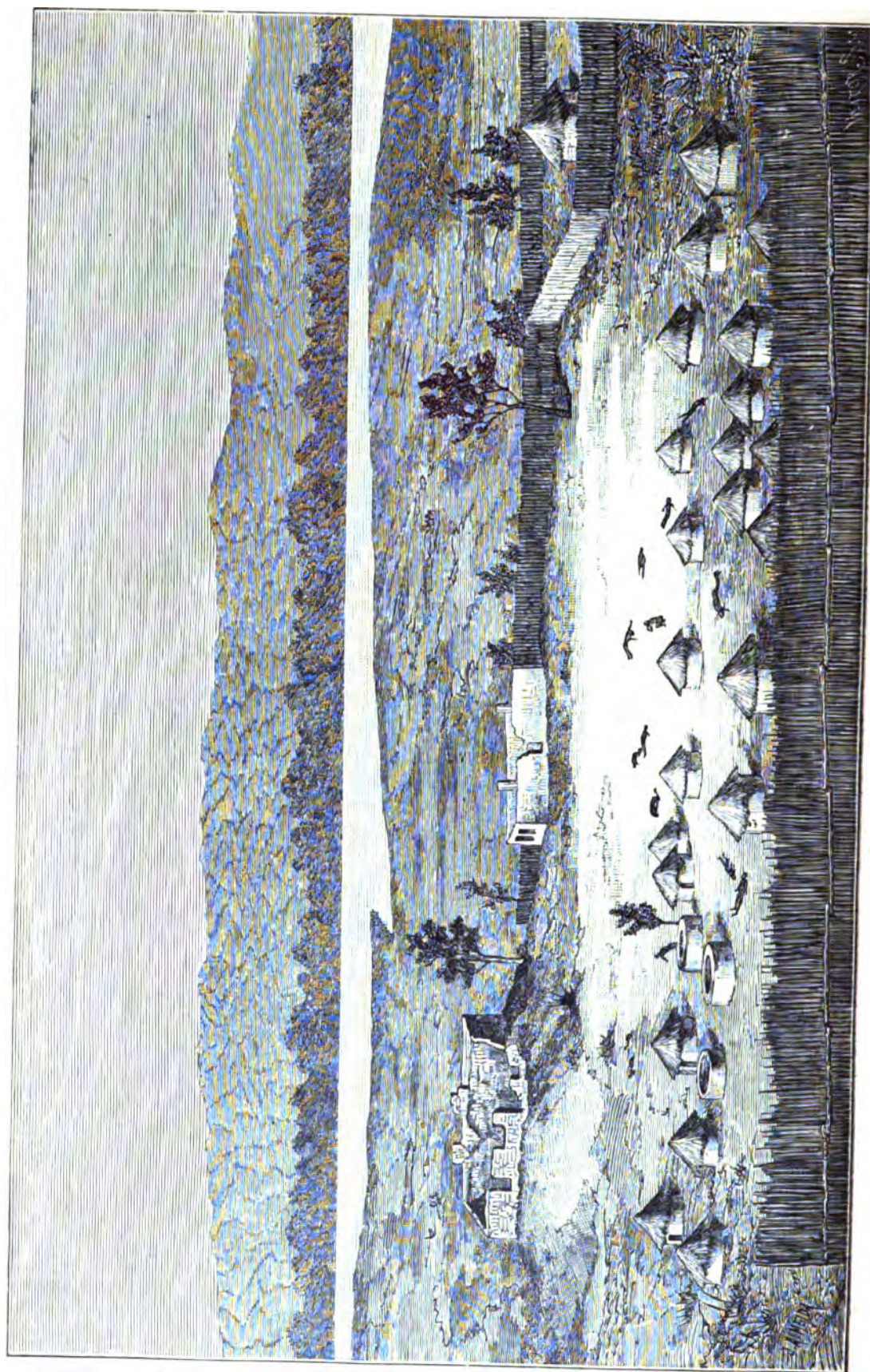
Durante as passadas guerras do Bonga, e quando a navegação do Goengue para cima ficava interceptada, era na aringa que terminava a navegação, para depois se tomar o caminho de terra para Tete. Hoje o Goengue tem, como ponto estrategico, muito menos importancia depois da occupação da Lupata com as aringas militares de Castilho, Maria Luiza e Sungo.

A SERRA BACAMPEMBZUÉ E A ARINGA DO REBELDE MOTONTORA EM MASSANGANO

Vista tirada do mais avançado baluarte do governo.

A serra Bacampembzué e a aringa do rebelde Motontora em Massangano

N'esta vista aprecia-se bem a importancia e o valor da posição da serra situada a cavalleiro da aringa, e dominando-a completamente. Esta serra é formada de grandes penedias escarpadas para o lado da aringa, apresentando um declivio suave para o lado contrario. No alto vêem-se alguns tristes boababs, os quaes no fim da guerra ficaram crivados de balas.

Na direita vê-se a aringa pela sua face mais estreita, sobresaíndo a meio d'ella as paredes arruinadas da casa incendiada que foi do Bonga. Mais á direita uma tira alvejante do Zambeze, e ao fundo do quadro a serra Pinga.

VISTA INTERIOR DA ARINGA DO REBELDE MOTONTORA

Vista interior da aringa do Motontora em Massangano

Este desenho foi tirado no proprio dia da occupação da aringa, do alto da serra Bacampembzué. No primeiro plano vê-se a paliçada dos paus da face interior da aringa que olha para a serra, e muitas das palhotas redondas que enchiam o grande recinto. Á esquerda, n'um alto, a casa arruinada do velho Bonga, e logo ao pé e um pouco abaixo a outra casa onde eram enterrados todos os membros fallecidos da familia Cruz. Ambas estas casas foram incendiadas por ordem do tenente coronel Paiva de Andrada depois de terminada a guerra de 1887. No extremo da direita vêem-se as palhotas grandes que foram do Motontora e Chimolamba, envolvidas n'um recinto de canniço ou paus, e mais alem a paliçada de paus da aringa que olha para o rio. Alem das paliçadas vê-se o areial extensissimo deixado a descoberto pela estiagem, e ao fundo o rio Zambeze e as montanhas da margem esquerda.

É urgentissimo que quanto antes seja construido em Massangano o forte Princeza Amelia, como ficou por mim determinado depois da occupação.

RIO ZAMBEZE EM FRENTE DA ARINGA DO MOTONTORA

Vista tirada da chitata de Inhancoma para montante.

Rio Zambeze em frente da aringa do Motontora

Esta vista foi tirada da aringa de Nhancoma na margem esquerda do Zambeze, mesmo em frente da aringa do Motontora para montante. Á esquerda vê-se a serra Pinga e a ponta Canhameçosa, que forma a foz do rio Luenha; á direita a ponta Tambanhama e a serra Macherica. Algumas ilhetas de areia descobertas pela estiagem subdividem os canaes do rio. As aguas do Zambeze correm aqui magestosas e rapidas, com maiores fundos junto á margem esquerda.

A VILLA DE TETE E A SERRA CAROEIRA, VISTAS DA ILHA CANHIMBE

A villa de Tete e a serra Caroeira, vistas da ilha Canhimbe

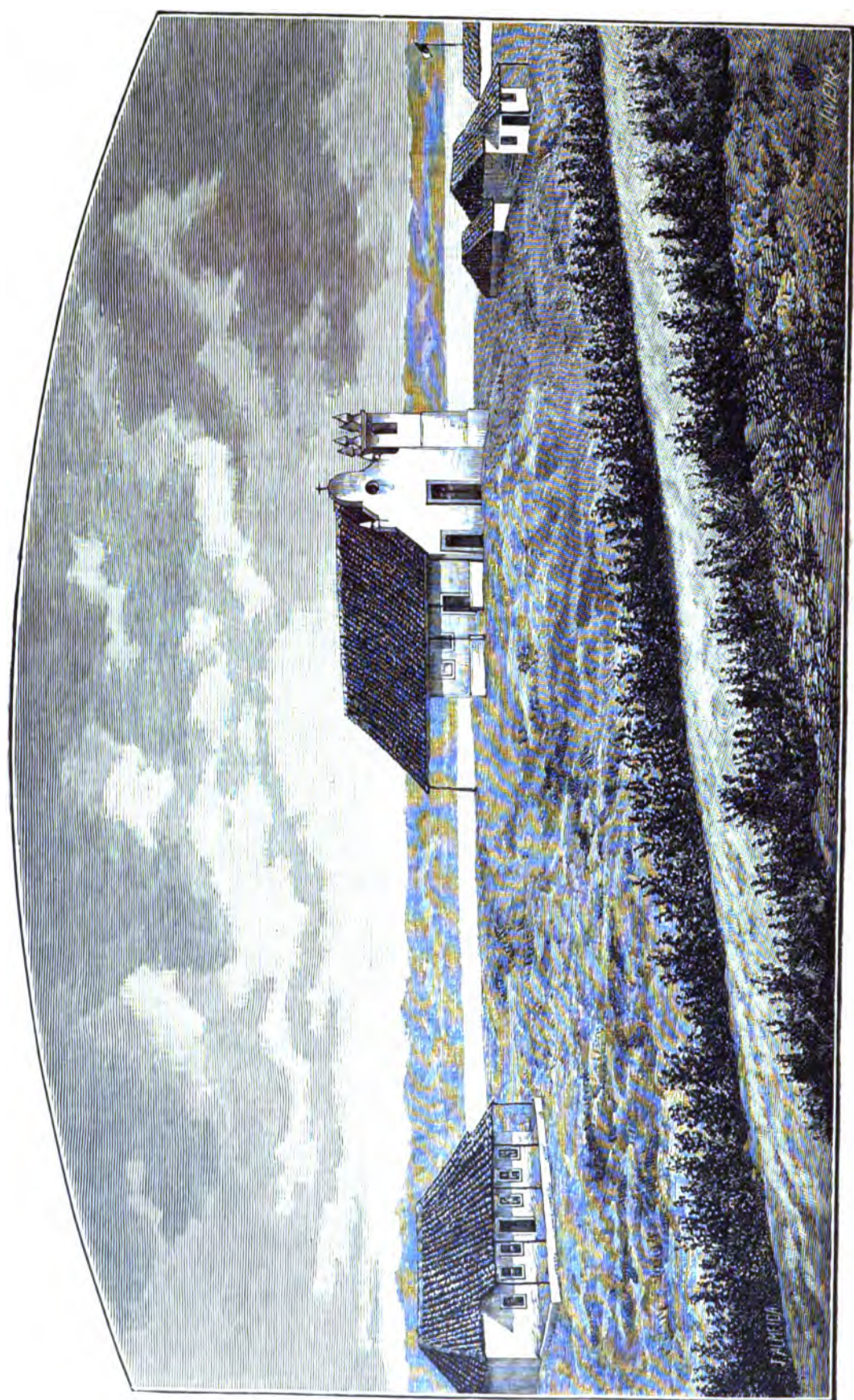
Este desenho abrange, quasi em toda a sua extensão, os edificios principaes da villa de Tete, que podem ser vistos de meio do rio, onde se acha a ilha Canhimbe ou das Gallinhas.

O terreno onde assenta a villa de Tete é formado de longas linhas de cumiadas parallelas á margem do rio, separadas entre si por sulcos mais ou menos fundos onde a agua penetra nas cheias, separando entre si completamente as diversas elevações. Marchando da margem para o interior em direcção á serra Caroeira, a ultima e tambem a mais importante elevação é aquella onde está levantado o forte de D. Luiz I, construido pelo governador Barahona e Costa, e a ultima depressão que alaga nas cheias fica entre o forte e a serra Coroeira, e forma uma larga lagôa.

Em consequencia d'esta circumstancia as casas são edificadas nas cumiadas, e as ruas nas depressões. O terreno é geralmente pedregoso e arido.

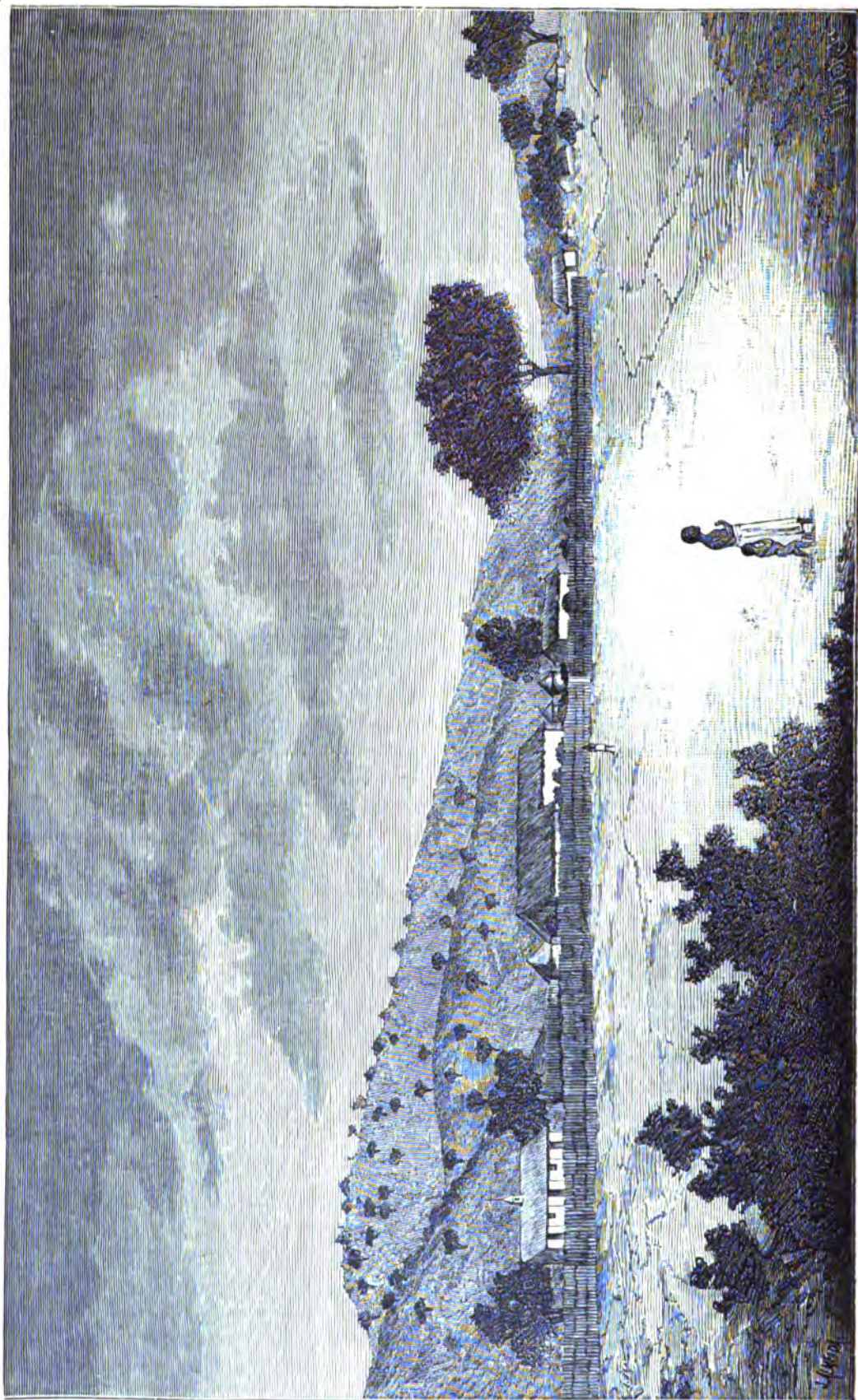
Fóra do desenho e na esquerda d'elle está a praça de S. Thiago Maior, edificio antigo, mas insignificante e arruinado. Seguindo para montante, sempre da esquerda para a direita, vemos no desenho as casas de Anacleto Nunes, a igreja de S. Thiago Maior, a casa de Francisco Marques, a dos padres jesuitas, a de José de Araujo Lobo capitão mór do Zumbo, a de Carl Wiese negociante allemão, o edificio começado ha treze annos para residencia do governo, e depois cedido á camara municipal para ella concluir e apropriar para paços do concelho, o telhado da casa de José Pereira de Carvalho, a casa da camara municipal e gabinete da sociedade litteraria, a residencia do governo do districto, com apparencia nobre e de primeiro andar, e tendo as prisões no rez do chão, as casas da Nhanha Joanna, e a do capitão mór de Tete João Martins. Mais á direita vê-se junto á margem o cemiterio, e mais dentro na elevação o forte de D. Luiz, e dominando todo o extremo direito do desenho a serra Caroeira com o seu curioso aspecto de degraus irregulares.

D'estes edificios, as casas de Anacleto Nunes, a igreja, as casas de Araujo Lobo, e de Wiese estão na primeira linha de cumiada, junto á margem. As de Francisco Marques, dos padres, antiga residencia, casa da camara e da sociedade, residencia do governo e da Nhanha Joanna, estão na segunda linha de cumiada, e separadas da precedente pela primeira e principal rua. A de Pereira de Carvalho faz frente para a segunda depressão, e a de João Martins faz igualmente frente para o segundo sulco, mas do lado opposto. Alem das casas que se avistam ha muitas outras tambem de pedra e cal, e innumeraveis palhotas, principalmente arrumadas na extrema direita da villa em uma encosta.

As ruas da villa são bem alinhadas com renques de quizupa (pequeno arbusto da familia das crassolaceas), mas têem pouca arborisação por não se prestar a isso o terreno ingrato e arido. Hoje ha illuminação a petroleo.

IGREJA DE S. THIAGO MAIOR DA VILLA DE TETE

Igreja de S. Thiago Maior na villa de Tete

Este desenho, que foi tirado do alpendre da porta da entrada da residencia do governo, comprehende desde a casa de José de Araujo Lobo até á praça de S. Thiago, cuja bandeira se vê ainda tremulando sobre o edificio das casernas do batalhão, á direita das casas de Anacleto Nunes. Ao fundo vê-se o grande Zambeze correndo da esquerda para a direita. No primeiro plano vê-se a faxa da rua principal com a sua orla de quizupa.

A igreja de S. Thiago é de pobre aspecto e está em bastante mau estado. Haverá tres annos construiu-se-lhe o campanario, não tanto para collocar convenientemente os sinos, que estavam no chão, mas principalmente para aguentar por aquelle lado a parede da frontaria que ameaçava ruina.

MISSÃO DE S. JOSÉ DE BOROMA

Missão de S. José de Boroma

Esta missão, fundada ha poucos annos pelos padres jesuitas da Zambezia, está situada no prazo Boroma, na margem direita do Zambeze, e quatro horas a montante de Tete, na base da serra Nhacindi, e na margem esquerda do riacho Mutatazi. O logar é extremamente pittoresco, de alegre e formoso aspecto, assenta em terrenos ferteis, e junto a abundantes pedreiras de jaspe de que se faz optima cal.

As casas de habitação, igreja, escolas, dormitorios, celleiros e outras officinas tinham, ainda em 1888, um aspecto um tanto provisorio, mas estavam n'um irreprehensivel estado de ordem e asseio. Todas as edificações estão encerradas em um vasto quadrilatero de tapume de paus, similhando os das aringas, mas mais fraco do que ellas, e só destinado a impedir a approximação das feras, e difficultar a dos ladrões.

Visitei a missão em 22 de novembro de 1888, e fiquei agradavelmente impressionado com o resultado admiravel já tirado pelos benemeritos padres e seus auxiliares, a despeito das invejas e malquerenças com que os têem por vezes perseguido alguns moradores do districto. Não posso deixar passar esta occasião sem mencionar aqui os nomes dos heroicos e desinteressadissimos obreiros da civilisação, que tão respeitosa e amavelmente me receberam na missão de S. José de Boroma, e que tanto têem já trabalhado. Eil-os:

Victor José Courtois, superior da missão da Zambezia superior.

João Hiller, parocho de Tete.

Estevão Czimmermann, parocho de Boroma.

Francisco Bick, professor da escola de Boroma.

Francisco Prhioda, irmão da companhia, operario e sacristão.

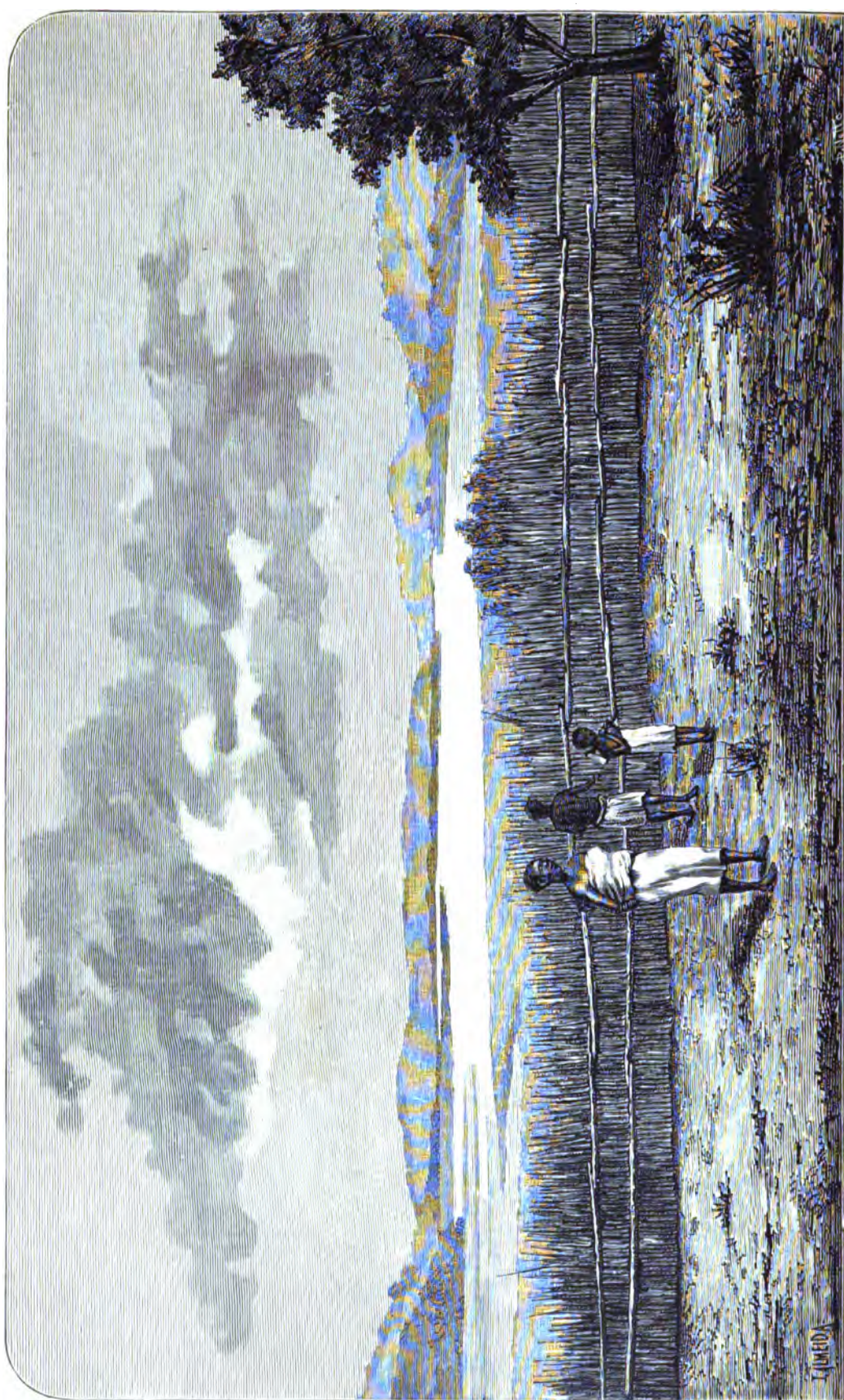
N'este grupo de homens, onde ha um francez, um austriaco e outros estrangeiros, não ha um unico portuguez!

Em 1888 o prazo Boroma estava sob a influencia do francez Charles Achilles Chastaing, que muito contrariava os missionarios; mas hoje o prazo está nas mãos da missão, o que é muito mais conveniente.

Na margem esquerda do Zambeze, e um pouco a montante de Boroma, está o prazo Inhaondoé, que tambem visitei, e onde os padres tinham uma excellente horta. É n'esse prazo que existem umas curiosas nascentes de agua quente, que dizem boa para varias molestias, mas que ainda não foi scientificamente analysada ou experimentada.

O pessoal da missão de S. José de Boroma soffreu ultimamente algumas alterações. O padre Courtois foi mandado fundar uma missão no districto de Inhambane; o padre Hiller foi em Tete substituido por um padre de Goa, e vieram

da Europa quatro irmãs para serviço da missão, das quaes uma falleceu antes de chegar lá.

A missão de S. José de Boroma está completamente sujeita á jurisdicção do prelado de Moçambique, não obstante os padres jesuitas serem filhos da casa mãe situada em Graham's town, na colonia do Cabo da Boa Esperança. Muito seria para desejar que se fundassem muitas missões como estas na provincia de Moçambique.

O RIO ZAMBEZE VISTO DA MISSÃO, DE S. JOSÉ DE BOROMA PARA JUSANTE

O rio Zambeze visto da missão de S. José de Boroma para jusante

Este ponto de vista, que é lindissimo, abrange uma parte das collinas da margem esquerda, na extrema esquerda do desenho, a serra Caroeira, a ilha Carambira e a serra Inhamatica. No primeiro plano vê-se uma parte da paliçada do recinto do estabelecimento da missão.